

Marinilce Oliveira Coelho

**MEMÓRIAS LITERÁRIAS DE BELÉM DO PARÁ:  
O GRUPO DOS NOVOS (1946 – 1952)**

Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação do Prof. Dr. Francisco Foot Hardman.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Francisco Foot Hardman (Orientador)

Prof<sup>ª</sup>. Dr.<sup>a</sup> Orna Messer Levin

Prof. Dr. Leonardo Affonso de Miranda Pereira

Prof. Dr. Geraldo Mártires Coelho

Prof. Dr. Sidney Chalhoub.

Campinas – São Paulo  
agosto de 2003

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IEL – UNICAMP**

**COELHO, Marinilce Oliveira**

**Memórias literárias de Belém do Pará: o Grupo dos Novos, 1946-1952/  
Marinilce Oliveira Coelho. - - Campinas, SP: [ s.n. ], 2003.**

**Orientador: Francisco Foot Hardman.**

**Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas,  
Instituto de Estudos da Linguagem.**

**1. Literatura moderna – Séc. XX. 2. História literária – Pará – 1946-1952. 3. Pará –  
Literatura. 4. Pará na literatura. 5. Pará –Memória – Séc. XX. I. Hardman,  
Francisco. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da  
Linguagem. III. Título.**

**MEMÓRIAS LITERÁRIAS DE BELÉM DO PARÁ:  
O GRUPO DOS NOVOS (1946 –1952)**

Marinilce Oliveira Coelho

Campinas  
2003

## RESUMO

O *Suplemento Arte Literatura*, encarte dominical do jornal *Folha do Norte*, circulou no período de 1946 a 1951, em Belém do Pará. Exponente da literatura e da crítica literária, esse periódico agrupou a “Geração dos Novos” poetas, ficcionistas e críticos locais, além de autores nacionais e estrangeiros que representavam o pensamento do pós-guerra. Esse suplemento literário proporcionou uma vida literária relativamente movimentada na capital paraense ao romper com o isolamento cultural, no qual Belém encontrava-se em relação à hegemonia cultural dos grandes centros urbanos do país. Ao detalhar a descrição e análise de seu conteúdo, este trabalho dedicou-se também a acompanhar seus principais antecedentes, no período 1923-1929 e 1938-1942, no contexto cultural da expansão urbana de Belém e da formação de uma geração de jovens literatos. E, posteriormente ao “Arte Literatura”, os sinais de esgotamento dessa experiência.

## ABSTRACT

The newspaper supplement called “Suplemento Arte Literatura”, was part of the “A Folha do Norte”, issued in Belém, the capital of the state Pará in Brazil, from 1946 to 1951. It was a literature and literature critic exponent and it scooped the called “new generation” of poets, fictionists and local literature critics, besides Brazilian and foreign authors that represented the after-war literature spirit in Brazil. This supplement brought a literature life in the town when it broke up with the cultural isolation in which Belém had always been, compared with the other big cultural urban centers in the country. This is a detailed description and analysis of this supplement, including a description of the cultural environment during the urban expansion in Belém and the arise of a generation of young writers that preceded this period, from 1932 to 1929 and from 1938 to 1942 and, after the “Arte Literária”, the signs of depauperation of this experience.

## **AGRADECIMENTOS**

Este estudo é resultado de leituras, entrevistas e pesquisas realizadas no período de 1999 a 2003, durante minhas atividades de pós-graduação, no curso de doutorado de Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Pelas veredas da pesquisa, tive a orientação sempre atenciosa de Francisco Foot Hardman, com quem eu aprendi a olhar a história da vida amazônica para além das palavras. A ele muito agradeço pela cordialidade, conversa e atenção recebidas nas sessões de estudos.

Agradeço pelas indispensáveis observações críticas dos professores Leonardo Pereira e Orna Messer Levin, por ocasião do exame de qualificação, num dia de chuva, de dezembro de 2001, no escritório da Unicamp, em Pinheiros, São Paulo. Observações que foram, à medida do possível, consideradas na versão final desta tese.

Quero agradecer também ao Núcleo Pedagógico Integrado da UFPA pela liberação de minhas atividades docentes. Ao PICDT, pela bolsa de estudo, que em muito contribuiu para minha estada em Campinas, ao apoio financeiro em ajuda de custo do IEL, a mim concedida, por dois momentos importantes, na elaboração desta tese: 1) na coleta de dados que fiz na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, em julho de 2001; 2) no VIII Encontro da ABRALIC, em Belo Horizonte, Minas Gerais, em julho de 2002, por ocasião de apresentação de comunicação de minha autoria.

Grata pela solicitude dos funcionários de bibliotecas e de arquivos públicos onde fiz o levantamento das fontes, bibliografias e fotografias. Em especial a Mady e a Regina Rodrigues (Centur) e a Cristina (Academia Paraense de Letras). Gostaria, também, de agradecer a Solange Mingorance pela cuidadosa revisão do texto final e ao Adriano Ferreira Ventosa pela diagramação.

Meus agradecimentos a familiares, parentes e amigos pelo apoio afetivo ao longo desses anos. Reconhecimento, em especial, a Alonso Rocha, Benedito Nunes,

Max Martins e Jurandir Bezerra – testemunhas vivas do movimento literário estudado - pelas entrevistas concedidas, pelos suplementos e revistas, pelo acesso a fotografias, a “edições caseiras” dos primeiros versos manuscritos, a cartas e a livros. Aos amigos de São José dos Campos, Itatiba, Belém, Campinas, Maranhão, Goiânia, que me forneceram livros, fontes de pesquisas ou informações relativas aos estudos históricos e literários. Entre eles, Eduardo, Sueli Batista, Júlia Maués, Mauro Silva, Kalerno, Gedite Tavares e Rogério Santana.

Por fim, gostaria de dedicar este trabalho à maior alegria de minha vida nesses últimos anos, minha filha Marina.

# SUMÁRIO

## VOLUME 1

Resumo .....	03
Abstract.....	03
Agradecimentos .....	04
INTRODUÇÃO .....	08
<b>CAPÍTULO 1: GERAÇÃO DOS NOVOS DE BELÉM DO PARÁ ...</b>	<b>19</b>
1.1 Pará, capital Belém .....	20
1.2 Entre livros e cafés.....	23
1.3 Burlados no entusiasmo dos álbuns feitos em Paris .....	27
1.4 Faltou “gazô” .....	29
1.5 Geração remediada dá bom dia a Belém.....	31
1.6 Dona Clarice passou por aqui .....	34
1.7 Rito de passagem: adolescentes na confraria .....	37
1.8 Ressonância do front.....	42
1.9 “Morra a Academia!” Modernistas, ainda que tardios.....	45
<b>CAPÍTULO 2: ITINERÁRIOS MODERNISTAS.....</b>	<b>51</b>
2.1 Reação corajosa: a revista Belém Nova.....	51
2.2 Dundunar de sapopema: soa o manifesto modernista no Norte.....	57
2.3 Literatura entre selva, uiara e estrela .....	64
2.4 Terra Imatura, o surgimento rutilante no inferno verde.....	72
2.5 Levanta-te, mocidade .....	75
2.6 Traços de nanquim .....	77
2.7 Velas da poesia na luz do céu de Belém .....	79
2.8 Notáveis vultos da nova literatura.....	83
<b>CAPÍTULO 3: OUTRAS PÁGINAS.....</b>	<b>86</b>
3.1 Encontro .....	86
3.2 Ensaio sobre poesia.....	90
3.3 Literatura e desencontro do homem moderno.....	96
3.4 Norte.....	100
3.5 Crítica.....	102

3.6 Um hippie avant la lettre .....	107
-------------------------------------	-----

<b>CAPÍTULO 4: NOVAS GERAÇÕES LITERÁRIAS NO BRASIL: A ERA DOS SUPLEMENTOS</b> .....	111
4.1 Suplemento literário sai às ruas de Belém .....	111
4.2 Novas gerações literárias das “províncias” do Brasil .....	117
4.3 Mocidade em revistas.....	120
4.4 Hora e vez dos novos.....	122
4.5 Valorização da região.....	123
4.6 Geração de 45.....	125

<b>CAPÍTULO 5: GRUPO DOS NOVOS E VIDA LITERÁRIA PARAENSE..</b>	132
5.1 Suplemento literário: horizonte de uma geração moderna.....	132
5.2 Cinema e teatro .....	134
5.3 Diálogo entre gerações da literatura paraense .....	137
5.4 Poesia da nova geração paraense nas páginas do suplemento literário	146
5.5 Crítica da nova geração .....	163

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	168
BIBLIOGRAFIA.....	173
FONTES ORAIS .....	186

## **VOLUME 2**

ANEXOS.....	03
Índice do Suplemento Arte Literatura .....	04
Índice da revista Encontro .....	261
Índice da revista Norte.....	263
Antologia .....	270

## INTRODUÇÃO

Durante a Segunda Guerra Mundial, a cidade de Belém passava por um momento de isolamento “provinciano” em relação às metrópoles do sul do país. A capital paraense ligava-se às principais cidades brasileiras pela navegação costeira dos Ita, e o sistema de transporte aéreo era precário e raro. Nas páginas dos jornais locais, o serviço aéreo Condor anunciava vôo semanal de Belém para o Rio de Janeiro e para a Europa. A capital paraense contava com uma população de aproximadamente 200 mil habitantes e servia de base aérea para o governo norte-americano, como ponto estratégico de guerra.

Nesse instante, a vida literária local encontrava-se em desfalecimento. A revista *Terra Imatura* (1938-1942), expressiva por seu conteúdo literário local, fechava as portas por motivo financeiro. Intelectuais e poetas da cidade resistiam pela presença nos círculos literários que se formavam nos cafés e nas casas dos amigos. A dificuldade encontrada pelo escritor paraense para publicar um livro era enorme. O romancista paraense Dalcídio Jurandir, autor de *Chove nos campos de cachoeira*, narra no prefácio de seu primeiro livro - premiado por uma editora carioca, em 1941 - os obstáculos enfrentados por ele e os amigos para tal desempenho.

Seguia-se o ano de 1942, portanto 20 anos após a Semana de Arte Moderna, quando um grupo de adolescentes por conta própria fundou em Belém uma associação literária, a Academia dos Novos com poltronas austríacas, lustres, posse solene, discurso e patronos. Entre os confrades, Alonso Rocha, Benedito Nunes, Jurandir Bezerra, Haroldo Maranhão e Max Martins. Essa associação, num caráter de pleno retardamento literário foi a fonte de uma longa amizade entre os integrantes e da modernização literária do Pará, depois da morte de Mário de Andrade, em 1945.

Depois do fechamento da Academia dos Novos, a eles juntaram-se Mário Faustino, Paulo Plínio Abreu, Ruy Guilherme Paranatinga Barata e Francisco Paulo Mendes – com exceção de Mário Faustino, todos esses contavam com a experiência do

movimento Modernista de 1930, pelo qual se iniciaram. No ano de 1946, Haroldo Maranhão fundou e dirigiu o *Suplemento Arte Literatura*, que publicou a produção literária e crítica dos integrantes do “Grupo dos Novos”. O suplemento literário circulava como encarte dominical do jornal *Folha do Norte*, de propriedade da família de Haroldo Maranhão e trazia o que de mais novo havia em matéria de literatura, crítica literária e arte no país e no mundo.

Alguns dos jovens autores do “Grupo dos Novos” – como ficou conhecido - tornaram-se, posteriormente, reconhecidos no panorama literário nacional. Naquele momento, Mário Faustino era apresentado ao público como poeta pela crítica local de Francisco Paulo Mendes. Ruy Guilherme Paranatinga Barata, por sua vez, era entrevistado pela revista *Clã*, de Fortaleza, como poeta paraense de prestígio. Benedito Nunes lançava os primeiros artigos de crítica literária. Críticos conceituados como Lúcia Miguel Pereira, Wilson Martins, Álvaro Lins assinalavam positivamente sobre o suplemento da *Folha do Norte*.

O suplemento literário da *Folha do Norte* circulou até janeiro de 1951, alcançando um total de 165 números. Nele colaboravam intelectuais, poetas e escritores do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Fortaleza e correspondentes de países como a França, Portugal, Estados Unidos. Com a presença deste tablóide, a vida literária paraense revigorou-se e o isolamento cultural em que se encontrava a cidade de Belém começou a ser demolido.

A tese de doutorado *Memórias literárias de Belém do Pará: o Grupo dos Novos (1946-1952)* constitui-se num estudo com o qual procuro provar a hipótese formulada com a pesquisa que venho realizando desde 1999 sobre as atividades literárias e críticas de Belém na década de 1940. De antemão, não se pretende considerar o movimento literário do “Grupo dos Novos”, simultâneo à chamada “Geração de 45” da literatura nacional, acima ou abaixo de outros movimentos literários e culturais ocorridas no país, naquela mesma época, pois se entende que os movimentos literários têm ritmos diferentes e cabe ao pesquisador reconhecer tais particularidades.

Esse trabalho teve início a partir do interesse em estudar a obra poética de Max Martins, poeta paraense contemporâneo de grande prestígio na literatura local. O projeto de pesquisa apresentado ao curso de doutorado em Teoria e História Literária, do Instituto de Estudos da Linguagem, da Unicamp, teve a trajetória alterada e reconstruída com bases na proposta de um levantamento histórico do movimento literário de 1945, em Belém do Pará, do qual o então jovem poeta Max Martins participou.

Graças ao diálogo e ao apoio de meu orientador, mostrando-me a importância de se pesquisar sobre a produção literária e crítica de um movimento local a fim de tirá-lo do silêncio histórico em que se encontrava - situação comum a muitos movimentos ocorridos no país - o projeto inicial expandiu-se e atingiu novos rumos. O estudo da memória cultural é o meio para abordar os problemas do tempo e da história. Jacques Le Goff chama a atenção para a relação de dominação por parte dos “senhores da sociedade histórica” que implica em manipular pelo mecanismo do esquecimento e do silêncio a memória coletiva.

Assim, a pesquisa percorreu o âmbito da sociabilidade dos integrantes dos “novos” autores e de sua produção poética e crítica, em particular, os textos publicados em periódicos locais, fundados e dirigidos por participantes desta geração. Analisou os movimentos literários que antecederam e os pressupostos históricos e culturais da expansão urbana de Belém – com raízes na “Belém de Paris” do século XIX. A palavra das testemunhas vivas da geração de 1945, que “passa pelo ver e pelo ouvir”<sup>1</sup> de determinado acontecimento cronológico, e os documentos-monumentos constituíram-se como peças fundamentais na construção dessa memória literária paraense do pós-guerra, alvo maior desta tese.

Em princípio, esbarrei-me em dificuldades na ordem do levantamento de documentos produzidos pelo movimento local, em especial o *Suplemento Arte Literatura* (1946-1951) – principal periódico que circulou como encarte dominical do

---

<sup>1</sup>GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete aulas de linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 18.

jornal *Folha do Norte*, em Belém, sob a direção de Haroldo Maranhão, e contou com a colaboração dos jovens intelectuais e poetas da “geração dos novos”.

No caso do *Suplemento Arte Literatura* - objeto/fonte de pesquisa - os exemplares e números encontravam-se dispersos e incompletos nas estantes das bibliotecas e dos arquivos públicos ou particulares das cidades de Belém, do Rio de Janeiro e de Campinas. A dispersão dos exemplares levou-me a recorrer aos depositários desses documentos com a finalidade de tornar viável o recorte.

O trabalho intenso sobre os acervos tornou-se muito mais rico à medida que eu encontrava um exemplar do *Suplemento Arte Literatura*, e, assim, fortalecia-se a relevância do caráter literário e informativo deste documento, provavelmente, pouco conhecido da historiografia literária brasileira.

O documento com o propósito de reconhecimento de uma realidade, portanto, como nos assinala Jacques Le Goff a respeito da noção de documento hoje para a história, “não é um material bruto, objetivo e inocente, mas que exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro: o documento é monumento”<sup>2</sup>. Aos documentos escritos do passado literário de Belém adicionaram-se os testemunhos orais do presente - ouvidos nas entrevistas – com depoimentos sobre como viveram os seus passados de atores do movimento local pesquisado.

Acredito que recuperar a memória de momentos reveladores de um processo histórico da literatura e da crítica paraense significa contribuir para uma reflexão sobre a memória literária do país. A memória, como propriedade de “conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.”<sup>3</sup> Diante da dificuldade de se reconstituir a narrativa histórica de uma geração literária, que realmente existiu, mas que está afastada de nós por mais de

---

<sup>2</sup> LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4 ed. Campinas : Editora da Unicamp, 1996, p. 10.

<sup>3</sup> LE GOFF, Jacques. *Op.cit*, p. 423.

meio século, a memória surge como mais um “nível elementar de elaboração histórica”<sup>4</sup> daquele tempo.

Por sua vez, a geração literária de 1940, em Belém, também conhecida como “Grupo dos Novos”, teve como instrumento de divulgação da produção literária e crítica o *Suplemento Arte Literatura*, encarte do jornal *Folha do Norte*. Esse tablóide dominical circulou de 05 de maio de 1946 a 14 de janeiro de 1951, num total de 165 números, e exerceu importante papel na formação de geração de literatos e críticos, devido à literatura e a crítica contemporânea que divulgava nessas páginas.

Este foi um periódico literário concebido para publicar a literatura, a crítica e a arte de uma geração cosmopolita, que inicia a trajetória literária após a Segunda Guerra Mundial. Assim, o suplemento literário da *Folha do Norte* agrupou nomes de autores e críticos já conhecidos pelo público, mas, principalmente, uma geração de jovens poetas, ficcionistas e críticos em sua fase de estréia no mundo literário, entre os quais cito nomes como o de Benedito Nunes e o de Mário Faustino, hoje, referências nas áreas de filosofia, poesia e crítica literária.

O *Suplemento Arte Literatura* da *Folha do Norte*, organizado por Haroldo Maranhão, concentrou as mais novas tendências da literatura, da crítica e das artes expressas no Pará, no Brasil e em outros países, daqueles anos marcados pelo final da Segunda Guerra. Esse suplemento conseguiu reunir a “geração nova” da literatura brasileira, que anunciava um pensamento aberto em relação ao tempo presente e às gerações literárias anteriores.

O tablóide belenense publicou artigos de autores considerados, como, por exemplo, Álvaro Lins, Augusto Frederico Schmidt, Aurélio Buarque de Holanda, Wilson Martins, Lúcia Miguel Pereira, Otto Maria Carpeaux, Sérgio Milliet, Sérgio Buarque de Holanda e do crítico português João Gaspar Simões, além de autores nacionais, ainda poucos conhecidos, mas que iniciavam na literatura, apontando

---

<sup>4</sup> Idem, *ibidem*, p. 49.

elementos próprios de seu estilo individual e de sua geração, como Ledo Ivo, Marques Rebelo, Maria Julieta Drummond e Mário Faustino.

Como maneira de dinamizar o diálogo de autores locais com autores nacionais, o suplemento citado publicou entrevistas com poetas e escritores como Cecília Meireles, Manuel Bandeira, Marques Rebelo. Além dos autores brasileiros, o leitor daquele suplemento também se deparou com entrevistas de autores estrangeiros, bastante polêmicos na década de 1940, como Sartre, Camus, Heidegger, que aparecem, nas páginas do suplemento, dando opinião sobre literatura, arte, crítica e política. Enfim, o encarte da *Folha do Norte* divulgou em suas páginas dominicais, nomes de intelectuais nacionais e estrangeiros que representavam o pensamento do pós-guerra.

No cenário da literatura local, entrelaçavam-se nomes de gerações anteriores e com nomes do “Grupo dos Novos”, como o de Bruno de Menezes, Ruy Guilherme Paranatinga Barata, Francisco Paulo Mendes, Dalcídio Jurandir, Cléo Bernardo, Paulo Plínio Abreu – entre os mais velhos – e Alonso Rocha, Max Martins, Jurandir Bezerra, Cauby Cruz, Sultana Levy, Haroldo Maranhão – entre os mais novos. De outros estados brasileiros, colaboradores enviavam artigos ou poemas ao suplemento literário da *Folha do Norte*: da revista *Clã*, de Fortaleza, Antônio Girão Barroso, Aluisio Medeiros, Braga Montenegro, João Clímaco Bezerra e José Stenio Lopes; da revista *Orfeu*, do Rio de Janeiro, Fernando de Loanda; da revista *Joaquim*, de Curitiba, Dalton Trevisan.

Às rubricas de artigos oriundos de outros estados e países, precediam os créditos, como *Especial para a Folha do Norte no Estado do Pará*; *Copyright do Serviço Francês de Informação*; *Exclusivo para a Folha do Norte no Estado do Pará*. Deste modo, encontramos no suplemento literário paraense, artigos enviados especialmente para o jornal *Folha do Norte* por correspondentes de países como a França, Itália, Portugal, Estados Unidos, demonstrando uma linha cosmopolita desta geração de 45, que se permitiu inteirar dos problemas e questões dos homens de seu tempo.

Desse modo, o leitor do tablóide tinha acesso a acontecimentos daqueles anos no campo editorial, literário e crítico, pois a edição dominical do suplemento literário da *Folha do Norte* proporcionava-lhe informações literárias e críticas atuais, no tempo. Graças ao “Grupo dos Novos”, uma vez que seus integrantes atuavam como orientadores e colaboradores deste suplemento literário, a capital paraense teve uma vida cultural relativamente movimentada.

Enquanto realizava a pesquisa, percebi o valor cultural e estético do movimento em torno do periódico belenense e levantei a hipótese que busco comprovar nessa tese: o *Suplemento Arte Literatura* da *Folha do Norte* foi o instrumento que motivou o processo de produção literária e crítica do Pará, no pós-guerra, ou seja, no período de vigência do periódico: 1946 a 1952, rompendo o isolamento literário e cultural em que a cidade de Belém se encontrou durante o período da guerra.

Além do *Suplemento Arte Literatura* - símbolo da afirmação do “Grupo dos Novos”- as revistas *Encontro* (1948) e *Norte* (1952), periódicos contemporâneos ao suplemento literário da *Folha do Norte*, são fontes locais indispensáveis ao entendimento do movimento literário belenense, visto que, também, serviram como órgãos divulgadores da produção do “Grupo dos Novos”.

Justifica-se, portanto, o corte cronológico de 1946, ano inicial da publicação do *Suplemento Arte Literatura* e o desfecho da trajetória do “Grupo dos Novos”, aqui limitado pelo ano de 1952, ano da edição do último periódico deste movimento.

As questões trabalhadas na tese foram esquematizadas em cinco capítulos. No primeiro, “Geração dos Novos de Belém do Pará”, levanto aspectos históricos, econômicos, sociais e literários da cidade de Belém, na década de 1940. Por essa época, os belenenses viviam a ressonância da Segunda Guerra Mundial e a estagnação econômica, depois de a região ter vivido o apogeu do ciclo da borracha. A capital paraense experimentava o isolamento da região norte, em relação à hegemonia dos grandes centros urbanos do país. Esse contexto propiciou um momento de

desfalecimento na vida literária local, e o surgimento da Academia dos Novos, no ano de 1942.

A academia literária, composta por estudantes do colegial, durou por três anos. No ideário dessa associação, havia uma clara influência dos estudos literários portugueses e brasileiros, das escolas romântica e parnasiana, apreendidos nas antologias escolares. Cinco rapazes iniciaram a Academia dos Novos. São eles: Alonso Rocha, Max Martins, Benedito Nunes, Haroldo Maranhão e Jurandir Bezerra<sup>5</sup>, então, adolescentes às voltas com os primeiros versos.

A Academia dos Novos chegou a congregar 17 membros. Esse ambiente literário serviu de alicerce para o surgimento do “Grupo dos Novos” e para desenvolver um forte laço de amizade entre os participantes do grupo, uma fraternidade “além da literatura”<sup>6</sup>, que perdura até hoje, passado mais de meio século.

Dados biográficos dos participantes do “Grupo dos Novos” foram levantados por meio de entrevistas com ex-integrantes da geração, de consultas em livros, jornais, artigos, dicionários, dissertações, enciclopédias, antologias da cultura amazônica e no suplemento literário da *Folha do Norte*.

No segundo capítulo, “Itinerários modernistas”, com o objetivo de melhor compreender o processo histórico da geração literária paraense de 1945, volto-me ao movimento Modernista de Belém das décadas de 1920 e de 1930, precisamente, os movimentos da *Belém Nova* (1923-1929) e da *Terra Imatura* (1938-1942). Duas revistas literárias que muito contribuíram para o diálogo de grupos paraenses com o movimento do Brasil.

*Belém Nova* (1923), dirigida pelo poeta paraense Bruno de Menezes, teve entre os colaboradores nomes como o de Abguar Bastos, De Campos Ribeiro, Eneida de Moraes, Lindolfo Mesquita, Olavo Nunes, Oswaldo Orico - dentre os autores locais - Carlos Garrido, Francisco Galvão, Jaime d’Altavilla, Martin Napoleão, Raul

---

<sup>5</sup> No ano de fundação da Academia dos Novos, em 1942, Alonso Rocha tinha 16 anos de idade; Max Martins, 16 anos; Jurandir Bezerra, 14 anos; Benedito Nunes, 13 anos; Haroldo Maranhão, 15 anos.

<sup>6</sup> Entrevista de Jurandir Bezerra à autora, em novembro de 2000.

Bopp, Peregrino Júnior, dentre os autores do Rio de Janeiro e outros estados. Essa revista representa uma época da literatura local voltada para as inovações estéticas e literárias que estavam acontecendo “a todo vapor” no Brasil e no exterior. A revista *Belém Nova* divulgou a produção de autores locais e nacionais e lançou os seguintes manifestos modernistas: *O manifesto da beleza*; *À geração que surge!* e o *Manifesto aos intelectuais paraenses*.

*Terra Imatura* (1938), por sua vez, surge no final da década de 1930, sob a direção dos irmãos Cléo Bernardo e Sylvio Braga, e teve colaboradores Adalcinda Camarão, Aloysio Chaves, Bruno de Menezes, Daniel Coelho, Dalcídio Jurandir, Francisco Paulo Mendes, Machado Coelho, Mário Couto, Stélio Maroja, entre outros nomes.

Uma revista literária de circulação mensal, que reuniu intelectuais paraenses dispersos entre si, alguns deles morando em outros estados. O periódico trouxe em suas páginas poesia, crônica, ensaios, artigos, política e comentários sobre os últimos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. Nas crônicas dos colaboradores, é nítida a preocupação e a indignação dos colaboradores com as notícias do avanço do imperialismo alemão na Europa.

No terceiro capítulo, “Outras páginas”, analiso as revistas *Encontro* (1948) e *Norte* (1952). A revista *Encontro* teve como diretores: Benedito Nunes, Mário Faustino e Haroldo Maranhão e, a *Norte* (1952), Benedito Nunes, Max Martins e Orlando Costa. Retomo a produção do “Grupo dos Novos”, no que diz respeito à poesia e à crítica literária.

O lançamento da revista *Encontro* (1948) torna-se significativo para a essa tese por trazer em suas páginas poemas, ficção e ensaios críticos dos participantes da “nova geração” literária paraense, assim como noticiário cultural e editorial, seção de crítica, de música e de teatro. Apesar da vida curtíssima, a revista *Encontro* teve um único número, justo se faz analisá-la como mais um documento da história literária paraense daquele momento.

O mesmo grupo de intelectuais lançou a revista *Norte*, no início dos anos 50, também de tiragem efêmera: apenas três números publicados. Essa revista literária divulgou poesia, ensaio, resenhas de livros, artigos de literatura, de filosofia, de teatro e de cinema, colocando o leitor em dia com o mundo literário e cultural, pois o suplemento literário da *Folha do Norte*, que desempenhava essa tarefa sociocultural, já não circulava. Desse modo, encerrava-se um período da literatura paraense. Os participantes dessa geração tomaram caminhos individuais no campo literário. Max Martins, por exemplo, lançou nesse mesmo ano o primeiro livro de poesia, *O estranho*, pela editora Revista de Veterinária, em Belém.

No quarto capítulo, “Novas gerações literárias no Brasil: a era dos suplementos”, na tentativa de melhor compreender o movimento literário de 1945, trato de temas recorrentes nos artigos publicados no *Suplemento Arte Literatura*, nos quais críticos renomados daquele período escreveram sobre a nova geração literária do Brasil. Mereceu atenção por parte dos críticos o surgimento simultâneo de suplementos e revistas literárias em diversas regiões do país, que divulgavam os novos autores locais.

No quinto capítulo, “Grupo dos Novos e vida literária paraense”, opto por estudar mais detalhadamente o principal documento de divulgação do movimento literário paraense da “Geração de 45”: o *Suplemento Arte Literatura* (1946-1951), encarte dominical do jornal *Folha do Norte*, em especial a poesia e a crítica literária, uma vez que a “geração de 45” no Pará, como a de outros estados do Brasil, destaca-se pela produção poética e crítica.

A leitura semanal do que havia de mais representativo na literatura nacional e estrangeira tornou-se um marco decisivo na formação de uma geração de poetas e críticos paraenses. Nesse sentido, examino os textos de autores locais publicados no suplemento e o exercício do diálogo com autores nacionais e internacionais, ligados por temas do cotidiano e da condição humana.

Analisar a história literária paraense desse período exigiu um percurso bibliográfico longo, que permeou o levantamento de periódicos, jornais e revistas da

época, não só paraenses, mas também de outros estados brasileiros, como *Clã* de Fortaleza; *Orfeu* e o suplemento literário *A Manhã* do Rio de Janeiro; *Edifício* de Belo Horizonte; *Revista Brasileira de Poesia* de São Paulo; *Joaquim* de Curitiba. Periódicos com o denominador comum de divulgar os novos autores brasileiros e estrangeiros.

Organizei um segundo volume com um índice por assunto das revistas *Encontro*, *Norte* e do *Suplemento Arte Literatura* e com uma antologia de textos de autores da geração dos “novos” publicados nos referidos periódicos. O objetivo foi apresentar parte de uma série de poemas e ensaios críticos que favoreceram a formação de “novos” profissionais da palavra em Belém.

Há também um pequeno acervo fotográfico, composto por fotografias de alguns participantes do “Grupo dos Novos” e de Belém nas décadas estudadas. Flagrantes de imagens, de pessoas, de lugares. Reconhecimento, enfim, de um movimento, de um passado. Interpretar o passado implica em apropriar-se de suas reminiscências a fim de reconstruir uma imagem deste no momento em que se apresentou à humanidade. Através do intercâmbio de olhar a história no viés do tempo passado pelo presente, como expressou Walter Benjamin diante da dificuldade de se articular historicamente o passado, “tal como ele foi”: “A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja, irreversivelmente, no momento em que é reconhecido<sup>7</sup>”.

Diante disso, a pesquisa revelou a importância dos movimentos literários que ocorreram em Belém, a partir dos anos 20, e em especial os anos de 1946 e 1952, período culturalmente marcado pelo suplemento literário em estudo e seu grupo mentor. De modo que, ao introduzir a escrita do material pesquisado, defendo a tese do valor histórico, literário e crítico do encarte paraense, para a compreensão da visão do homem e do mundo amazônico.

---

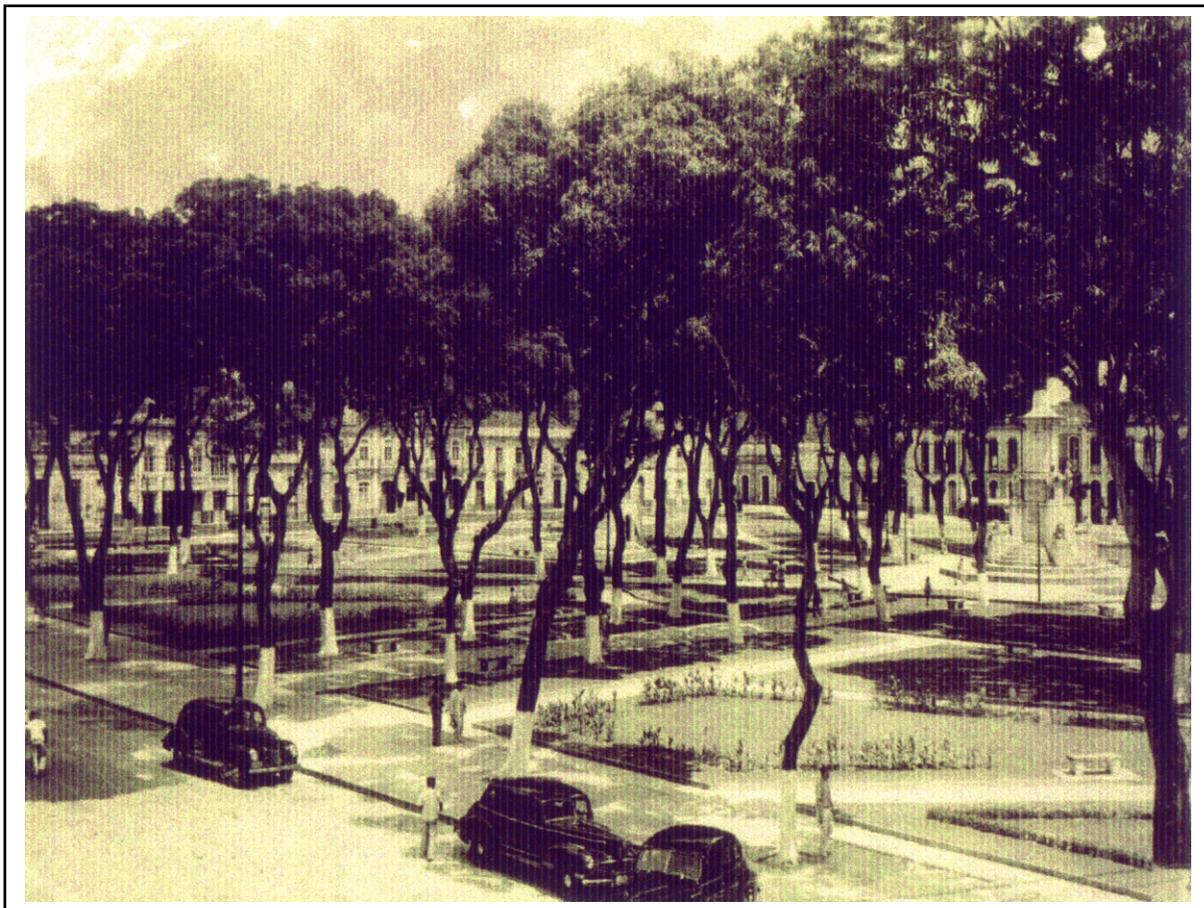
<sup>7</sup> BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 224.

## 1. GERAÇÃO DOS NOVOS DE BELÉM DO PARÁ

Vá brincar Silverinho, tome um tostão pra comprar papagaio na quitanda. Silverinho pegou na moeda e saiu correndo. Magro, todas as costelas pra fora. D. Inácia engomava e lavava. Ali na Conselheiro, tinha bons fregueses a d. Eglantina, o dr. Albino. Aquela senhora é que mesmo não pagava. Essa gente rica é descarada.

(Benedito Nunes, *João Silvério*)

### 1.1 Pará, capital: Belém



*Figura 1: Praça D. Pedro II, Belém - Pará, década de 1940*  
*Acervo: Biblioteca Pública do Estado do Pará*

A vida dos personagens de *João Silvério*,<sup>1</sup> entre as brincadeiras de Silverinho nos quintais das casas de Belém e a lida diária de Dona Inácia pela sobrevivência da família, não se distancia muito da realidade de boa parte dos habitantes de Belém na década de 1940. A capital paraense, nessa década, apresentava um “aspecto de cidade estagnada no seu desenvolvimento econômico”,<sup>2</sup> apesar da euforia do comércio da borracha parecer tomar conta, novamente, da região. Outrora, os negócios da borracha foram prósperos e Belém reproduziu o modelo de urbanismo europeu, especialmente o francês, deixando para trás a colonização portuguesa. Durante o *boom* da borracha, no final do século XIX, Belém, sendo uma cidade portuária, dominou a vida comercial e cultural da região norte do Brasil. Os cofres públicos abastecidos com os impostos da comercialização do látex<sup>3</sup> favoreceram ao governo a criação de um espaço urbano condizente com a comodidade da vida moderna e seus habitantes de classes média e alta.

Antônio José de Lemos, intendente municipal, no período de 1897 a 1910, estabeleceu uma política de urbanismo e saneamento para a capital paraense que contou com arborização das ruas com as “famosas” mangueiras, calçamento de vias públicas com pedras portuguesas, construção de praças, *boulevards*, hospitais, asilos, mercados e implantação do sistema de água e esgoto. No auge da expansão da borracha, Belém chegou a ser uma das mais notáveis cidades da América Latina.<sup>4</sup> “Belém teve a sua Renascença na época de Antônio Lemos e ainda hoje guarda os sinais de vitalidade da grande transformação que a colocou, no princípio deste século, em predomínio urbanístico sobre o Rio de Janeiro anterior às reformas de Pereira Passos. Uma pequena Paris, dela diziam os viajantes encantados<sup>5</sup>.”

---

<sup>1</sup> Capítulo de um romance inédito de Benedito Nunes, publicado no n.1 do Suplemento Arte Literatura da *Folha do Norte*, Belém, em 05 de maio 1946. Depois desse capítulo, nenhum outro foi publicado.

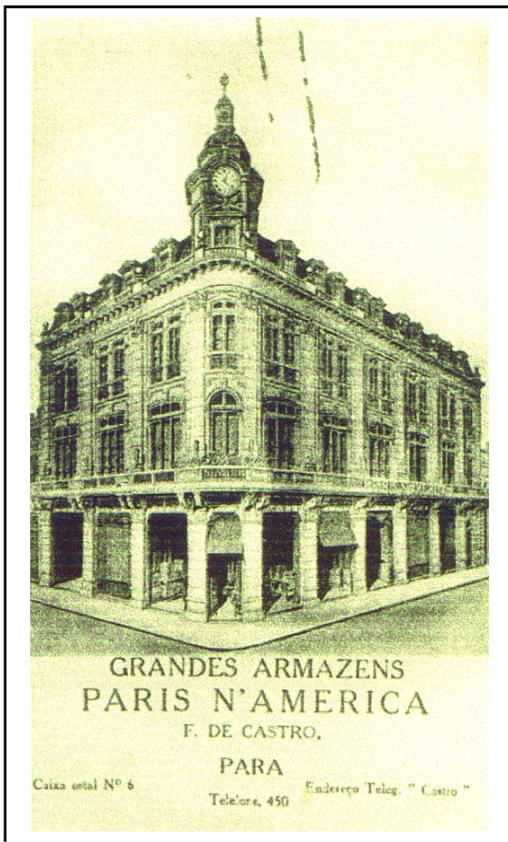
<sup>2</sup> PENTEADO, Antônio Rocha. **Belém do Pará: estudo de geografia urbana**. v. 2. Belém: Universidade Federal do Pará, 1968. p. 207. Segundo Penteado, o término das influências da hévea, período compreendido entre 1920 e 1940, foi “marcado por um acentuado declínio demográfico, graças ao ‘esvaziamento parcial’ que Belém sofreu, acompanhando as crises, que, na década de 1930, se fizeram sentir até o início da Segunda Guerra Mundial”. Finalmente, de 1940 a 1950, os “esforços da guerra” se refletiram na cidade, que viu “revigorado” o comércio da borracha, o movimento do porto e do aeroporto e a permanência das tropas aquarteladas. Belém, em 1940, contava com uma população de 208.706 habitantes.

<sup>3</sup> SARGES, Maria de Nazaré. **Belém: riquezas produzindo a belle-époque (1870-1912)**. Belém: Paka-Tatu, 2000.

<sup>4</sup> WEINSTEIN, Bárbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1859-1920)**. São Paulo: Hucitec, Editora da Universidade de São Paulo, 1993, p.220. (Estudos Históricos, 20).

<sup>5</sup> TOCANTINS, Leandro. **Santa Maria de Belém do Grão Pará: instantes e evocações da cidade**. 2 ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, Instituto Nacional Livro, 1976, p. 97.

No entanto, a vida em Belém não era tão esplêndida quanto a elite fotografou nos cartões-postais. Para Ernani Chaves, uma “imagem invertida, inspirada pela decadência<sup>6</sup>” dessa Belém afrancesada do *fin de siècle*, nos é mostrada no romance *Galvez, imperador do Acre*, de Márcio Souza. O Ver-o-Peso, mercado popular às margens da baía do Guajará, é o cenário pelo qual entre boêmios e prostitutas, o protagonista Galvez, numa noite quente de julho de 1898, transita por aquela zona, que recendia a “cumaru e pau-rosa, é uma parte imunda da cidade, cheia de lama e lixo podre. Nas ruas que dão acesso ao mercado, a luz é precária e o movimento não é grande.<sup>7</sup>” O cenário marginal de Belém afrancesada daquele fim de século estava



associada ao processo acelerado da produtividade das fábricas americanas e européias (com suas linhas de produtos confeccionados a partir da goma elástica) estava diretamente interligado à importação da matéria-prima dos trópicos. A “febre do lucro fácil” tomou conta da elite local,<sup>8</sup> pois para se fazer a extração da borracha não era necessário investir muito capital, uma vez que a seringueira encontrava-se com facilidade entre as plantas da floresta amazônica. Cresceu, assim, a cobiça do dono de seringais, que não mediu esforço para adquirir o “ouro negro” e obter altos lucros.

Por essa situação econômica, a Amazônia entrou num período bastante próspero com o extrativismo da borracha abastecendo o mercado internacional e passando por um processo de transformação econômica, política e sociocultural.

<sup>6</sup> CHAVES, Ernani e MARIN, Rosa Acevedo. *Imagens de Belém, paradoxo da modernidade e cultura na Amazônia*. In: XIMENES, Tereza (org.). **Perspectiva do desenvolvimento sustentável (uma contribuição para a Amazônia 21)**. Belém: Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/ Universidade Federal do Pará/ Associação de Universidades Amazônicas, 1997. p. 417.

<sup>7</sup> SOUZA, Márcio. **Galvez, imperador do Acre**. 17 ed. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1995, p. 15.

<sup>8</sup> SOUZA, Márcio. **Breve história da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994, p. 136.

O fluxo imigratório para a região tornou-se intenso. Milhares de nordestinos, índios e homens de nacionalidades e etnias diversas trabalharam nos seringais e nas obras de engenharia moderna erguidas na selva amazônica, num “círculo infernal” de epidemias tropicais, acidentes nos locais de trabalho, algumas greves e revoltas.<sup>9</sup>

O porto de Belém chegou a ser um dos mais movimentados durante o apogeu urbano da metrópole da Amazônia. “Depois do Rio de Janeiro e Santos, era o porto mais movimentado do Brasil, com uma população urbana que se aproximava rapidamente do quarto de milhão, em 1910”.<sup>10</sup> As famílias economicamente abastecidas encomendavam objetos domésticos fabricados no exterior, desde brinquedos, louças, roupas até móveis e pianos.

Em uma cena do romance *Mad Maria*,<sup>11</sup> Márcio Souza descreve o insólito carregamento de um piano pela floresta equatorial, numa demonstração cômica dos “caprichos” da burguesia local. Os hábitos ostensivos dos habitantes da *belle époque* não paravam por aí, os familiares dos seringalistas mandavam encadernar livros em Paris, lavar roupas em Londres e passavam constantemente temporadas e férias na Europa, “era mais econômico, explicavam, mesmo levando a cozinheira e a babá dos filhos pequenos”.<sup>12</sup>

As casas e os palacetes dos “barões da borracha” construídos em Belém tinham fachadas e interiores decorados com objetos de arte e de consumo que chegavam da Europa pelos transatlânticos. O palacete Pinho, o Mira-Selvas, o Bolonha, o Tavares Cardoso, o Bibi Costa<sup>13</sup> eram obras da arquitetura da época. Algumas resistem ao tempo. É também desse mesmo período, o “belo edifício de mármore português *Paris N’ América*, majestoso, repleto de

---

<sup>9</sup> A construção da estrada de ferro Madeira-Mamoré (em duas fases: 1878-1879 e 1907-1912) é exemplo de grande empreendimento do capital estrangeiro na floresta amazônica. A “ferrovia do diabo” chegou a movimentar milhares de trabalhadores de etnias e nacionalidades diferentes floresta adentro sob a régia do capital. Um resultado trágico na história nacional: um saldo de milhares de mortos. Morticínio em massa causado por epidemia tropical e por acidentes nos locais de trabalho. Ver a respeito do assunto: HARDMAN, Francisco Foot. **Trem fantasma: a modernidade na selva**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 129. Em especial o capítulo 5.

<sup>10</sup> WEINSTEIN, Bárbara. Op.cit., p.219.

<sup>11</sup> SOUZA, Márcio. **Mad Maria**. São Paulo: Marco Zero, 1986.

<sup>12</sup> NUNES, Benedito. Paris n’América. **Asa da Palavra**, Belém, v. 6, n.12, p. 38, julho 2001.

<sup>13</sup> Consultar fotografias da época. Ver as seguintes obras: 1) GOVERNO DO ESTADO DO PARÁ, Governo de Augusto Montenegro (1901 –1909). **Álbum do Estado do Pará; oito anos de governo**. Paris, Chponet, 1908. 2) SANTA ROSA, Henrique. **Álbum do Pará em 1899 na administração do governo de Sua Excia. o Sr. Dr. José Paes de Carvalho**. 3) RODRIGUES, Hildebrando. **Álbum do Pará**. Belém: Typ. Novidades, 1939.

voiles suíços, nas mais belas e finas padronagens”,<sup>14</sup> - importante loja de tecidos e enfeites, onde se vendia o tafetá, o organdi, a casimira, o linho, os botões de madreperolas – tudo vindo do estrangeiro e que ainda hoje pode ser visto na Rua Santo Antônio, em pleno centro comercial da cidade.

Por Belém do Pará, ou melhor, “Belém de Paris”<sup>15</sup> passaram as companhias líricas e teatrais da Europa, a fim de se apresentarem no Teatro da Paz,<sup>16</sup> onde a elite da “sociedade do látex” deleitava-se com o que era chique aplaudir. O governo patrocinava imponentes concertos e preparava bailes elegantes, como era costume nas principais cidades européias. Esse momento coincide na história nacional com o advento da república, época em que a cidade de Belém recebeu o imponente *Monumento à República*, instalado em frente ao Teatro da Paz, em cerimônia solene em 15 de novembro de 1897. O belenense estava assim exaltando as virtudes cívicas e incorporando um “elemento a mais da identidade de Paris matriarcal: Marianne”, figura feminina à qual os franceses confiaram o coração republicano.<sup>17</sup>

## 1.2 Entre livros e cafés

Outra edificação importante do centro urbano civilizado, que se tornara Belém, foi a do Grande Hotel, uma das primeiras instalações hoteleiras de grande porte na capital paraense. Por muitos anos, o

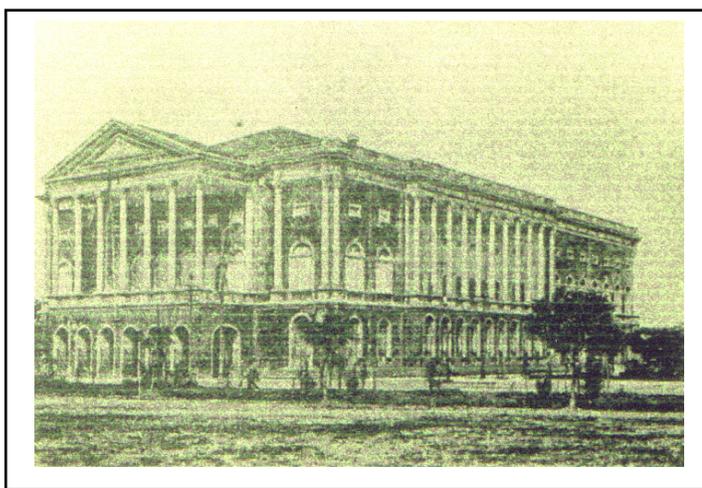


Figura 3: Teatro da Paz, Belém - Pará, século XIX  
Acervo: Biblioteca Pública do Pará

<sup>14</sup> ROCHA apud MARANHÃO, Haroldo. **Pará, Capital: Belém – memória & pessoa & coisa & loisas da cidade**. Belém: FUNBEL, 2000, p. 155.

<sup>15</sup> Expressão de Haroldo de Campos endereçada a Benedito Nunes. Ver NUNES, Benedito, op.cit. , p. 138.

<sup>16</sup> SALLES, Vicente apud MARANHÃO, Haroldo. Op. cit. p., 156–157. Vicente Salles considera a noite de abertura do Teatro da Paz, a 13 de fevereiro de 1878 “um acontecimento memorável”. Nada menos que 125 espetáculos apresentados de fevereiro a dezembro assinalaram esse ano de inauguração. O governo local, a fim de estimular ainda mais os eventos no teatro, “pela época do carnaval, a exemplo do que se fazia nas capitais européias”, resolveu dar bailes carnavalescos no teatro. “A idéia foi recebida com aplausos pela burguesia provinciana e assim, na noite de 24 de fevereiro de 1878, dançou-se o primeiro baile de máscaras no Teatro da Paz”.

<sup>17</sup> COELHO, Geraldo Mártires. **No coração do povo: monumento à República em Belém (1891-1897)**. Belém: Paka-Tatu, 2002, p.15.

terraço do hotel serviu como um dos pontos de referência cultural da cidade. As mesinhas de ferro espalhadas pela calçada do hotel eram ocupadas por turistas, intelectuais e artistas. O Grande Hotel foi símbolo de uma época em que a sociedade paraense respirava os ares livrescos da intelectualidade européia. No ano de 1974, o Grande Hotel foi demolido e no seu lugar erguido o Hilton Hotel. O Café da Paz era outro ponto de encontro dos intelectuais, localizava-se na esquina da Av. da República (hoje Av. Presidente Vargas), esquina com a Rua Carlos Gomes.

Por seu turno, o movimento literário em Belém, no fim do século XIX, apresentava-se de forma bastante rica e dinâmica. A Livraria Universal do senhor Tavares Cardoso, também, era um dos costumeiros pontos de encontro da intelectualidade paraense da *belle-époque*, “divulgado país afora, inclusive em cartões-postais, dadas às modernas instalações dessa tipografia e casa de comércio, com estrutura e ornamentos pré-fabricados vindos da Inglaterra.”<sup>18</sup> O postal da livraria, ícone de um *status quo*, que incide em testemunhar algo que deveria ser admirado como imagem de Belém esplendorosa.<sup>19</sup>

A partir de meados do século XIX, cresceu o número de casas impressoras, entre outras J.B. dos Santos & Cia, Tavera e Serra, Pinto Barbosa & Cia, A. Loiola, Porto de Oliveira & Cia, Tavares Cardoso & Cia. E as livrarias Escolar, Carioca, Universal e Clássica. Essas empresas editoriais facilitaram a publicação de livros de autores locais em diferentes áreas de estudo<sup>20</sup>. Além das livrarias, os literatos boêmios liam seus romances, poemas e contos em concorridos saraus no Teatro da Paz, nas praças públicas, ou na casa de amigos. Diversos grupos de escritores e poetas tiveram uma sistemática publicação de livros e revistas. “Havia vida literária, convívio espiritual nos cafés e teatros, nas nossas residências e até nos bondes.”<sup>21</sup>

---

<sup>18</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929**. Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, (s.d.), p.32. Tese de doutorado. Unicamp.

<sup>19</sup> Sobre o tema dos cartões-postais como testemunhos da história da sociedade brasileira do final do século XIX e início do XX, ver SCHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: NOVAIS, Fernando (org.). **História da vida privada no Brasil**. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

<sup>20</sup> Ver MOREIRA, Eidorfe. Panorama editorial. In: **O livro didático paraense. Obras reunidas**. v. VI. Belém: Cejup, 1979.

<sup>21</sup> AZEVEDO, Eustachio de. **Antologia amazônica (poetas paraenses)**. 2 ed. aumentada. Belém: Livraria Carioca, 1918, p.13. O autor cita como exemplos de referências de revistas fundadas pelo movimento literário local: *Revista Amazônica* (1870-1885); *A Arena* (1887); *Sylvio Romero* (1889); *A Revista* (1895). Depois, outros periódicos literários paraenses apareceram, porém de vida efêmera, como “meteoros”. Eustachio de Azevedo lista: **Oficina Literária** (1899); **O Ateneu** (1899); **O Cenáculo** (1900); **O Oráculo** (1900); **Pallas** (1900); **Estímulo** (1901); **Boemia Literária** (1901); **O Parnaso** (1901); **O Extremo Norte** (1901); **O Boêmio** (1901); **A Época** (1902) **A**

Segundo Eustachio de Azevedo<sup>22</sup>, os anos mais efervescentes das letras paraenses foram de 1870 a 1885, a “fase rútila” coincidiu com o movimento abolicionista e o sentimento de liberdade que se inflamavam nas “artérias dos moços” que haviam de “lavar a mancha da escravidão!”, como recitava o abolicionista Ignacio Moura. A mocidade paraense batia-se com “a palavra e com a pena, pelos jornais e pelas praças públicas, promovendo quermesses e comícios populares.”<sup>23</sup> Os ideais da poesia romântica tocaram profundamente os patriotas que se tornavam oradores fluentes ou poetas inspirados.

Após o ano de 1889, o movimento literário paraense praticamente cessou e, a não ser quando “uma poesia, um ou outro conto literário surgia pelas gazetas, esporadicamente, nada mais se fazia.”<sup>24</sup> Segundo Eustachio de Azevedo, um tempo “triste”, um “desconsolo”, que somente após um período letárgico de seis anos se quebrou com a fundação de uma nova associação literária a Mina Literária (1895-1899), estimulando as letras no Pará.<sup>25</sup>

O grupo dos *mineiros* – como eram chamados os integrantes dessa associação – preparava conferências, promovia concursos literários, publicava livros, organizava saraus literários. No que diz respeito à edição de obras literárias de autores locais, essa associação revelou “esforço hercúleo, se atendermos ao preço elevado das edições no norte do Brasil e aos poucos recursos da associação e seus membros.”<sup>26</sup>

---

Via-Láctea (1903); Pará-Revista (1903); O Ideal (1903); A Voz Literária (1904); A Revista Acadêmica (1912). É lacuna na história literária paraense um estudo sobre tais revistas, a exemplo do que fez Ana Luiza Martins, em **Revistas em revistas. Práticas culturais em tempos de República (1890-1920)**, no qual a autora trata acerca das revistas cariocas e paulistas publicadas naquele mesmo período.

<sup>22</sup> José Eustachio de Azevedo nasceu em Belém, Estado do Pará, a 20 de setembro de 1867. Trabalhou como escrevente do Arsenal de Guerra do Pará, escriturário na agência do Lóide Brasileiro, empresa de navegação, e do Banco do Estado do Pará, do qual foi dispensado em 1900 devido à crise financeira que castigava o comércio paraense. Trabalhou como jornalista e colaborou em inúmeros jornais literários. Junto com alguns artistas e intelectuais, fundou a associação literária denominada *Mina Literária*. Morreu em Belém, aos 76 anos de idade, em 5 de outubro de 1943. Obras: **Orchideas** (poemas, 1894); **Nevoeiros** (poemas, 1895); **A viúva** (novela, 1896); **Brasil** (poemeta, 1900); **Anthologia amazônica** (poetas paraenses, 1904); **Dedos de prosa** (coletânea de contos, novelas e crônicas, 1908); **Musa Eclética** (poemas, 1909); **Vidimas** (artigos, contos, crônicas, 1913); **A Irmã Celeste** (drama, 1916); **De capa e espada** (contos, 1917); **Belas artes** (palestras literárias, 1919); **Literatura paraense** (história literária, 1922); **Livro de Nugas** (letras e farras, 1924); **Dois musas** (poemas, 1928).

<sup>23</sup> Idem, ibidem, p. 12.

<sup>24</sup> Idem, ibidem, p. 13.

<sup>25</sup> RODRIGUES, Theodoro apud MEIRA, Clóvis. **A Mina na literatura nortista de Eustachio de Azevedo e n’O Pará literário de Theodoro Rodrigues**. Belém: UFPA, 1997. Segundo Clóvis Meira, Theodoro Rodrigues deu a primeira notícia histórica sobre a Mina Literária no artigo *O Pará literário: notas para um livro futuro*, publicado em **A Revista**. Belém, n. 3, Ano I, mar. 1898, p. 49-54.

<sup>26</sup> Idem p. 28. Eustachio de Azevedo organiza uma lista de livros de autores paraenses publicados com o apoio financeiro da Mina Literária. 1. **Brando d’ armas**, poemeta, de Natividade Lima; 2. **Nevoeiros**, versos, de Eustachio de Azevedo; 3. **Alma Nova**, fantasias, de Euclides Dias; 4. **Maria Luzia**, romance naturalista, de

*Coisas profanas*, de Acrísio Motta,<sup>27</sup> editado em 1895, pela Livraria Paraense, que funcionava à rua de Santo Antônio, 23, é exemplo de livro publicado, devido ao “esforço hercúleo” dos mineiros. Com carta-prefácio de Adherbal de Carvalho, o livro do poeta *mineiro* revela a influência de muitas escolas poéticas, “desde o lyrismo lamartineano até o decadismo de Verlaine.”<sup>28</sup> Essa obra se apresenta como uma voz poética dos últimos decênios da literatura brasileira, já marcada pela prosa realista/naturalista, há muito tempo, esquecida nas prateleiras da biblioteca pública de Belém.

Consolo-me ao saber que, à noite quando  
Em paz deixares o labor caseiro  
Irás meos pobres versos decorando  
À luz do candieiro.  
o meo livro terás o confidente  
Das tuas noites ermas, mal dormidas  
Que há de mostrar-te a página fulgente  
Onde esqueci o bando penitente  
Das minhas santas ilusões queidas<sup>29</sup>.  
(Acrísio Motta, *Coisas profanas*)

Há de se considerar que, o crítico José Veríssimo<sup>30</sup>, quando ainda residia em Belém, em artigo<sup>31</sup> publicado na *Revista Amazônica* (1883) apontava a necessidade de um movimento renovador nas letras paraenses que convergisse para a elevação do “nível da

---

Ovídio Filho; 5. *A Viúva*, novela naturalista, de Eustachio de Azevedo; 6. *Coisas Profanas*, poesias, de Acrísio Motta; 7. *Coelho Netto e a Mina Literária*, por “vários mineiros”.

<sup>27</sup> Acrísio Motta nasceu na cidade de Bragança, estado do Pará, a 25 de junho de 1866. Trabalhou como funcionário postal e redator da *Folha do Norte*. Faleceu a 17 de agosto de 1907. Livros: *Coisas profanas* (poesia, 1895); *O estupro* (romance, inédito); *Vingança de tapuio* (contos, inéditos); *Fadas e lobishomes* (histórias infantis, 1908).

<sup>28</sup> CARVALHO, Adherbal de. Carta-prefácio do livro *Coisas profanas*, de Acrísio Motta, p. VI.

<sup>29</sup> MOTTA, Acrísio. *Coisas profanas*. Belém: Livraria Paraense Editora, 1895.

<sup>30</sup> VERÍSSIMO, José apud BARBOSA, João Alexandre. *A tradição do impasse: linguagem da crítica e crítica da linguagem em José Veríssimo*. São Paulo: Ática, 1974, p. 40.

<sup>31</sup> VERÍSSIMO, José. *Revista Amazônica*. Pará, Ano I, Tomo I, n. 1, mar. 1883, p. 1.

mentalidade brasileira”. O Pará precisava “não apenas produzir borracha”, mas sim idéias. Assim, a Associação Mina Literária constituiu-se numa forte representação no quadro literário local, pelo “esforço dos seus membros, pelos trabalhos que publicou, e pela propaganda tenaz que fez das letras nortistas,”<sup>32</sup> além dela, outras associações literárias existiram no Pará daquele momento, e foram capazes de construir uma sociedade belenense para além do câmbio e da borracha. Mesmo que, o crítico paraense José Veríssimo tenha esquecido de citar algum desses escritores ou poetas em sua obra *História da literatura brasileira: De Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*, publicada em 1916, no Rio de Janeiro, pela Francisco Alves.

### **1.3 Burlados no entusiasmo dos álbuns feitos em Paris**

No início do século XX, o declínio do comércio da borracha provocou na região amazônica um choque em seu quadro sociocultural, uma vez que os barões da borracha não estavam preparados para a competição capitalista no mercado internacional. Com isso, os investimentos financeiros começaram a falir. “O coronel da borracha, também arrivista e ambicioso, acreditava na exclusividade.”<sup>33</sup> O fator principal para esse acontecimento foi a concorrência comercial aberta pela Malásia no mercado internacional.

A Malásia começou a explorar o látex de suas florestas nativas, vendendo a matéria bruta a um preço bem mais baixo que o do Brasil. No ano de 1900, a crise financeira castigava o comércio de Belém e de Manaus, uma situação agravada por volta de 1912, fazendo com que a região amazônica perdesse de vez o domínio das negociações na balança internacional do “ouro negro”.

Nas décadas seguintes, a região passou por uma estagnação econômica, entretanto, sobreviveu financeiramente da aplicação de verbas governamentais em projetos de desenvolvimento socioeconômico. Projetos estes quase sempre falidos. As cidades amazônicas urbanizadas com os negócios da borracha entraram em colapso e abandono. O poema de Bruno de Menezes mostra-nos o passado de esplendor da metrópole da Amazônia, realçado pela recordação do poeta que, junto com a cidade, também, desejou a “vaidade” burguesa.

---

<sup>32</sup> AZEVEDO, Eustachio. Op. cit. p. 28.

Conversa comigo “Formosa Belém” das vaidades que se foram [...]  
Recorda os teus jardins, as tuas praças, a tua alegria irrefletida [...]  
Eu, como tu, desejei luzes de candelabros,  
transportes modernos, conforto natural da civilização [...]  
Mas, nós éramos provincianos e tudo para nos seria o inesperado.  
Eu e tu fomos burlados no entusiasmo da nossa esperança.  
[...] Pensavas que o Tempo não passaria [...]  
E isto, “Formosa Belém”, dos álbuns feitos em Paris<sup>34</sup> [...]  
(Bruno de Menezes, Belém, cidade que teve um passado)



<sup>33</sup>SOUZA, Márcio. Op. cit., p. 135.

<sup>34</sup>MENEZES, Bruno de. **Poesias esparsas**. Obras completas de Bruno de Menezes. Belém: SECULT, 1993, v.1. Obras Poéticas, p. 488.

Até as décadas de 1920 e 1930 a decadência era visível na paisagem da cidade de Belém. De Campos Ribeiro, que ao lado de Bruno de Menezes viveu em meio ao conflito de transição literária do parnasianismo/modernismo, extraiu do cotidiano belenense narrativas pitorescas e bem humoradas, que nos revelam elementos de crítica social de uma cidade distante dos “álbuns feitos em Paris”. Belém da “exceptiva fisionomia” da avenida “Independência, antes de 1930”.

Rua de duas faces era, caracteristicamente, feira “sui-generis”. De dia, refinamentos urbanos, tranqüila e comodamente, ombreavam com quitandas de variada mercancia [...] De noite, no longo passadiço que, da 22 de Junho à Castelo se estendia, logo após o apito das nove no Utinga, de vendedeiras de amor. Casais, em que não rara era a presença de soldados da polícia [...] E borborinhantes as baiúcas, que eram cafês, restaurantes e também escondilho da vadiaria rufianesca<sup>35</sup>.”

(De Campos Ribeiro, *Estranho Olímpio aquele café*)

#### 1.4 Faltou gazô!

No começo da década de 1940, a capital paraense encontrava-se em declínio e abandono: trilhos de bondes em condições precárias, bondes barulhentos e superlotados, reduzida navegação, transporte aéreo raro, com viagens semanais para o Rio de Janeiro<sup>36</sup>. Em 1942, os Estados Unidos, através de acordos, com o governo brasileiro estabeleceram novas operações comerciais com a extração do látex, a fim de aumentar o estoque da borracha dos aliados e bloquear o produto asiático dominante no mercado mundial<sup>37</sup>.

---

<sup>35</sup> RIBEIRO, De Campos. **Gostosa Belém de outrora**. Belém: Editora da Universidade Federal do Pará, 1966, p. 121.

<sup>36</sup> CHAPMAN, John F. A guerra chega a Belém. *O Estado do Pará*, Belém, 24 jan 1943. Tradução de Jaime Cardoso. Esse artigo publicado, primeiramente, na revista **Busines Week**, em 21 de novembro de 1942, da qual o autor era correspondente, trata da presença dos militares norte-americanos em Belém. A cidade é caracterizada pela geografia e pobreza econômica: um cais com capacidade para receber transatlânticos, transportes urbanos precários e diminuição nos estoques de açúcar, carne, sal, fósforo, cigarro e verduras. A cidade tomou outros ares após a chegada dos norte-americanos: engenheiros construindo novos e “enormes” aeroportos na selva, canalização para o abastecimento de água, drenagens de canais. Belém tornou-se “praticamente um clube americano”, a “Nova Orleans do Amazonas”, anima-se Jonh Chapman. Para o jornalista americano, a “ajuda” dos Estados Unidos levantou a velha cidade do norte brasileiro.

<sup>37</sup> SOUZA, Marcio. *Breve história da Amazônia*. 2 ed. São Paulo: Marco Zero, 1994, p. 152-153.

Essa política econômica recuperaria as relações comerciais da região amazônica com os demais estados, todavia, devido à participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, ao longo do litoral brasileiro, principalmente no norte (Belém) e no nordeste (Natal), formou-se um constante movimento militar, e bases aéreas do governo norte-americano foram construídas nessas cidades. Aviões cargueiros e hidroaviões tornaram-se comuns no céu amazônico. Anúncios em inglês circulavam nos jornais a fim de oferecer serviços da comunidade aos estrangeiros. Como se pode ler nos exemplos abaixo:

Restaurante Madame Gares.  
Quintino Bocaiúva, 707 – telefone, 1633.  
Famous Family. French Cuisine  
Serve only supper 6. 30 PM.

Maid  
Girl (white) desires to work in American home.  
Doesn't speak English. Please write. Clara.  
Rua Padre Eutiquio nº 407

Interpreter  
Active gentleman for many years in U.S.A. speaking fluently English wishes position. Good references from both countries.  
Letters – Caixa Postal nº 368.  
(*Folha do Norte*, 17/02/1944)

Nesse mesmo jornal, a livraria Pará Intelectual anunciava os livros novos recém-chegados no mercado local; entre os títulos: biografia do *Presidente Vargas*, *Filosofia de vida*, *A vida de Rui Barbosa*, *A construção do mundo*, *O grande ditador*, *A vida íntima de Napoleão*, *Eu fui um guerrilheiro*, *O último trem de Berlim*, além de títulos de livros infantis. O cinema Olímpia (1912), o mais antigo do Brasil, também fazia sua propaganda no jornal para chamar os

espectadores. Filmes de Charles Chaplin. “Na película que já deliciou uma geração de fãs e que volta agora sob a magia da voz e da música”, além de filmes antinazistas como *Os filhos de Hitler* e *O homem que quis matar Hitler*.

Quanto ao aspecto político, o estado do Pará era governado por essa época pelo interventor José Carneiro da Gama Malcher, como anunciava o jornal *O Estado do Pará*<sup>38</sup>, “o governo da democracia autoritária,” que pouco provia para o bem-estar da população. Por isso era comum pessoas dormirem nas filas formadas nas portas de açougues ou padarias; luz elétrica era racionada e Belém ganhou fama de cidade mais escura do Brasil.

O serviço de bondes da Companhia Paraense de Eletricidade era precário e ineficiente, chegava a ter intervalos de 40, 50, 60 minutos<sup>39</sup> a espera nos abrigos pelo transporte coletivo. No conto de Sultana Levy, publicado no suplemento literário da *Folha do Norte*<sup>40</sup>, a história se passa num bonde lotado de Belém em que viajava o passageiro “sabido”. Este um leitor atento do noticiário do jornal, que aproveitava a situação desconfortável dos passageiros para criticar o governo em alto e bom tom, a fim de que todos o ouvissem.

Nessa mesma época, os poucos ônibus que circulavam pela cidade também evidenciavam o descaso dos empresários e governantes com os habitantes de Belém. No conto *Freirinha*, da mesma autora paraense, publicado no suplemento literário da *Folha do Norte* em 1948, há um trecho que pode, ocasionalmente, ilustrar o problema do transporte coletivo oferecido aos belenenses daquele tempo ido. “De repente o ônibus parou, e, sem mais aquela o motorista salta do seu lugar para a rua. Antecipando, porém qualquer pergunta, o gentil cobrador explicou de um modo geral: - Gazô.”<sup>41</sup>

### 1.5 Geração remediada dá bom-dia a Belém

Nesse começo dos anos 40, o movimento literário paraense deparava-se com o encerramento da publicação da revista *Terra Imatura* (1938-1942), dirigida pelos irmãos Cléo Bernardo e Sylvio Braga. De circulação mensal, essa revista contribuiu no sentido de congrega

---

<sup>38</sup> **O Estado do Pará**. Belém, 02 abril 1941.

<sup>39</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>40</sup> ROSEMBLAT, Sultana Levy. O sabido. **Folha do Norte**, Belém, 2 nov 1947. Suplemento Arte Literatura, p. 2, n. 49.

<sup>41</sup> Idem. *Freirinha*. **Folha do Norte**. Belém, 13 fev 1948. Suplemento Arte Literatura, p. 2, n.111.

os intelectuais paraenses que estavam dispersos<sup>42</sup>, pois em suas páginas esses autores publicaram poemas e ficção.

*Terra Imatura* teve como redatores-chefes Ruy Guilherme Barata e José Mendes Pereira, mas colaboraram, também como redatores, Adalcinda Camarão, Aloysio Chaves, Bruno de Menezes, Daniel Queima Coelho de Sousa, Dalcídio Jurandir, Francisco Paulo Mendes, Machado Coelho, Mário Couto, Stélio Maroja, entre outros.

Nesse início de década, com a guerra em ação, a dificuldade financeira contribuiu para o “desfalecimento” da vida literária local, seguindo-se um período da mais absoluta esterilidade editorial<sup>43</sup>, no que se refere aos custos da circulação de revistas literárias.

Dalcídio Jurandir<sup>44</sup> testemunha em causa própria, no prefácio *Tragédia e comédia de um escritor novo no Norte*, publicado na primeira edição de seu romance premiado *Chove nos campos de Cachoeira* em 1941, sobre as dificuldades para se publicar um livro no Pará, nos anos 30/40. Dois pontos são levantados pelo romancista: a escassez material do escritor e o fraco apoio governamental em relação aos autores locais. “Aparece uma turminha de malandros metidos a literatos, cantoras, etc... e caem em cima do governo, sangrando o Tesouro. Os da terra ficam no peixe frito [...]. A vida literária do Pará tem se movimentado em torno do peixe-frito!”

É Dalcídio quem cria a expressão “geração do peixe-frito” para designar a geração de 20/30 de Belém, “constituída de rapazes paupérrimos que faziam heroicamente literatura lutando com todas as dificuldades econômicas possíveis”.<sup>45</sup> Rapazes como ele, empregado público que se mudou para o interior do estado, a fim de “ganhar mais” e, assim, “pagar a prestação da máquina de escrever” e que “cavou” dinheiro entre os amigos para poder

---

<sup>42</sup> BARATA, Ruy Guilherme Paranatinga. A geração remediada do Pará dá boa tarde a Fortaleza por intermédio de Ruy Barata. **Folha do Norte**, Belém, 20 jul 1947. Suplemento Arte Literatura, p. 3, n. 33. Entrevista.

<sup>43</sup> Idem, *ibidem.*, p. 3.

<sup>44</sup> Dalcídio Jurandir Pereira nasceu em Ponta de Pedras, Ilha de Marajó, estado do Pará, em 1909. Foi funcionário público estadual e jornalista. Morou no Rio de Janeiro, em 1928. Trabalhou sem remuneração na revista **Fon Fon**; no mesmo ano voltou para Belém. No ano de 1940 obteve o primeiro lugar do concurso Dom Casmurro, patrocinado pela editora Vecchi, do Rio de Janeiro, com o romance **Chove nos campos de Cachoeira**. Logo em seguida, radicou-se no Rio de Janeiro, onde faleceu em 1979. Obras: **Chove nos campos de Cachoeira** (romance, 1941); **Marajó** (romance, 1947); **Três casas e um rio** (romance, 1958); **Linha do parque** (romance, 1958); **Belém do Grão-Pará** (romance, 1961); **Passagem dos inocentes** (romance, 1963); **Primeira manhã** (romance, 1968); **Ponte do Galo** (romance, 1971); **Os habitantes** (romance, 1976); **Chão dos lobos** (romance, 1976) e **Ribanceira** (romance, 1978).

<sup>45</sup> JURANDIR, Dalcídio. Op. cit. p. 3.

enviar o romance *Chove nos Campos de Cachoeira*<sup>46</sup> ao concurso da editora Dom Casmurro, no Rio de Janeiro. “E mandamos o volume no porte simples, sem recibo, sem nada, para um rumo incerto, podendo nunca mais chegar ao Dom Casmurro!”

À “geração do peixe-frito” irá se contrapor a “geração mais remediada” de *Terra Imatura*. No entanto, a “mais nova” geração de escritores paraenses, apesar da origem econômica dos integrantes ser mais remediada que a de Dalcídio Jurandir, os escritores locais ainda se encontravam “fechados na província, isolados, boicotados, negados”.

Se na geração de Abguar Bastos há nomes como o desse Bruno de Menezes que tem poemas lado a lado com os melhores de Jorge de Lima e Manuel Bandeira, na geração mais nova temos um Ribamar de Moura, um dos grandes pensadores jovens do Brasil, Levy Hall de Moura, Francisco Paulo Mendes, Machado Coelho, Cécil Meira, Daniel Coelho de Souza. Novíssimos como Carlos Eduardo, o poeta de “Este rumor que vai crescendo”, e Mário Couto, um contista dos maiores entre os jovens contistas brasileiros. Nomes como De Campos Ribeiro que acaba de publicar um belo livro de poemas. Oséas Antunes que tem três romances inéditos e muito bons, Jacques Flores, poeta de Cuia Pitinga, as poetisas Miriam Moraes, Adalcinda Camarão e Dulcinéia Paraense, os desenhistas Ângelus, vindo do movimento de Graça Aranha [...] Agora mesmo o autor do filme “Aruanã”, Líbero Luxardo descobriu em Marabá um desenhista fabuloso mesmo. Chama-se Morbach<sup>47</sup> [...]

Além da revista *Terra Imatura*, outras revistas locais colaboram para a difusão da literatura da “gente nova”; entre os títulos podem-se citar: *Pará Ilustrado*, de Jaime Lobato *A Planície*, de Osvaldo Viana; *Novidade*, dirigida por Otávio Mendonça, Machado Coelho, Garibaldi Brasil e Ritacínio Pereira.

O momento promissor das revistas literárias paraenses, desde o final do século XIX até o início dos anos 40, encontrava-se em seu desfecho, em especial com o fim de circulação de *Terra Imatura* (no ano de 1942). A partir daquele momento, a literatura local sobreviveu graças às iniciativas individuais, como o lançamento de *Anjo dos abismos*, primeiro

---

<sup>46</sup> JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de Cachoeira**. 1 ed. Vecchi Editor: Rio de Janeiro, 1941, p. 9-10. Recebeu o 1º Prêmio do Concurso Vecchi-Dom Casmurro, 1940, Rio de Janeiro.

livro de poesia de Ruy Guilherme Paranatinga Barata, então com 27 anos, publicado em 1943, pela editora José Olympio, do Rio de Janeiro, e encontros frequentes de bons amigos escritores, cultivando o debate literário nos cafés e nas residências particulares, em especial à casa de Machado Coelho, no antigo Largo da Pólvora, sempre aberta aos amigos das letras<sup>48</sup>. O “fazer literário” do Pará, em termos editoriais, encontrava-se por ora de “maré baixa”.

### 1.6 Dona Clarice passou por aqui...

Por essa mesma época, chegou em Belém Clarice Lispector. Apesar de sua breve passagem pela capital paraense, a escritora criou laços de amizade com a “gente moça” da terra e participou dos encontros literários com os intelectuais da cidade. Clarice Lispector e o marido Maury Gurgel Valente chegaram a Belém em fevereiro de 1944 e ficaram até julho<sup>49</sup>. Clarice, que acabara de lançar o primeiro livro, *Perto do coração selvagem*, vencedor do prêmio Graça Aranha, de melhor romance de 1943, tinha 26 anos, estava recém-casada e acompanhava o marido nas inúmeras viagens a serviço. O marido era diplomata do Itamaraty e, em uma de suas atividades profissionais, foi convidado a recepcionar a senhora. Roosevelt,<sup>50</sup> de passagem por Belém; Clarice foi junto. Devido às atividades diplomáticas do marido, Clarice Lispector o acompanhava às reuniões sociais e convivía com “as pessoas do governo e tudo o mais que se centrava na guerra.”<sup>51</sup>

Em Belém, o casal instalou-se no Grande Hotel, o mesmo hotel que Mário de Andrade hospedou-se em 1927, e Clarice Lispector conheceu o grupo de intelectuais paraenses da extinta revista *Terra Imatura*. O terraço do hotel era o local preferido do grupo para

---

<sup>47</sup> Op. cit. p. 9-10.

<sup>48</sup> Sobre o assunto ver depoimento dos filhos de Machado Coelho, Joaquim-Francisco Coelho, Célia Bassalo e as gêmeas Ana Maria Coelho Cerqueira e Rosa Maria Coelho de Assis, em NUNES, Benedito (org.). **O amigo Chico, fazedor de poetas**. Belém: Secult, 2001.

<sup>49</sup> GOTLIB, Nádía Battella. **Clarice uma vida que se conta**. São Paulo: Ática, 1995. 5 ed. p. 174. No tópico “Belém do Pará: ressonâncias da crítica”, a autora trata da passagem de Clarice Lispector por Belém, a partir de informações narradas em cartas de Clarice à irmã e ao amigo Lúcio Cardoso.

<sup>50</sup> A primeira-dama dos Estados Unidos, Eleonor Rossevelt, visitou Belém em março de 1944. Ver o jornal **Folha Vespertina**, de 15 de março de 1944, Belém-Pará, no qual há fotografia de Clarice Lispector e o marido diplomata recepcionando a senhora Roosevelt. Nádía Gotlib registra trecho da carta de Clarice à irmã, datada de 18 de março de 1944, na qual Clarice escreveu sobre esse fato. Op. cit, p. 175

<sup>51</sup> SANTOS, Ana Catarina. **Deslumbrada aparição: a passagem de Clarice Lispector por Belém**. Belém, UFPA/ Centro de Letras e Artes, 1998, p. 85. Entrevista de Francisco Paulo Mendes.

conversar. Nesse ambiente intelectual do Café do Grande Hotel, a escritora de *A hora da estrela* conheceu e tornou-se amiga de um dos ex-redatores de *Terra Imatura*, o professor Francisco Paulo Mendes<sup>52</sup>. Clarice Lispector correspondeu-se por muitos anos com o amigo “Chico”. Francisco Paulo Mendes guardou na memória de seus quase 90 anos o dia em que a escritora, na companhia do marido, aproximou-se do grupo local.

Uma vez ela ouviu que estávamos falando de literatura e se aproximou. Me lembro bem disso, ela e o marido se aproximando. Talvez até ele tivesse sido arrastado para lá para verificar se não havia um sentido político, mas nós não tínhamos nada com isso [...] Ele nem entrava em conversa, mas ela principalmente. Ela vinha do Rio, de um grupo de literatos que divergiam da literatura oficial. Mais tarde quando ela volta, ela volta para o mesmo grupo<sup>53</sup>.

Em carta dirigida ao amigo Lúcio Cardoso, Clarice comenta a admiração pelo professor paraense de literatura, o Paulo Mendes, “seu grande interlocutor em Belém. Ele emprestou-lhe os *Cahiers de Malte Laurids Brigge*, de Rilke, e trechos escolhidos de Proust<sup>54</sup>”. Essa mesma atitude de orientar os discípulos na leitura, o mestre Francisco Paulo Mendes teria anos depois com os iniciados do “Grupo dos Novos”, a fim de que a poesia moderna se fizesse conhecer em Belém. Por meio dele, Haroldo Maranhão, Mário Faustino, Benedito Nunes, Max Martins e Alonso Rocha ouviriam falar da passagem da autora de *A hora da estrela* por Belém do Pará.

A relação de Clarice Lispector com o grupo de escritores locais fluiu de maneira amigável. O tom das conversas daqueles homens do terraço do hotel a fez sentir e ver nas pessoas daquele grupo amantes da literatura como ela. E assim, no horário marcado, Clarice Lispector comparecia às mesas do Café do Grande Hotel. O grupo de Francisco Paulo Mendes

---

<sup>52</sup> Francisco Paulo do Nascimento Mendes (1910 –1999), professor de Literatura Brasileira e Portuguesa, trabalhou como redator da revista **Terra Imatura** (1938 –1942), em Belém, dirigida e fundada pelos irmãos Cléo e Sylvio Braga. Chegou a orientar o suplemento literário da **Folha do Norte**, em outubro de 1948, na ausência de Haroldo Maranhão, e colaborou com artigos e ensaios na revista **Encontro** (1948). Ver NUNES, Benedito (org.). In: Francisco Paulo Mendes, para além da crítica literária. **O amigo Chico, fazedor de poetas**. Belém: Secult, 2001, p.15. Nesse texto, o crítico Benedito Nunes comenta sobre os ensinamentos literários apreendidos com o professor e amigo Francisco Paulo Mendes.

<sup>53</sup> SANTOS, Ana Catarina. Op.cit, p. 79-80.

era admirador de uma literatura “não oficial”, pois “não tinha importância nenhuma a academia de letras nacional. Tem uma literatura paraense, uma burra literatura paraense que a academia de letras representa, e tinham os que divergiam disso, queriam uma literatura nova. Era para isso a reunião sempre naquela mesa.”<sup>55</sup>

O encontro marcado no terraço do Grande Hotel tinha uma nítida influência dos cafés franceses. As conversas giravam em torno da vida e da obra de autores nacionais e estrangeiros. O ritmo envolvente de pensar sobre literatura era contagiante. E Clarice Lispector

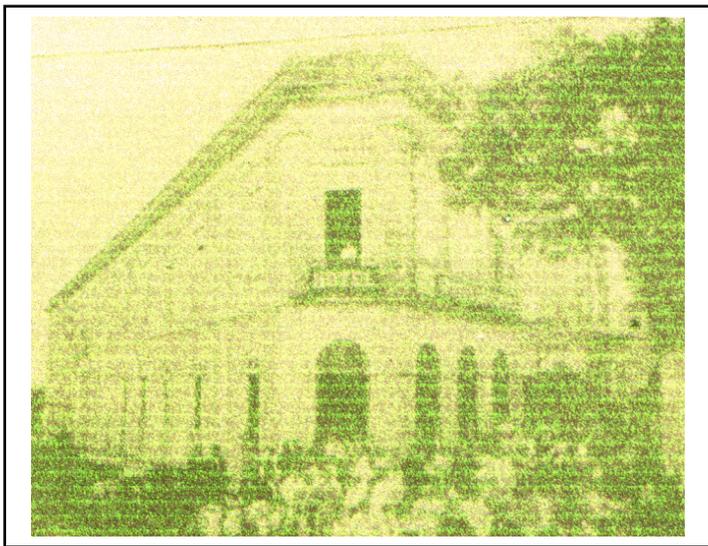


Figura 5: Terrace do Grande Hotel, Belém - Pará  
Acervo: Biblioteca Pública do Pará

se deixou envolver literariamente com o diálogo mantido com a intelectualidade local. Na atmosfera literária das mesinhas do Café, que imitava os cafés franceses, Clarice Lispector estabeleceu laços afetivos e, desse tempo vivido em Belém, ela sentiria saudades anos depois. “Cadê o desaparecido Francisco Paulo Mendes? Morreu? Me abandonou, achou que eu era muito importante...”<sup>56</sup>

Para a “Geração dos Novos”, o mestre Francisco Paulo Mendes discorria sobre a primeira visita de Clarice Lispector em Belém. Diante disso, a passagem de Clarice Lispector pela capital paraense, em 1944, configurou-se para a geração de Benedito Nunes, Mário Faustino, Max Martins, como um mito. “Um mito no sentido de que alguma coisa que, tinha ocorrido, numa época distante, da qual nós, não havíamos participado [...] Eu então ouvia, a Dona Clarice passou por aqui.”<sup>57</sup>

Ao contrário de Mário de Andrade, que atravessou a cidade de Belém, confundiu-se entre os transeuntes, feirantes e artesãos a fim de sentir o “calor” equatorial do

<sup>54</sup> GOTLIB, Nádia. Op. cit, p. 177

<sup>55</sup> Idem, ibidem. p. 79.

<sup>56</sup> LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida (pulsção)**. 10 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994, p.150.

<sup>57</sup> SANTOS, Ana Catarina. Op. cit, p. 92. Entrevista de Benedito Nunes.

norte do país, Clarice Lispector preferiu estabelecer laços de amizade com os escritores locais, em um espaço de sociabilidade delimitado pela cultura local. “Pode-se dizer que para ela Belém foi o hotel onde estava, onde ela, ali, conversava conosco.”<sup>58</sup> Parece que isso bastava para Clarice compreender a cidade que a hospedara.

Clarice Lispector correspondeu-se por longos anos com o “Chico” – como ela carinhosamente tratava o professor de literatura Francisco Paulo Mendes. Ela voltou a Belém nos anos 70, a fim de rever os amigos e proferir palestras sobre literatura. Também por intermédio de Francisco Paulo Mendes, Clarice Lispector foi apresentada, nos anos 60, no Rio de Janeiro, ao crítico Benedito Nunes – um dos maiores expoentes da crítica nacional sobre a obra desta autora<sup>59</sup>.

Nesse contexto de isolamento e desfalecimento da vida literária local, consequência da política econômica nacional e da guerra, o “Grupo dos Novos”, numa dinâmica cosmopolita, iria se contrapor ao desfalecimento da atividade intelectual com um exercício literário que agregaria a inteligência juvenil paraense, atuando no trabalho estético e intelectual do suplemento literário da *Folha do Norte* iniciado logo após o término da Segunda Guerra Mundial, em 1946, assunto sobre o qual discorrerei em seguida.

### **1.7 Rito de passagem: adolescentes na confraria**

Enquanto Clarice Lispector passava por Belém, Dalcídio Jurandir esforçava-se para remeter pelos correios o livro que lhe valeria o primeiro prêmio da categoria Romance, em 1941, do concurso “Vecchi-Dom Casmurro”, a revista *Terra Imatura* fechava as portas, surgia numa “brincadeira” de adolescentes a “geração dos novos” da literatura paraense de “45”. Jurandir Bezerra, Alonso Rocha, Max Martins – esses dois últimos, primos entre si – ensaiavam seus primeiros versos. Admiradores dos poetas românticos e parnasianos, esses três rapazes decidiram anunciar no jornal local que no dia 7 de setembro de 1942, reunir-se-iam a fim formar um grupo de leitores de poesia e de poetas, formando a Academia dos Novos. No dia marcado,

---

<sup>58</sup> Idem, *ibidem*, p. 85.

<sup>59</sup> Informação dada por Benedito Nunes em entrevista à autora, em abril de 1999. Ver também a respeito do assunto LISPECTOR, Clarice. **De corpo inteiro**. São Paulo: Siciliana, 1992, p. 189. Nesse livro, Clarice Lispector entrevista vários escritores brasileiros sobre literatura, entre eles Benedito Nunes. Antes de qualquer coisa, a autora

juntaram-se àqueles, Benedito Nunes e Haroldo Maranhão, todos ligados pelo espírito de seriedade diante da nova associação literária<sup>60</sup>.



*Figura 6: Da esquerda para a direita: Alonso Rocha, Max Martins e Jurandir Bezerra, Praça da República, década de 1940  
Acervo: Coleção particular de Alonso Rocha*

De início, os encontros entre os jovens literatos acontecia pelas praças e áreas livres da cidade de Belém. A foto tirada em uma das praças da cidade, a Praça da República, demonstra um dos momentos de encontro de alguns membros do grupo. Os poetas Alonso Rocha, Max Martins e Jurandir Bezerra deixaram-se captar pelas lentes do fotógrafo. O olhar introspectivo de Jurandir Bezerra, o sorriso galanteador de Max Martins e o porte sereno de

Alonso Rocha gravam significativa representação de um tempo de busca e de experiência. O paletó de linho branco e os sapatos de couro faziam parte da indumentária

masculina daquela década e caíam bem com o clima equatorial da região amazônica. Os prédios comerciais e residenciais vistos ao fundo são registros de uma Belém elegante Belém, da *belle époque*.

Depois os encontros tornaram-se solenes e passaram a acontecer na casa das tias de Benedito Nunes, situada à Avenida Gentil Bittencourt, 45, no bairro Nazaré, uma vez ao mês.

---

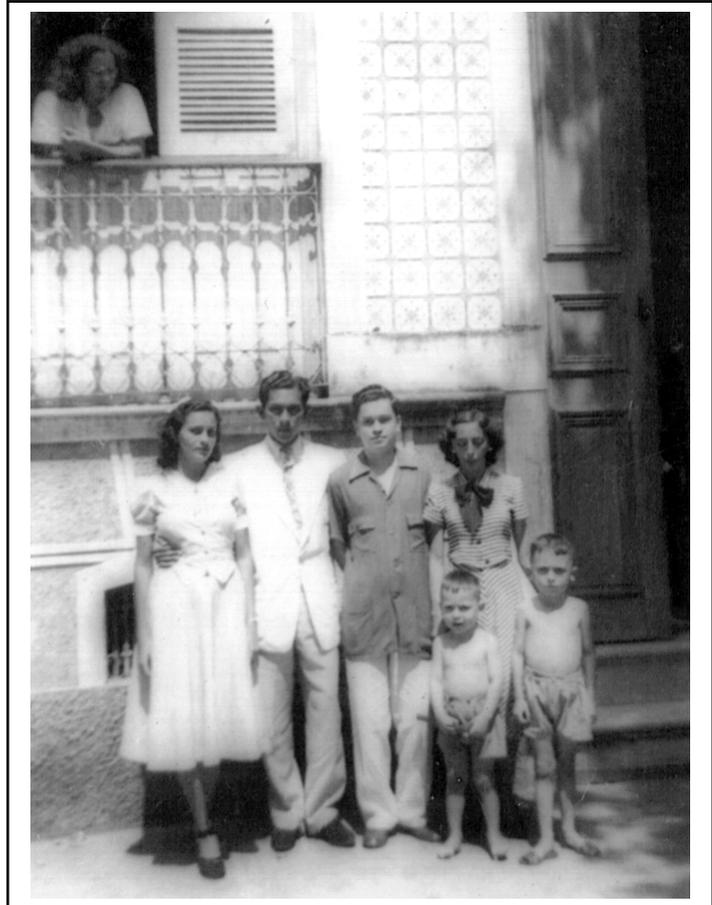
esclarece que não conhecia o crítico paraense antes de ele ter escrito um livro acerca de seus trabalhos. Clarice viu o crítico pela primeira vez “por dois minutos” por ocasião do casamento de Eliane Zaguri.

<sup>60</sup> Trecho da entrevista que Alonso Rocha concedeu à autora em setembro de 2000.

A “realíssima”<sup>61</sup> casa que décadas mais tarde teria o perfil pintado em quadro por Emmanuel Nassar.

Essa geração da Academia dos Novos, agremiação literária que reunia, quase secretamente, na quieta e ensombrada avenida Gentil Bittencourt, residência da família de Benedito Nunes [...], geração que se iniciava na promissora carreira das letras<sup>62</sup>.

Nesta outra foto, vemos Alonso Rocha e Benedito Nunes em frente à casa das tias de Benedito. Rita, então namorada de Alonso Rocha, as tias Joana e Dodô e as crianças descontraídas nem desconfiavam que estavam acompanhando o início de um percurso literário. A sala de estar do antigo casarão tornou-se o lugar ideal para as reuniões dos associados. O ambiente conservador da casa em sua arquitetura do século XIX e, mais ainda, o mobiliário composto por autênticas cadeiras austríacas serviu de moldura para o clima tradicional que pairava no ar da Academia dos Novos.



<sup>61</sup> NUNES, Benedito. A Amazônia reinventada. Fotonorte II: Rio de Janeiro. **Amazônia, o olhar sem fronteiras**. Rio de Janeiro: Funarte, 1998, p. 20.

<sup>62</sup> ROCHA, Alonso. Dois amigos na academia. **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. XXXIII, 1990, p. 119.

[...] a sala, com o desenho de seu assoalho de madeira, as tábuas estreitas formando uma estrela emoldurada por tábuas largas, suas cadeiras e poltronas austríacas, seus dois dunquerque (não sei se a palavra é masculina ou feminina), vasos de opalina azul e jarros ornamentais, era um verdadeiro salão do século XIX. Assimilaríamos essa ambiência em nossa postura [...] As poltronas, encostadas a uma pequena mesa coberta com toalha de veludo destinavam-se para o presidente e o secretário.<sup>63</sup>

Nas reuniões seguiam-se os rituais de uma academia de letras: ata, recital de poesia dos poetas preferidos e dos poemas escritos pelos confrades. Os acadêmicos escolhiam patronos para si. Alonso Rocha com Castro Alves, Jurandir Bezerra com Olavo Bilac, Max Martins com Machado de Assis, Benedito Nunes com Rui Barbosa, Haroldo Maranhão com Humberto Campos<sup>64</sup>. Todos os passos atestavam valores e modelos, pré-existent, das academias brasileiras e européias, numa franca demonstração de uma cultura amazônica voltada para a tradição.

Quem usava a palavra, tinha que se levantar da cadeira, colocar-se atrás dela, mãos no friso de madeira entalhada do espaldar [...] Nossas cadeiras eram, pois, cadeiras austríacas, que nos ajudavam a praticar a eloquência na poesia e na prosa<sup>65</sup>.

Ao todo, foram 17 associados na Academia dos Novos. Seguem os nomes: Alonso Rocha, Alberto Bordalo, Antônio Comarú Leal, Antero Soeiro, Arnaldo Duarte Cavalcante, Benedito Nunes, Benedito Pádua Costa, Edualvaro Hans Gonçalves, Fernando Tasso De Campos Ribeiro, Gelmirez Melo e Silva, Haroldo Maranhão, Jurandyr Bezerra, Lúcia Clairenfort Seguin Dias, Leonan Cruz, Max Martins, Raimundo Melo, Otávio Blater Pinho.<sup>66</sup>

---

<sup>63</sup> NUNES, Benedito. Crônica de uma academia. **Revista da Academia paraense de Letras**, Belém, v. XL, s/n, 1999, p. 186.

<sup>64</sup> Trecho da entrevista que Max Martins concedeu à autora em março de 2000.

<sup>65</sup> NUNES, Benedito. Op. cit., p. 186.

<sup>66</sup> ROCHA, Alonso. Op. cit., p. 119.

Para pertencer à Academia dos Novos, o candidato passava por uma espécie de concurso, onde seu trabalho literário poderia ser aceito ou não pelos membros do grupo. Tudo dependia do desempenho literário do candidato, cujo trabalho era examinado e julgado por uma comissão de acadêmicos. Contudo, o sentimento de seriedade instalado na Academia dos Novos também passou por alguns instantes de abalos, cujo episódio burlesco realizado por Gelmirez Melo, um novo membro da academia, que, depois da sessão solene dos confrades, exibiu seus “dotes” imitando o sucesso musical da hora.

Gelmirez Melo com um conto manuscrito: a história de uma mocinha apaixonada, que se suicidava tendo ao lado mimoso cachorrinho felpudo. Assim mesmo, apesar da recalcada insatisfação dos confrades com essa ficção, Gelmirez, que era animador de programa radiofônico, foi aceito e recepcionado. Numa tarde, em que grande chuva reteve os acadêmicos depois da sessão, o novo membro da confraria exibiu seus dotes histriônicos, imitando o desempenho de Carmem Miranda em “O que É que a Baiana Tem”, a grande sensação do momento. Ainda vejo os movimentos de Gelmirez serpenteando os braços e balançando a cabeça, como se tivesse revestido de um turbante. Todos aplaudiram, mas eu fiquei indignado. O colega conspurcava a seriedade da academia<sup>67</sup>.

Nos saraus literários da casa das tias, a platéia amiga fazia-se presente para ouvir, em diferentes vozes, leitura e recitação de poema. A voz mais requisitada pelo grupo era a de Jurandir Bezerra, lembra Benedito Nunes. Em sua voz de tenor, Jurandir recitava em tom dramático um poema de sua autoria sobre Casimiro de Abreu. A platéia ficava na sala ao lado – na alcova. “De lá, quando a sessão chegava ao meio, vinha Mimita trazendo-nos refresco e cafezinho numa bandeja comprida, recamada com asas de borboleta.<sup>68</sup>” Depois de um certo tempo, alguns casais juntaram-se às tias para assistir aos recitais poéticos. E foi por causa de uma freqüentadora assídua dos saraus que o poeta Alonso Rocha fez os seguintes versos:

---

<sup>67</sup> NUNES, Benedito. Op. cit., p. 188.

<sup>68</sup> Idem, ibidem, p. 188.

“Olhar chinês, mais lindo do universo”. Terminava assim o soneto que Alonso Rocha, artista do flerte, escreveu inspirado pela nossa morena e jovem espectadora, e que leu, para gáudio dela, numa das sessões ordinárias.<sup>69</sup>

### 1.8 Ressonância do *front*.

Mas nem só de recitais e concursos vivia o grupo. Alonso Rocha lembra de um caso ocorrido e que demonstra a situação política daqueles anos. Estava o grupo dos acadêmicos reunido quando, de súbito, correu a notícia de que um sujeito desconhecido postava-se vigilante às proximidades da casa. A dedução dos integrantes foi única: a polícia! Trataram de esconder os discursos, o livro de presença, as atas das reuniões e todos com “caras de anjo” ficaram conversando na varanda. Alguém bateu à porta, era o tal desconhecido: “Aqui é da Academia dos Novos? Meu nome é Yperry Lima e escrevo poesia e gostaria de pertencer ao grupo.”<sup>70</sup> O “enigmático” agente secreto da imaginação dos acadêmicos era apenas um moço poeta.

Mesmo sem ser um grupo com intenções políticas, o susto dos jovens acadêmicos demonstra o clima de autoridade imposta pelo Estado Novo (1937-1945) que se estabeleceu no país, em que a premissa de manter sob vigilância associações socioculturais representou um “golpe” para milhares de brasileiros e diversos grupos comunitários<sup>71</sup>. Durante este período, os habitantes das cidades brasileiras, mesmo a milhares de quilômetros de distâncias do *front*, viveram circunstâncias de tensão, insegurança e medo. A geração da segunda guerra presenciou pessoas conhecidas partindo para lutar na Itália; filas que se formavam, desde a madrugada, em frente dos estabelecimentos comerciais de carne e de pão. Notícias pelos jornais e rádio dos ataques militares, matando milhares de pessoas; a política de mobilização do governo Getúlio Vargas que atingiu o cotidiano da população nacional, pelo menos em suas “ações” e “imaginações”.<sup>72</sup>

---

<sup>69</sup> Idem, *ibidem*, p. 188.

<sup>70</sup> ROCHA, Alonso. Op. cit., p. 120.

<sup>71</sup> Ver sobre o assunto: LEVINE, Robert M. **Pai dos pobres? O Brasil e a era Vargas**. São Paulo. Companhia das Letras, 2001.

<sup>72</sup> Em CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra: a mobilização e cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Geração Editorial/ Editora da Universidade de São Paulo, 2000, p.219-220. Nesse livro, o autor narra a história paulista e brasileira, durante a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945). Trata da política de mobilização estabelecida pelo governo de Getúlio Vargas e conseqüências no cotidiano da cidade de

Alonso Rocha, testemunha presencial, recorda-se da história de um dos confrades da Academia dos Novos, o jovem Antônio Comarú Leal que, aos 16 anos, ingressou na Força Expedicionária Brasileira e partiu para os campos de batalha da Itália a fim de lutar nas trincheiras ao lado dos aliados. Por algum tempo, Antônio Comarú escreveu cartas para o amigo Alonso Rocha – cartas atenciosamente guardadas. Na volta para casa, o ex-confrade, sofrido com os horrores da guerra, pouco ou nada falava sobre o assunto<sup>73</sup>.

Por seu lado a Academia dos Novos seguir o padrão de associação literária moldada pela Academia Brasileira de Letras; o que realmente ocorreu, pois influenciados pelo Romantismo, Parnasianismo e os clássicos portugueses, esses jovens poetas encontravam-se bem distantes da poesia modernista, razão por que os primeiros sonetos, cuidadosamente elaborados, eram publicados em “edições caseiras”, que circulavam de mão em mão<sup>74</sup>. A Academia dos Novos agiu numa “cruzada” contra o Modernismo – movimento do qual esses adolescentes ouviam falar tão mal pelos mais velhos<sup>75</sup>, por exemplo, Haroldo Maranhão, nessa época, estudante do Colégio Moderno, em reunião do Grêmio Cívico do qual era presidente, leu crítica voraz feita por ele mesmo às poesias de Manuel Bandeira e de Carlos Drummond de Andrade. Essas páginas do crítico adolescente foram publicadas no jornal *Folha do Norte*, de propriedade da família de Haroldo.

---

São Paulo. Analisa ações e imaginações dos habitantes frente à guerra. A respeito da região Norte, o autor comenta sobre a mobilização de trabalhadores para a “Batalha da Borracha”, promovida pelo governo de Vargas, a partir de 1942. O governo federal recrutou cerca de 32 e 55 mil trabalhadores para extrair borracha de seringais no interior da Amazônia: “Foi uma operação concebida inteiramente do ponto de vista militar. A estimativa do número de mortos impressiona, pois o Brasil teve 465 soldados mortos no *front* europeu da guerra comparado aos dados de quinze e vinte mil trabalhadores mortos no mais completo abandono na floresta amazônica”. Os Estados Unidos tiveram que buscar novas fontes de produção da borracha ao perderem as “fontes de suprimento na Ásia, como Cingapura e Bornéu – ocupadas pelo Japão (...) As indústrias Ford mantinham duas enormes propriedades para cultivo de seringa, tendo como cidades principais Belterra e Fordilândia, no Estado do Pará”. O interesse pela extração do látex tornou-se o tema central das relações Brasil e Estados Unidos, assinala Cytrynowick.

<sup>73</sup> Trecho da entrevista que Alonso Rocha concedeu à autora, em setembro de 2000.

<sup>74</sup> NUNES, Benedito. Max Martins, mestre-aprendiz. In: MARTINS, Max. **Não para consolar: poemas reunidos 1952 –1992**. Belém: Cejup, 1992, p.17. Benedito Nunes assina o prefácio deste livro em comemoração aos 40 anos de poesia do poeta e amigo Max Martins. O crítico narra os primeiros tempos de sua geração. Max Martins era então um “modesto e generoso editor adolescente: incumbia-se de fabricar os nossos primeiros livros, datilografando os seus e os meus poemas, em fita vermelha na máquina do Banco do Pará, onde trabalhava. Essas tiragens caseiras corriam de mão em mão, dentro de nosso pequeno grupo. Jurandir Bezerra e Alonso Rocha, que dispensavam os serviços editoriais de Max, porque preferiam versões manuscritas de seus próprios poemas, coletados em cadernos escolares *Avante*, ensinaram-me a contar sílabas pelos dedos da mão direita. Naquele tempo, honrávamos o Parnasianismo”. Alonso Rocha ainda conserva em seu acervo particular algumas versões manuscritas dos poemas dos acadêmicos coletados em cadernos escolares. Em entrevista à autora, em setembro de 2000, Alonso Rocha apresentou um exemplar dessas edições.

<sup>75</sup> Informação obtida em NUNES, Benedito. Crônica de uma academia. **Revista da Academia Paraense de Letras**, Belém, v. XL, p. 186, 1999.

Não só o diretor e dono do jornal, Mestre Paulo Maranhão, como o chamavam, era sabidamente infenso a tais baboseiras, deletérias da língua portuguesa. O conventículo, formado em torno dele, incluindo o filho João, pai de Haroldo, além de alguns fiéis do velho, como Elmiro Nogueira e Correia Pinho, ouviu, deliciado, uma sátira em versos minha contra os mesmos poetas. Drummond e Bandeira escreviam os versos que escreveram porque não sabiam rimar e metrificar. Data da mesma época o elogio, Doze Poemas de Mármore, publicado com esse título idiota na coluna Os Que se Iniciam, da mesma *Folha do Norte*, ao livro do Correia Pinho, *Fascinação* – uma série de eloqüentes discursos ao mar, à árvore, à mulher, etc..., sem rima ou métrica. Nossa Academia funcionava como uma mansão de eloqüência.<sup>76</sup>

A citação atesta que a poesia modernista de Carlos Drummond de Andrade e de Manuel Bandeira<sup>77</sup> (isso em 1942) não era aceita nem pelo grupo de adolescentes nem pelos homens adultos pertencentes à elite cultural da cidade de Belém. Os donos do jornal e amigos não admitiam a novidade poética do movimento modernista brasileiro, o que nos demonstra a relativa estagnação cultural dominante naquela época. Os poetas modernistas eram vistos como não sabedores da arte de versejar, por isso usavam o verso livre em seus poemas.

Mas na verdade a posição da elite paraense da década de 1940 estava relacionada historicamente com a influência da cultura estrangeira e com o problema da dependência cultural do país. Um fato para Antonio Candido<sup>78</sup>, por assim dizer, “natural”, visto que a nossa situação de povo colonizado que, “ou descendem do colonizador, ou sofreram a imposição de sua civilização”. A elite imitava, por um lado, tanto o que havia de “bom” quanto o que havia de “mau” das “sugestões européias”. Portanto, a “debilidade cultural” sobre a produção literária é consequência de fatos como “atraso, anacronismo, degradação e confusão de valores”. A elite paraense da década de 1940, ainda se voltava para os padrões literários metropolitanos e europeus e de certo modo mantinha uma referência literária contrária ao modernismo, pois

---

<sup>76</sup> NUNES, Benedito. Op. cit, p. 186-187.

<sup>77</sup> Por esse ano, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade já haviam publicado os seguintes livros, respectivamente, **Cinza das horas** (1917); **Carnaval** (1919); **Poesia** (1924); **Libertinagem** (1930); **Estrela da manhã** (1936); **Alguma poesia** (1930); **Brejo das almas** (1934); **Sentimento do mundo** (1940); **Poesias** (1942).

<sup>78</sup> CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: **A Educação pela noite e outros ensaios**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1989, p. 148-149.

considerava este movimento negativamente. Desse modo, a relação de poder definia o que havia “de melhor” e “mais bem feito” em literatura.

Assim sendo, a estética modernista configurou-se aos olhos dos jovens confrades como algo danoso à cultura das belas letras. Por outro lado, a leitura nas antologias escolares e o convívio com uma elite conservadora local desencadearam no conceito literário desses jovens confrades um retardamento do Modernismo no Pará, mesmo tendo esse movimento literário referência para delinear um quadro da literatura paraense modernista, pois nele surgiram duas gerações de autores locais: a de 20, com Bruno de Menezes e o movimento da *Belém Nova*; e a de 30, com os irmãos Cléo Bernardo e Sylvio Braga e o movimento da *Terra Imatura*.

### 1.9 “Morra a Academia!” Modernistas, ainda que tardios



Figura 8: *Café Chic*, ponto de encontro de intelectuais paraenses  
Acervo: Biblioteca Pública do Pará

Ainda que seja difícil analisar exatamente a lacuna entre as gerações iniciais do modernismo paraense e a geração de Max Martins, pois se desenvolveram movimentos liderados por escritores e poetas locais, que articularam encontros, publicaram livros, lançaram manifestos, editaram revistas com o objetivo de agitar o ambiente cultural da cidade de Belém, divulgado o novo ideal estético das primeiras décadas do século XX, podemos apontar fatores que nos ajudarão entender os itinerários tomados pelos confrades da Academia dos Novos até alterarem profundamente a concepção de literatura.

Em primeiro lugar, temos o testemunho de Haroldo Maranhão que, anos depois do desaparecimento da Academia dos Novos, publicou um artigo, em 1946, no suplemento literário da *Folha do Norte*, analisando aquele tempo e sua participação no movimento de então. Haroldo Maranhão<sup>79</sup> atribuiu três fatores para sua aproximação tardia com o Movimento Modernista: 1) a entrada no conteúdo do modernismo quando este movimento já era “mais uma escola do passado”; 2) a circunstância da idade, quando começa a ter “consciência ambiente”, o movimento encontrava-se em declínio; 3) a orientação dada à leitura, “afogando-se” na adolescência em textos de Bilac, Castro Alves, Cruz e Sousa e Guerra Junqueira.

Outro itinerário é o de Max Martins, que por sua vez se lembra do dia em estava mostrando ao colega Pedro Pinho poemas de sua autoria, quando este lhe falou a respeito das aulas de literatura ministradas pelo professor Francisco Paulo Mendes, no colégio Nazaré. A novidade para Max Martins foi saber que os versos não precisavam mais de rimas. Apesar de se encontrar apegado aos moldes da literatura tradicional, Max Martins não demorou muito a reconhecer a liberdade poética defendida pelos modernistas.<sup>80</sup>

Sempre irreverente, o poeta Max Martins, inspirado por Graça Aranha, deu o grito de liberdade em uma das sessões da Academia dos Novos. “Morra a Academia! Bati o pé, dramatizei”, lembra-nos Max Martins<sup>81</sup>. O gesto teatral finalizou com a saída de Max da sessão literária. Benedito Nunes, amigo de Max Martins, testemunha em *Crônica de uma academia*, aquele dia inesperado.

Max foi o primeiro a converter-se ao Modernismo. E o fez à Graça Aranha, imprevisivelmente, deu um morra à Academia, dentro da Academia, retirou-se, estabonado, do sacrossanto recinto, indo sentar-se num banco público fronteiro à casa, à espera que a sessão terminasse para juntar-se aos confrades na habitual caminhada ao Café Chic, onde tomavam média com pão e manteiga<sup>82</sup>.

---

<sup>79</sup> MARANHÃO, Haroldo. O último modernista. *Folha do Norte*, Belém, 5 mai, 1946, n. 1. Suplemento Arte Literatura, p. 4.

<sup>80</sup> Trecho da entrevista que Max Martins concedeu à autora em março de 2000.

<sup>81</sup> Ibid. mar 2000.

<sup>82</sup> NUNES, Benedito. Op. cit, p. 189.

O gesto de Max Martins pôs fim às sessões literárias e a formalidade acadêmica. No entanto, a amizade entre os rapazes continuou e todos se “converteram ao Modernismo”. Romper com o ambiente da academia literária representou o fim da literatura tradicionalista que, até então predominava no meio cultural daqueles jovens. A atitude de Max Martins era a “pedra de toque” que estava faltando para os membros da Academia dos Novos tomarem realmente *novos* rumos na estética literária paraense.

Por último, devemos novamente fazer referência a Antonio Candido, pois o autor levanta que toda literatura apresenta aspectos de retardamento que são “*normais* ao seu modo”, uma vez que, explica o crítico, “a média da produção num dado instante já tributária do passado, enquanto as vanguardas preparam o futuro”; além disso, há uma “subliteratura oficial, marginal e provinciana, geralmente expressa pelas Academias”. Outras vezes, o “atraso” literário “nada tem de chocante”, não passando de simples “demora cultural” – e nesse fato o crítico aponta como exemplo o Naturalismo entre nós; e, finalmente, o caso “desastroso” do provincianismo cultural, que levaria, por exemplo, a “perder o senso das medidas e aplicar a obras sem valor o tipo de reconhecimento e avaliação utilizados na Europa para os livros de qualidades.”<sup>83</sup>

Esses pontos levantados convergem para o problema do atraso cultural vivido pelos jovens confrades da Academia dos Novos. Veja-se que a cidade de Belém, como se pode verificar anteriormente, em plena década de 40, mesmo com os soldados norte-americanos circulando pelas ruas, ainda respirava uma obsessiva nostalgia pela capital francesa do século XIX. O sonho de um passado de esplendor, “das luzes de candelabro”, ainda condicionava as expectativas de progresso para o belenense.

Haroldo Maranhão, testemunha viva daqueles anos, evocou em entrevista para um jornal paraense, quase 50 anos depois do final do suplemento literário da *Folha do Norte*, sobre os autores que lia na adolescência. A qualidade literária desses livros é duvidosa para o entrevistado, denominando-as de “leituras erradas”. Leituras que contribuíram para que os primeiros anos de sua geração fossem um exercício considerável de alienação cultural. Vejamos trecho da entrevista.

Benjamim Costallat, que existiu, posso garantir, escreveu os romances *Katucha* e *A virgem da macumba*: Théo-Filho publicou em 1927 o romance *Praia de*

---

<sup>83</sup> CANDIDO, Antonio. Op. cit, p. 150.

*Ipanema*. Em 1920 saiu a segunda edição de *365 dias de Boulevard*. Era uma prosa não de todo incompatível com o modernismo. Acho. *O Perfume de Querubina Dória* é de 1924. Olha o título desse outro romance: *Mme. Bifteck Paff*, de Paulo Setúbal, cujo filho é o presidente do Itaú, sua obra mais ambiciosa. Júlio Dantas, o da *Ceia dos cardeais*, Oswaldo não o de Andrade, mas Orico, e isso diz tudo. Na Academia dos Novos, que funcionava aos domingos na Gentil Bittencourt, 25, atual 49, casa do jovem Benedito Nunes, o patrono da minha cadeira era Humberto de Campos. Eu era o próprio Martins errado de Tribobó quando fazia um calor danado.<sup>84</sup>

A Academia dos Novos funcionou por três anos (de 1942 a 1945). Mesmo desfeita a academia, o grupo ainda se reuniu algumas vezes em outros locais da cidade, como o salão nobre da antiga Escola Normal (hoje Instituto de Educação do Pará) e do colégio Pará e Amazonas, a fim de trocar idéias sobre literatura. Enfim, a geração de Haroldo Maranhão ingressou no “conteúdo modernista” quando este pertencia já ao passado literário.

Assim, comprovado o declínio da poesia pomposa e sonora dos saraus da Academia dos Novos, os jovens confrades superaram sua formação literária e conseguiram desprender-se de uma formalidade, praticamente “física”, do conceito de poesia. Passaram, portanto, a distinguir poesia e forma de acordo com a estética modernista, apesar de viverem num momento da história literária, no qual a poesia modernista já não era “mais nova” e nem “moderna”, pois já haviam se passado mais de 20 anos de “triste incompreensão coletiva”<sup>85</sup> sobre a poesia modernista no país.

A clareza e a precisão da linguagem que caracterizam o fenômeno da poesia moderna é enfim apreendida, por Haroldo Maranhão, nos versos de Carlos Drummond de Andrade. Os versos rimados, duramente criticados, agora são aceitos.

Não rimarei a palavra sono  
com a incorrespondente palavra outono.  
Rimarei com a palavra carne  
ou qualquer outra que todas me convêm.

---

<sup>84</sup> MARANHÃO, Haroldo. O Pará não morreu. Viva o Acará! **A Província do Pará**, Belém, 23 set 1990, p. 8-9. Entrevista.

As palavras não nasceram amarradas,  
elas saltam, se beijam, se dissolvem,  
no céu livre por vezes um desenho,  
são puras, largas, autênticas, indevassáveis

(Carlos Drummond de Andrade, *Consideração do poema*)

Haroldo Maranhão não ficou indiferente à “ternura” e ao “desencanto” do lirismo de Manuel Bandeira. Ao contrário, a sensibilidade há muito manifestada no poeta modernista deixa “forte impressão” para o diretor do suplemento literário da *Folha do Norte*, prestigiando versos como,

Andorinha lá fora está dizendo:

- “Passei o dia à toa, à toa!”

Andorinha, andorinha, minha cantiga é mais triste!

- Passei a vida à toa, à toa...

(Manuel Bandeira, *Andorinha*)

Passada a fase da Academia dos Novos, surge no Pará a geração de escritores que consolida a literatura moderna, com sua produção e sua crítica. A interdição do crítico Álvaro Lins expressa nos artigos publicados no suplemento da *Folha do Norte*, a respeito da poesia moderna, esclarece a diferença desta em relação à “sonetaria parnasiana”. Tal distinção deu a Haroldo Maranhão a chave para a compreensão da poesia dos anos 20, amadureceu o espírito adolescente, que muito havia “atacado” o modernismo, mas que passava a exaltá-lo. Fartos do “lirismo que pára e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocabulário”<sup>85</sup>, os confrades da Academia dos Novos transferem-se para um ambiente que se inicia quando os ideais estéticos da geração libertária de 1922 já haviam sido recuperados e termina com o

---

<sup>85</sup> MARANHÃO, Haroldo. Op.cit, p. 4.

<sup>86</sup> BANDEIRA, Manuel. *Libertinagem & Estrela da manhã*. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p. 32.

“Suplemento Arte Literatura” (1946) da *Folha do Norte*, periódico que deu à geração de Haroldo Maranhão uma ampla dimensão da literatura e da crítica do pós-guerra.

No capítulo seguinte, com a finalidade de se melhor compreender o processo histórico da geração dos “novos”, tratarei dos movimentos literários que antecederam a esta geração. Dois movimentos foram recortados, o da revista *Belém Nova* (1923-1929) e o da *Terra Imatura* (1938-1942). Enfim, dois periódicos que muito contribuíram para o diálogo do modernismo no Pará.

## 2. ITINERÁRIOS MODERNISTAS

A lua desmaiou nos braços das estrelas.

(Bruno de Menezes, *Bailado lunar*)<sup>1</sup>

### 2.1 Reação corajosa: a revista *Belém Nova*

É importante considerar que, anterior ao “grupo dos novos”, dois movimentos literários destacam-se na história da literatura modernista paraense: a revista *Belém Nova*, na década de 1920 e a revista *Terra Imatura*, no final dos anos 30. O primeiro é representativo por dar relevo aos problemas e aos rumos iniciais do Modernismo, enfrentados pelos autores locais, em sintonia com a fase inicial do Modernismo brasileiro. O segundo trata de novos valores, problemas e caminhos apresentados no campo literário, em uma fase quando houve mais disciplina do verso e maior preocupação com as dimensões regionais e políticas da literatura.

A geração literária de 1920, em Belém, destacou-se pelo movimento da revista *Belém Nova* e sua admirável recepção do movimento literário modernista nacional. Essa revista paraense teve circulação quinzenal, por quase seis anos, precisamente de 15 de setembro de 1923 a 15 de abril de 1929. Uma vida considerada bastante longa para um periódico literário, daqueles tempos, chegando a uma tiragem de 5 mil exemplares. A impressão era feita na gráfica oficial do Estado e a redação funcionava na rua 28 de Setembro nº 6, em Belém.

Nas páginas da revista publicavam-se poesia, crônicas, contos, novelas, reportagens locais e ensaios literários. Além de anúncios de estabelecimentos comerciais, de serviços de hotelaria, de profissionais liberais, de viagens de navio para a Europa, trazia

em suas páginas coluna social com fotografia de crianças, senhoritas, casais e literatos da sociedade local; notícia de eventos como casamentos, aniversários, batizados e colação de grau. Dos antigos pontos culturais da cidade de Belém do século XIX, e ainda bastante freqüentados pela elite local, a revista anunciava o Grande Hotel, por suas “instalações modernas e de primeira ordem”, situado no “ponto mais concorrido e higiênico da cidade”, com “conforto, asseio e esmerado serviço de cozinha.”<sup>2</sup> O Café da Paz também aparece em noticiário da revista por ocasião de uma festa dedicada aos “gárrulos petizes paraenses”, a quem os proprietários deste estabelecimento distribuíram às crianças nada menos que “dois mil sorvetes, gratuitamente”, num “vesperal domingo” ao som do “jazz-band”.<sup>3</sup>

À frente da revista *Belém Nova*, o poeta paraense Bruno de Menezes<sup>4</sup>, juntamente com outros poetas e escritores, movimentaram a literatura local quando publicaram, nas páginas deste periódico, textos com idéias representativas da nova estética que, fermentava no sudeste do país. A revista serviu como meio para que os próprios autores locais compreendessem o que estava realmente acontecendo no universo literário, na arte e no pensamento, pois o Modernismo abarcou mudanças decisivas na cultura nacional.

(...) o Modernismo representa um esforço brusco e feliz de reajustamento da cultura às condições sociais e ideológicas, que vinham, desde o fim da Monarquia, em lenta mudança, acelerada pelas fissuras que a Primeira Guerra Mundial abriu também aqui na estrutura social, econômica e política. A

---

<sup>1</sup> MENEZES, Bruno de. **Obras completas**. Belém: Secretaria de Cultura, 1993.

<sup>2</sup> **Revista Belém Nova**. Belém, n. 31, 14 mar. 1925.

<sup>3</sup> **Revista Belém Nova**. Belém, n. 38, 20 jun. 1925.

<sup>4</sup> Bento Bruno de Menezes Costa (1893-1963) nasceu em Belém. Filho de pais pobres, Bruno de Menezes estudou apenas o curso primário no Grupo Escolar José Veríssimo, iniciando-se logo na vida de aprendiz de encadernador na oficina de Tó Teixeira – mestre de violão e figura da música popular paraense – onde teve contato com livros que lá estavam para serem encadernados. O objeto do ofício despertou-lhe o interesse pela leitura, ajudando-o a tornar-se autodidata. Bruno de Menezes foi funcionário público estadual do Tesouro do Estado e, posteriormente, da Secretaria de Agricultura. O escritor teve papel importantíssimo no modernismo literário no Pará, onde fundou e dirigiu a revista *Belém Nova* (1923 - 1929), reunindo jovens poetas e intelectuais paraenses a fim divulgarem as novas idéias estéticas e literárias do Movimento Modernista. Bruno de Menezes assinava, também, com os pseudônimos de João de Belém, Berilo Marques e Zé Boêmio. Faleceu em Manaus. Livros: **Poesia – Crucifixo** (1920), **Bailado lunar** (1924), **Poesia** (1931), **Batuque** (1931), **Lua sonâmbula** (1953), **Poemas para Fortaleza** (1957), **Onze sonetos** (1960). Folclore – **Boi bumbá: autopopular** (1958), **São Benedito da Praia: folclores do Ver-o-Peso** (1959). Estudos Literários – **A Margem da cuia pitinga** (1937) – estudo sobre o livro do poeta Jacques Flores. Ficção – **Maria Dagmar** (1950) novela e o romance **Candunga** (1954).

força do Modernismo reside na largueza com que se propôs a encarar a nova situação, facilitando o desenvolvimento até então embrionário da sociologia, da história social, da etnografia, do folclore, da teoria educacional, da teoria política. Não é preciso lembrar a sincronia dos acontecimentos literários, políticos, educacionais, artísticos, para sugerir o poderoso impacto que os anos de 1920-1935 representam na sociedade e na ideologia do passado.<sup>5</sup>

Com o Modernismo, a literatura brasileira modificou-se expressivamente, pois nele fundiu-se “a libertação do academismo, dos recalques históricos, do oficialismo literário”, anota Antonio Candido<sup>6</sup> acerca desse “movimento das idéias”. Tal acontecimento se deve em boa parte às aceleradas transformações culturais, políticas e sociais que já vinham ocorrendo no Brasil e no mundo, desde a primeira metade do século XIX<sup>7</sup>. O crítico José Veríssimo já usava o termo modernismo para conceituar tal empreendimento no campo das idéias em repercussão no país, nesse mesmo período, com base no livre-pensamento, na oposição à monarquia católica e nas mudanças operadas na Europa com o positivismo comtista e o transformismo de Taine e Renan.<sup>8</sup>

Logo após à Semana de Arte Moderna, Mário de Andrade, Menotti Del Picchia, Guilherme de Almeida, Rubens de Moraes, Oswald de Andrade, Sérgio Milliet e Manuel Bandeira lançaram a revista *Klaxon*<sup>9</sup> a fim de divulgar os ideais de renovação estética, cultural e literária. “A revista, publicada em São Paulo, foi o primeiro esforço concreto do grupo para sistematizar os ideais estéticos ainda confusamente misturados nas

---

<sup>5</sup> CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2000, p. 133-134.

<sup>6</sup> Idem, *Ibidem*, p. 124.

<sup>7</sup> Ver a respeito do assunto: HARDMAN, Francisco Foot. Antigos modernistas. In: NOVAES, Adauto (org). **Tempo e história**. São Paulo: Companhia das Letras/ Secretaria Municipal de Cultura, 1922. p. 290. O autor trata sobre o estudo da história literária e cultural e o problema da periodização dos movimentos literários e culturais, em particular do Modernismo. Destaca que por volta de 1870, ou seja, meio século antes da Semana de Arte Moderna, uma série de pensadores e obras já se inscrevia num “movimento sociocultural de idéias e reivindicações”, como por exemplo, José Veríssimo, Tobias Barreto, Machado de Assis.

<sup>8</sup> VERÍSSIMO, José. **História da literatura**. São Paulo: Letras e Letras, 1998, p. 335.

<sup>9</sup> Além de **Klaxon**, outras revistas literárias apareceram nas primeiras décadas do Modernismo: **Estética** (Rio de Janeiro, 1924), **A Revista** (Belo Horizonte, 1925), **Revista do Brasil** (São Paulo, 1925), **Terra Roxa e Outras Terras** (São Paulo, 1926), **Festa** (Rio de Janeiro), **Verde** (Cataguazes, 1927), **Revista de Antropofagia** (São Paulo, 1927), **Arco e Flecha** (Bahia, 1928), **Maracujá** (Fortaleza, 1929), **Madrugada** (Porto Alegre, 1929), e serviram como instrumento de divulgação de textos literários, ensaios, manifestos de autores novos.

noites barulhentas do Teatro Municipal.”<sup>10</sup> A revista teve apenas nove números e saiu de maio de 1922 a janeiro de 1923; portanto, já não circulava quando *Belém Nova* começou a ser editada, em setembro de 1923.

Mesmo assim, a revista paulista da fase “heróica” do movimento modernista serviu como um “baluarte” aos literatos locais. Estes, por sua vez, proclamavam no primeiro manifesto publicado nas páginas da *Belém Nova*, nº 2, de setembro de 1923, assinado por Francisco Galvão, a sintonia com o movimento paulista: “São Paulo está com as nossas idéias” (...). “*Klaxon* é um grito de revolta na amplidão.” Entretanto, ainda nesse mesmo ano, Bruno de Menezes (*Uma reação necessária*) e Abguar Bastos (*À geração que surge!*) publicariam textos mais críticos em relação ao “Sul” do país. Abguar Bastos<sup>11</sup> aclamaria, “o Sul, propositadamente, se esquece de nós”.

De qualquer modo, pela análise dos textos publicados na revista modernista paraense, percebe-se a atitude do movimento literário local de receber e ampliar o ideal de renovação estético nacional, visto que o movimento da *Belém Nova* avançava em sentido contrário ao movimento local anterior a este, do qual participou Eustachio de Azevedo. *Belém Nova*, “embrião da nova geração moderna do Pará”, juntou “novos e velhos numa ambiciosa empresa literária” vinculada ao presente, sinalizando a preocupação com o regional e o nacional, consciente de um “Sul” do país que “irradiava novidade” e “ignorava” a literatura do “Norte.”<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1993. p. 386.

<sup>11</sup> Abguar Bastos nasceu em Belém em 1904. Trabalhou no jornalismo paraense e foi promotor público no Amazonas. Eleito deputado federal em 1937, foi preso com o golpe. Fixou residência em São Paulo. Em 1955, pelo PTB, elegeu-se novamente como deputado. Sua obra teve repercussão nacional, elogiada por críticos com Agrippino Grieco, Brito Broca e Wilson Martins. Morreu em São Paulo, em 1993. Livros: **Terra de Icamiba** (romance, 1930, com o título **A Amazônia que ninguém sabe**); **Certos caminhos do mundo** (romance, 1936) **Safra** (romance, 1937) e **Quatro fogos** (romance, 1953); **A conquista acreana**, **História da política revolucionária no Brasil – 1900 a 1932**; **Somalu, o viajante da estrela** (novela, 1937); **Hiléia, Os monumentos telúricos** e **Os mitos da flora e da pedra**.

<sup>12</sup> FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929**. Campinas, SP: [s.ed.], 2001. p. 193.



*Figura 9: Geração modernista paraense (de pé, da esquerda para direita): Paulo de Oliveira, Bruno de Menezes, Edgard de Souza Franco e Farias Gama Sentados, na mesma ordem: De Campos Ribeiro, Abguar Soriano de Oliveira (pernambucano) e Clóvis de Gusmão  
Acervo: Biblioteca Pública do Estado do Pará*

Aparecem como colaboradores da *Belém Nova*: Apollinario Moreno, Abguar Bastos, Carlos Nascimento, Chermont de Brito, De Campos Ribeiro, Dejard de Mendonça, Eneida de Moraes, Elzeman de Freitas, Eustachio de Azevedo, Farias Gama, Jacques Flores, Ignácio de Moura, Luiz Gomes, Lívio Cezar, Olívio Rayol, Paulo Oliveira, Pereira de Castro, Severino Silva, Vicente Abranches. Do Rio de Janeiro e de outros estados brasileiros, escritores como Almacio Diniz, Adelino Magalhães, Assis Garrido, Antônio Garrido, Carlos Garrido, Carlos Fernandes, Francisco Galvão, Jayme d'Altavilla, Martin Napoleão, Raul Bopp, Peregrino Junior e Tasso da Silveira.

Anos depois, De Campos Ribeiro comentou sobre sua geração:

Em Belém, minha geração, que começara os primeiros passos em 1921, congregava na “Associação dos Novos” os “ansiosos”, como nos chamava o saudoso Ângelus, artista que participara no Rio do movimento de Graça Aranha (...). Começamos, quase todos, na “Província do Pará”, em sua segunda fase, ali na rua 13 de Maio. Uma seção denominada “Coluna dos Novos”, se não laboro em equívoco, acolhia nossos versos, nossas crônicas e contos, dava-nos estímulo, enfim. Em 1924, quando a maioria do grupo já conseguia atrair sobre sua personalidade e atenção dos maiores das letras da terra, aqueles que a ironia de Raul Bopp, então conosco convivendo, chamava os “Jacarés Sagrados”, nossa intrepidez lançara ao mundo literário, não só do Pará, mas do país, a revista “Belém Nova”, que circulou de 1923 a 1929, com a interrupção de alguns meses, consequência das péssimas condições financeiras que tínhamos pela frente. Dirigia a revista Bruno de Menezes e depois Paulo de Oliveira.<sup>13</sup>

Essa geração autodenominou-se de “Vândalos do Apocalipse” (título criado por Bruno de Menezes) e segundo De Campos Ribeiro, conseguiu conquistar “pouco a pouco a estima” de alguns intelectuais, expoentes da cultura local, como Fran Pacheco, Xavier de Carvalho, Severino Silva, Augusto Meira, Luis Estevam Oliveira, Manoel Lobato e outros. Na verdade, houve uma certa “integração” dos “velhos” literatos de Belém com os “novos” em torno de um programa definido.

*Belém Nova*, no primeiro número (15 de setembro de 1923), numa espécie de editorial-manifesto, apresentou reação ao passadismo<sup>14</sup> como o núcleo temático da revista. Uma reação “corajosa”, dos moços, em relação à “tão desalentadora estagnação mental”, em que se encontrava a literatura local. O texto é de autoria de Severino Soares. Vejamos alguns trechos do póstico do número de estréia da *Belém Nova*.

---

<sup>13</sup> RIBEIRO, De Campos. **Graça Aranha e o Modernismo no Pará**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1973, p. 16-17.

<sup>14</sup>SODRÉ, Wernek Nelson. **História da literatura brasileira**. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 525. O autor refere-se a passadismo em oposição a modernismo, a partir das representações de classe social do regime econômico vigente. Segundo Nelson Sodré,   possível verificar como o longo domínio oligárquico condicionava a quietude, a monotonia, a rotina – “se convencionou a conhecer, então, como passadismo” – em oposi o a modernismo ligado à burguesia (lembrando-nos que a burguesia brasileira sempre foi conciliadora com o latifúndio).

É reação, e reação corajosa, e reação fecunda a iniciativa desses moços que resolveram criar uma publicação de literatura e de arte, entre nós, nestes dias de tão desalentadora estagnação mental. [...] Duas virtudes possuem – nas opulentas, os fundadores desta revista: - fantasia e intrepidez juvenil [...] Têm mocidade... Têm, sobretudo, fantasia [...] Estes meus esclarecidos confrades da *Belém Nova* compreendem que a vida por mais bela e mais fascinante que se afigure à visão dos otimistas, não vale a pena vivê-la sem amor e sem poesia. [...] Os criadores da *Belém Nova* trazem uma afirmação de vitalidade regeneradora.<sup>15</sup>

## 2.2 Dundunar de sapopema: soa o manifesto modernista no Norte

A construção e a afirmação dessa “vitalidade regeneradora” da geração de Bruno de Menezes são expressas no póstico e nos manifestos da revista *Belém Nova*, publicados logo em seus números iniciais. Os manifestos publicados na *Belém Nova* foram escritos numa linguagem de estilo objetivo, declamatório, com o predomínio de frases curtas e exclamativas, chegando a provocar no texto o tom vibrante, típico do clima da “fase heróica” do Modernismo. *Belém Nova* publicou os seguintes manifestos: *Manifesto da beleza*, *À geração que surge!* e o *Manifesto aos intelectuais paraenses*.

Assim, o n. 2 de *Belém Nova* traz o *Manifesto da beleza*, de Francisco Galvão<sup>16</sup>, no qual o autor exalta a liberdade poética e a renovação dos valores culturais e artísticos, pregando a liberdade da “idéia” que não pode “estar presa nos catorze versos de um soneto parnasiano” e “nem na simetria paralela de rimas raras e ricas, como apregoam os bufarinheiros do artifício”. A literatura, por sua vez, precisava acompanhar o momento político presente do país, pois o “Brasil adquiriu a liberdade dos escravos; teve a

---

<sup>15</sup>SOARES, Severino. Póstico. **Belém Nova**, Belém, n.1, p. s/n,15 set. 1923.

<sup>16</sup>RIBEIRO, De Campos. Op. cit, p. 19-20. A propósito de Francisco Galvão, De Campos Ribeiro comenta que este jovem poeta amazonense incorporou-se ao movimento da *Belém Nova*, dada a amizade com Bruno de Menezes, a “renovação” do poeta “nada mais era que alentado tambor que o vate rufava com fúria, no meio da caravana em marcha e provavelmente ainda sem itinerário certo”. Francisco Galvão, antes do lançamento do Manifesto “revolucionário”, publicou o livro de poesia **Vitória Régia**, dedicado “à saudosa memória de Olavo Bilac”. “Um livro cujas produções eram na maioria sonetos, com requintes de torturado parnasiano, alguns na verdade antológicos, em alexandrinos castigados na forma e na evidente escolha cansativa de certas rimas”.

democracia como forma de governo”, enquanto a literatura ainda estava entregue ao “contrabando criminoso dos *pivetes* nacionais”. Francisco Galvão, numa típica atitude do intelectual daquele momento, desdobrava-se em acirrada crítica contra a literatura brasileira, pois, via na poesia nacional desde Castro Alves a Alberto de Oliveira, um “plágio” da poesia estrangeira, em particular da francesa. “A poesia é a mesma da França!” – exclamava o autor em seu gesto de inquietude e de combate.

Diante disso, o intelectual modernista cômico de sua “missão” deveria encaminhar a literatura para a renovação que se instalava no país, visível no quadro sociopolítico e cultural. Ao reivindicar a renovação dos valores estéticos e literários, o manifesto situava o ambiente intelectual daqueles anos 20 que implicava aderir ao Modernismo como busca de uma arte nacional. Publicar manifestos tornou-se para aquela geração de literatos locais algo “indispensável como profissão de fé para os crentes ortodoxos do Novo Credo.”<sup>17</sup>

Assim, em tom vibrante, de texto escrito “ao calor da hora”, o manifesto de Francisco Galvão apresenta a arte moderna como “instante da beleza”, desencadeada por uma essência renovadora intrínseca àquele movimento literário e cultural que se instalava no Brasil. O *Manifesto da beleza* elogia a nova arte e revela a oposição ao passado, aos “ourives do verbo”. A literatura modernista não admitia mais “cerceamento” de qualquer espécie. Vejamos abaixo trechos do manifesto transcritos da *Belém Nova*.

Nós estamos no instante da Beleza.

Botaram por terra os falsos ídolos.

Nós não consentimos mais no assalto vandálico dos bárbaros – os que procuravam mentir à Arte, encarcerando-a nos muros estreitos da Forma [...]

Copiava-se Bougert, imitava-se Zola, plagiava-se Alexandre Dumas.

Todo mundo plagiava

Todo.

A poesia é a mesma da França!

---

<sup>17</sup> RIBEIRO, De Campos, Op.cit, p. 18.

Vinha-nos de Paris, diretamente.

De Castro Alves a Alberto de Oliveira.

Do condoreirismo inquieto das “espumas flutuantes” ao parnasianismo régio, engomado das “meridionais”.

Estamos no instante luminoso da Beleza.

Chegou o momento da Liberdade! [...]

Renovação!

Na música, possuímos Villa-Lobos.

Renovação!

Paulo Torres, Carlos Fortes, Oswald Orico, Onestaldo Penafort, Jarbas Andréa, Olegário Mariano, Zoláquio Dinis, Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, Teixeira Soares, Carlos Lobo de Oliveira, além de outros, estão vibrando em nome da Arte Nova!

Renovação! [...] Numa tarde cheia de sol, em setembro de 1923.<sup>18</sup>

(Francisco Galvão, *Manifesto da Beleza*)

O *Manifesto da Beleza* organiza-se em três momentos distintos: O primeiro momento apresenta-se sob uma narrativa de tom retórico e quase bíblico: “Todo aquele que atraiçoar a Beleza será castigado pela sua infâmia criminosa” – nessa primeira parte anuncia-se a ruptura da arte como artifício. O segundo, desmistifica a tradição em que se encontrava a literatura brasileira: “[...] imitava-se Zola, plagiava-se Alexandre Dumas”. Finalmente, num tom exclamativo e eufórico, apresenta os novos escritores, pintores, escultores e músicos e convoca todos para participarem deste instante de “renovação do Brasil”: “Vinde ter ao nosso chamado. Porque nós estamos fazendo a grande obra de criação de uma Arte puramente nossa”.

Em alguns trechos, o manifesto lança palavras de ordem que expressam a violência tão glorificada pelos futuristas: “Guerra sem trégua aos imitadores!” Ou ainda: “Guerra de morte aos pastranos, aos nulos de toda espécie”. Tudo soa como revolta ao

---

<sup>18</sup> GALVÃO, Francisco. Manifesto da beleza. **Belém Nova**. Belém, n. 2, s/p, set. 1923.

passadismo brasileiro. Enfim, a renovação se fazia presente. “Nós temos ao nosso lado a inteligência luminosa de Ronald de Carvalho, a operosidade brilhante de Almachio Dinis, a encantadora erudição de Renato de Almeida [...] Angelus, Di Cavalcanti, Correio Dias, Cunha Barros, Paim, Brecheret, na Pintura e na Escultura, estão sob nossa bandeira.”

Apesar de o *Manifesto da beleza* apresentar certos indícios futuristas, a revista *Belém Nova* não chegou a ser adepta desse movimento. Considera-se que o manifesto acima citado expressa a efervescência cultural do momento; provavelmente, diante desse contexto o autor encontrava-se “embaralhado” na experimentação de uma linguagem modernista. Não obstante o manifesto assinado por Francisco Galvão defende a literatura e a arte moderna, o texto ainda revela uma certa visão romântica do papel do artista, em especial quando o designa como “ser iluminado”, condutor dos novos ideais e valores: “Porque nós sabemos afastar o joio do trigo [...] Porque nós estamos fazendo a grande obra da criação de uma Arte.”

Outros dois manifestos foram publicados na revista *Belém Nova*, nos primeiros anos de seu lançamento: Primeiro o manifesto intitulado *À geração que surge!* e por segundo o *Flami-n'-assú*, com o subtítulo *Manifesto aos intelectuais paraenses*, ambos de autoria de Abguar Bastos, publicados, respectivamente, nas revistas de n. 5 (10 de novembro de 1923) e de n. 74 (15 de setembro de 1927). Os dois trazem a marca da agitação da época. Em tom declamatório e apaixonante, Abguar Bastos através dos manifestos deflagrava a tendência regionalista na estética modernista.

O manifesto *À geração que surge!* proclama a “hora extraordinária” de o Norte brasileiro fazer o seu levante, de erguer-se. Ao estado do Pará é designado o “baluarte da liberdade nortista”. O desejo de ressuscitar o movimento literário local submetido ao “Sul”, que “propositadamente, se esquece de nós!” Na linguagem há o predomínio de expressões telegráficas e de palavras de ordens a partir das quais a “literatura equatorial” poderia se libertar do Sul. Observemos alguns trechos.

A Literatura equatorial é uma história de mitologia que se anda a contar nos corredores da Academia Brasileira.

O Norte tem poder, tem força, tem filhos guerreiros e filhos altruístas!

O Norte tem os gênios, os seus estetas, os seus cientistas, os seus filósofos! [...]

Ergamo-nos!

Criemos a Academia Brasileira do Norte! [...]

Publiquem-se os livros! Movimentemos as estantes.

Que Bahia, Pernambuco, Alagoas, Rio Grande do Norte, Paraíba, Ceará, Maranhão e Amazonas, se unam, se fraternizem para o apoio da nossa Renascença!

Que o intercâmbio entre esses estados seja um fato nacional!

Mocidade! [...]

O Norte precisa ser brasileiro!

Unamo-nos.

A união faz a Força! [...]

Façamos a literatura do Norte! [...]

Levantemo-nos<sup>19</sup>

(Abguar Bastos, *À geração que surge*)

Esse movimento, ao lançar o pressuposto de que o “Norte” tem literatura e ao mencionar a importância do “intercâmbio” entre os estados brasileiros – em especial os do norte e nordeste do país -, atribui uma tradição literária, representada por patronos estaduais: “Bahia mostrará Ruy Barbosa! Pernambuco mostrará Joaquim Nabuco! Ceará mostrará José de Alencar! Maranhão, Gonçalves Dias.” A história coletiva de seus ídolos, “homens de letras, homens de combate, homens de gênio!”, que não podia nem devia ser ignorada, na clara resistência da atividade intelectual e literária, ideologicamente contestada e recusada pelos modernistas paulistas.<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> BASTOS, Abguar. *À geração que surge*. Belém Nova. Belém, n. 5, p. s/n, 10 out. 1923.

<sup>20</sup> FABRIS, Annateresa. **O Futurismo paulista: hipóteses para o estudo da chegada da vanguarda ao Brasil**. São Paulo: Perspectiva/ Editora da Universidade de São Paulo, 1994. (Estudos, v. 138). Há um capítulo nessa obra, em que a autora analisa algumas imagens interativas de poetas modernistas com a cidade de São Paulo, em destaque o “afã propagandista” da retórica de modernidade desta cidade em contraposição a uma região geográfica – o Norte: “A visão crítica do Norte como sinônimo do resto do Brasil [...] é especular ao combate sistemático contra estruturas culturais ultrapassadas, que traz em seu bojo a discussão sobre o

Se havia uma identificação da geração de *Belém Nova* com as gerações passadas de poetas e escritores do “Norte” do país, no sentido de que entre os passadistas havia uma intelectualidade capaz de movimentar livreiros, cenáculos e editoras, então era necessário que o grupo da *Belém Nova* promovesse o intercâmbio entre intelectuais dos estados das outras regiões do Brasil, a fim de que o movimento literário local se tornasse “um fato nacional”.

Deste modo, seguindo uma linha de atividade, *Flami-n'-assú* (*Belém Nova*, 15 de setembro de 1927) assinala como traço peculiar, o regional. Abguar Bastos toma como afirmação o “sonho extraordinário de liberdade literária” e a ênfase à cultura regional. Cria, então, uma linha que textualize a “índole nacional”, sob o “título incisivo” de *Flami-n'-assú* para expressar o propósito de excluir completamente qualquer “vestígio transoceânico”. Abguar Bastos na busca de uma “índole nacional” perpassa em seu manifesto a valorização das expressões nativas da língua materna. No entanto, mesmo bradando por uma linguagem que eliminasse qualquer “vestígio transoceânico”, o que significava romper com o mundo europeu e em troca valorizar a cultura local, o autor de *Flami-n'-assú*, continuava historicamente mantendo o laço romântico importado da Europa, pois o tema de tal “independência” era na verdade uma transposição, de uma forma ou de outra, de tópico encontrado no nacionalismo europeu desde o pré-romantismo.<sup>21</sup>

O segundo manifesto de Abguar Bastos refere-se a transformação cultural, que estava ocorrendo no norte do país, como meio capaz de “excluir o tédio e dá tacape, na testa do romantismo”. O manifesto publicado, cinco anos após a Semana de Arte Moderna, demarca numa linguagem repleta de termos regionais, a mobilização dos “irmãos de Arte”, a fim de que esse cante os “nossos usos e costumes”. Segue abaixo trecho do manifesto.

Não é um apelo de audácia nem de reclamo. É um apelo de  
necessidade e independência.

---

surgimento de uma nova raça, cosmopolita e atualizada, profundamente diferente do tipo brasileiro convencional. Peri e Jeca Tatu ‘tíbios resquícios de uma minoria agonizante’ estão fadados a desaparecer diante do surgimento do tipo definitivo do brasileiro vencedor”. (p. 6.)

<sup>21</sup> Ver LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. São Paulo: Pioneira, 1983. O autor analisa o aspecto da formação do nacionalismo brasileiro que exige uma continuidade histórica e um “passado comum”

Como há dois anos atrás, recorro ao meu dundunar de sapopema oriunda – porque eu vos falo da ponta dum planalto amazônico, entre selvas, uiaras e estrelas.

Sapopema é o clamor do viajero que se perdeu nas matas e apela; não é só isto, pode ser, também, o símbolo da voz da mocidade que teve comigo idêntica maqueira d'oiro para um sonho extraordinário de liberdade literária [...]

Assunto-vos agora o meu propósito de uma corrente de pensamento, cara a cara à que se inicia no sul com esta pele genuína: “Pau-brasil” [...]

Rasgaram, pois, as redes do passadismo e deixaram passar a piracema da mais alta expressão da independência emocional [...]

Apesar disso, noto, inflexível, que o repiquete “pau-brasil” ainda não é o próprio volume da nacionalidade.

Daí a minha idéia com um título incisivo: FLAMI-N'-ASSÚ. É a grande chama, indo-latina, daquilo em que eu penso poderem apoiar-se as gerações presentes e porvindoiras.

FLAMI-N'-ASSÚ é mais sincera porque exclui, completamente, qualquer vestígio transoceânico; porque textualiza a índole nacional; adaptável do país, combate os termos que não externem sintomas brasílicos, substituindo o cristal pela água, o aço pelo acapu, o tapete pela esteira, o escarlata pelo açaí, a taça pela cuia, o dardo pela flecha, o leopardo pela onça, a neve pelo algodão, o veludo pela pluma de garças e samaúmas, a flor de lótus pelo amo dos homens. Arranca, dos rios as maravilhas etiológicas; exclui o tédio e dá tacape, na testa do romantismo, virtualiza o Amor, a Beleza, a Força, a Alegria e os herpes das planícies e dos sertões e as guerras de independências, canta ruidosa os nossos usos e costumes, dando-lhes feição de elegância curiosa.

E, assim, FLAMI-N'-ASSU marchará, selvas a dentro, montanhas acima, conservadora patriótica, verde-amarela.

FLAM-N'-ASSU não é um estorvo aos grandes chamarizes da civilização. Não! Ela admite as transformações evolutivas. O seu fim, especialíssimo e intransigente é dar um calço de legenda à grandeza natural do Brasil, do seu povo, das suas possibilidades, da sua história.

---

à sociedade. Nesse sentido, o nacionalismo brasileiro, assim como o de outros países, aproxima-se do mito do herói nacional.

Entrego aos meus irmãos de Arte o êxito desta iniciativa, lembrando que o Norte precisa eufonizar na amplidão a sua voz poderosa.<sup>22</sup>  
(Abguar Bastos, *Flami-n-assú*)

A busca obstinada de uma literatura nortista é a marca comum aos dois manifestos assinados por Abguar Bastos. Essa característica parece fazer parte de um projeto de valorização da literatura local, germinada nos anos 20, que amadureceria com a ficção regionalista, na década seguinte. No conjunto, os manifestos publicados definem-se pela nova tendência literária e abarcam a tarefa tomada pelos modernistas de promover a criação de uma literatura brasileira em seus aspectos intrínsecos.

O referido autor, em 1944, deu seu depoimento sobre a geração modernista na região amazônica<sup>23</sup>. Nesse testemunho, o autor de *Safra* narra episódios vividos por contemporâneos, analisa o manifesto *Flami-n'-assú* e discute o tema da brasilidade e do nacionalismo como correntes contrárias que coexistiram no Modernismo. Sem se prender a nenhuma delas, Abguar Bastos conceitua tal movimento como um processo que poderia “assumir variados nomes e variadas formas”. O autor, portanto, reafirmava, vinte anos depois da Semana de Arte Moderna, a garantia de liberdade como atitude impulsionadora das modificações da vida nacional, estendendo-a à questão política, econômica e social do país.

### 2.3 Literatura entre selva, uiara e estrela

Houve, assim, no início da década de 1920, em Belém, um grupo local de poetas, escritores e intelectuais ligados ao movimento Modernista, em sua primeira fase. Apresentaremos alguns poetas e ficcionistas que publicaram na *Belém Nova*, contribuindo para atualizar a literatura nortista, por sua renovação na literatura paraense da primeira fase

---

<sup>22</sup> BASTOS, Abguar. Flami-n'-assú: manifesto aos intelectuais paraenses. **Belém Nova**. Belém, n. 74, p. s/n, 15 set. 1927.

<sup>23</sup> BASTOS, Abguar. Formação do espírito moderno. In: CAVALHEIRO, Edgard. **Testamento de uma geração**. Porto Alegre: Livraria Globo, 1944, p. 15.

modernista.<sup>24</sup> Na poesia da *Belém Nova*, Jacques Flores<sup>25</sup> destaca-se pelo humor e irreverência, como podemos ler no poema abaixo, escolhendo o soneto para dar forma a cena de uma desastrada ‘jura de amor’ do poeta à namorada. O humor usado para quebrar a solenidade que envolvia a literatura do período anterior ao Modernismo.

Vivo agora bastante aborrecido  
o véu da dor meu coração se embrulhou  
Quem se meter comigo está perdido  
Não temo nem a cara da patrulha.

E estou, senhores, mesmo resolvido  
para acabar este viver de pulha  
a um bom “queimante” disparar no ouvido  
no ouvido, por exemplo, duma agulha.

E tudo porque, sábado passado,  
quando eu falava com a pequena minha,  
me aconteceu um fato desastrado:

Jurei-lhe amor, e, ao sapecar-lhe um beijo,  
vi no seu rosto – até perdi a linha –  
passeando nojento percevejo<sup>26</sup>

(Jacques Flores, *Mau sinal*).

---

<sup>24</sup> Em linhas gerais aponta-se como características da literatura dessa fase: acentuada inspiração nacionalista; maior aproximação entre a língua falada e a escrita; valorização do coloquial e do prosaico; a conquista do verso livre; a incorporação de aspectos da vida moderna, liberdade de criação, humor, irreverência.

<sup>25</sup> Jacques Flores, pseudônimo de Luiz Teixeira Gomes, nasceu em Belém, em 1898. Trabalhou como tipógrafo e encadernador. Exerceu o jornalismo e foi funcionário da polícia civil. Participou do Modernismo paraense, destacando-se pela sua poesia e pela prosa, em especial a crônica. Tornou-se membro da Academia Paraense de Letras em 1946. Faleceu em Belém, no ano de 1962. Livros: **Berimbau e gaita** (poesia humorística, 1925); **Cuia pitinga** (poesia, 1936); **Vespasiano Ramos** (ensaio, 1942); **Panela de barro** (crônica, 1947).

<sup>26</sup> FLORES, Jacques. *Mau sinal*. **Belém Nova**. Belém, n. 7, p. s/n, 20 dez. 1923.

Numa linha mais social, De Campos Ribeiro<sup>27</sup> mostra-se mais comovido com a situação dos “pequeninos do arraial”. Através do interesse pelo cotidiano dos habitantes pobres da cidade, tema tão ausente na literatura local, o poeta demonstra a incorporação na literatura de uma realidade social e urbana de Belém do começo do século.

Pela avenida iluminada  
dentro da festa do Arraial,  
os pequeninos  
que têm fome,  
esses meninos  
que não têm pai, que não têm nome  
passam na vida resignada  
dos que não sabem porque sofrem tanto mal  
E que tristeza comovida,  
ai que tristeza nos olhinhos  
olhos que, à noite, eu sempre vejo,  
que eu vejo sempre a olhar a vida,  
olhando, triste, num desejo  
os barracões de brinquedinhos<sup>28</sup>  
(De Campos Ribeiro, *As criancinhas do arraial*)

A poesia flami-n<sup>2</sup>-assú de Abguar Bastos é marcada pelos termos regionais, numa clara inspiração regionalista. Abguar Bastos incorpora na literatura aspectos do temperamento do homem amazônico, em seu mundo mítico.

Deus disse:

- Vai. Leva a beleza às mulheres da terra do Sol.

---

<sup>27</sup>José Sampaio de Campos Ribeiro nasceu em Belém, em 1901. Foi jornalista, crítico, folclorista, memorialista. O “velho” De Campos Ribeiro como era conhecido. Membro da Academia Paraense de Letras. Faleceu em 1980. Livros: **Aleluia** (poesia, 1930); **Horas da tarde** (poesia); **Brasões de Portugal** (poesia, 1980); **Gostosa Belém de outrora**. (crônica, 1966); **Graça Aranha e o Modernismo no Pará** (ensaio, 1969).

depois volta, indescritível e simples para os lagos.

UIARA!

Quando a lua é uma cabeça de velhinha  
a espiar o segredo das Amazonas.

uiara vem, a flux, como um suspiro manso  
e sinuoso que desabrocha em mulher.

Os seus seios molhados chorando luzes d'água  
sobre a vitória-régia,

confundem-se na superfície. E há quem diga:

- Há um arrepio, ali, no meio da lagoa...

Quem puder debruçar-se à beira quieta e ciliada  
das suas pálpebras,

ver-lhe-á, pelos olhos claros,

uma fresta maravilhosa do El-Dorado.

Sua boca tropical é um golpe de papoula enérgica

Sobre um meio-dia.

UIARA!<sup>29</sup>

(Abguar Bastos, *Uiara*)

O tema das festas religiosas e profanas dos negros, descendentes dos escravos, aparece na literatura modernista paraense na obra de Bruno de Menezes. “Batuque” – posteriormente título de livro do autor, lançado em 1931 – é um longo poema enriquecido pela musicalidade e pelos recursos estilísticos. Um poema em que Bruno de Menezes se mistura com os negros dos subúrbios de Belém, num entrelaçamento fraterno entre o poeta e a vida dos homens de “cor”.

---

<sup>28</sup> DE CAMPOS RIBEIRO. **Belém Nova**, Belém, n.1, p. s/n, 15 set. 1923.

<sup>29</sup> BASTOS, Abguar. *Uiara*. **Belém Nova**, Belém, s/n, p. s/n, out. 1927.

A respeito do livro, o romancista Dalcídio Jurandir dizia: “É um retrato de Belém, história do Umarizal, da Pedreira e da Cremação do cais e das velhas docas. O subúrbio e o terreiro, em suas páginas estão cantando e dançando.”<sup>30</sup> Vejamos abaixo a versão do poema *Batuque*, de Bruno de Menezes publicado na Belém Nova. O poema quando mais tarde editado em livro sofreu alterações por parte do poeta.

Eu tava na minha rede  
Muriçoca me mordeu  
Nega que tu tem?  
Muriçoca meu bem!  
Nega que tu tem?  
Muriçoca meu bem!  
E rola o samba no terreiro empoeirado  
Na cadência desvairada  
do batuque avacalhado  
Eu vou pro canto ver o trem com carretão  
“Café com pão, bolacha não; café com pão, bolacha não”.

Ah! se eu fosse maquinista  
da estrada de Ferro de Bragança  
Juvená! Juvená!  
Arrecolhe essa faca Juvená!

Cipó catinga, priprioica, manjerona,  
Mulatos, mulatos, negrinhos banzando,  
só se eu morrer ou a Pará  
Elétrica quebrar!<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> JURANDIR, Dalcídio apud PEREIRA, João Carlos. **Obras completas de Bruno de Menezes**. v. 1. Belém: Secretária Estadual de Cultura/ Conselho Estadual de Cultura, 1993. (Lendo o Pará), p. 17.

<sup>31</sup> MENEZES, Bruno de. *Batuque*. **Belém Nova**, Belém, n. 78, p. s/n, 18 ago. 1928.

(Bruno de Menezes, *Batuque*)

O mesmo autor publicou a novela *Maria Dagmar*, nos primeiros números da revista *Belém Nova*<sup>32</sup>, mais tarde, em 1950, os capítulos foram reunidos em livro com o mesmo título. O enredo da novela gira em torno da personagem feminina Dagmar, moça bonita e pobre, seduzida e depois abandonada por um rapaz da classe média belenense dos anos 20. Dagmar desiludida com o amor acabou por se prostituir. Numa linguagem coloquial, Bruno de Menezes traz à tona o drama de uma mulher, numa mistura de paixão, preconceito social e solidão.

O segundo livro de poesia de Bruno Menezes, *Bailado lunar*, “surgiu à luz da publicidade” em 1924, quando a revista *Belém Nova* encontrava-se em seu segundo ano de circulação. O livro recebeu elogio no ensaio literário de Luís Gomes, publicado na mesma revista, naquele mesmo ano. *Bailado lunar* representou, aos olhos da crítica local, “algo da consolidação do ideal da poesia moderna”. Bruno de Menezes expressão moça da nova poesia paraense soube se impor pela suas qualidades literárias.

Entre os autores locais que consolidaram o Modernismo no Pará, a revista *Belém Nova* teve o privilégio de publicar em suas páginas, uma das maiores figuras femininas da literatura paraense, Eneida de Moraes<sup>33</sup>. Numa linguagem literária simples e lírica, a autora de *Banho de cheiro*, criou um estilo original valorizando o novo olhar estético e literário dos modernistas. Sua obra literária - prosa e poesia - trata de temas que giram em torno da infância, da credence popular, do tempo que passa, de sua cidade natal, da vida do homem comum. Publicou o primeiro livro de poesia *Terra verde*, em 1929,

---

<sup>32</sup> Ver revista **Belém Nova** n. 6, 10 e 11.

<sup>33</sup> Eneida Vila Boas Costa (Moraes é sobrenome do marido) nasceu na cidade de Belém, em 1904, e faleceu no Rio de Janeiro, em 1971. Colaborou em jornais e revistas de Belém, publicando crônicas e poesias. Mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1930. Ingressou no Partido Comunista. Presa por questões políticas, em 1936, foi companheira de prisão de Graciliano Ramos, que a menciona em **Memórias do cárcere**. Trabalhou como repórter, cronista, tradutora, articulista política. Nos anos 50, residiu em Paris, enviando colaboração para o *Diário Carioca*. Em 1954, criou no Rio de Janeiro o famoso “Baile do Pierrô”, freqüentado por artistas e intelectuais. Livros: **Terra verde** (poesia, 1929); **Quarteirão** (conto, 1936); **Paris e outros sonhos** (crônica memorialista); **Sujinho da terra** (literatura infantil, 1953); **Cão da madrugada** (crônica, 1954); **Alguns personagens** (reportagem, 1954); **Aruanda** (crônica, 1957); **História do carnaval carioca** (ensaio, 1958); **Os caminhos da terra** (relato de viagens a países socialistas, 1959); **Romancistas também personagens** (ensaio, 1962); **Banho de cheiro** ( crônica,1963) e **Boa noite, professor** ( crônica, 1965).

quando ainda residia em Belém. Vejamos um poema de Eneida publicado em seu primeiro livro.

Vem aí a Festa!

a festa que toca no coração do povo nobre...

A festa de Belém inteira,

a maior festa do Pará.

N. Sra. De Nazaré. É em outubro.

E por um velho costume,

a municipalidade manda pintar de branco o tronco das mangueiras da cidade.

As lindas mangueiras de Belém...

Quando todo mundo se prepara para a festa religiosa

as mangueiras,

assim pintadas de branco,

parecem bailarinas pagãs,

de braços erguidos para o alto,

dançando...dançando...

enquanto o vento vai tocando sua canção...

Bailarinas presas no chão,

de gestos largos, graciosos e lindos,

gestos infinitos...

As mangueiras são as bailarinas elegantes da cidade.

Bailarinas de saias brancas e corpetes verdes.

Bailarinas da volúpia do vento

Namoradas do Sol

Amantes da Lua

Mangueiras lindas...

Bailarinas verdes de Belém!<sup>34</sup>

(Eneida, *Bailarinas*)

Como em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Recife, Belém teve, também, um grupo de intelectuais modernistas, deflagrou um movimento renovador na literatura. Os Vândalos do Apocalipse se animaram com o “dundunar de sapopema” e, como viajantes perdidos na decadência de uma “Belém de Paris”, o grupo de Bruno de Menezes, Abguar Bastos, Jacques Flores, Eneida, De Campos Ribeiro e outros mais tiveram voz para gritar pela liberdade literária de uma *Belém Nova* e conseguiram ser ouvidos. O movimento dessa revista encerrou em 1929. Nos anos seguintes, esses autores lançaram livros, amadureceram em seus estilos literários<sup>35</sup>, enfim seguiram itinerários diferentes: uns “pegaram o Ita no Norte e foram pro Rio morar”, outros permaneceram em Belém escrevendo, publicando livros e colaborando em outros periódicos.

---

<sup>34</sup> MORAIS, Eneida. apud MEIRA, Clóvis et. al. **Introdução à literatura no Pará**. 2 ed. Belém: Cejup, 1990.

<sup>35</sup> MEIRA, Clóvis et al. **Introdução à literatura no Pará**. 2. ed. Belém: Cejup, 1990. p. 317-118. Assinala a publicação de **Aleluia** (1930), De Campos Ribeiro; **Poesia** (1930) e **Candunga**, romance (1939), de Bruno de

## 2.4 Terra Imatura, o surgimento rutilante no inferno verde



Figura 10: Capa da revista Terra Imatura. Belém, maio de 1938

Acervo: Biblioteca Pública do Estado do Pará

Quase dez anos depois do fechamento da *Belém Nova*, surge no Pará a revista *Terra Imatura*. Este foi outro movimento literário paraense, anterior à “geração dos novos”, equivalente à segunda fase do Modernismo no Brasil. Dirigida pelos irmãos Cléo Bernardo<sup>36</sup> e Sylvio Braga, ligada a letras, artes e ciência, essa revista teve uma circulação mensal de 1938 até 1942. A redação funcionava, inicialmente, à Rua Ângelo Custódia, 4, e depois na Rua 7 de Setembro, 66, centro comercial de Belém. Na época, a capital paraense passava por um período de transformação na paisagem urbana, deixando para trás a velha Belém dos barões da borracha. *Terra Imatura* publica fotografias da modernização da cidade sob a ação governamental do prefeito Abelardo Condurú. Com frases ufanistas: “A capital das mangueiras, dos poetas, das morenas tostadas de sol”, a revista anuncia as novas paradas de bondes no Ver-o-Peso, a reforma da Praça do Relógio e da praça à beira-rio do bairro Condor.<sup>37</sup>

O redator-chefe da revista era José Maria Mendes Pereira e teve como redatores: Alberto Soares do Valle Guimarães, Adalcinda Camarão, Aloysio Chaves, Bruno de Menezes, Carlos Eduardo da Rocha, Daniel Coelho de Souza, Dalcídio Jurandir, Francisco Paulo Mendes, Fernando José Leão, Flávio de Carvalho, José Augusto Telles, Juracy Reis da Costa, Luís Faria, Machado Coelho, Mário Couto, Mário Augusto da Rocha, Ruy Guilherme Paranatinga Barata, Raul Newton Campbell Penna, Stélio Maroja e Solerno Moreira Filho.

A revista contribuiu no sentido de congregar os intelectuais paraenses que estavam dispersos e isolados.<sup>38</sup> A revista dirigida por Cléo Bernardo recebeu este nome como um modo de homenagear o escritor Alfredo Ladislau, autor do romance *Terra Imatura*<sup>39</sup>, publicado em 1923. O tema do romance é o paradoxo: atraso cultural e econômico da região amazônica X opulência da natureza. Abrindo as páginas iniciais da obra citada, o leitor depara-se com duas citações: uma de Euclides da Cunha – na qual o

---

<sup>36</sup> Cléo Bernardo de Macambira Braga nasceu em Belém. Formado pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Pará, lecionou nesta mesma universidade e no Colégio Moderno. Jornalista, cronista, poeta e parlamentar estadual pelo Partido Socialista Brasileiro. Foi soldado voluntário da Força Expedicionária Brasileira.

<sup>37</sup> *Terra Imatura*, Belém, n. 5, p. 10, out 1938.

<sup>38</sup> BARATA, Ruy Guilherme Paranatinga. A Geração Remediada do Pará dá boa tarde a Fortaleza por intermédio de Ruy Barata. *Folha do Norte*, Belém, 20 jul 1947. *Suplemento Arte Literatura*, n.3, p.3. Entrevista.

<sup>39</sup> LADISLAU, Alfredo. *Terra Imatura*. Belém; J. B. dos Santos e Cia Editores, 1923.

autor faz uma descrição geológica da região amazônica, transcrita de *A margem da história* - e a outra de Alberto Rangel, narração na voz da “terra prometida às raças superiores”, transcrita de *Inferno verde*, ambas a dar relevo ao enredo do romance.

A narrativa romanesca desenvolve-se a partir da conversa entre dois personagens, Aiúna e Arianda, que contemplam o pôr-do-sol amazônico, na cidade de Santarém, na confluência dos rios Tapajós e Amazonas. Os espectadores absorvidos pelas maravilhas da terra iniciam o diálogo sobre as condições de miséria em que vive o povo daquela “vastíssima região impúbere, terra ainda imatura.”<sup>40</sup> A controvérsia do romance permeia a linha editorial da revista *Terra Imatura*, que adota o espírito de luta e união.

O editorial da revista *Terra Imatura*, de maio de 1938, n.2, define a finalidade deste periódico e clama pelo apoio dos estudantes da Amazônia, no sentido de cerrarem as fileiras contra “a crítica despeitada das mentalidades de almanaques.”<sup>41</sup> A sentença vale como uma “semente” para o surgimento, anos mais tarde, da geração do suplemento literário da *Folha Norte*. Eis trecho do editorial da revista, que ilustra a vontade de mudar daquela mocidade do final dos anos 30.

[...]Terra Imatura é a Terra Verde de Eneida. O verde esperança. A esperança é a mocidade. A mocidade é o Brasil. Por isso, Terra Imatura, surgindo entre a promessa e a juventude tem que ser com a ajuda de Deus, a revista do Brasil [...] Terra Imatura aparecendo, surgindo rutilante, como o sol nas manhãs caboclas do inferno verde de Rangel, principia a cantar o hino mavioso que cantaremos sempre a grandeza sentimental da Amazônia – a esmeralda que o Brasil deve guardar com fé, no anel grandioso do seu orgulho.<sup>42</sup>

Além dos desenhos, a revista trazia fotografias de escritores, de estrelas de Hollywood, de senhoras e senhoritas da sociedade local, de crianças, de turmas de acadêmicos e de alguns logradouros da cidade de Belém. A propaganda de livrarias,

---

<sup>40</sup> Ibid, ibidem, p. 15.

<sup>41</sup> *Terra Imatura*, Belém, n. 2., mai 1938, p.2-5. 4. Na pesquisa realizada foram consultados o exemplares de número 2, 5 e 10, únicos encontrados na Seção de Obras Raras da Biblioteca Pública “Arthur Viana” em Belém.

<sup>42</sup> Idem, ibidem, p. s/n.

motocicletas, carros, fábricas de roupas e bonés, remédios, cigarros e alimentos infantis, entremeava-se com os anúncios de serviços de alfaiatarias civil e militar, de oficinas de máquinas de costurar, de advogados, médicos, dentistas e corretores de imóveis.

O motivo de tanta publicidade é justificado no expediente, pois anunciar em *Terra Imatura* era ajudar “a mocidade no cumprimento de um grande ideal pelo Brasil”. A revista que recebia ajuda financeira do prefeito de Belém, em setembro de 1939 divulgou pedido de dispensa de toda e qualquer “ajuda monetária”, por “coerência absoluta” com os “princípios de independência, vida clara e saúde moral”.

A coluna *Ciranda Social* noticiava datas de aniversários de pessoas ilustres ou amigos leitores da revista. Além de registrar colação de grau, batizados, casamentos e pequenos casos de um “mundo de futilidades”. A *Antena*, coluna assinada por José Maria, tratava de programas de rádio, como o de calouros e as radionovelas, difundidos pelas rádios locais, a Rádio Clube do Pará e a PRC-5. De todos os meios de difusão, o rádio naquela época era o “mais atrativo”, assinalava o colunista.

## **2.5 Levanta-te, mocidade!**

O “mensário independente dos estudantes do Pará” publicava matérias de temas ligados à vida estudantil, à política, à guerra e à literatura. Nas páginas dessa revista, o leitor poderia ler matérias triviais como a visita cordial aos padres diretores do Instituto Nossa Senhora de Nazaré (Belém, 1903) - colégio do qual alguns redatores de *Terra Imatura* foram alunos; o registro da programação local de palestras e atividades acadêmicas; e artigos mais engajados com o social e o político.

Cléo Bernardo assina o artigo *Para realizar - levanta-te mocidade!* Em que trata da organização dos estudantes de Pernambuco que conseguiram fundar a Casa do Estudante daquele estado, instituição “modelar”, aos olhos de Cléo Bernardo, que se destinava a abrigar estudantes pobres de todo o Nordeste. Para o autor do artigo, o mesmo poderia ser feito na capital paraense.

O estudante pobre tem duas barreiras contra si: a sua pobreza e a carestia dos livros e das taxas escolares.

Além disso tudo, a moradia e o passadio são caros.

Em Belém não há casas apropriadas para hospedar estudantes pobres de outros logradouros. Só existe para o rico, com diárias a coronel.<sup>43</sup>

A revista *Terra Imatura* circulou durante os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial. O assunto chamava a atenção dos redatores, que escreviam crônicas e artigos sobre esse fato, nos quais os autores colocavam-se avessos a tal situação da política mundial. Cléo Bernardo de Macambira Braga assim se referiu ao século XX, no artigo *A alma do século*, a propósito dos horrores da guerra sino-japonesa, vistos em filme no cinema Olímpia, em Belém, em 1938.

A guerra surgiu porque a ambição nasceu (...), porque o século XX é o tempo do direito da força contra a consciência do direito. E o mundo acovardase. E as sociedades batem palmas, aplaudindo essas nações que querem fazer a sua glória, a sua grandeza no cume aguçado das baionetas.<sup>44</sup>

O século XX e o morticínio legado a humanidade pelas guerras seriam reportados, anos mais tarde, por diferentes autores do mundo. Entre esses, destaca-se o livro de Eric Hobsbawn, *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*<sup>45</sup>, no qual o historiador, também como Cléo Bernardo, compartilha da idéia de um século em que representa o tempo da força contra a consciência do direito humano de viver. Em outubro de 1938, *Terra Imatura* trazia notícia sobre o avanço do “imperialismo alemão” na Europa. O autor demonstra toda sua indignação diante do nazismo e do fascismo na Europa.

---

<sup>43</sup> BRAGA, Cléo Bernardo. Para realizar – levanta-te mocidade! **Terra Imatura**, Belém, n. 5, p. s/n, out 1938.

<sup>44</sup> Idem. A alma do século. **Terra Imatura**, Belém, n. 2, p. s/n, maio 1938.

<sup>45</sup> HOBBSBAWN, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

O orgulho, o cego e tradicional orgulho alemão sempre plantando no seio da humanidade a semente da angústia, da grande angústia, da grande angústia universal [...] Bismarck passou. Guilherme II passará como Hitler e outros endocrinopatas imperialistas<sup>46</sup> [...]

Assim como os redatores de *Terra Imatura* não ficaram indiferentes à guerra, outro tema que despertou o interesse foi sobre a mudança acelerada no comportamento das pessoas. Em *Capítulos do Século*, de José Maria, o autor mostra-se assustado com a indústria mecanizada “batendo recorde de produção”, o “urbanismo”, o “delírio da velocidade”, a “sucessão de ideologias e regimes”, a “metamorfose” nos hábitos e a “mulher moderna” na “luta pela vitória de um feminismo que lhe assegure a almejada igualdade nos cargos públicos.”<sup>47</sup>

## 2.6 Traços de nanquim

Em *Terra Imatura*, intelectuais movidos pela determinação de interpretar o Brasil<sup>48</sup> e apreciar o homem e a terra representaram, também nos desenhos que a ilustram, motivos da natureza regional e da cultural local, numa clara afirmação de historiar um país em sua peculiaridade. A revista possuía uma equipe de “redatores desenhistas” que muito colaborou no sentido de manifestar esse “espírito crítico de interpretação”. Barandier da Cunha, Geraldo Correa, Guiães de Barros, Garibaldi Brasil compuseram a equipe de *Terra Imatura*.

---

<sup>46</sup> BRAGA, Cléo Bernardo. Agora. **Terra Imatura**, Belém, n.10, p. s/n, set 1939.

<sup>47</sup> MARIA, José. Capítulos do século. **Terra Imatura**, Belém, n. 5, p. s/n, out 1938.

<sup>48</sup> De acordo com Nelson Werneck Sodré, o confronto entre o velho e o novo regime político no Brasil, desde o fim do século XIX até o encerramento da Primeira Guerra Mundial, despertou nos intelectuais do país um intenso trabalho de espírito crítico. Na década de 1930, essa autenticidade de interpretar o país alcança uma maturidade. O Modernismo acabava de definir, pois, “não apenas o novo, o moderno, daí o nome, mas o autêntico, o nacional e até o popular” (p. 535). Vide SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 489.

*Cabeça de negro*, desenho do “artista da planície” Garibaldi Brasil<sup>49</sup> e *Maracatu*, de Barandier da Cunha, ilustram a tendência do Modernismo por cenas e retratos da cultura popular do país. Barandier, na ilustração intitulada *Maracatu*, conseguiu captar o movimento harmonioso dos passos do maracatu, dança típica do nordeste brasileiro, na sensualidade dos pares, que nos lembra a sedutora “negra fulô” dos versos de Jorge de Lima.

A capa do periódico, nº 2, de maio de 1938, é ilustrada com motivos da flora regional; nos traços de Guiães de Barros, a vitória-régia é desenhada e representa para o movimento local um “símbolo de beleza” para a mocidade de *Terra Imatura* que exaltava a vida. Na revista nº 5, de outubro do mesmo ano, o desenho de capa, por Geraldo Côrrea, é uma alusão ao Círio de Nossa Senhora de Nazaré, festa religiosa realizada no mês de outubro, em Belém do Pará. Desse mesmo desenhista é a ilustração da coluna *Ciranda Social*, onde, em traços de nanquim, garçons e fregueses habituais da Terrace do Grande Hotel tornaram-se figuras magras e elegantes, de um cenário de conversas entremeadas por fumaça de cigarro e drinques.

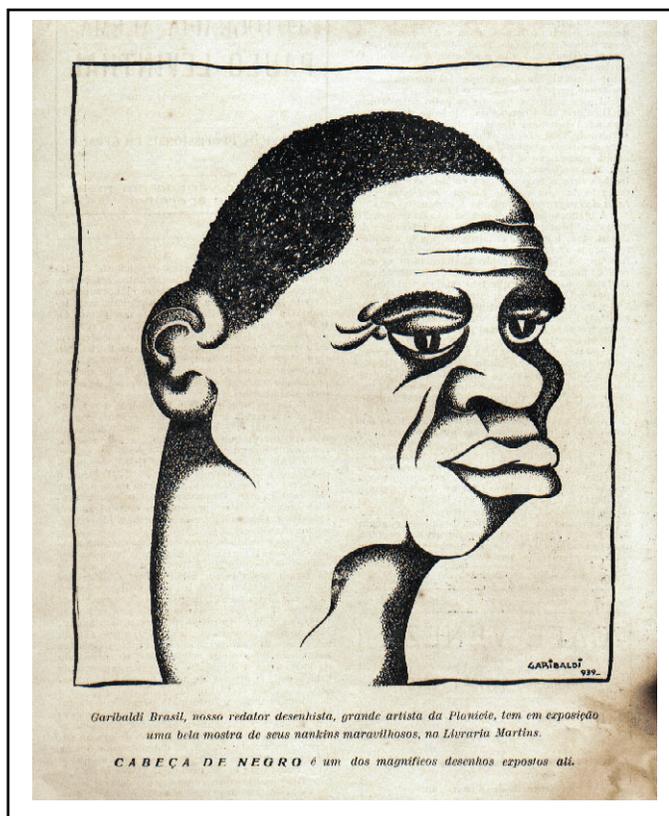


Figura 10: Capa da revista *Terra Imatura*, Belém, maio de 1938  
Acervo: Biblioteca do Estado do Pará

<sup>49</sup> A revista noticia a mostra de nanquins de Garibaldi Brasil, ocorrendo naqueles dias, na Livraria Martins. *Terra Imatura*, Belém, n.10, p. s/n, set. 1939, p. s/n.

## 2.7 Velas da poesia na luz do céu de Belém

A literatura brasileira da década de 1930 é caracterizada pela “substituição do trabalho destruidor pelo trabalho construtivo.”<sup>50</sup> O poema-piada, tão presente na fase inicial do Modernismo, perde lugar para a “seriedade nas discussões”, surgem preocupações novas de “toda ordem”: políticas, sociais, econômicas, religiosas e filosóficas. A década de 1930 é a época de livros significativos como *Cobra Norato*, de Raul Bopp; *Libertinagem*, de Manuel Bandeira; *Remate de males*, de Mário de Andrade; *Poemas*, de Murilo Mendes; *Pássaro Cego*, de Augusto Frederico Schmidt, e *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade.

No Pará, De Campos Ribeiro estréia com *Aleluia* (1930), Bruno de Menezes lança *Poesia* (1931) e *Batuque* (1931). Dulcinéia Paraense, Paulo Plínio Abreu e Ruy Guilherme Paranatinga Barata publicam os primeiros poemas, nas páginas de *Terra Imatura*.

Passado o período de agitação do Modernismo, com a geração de Bruno de Menezes, surge em *Terra Imatura* uma geração de novos poetas e escritores que afirmam, com suas obras, o movimento literário renovador da *Belém Nova*. A geração de 1930 se beneficia das conquistas dos primeiros modernistas, revelando uma obra mais amadurecida, que não tem a intenção de “chocar” o público. Na poesia local, é o momento de Paulo Plínio Abreu, Dulcinéia Paraense, Ruy Guilherme Paranatinga Barata, nomes de poetas paraenses dessa fase. Essa poesia apresenta-se em várias linhas: espiritualista, amorosa, existencial, social.

Ruy Guilherme Paranatinga Barata<sup>51</sup> publica *Eterno dilema*, poema longo de três estrofes, numa linha existencial, sobre o mito da busca. Um menino ouve e guarda o

---

<sup>50</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p. 546.

<sup>51</sup> Ruy Guilherme Paranatinga Barata nasceu em 25 de junho de 1920, em Santarém - Pará, cidade localizada às margens do rio Tapajós, filho de Alarico de Barros Barata e Maria Paranatinga Barata. Veio para Belém aos 10 anos de idade a fim de estudar o ginásio. A família mudou-se para Óbidos, outra cidade do Baixo-Amazonas. Course as duas primeiras séries no internato do Colégio Moderno e, as três últimas, no Instituto Nossa Senhora de Nazaré - colégio religioso dirigido pelos Irmãos Maristas. Estudou ainda no Colégio Estadual “Paes de Carvalho”. Neste colégio, juntamente com outros dois colegas, Cleó Bernardo e Carlos Eduardo da Rocha, fundou a revista literária e política **Terra Imatura**. Formou-se pela Faculdade de Direito

“conselho amigo” do velho “sorridente”, que lhe adverte a compreender a vida como único sentido verdadeiro. O menino cresce e as frases do velho soaram-lhe por todos os caminhos percorridos em busca da “fortuna, do amor, da ventura e da paz”. O moço fadigado, as sandálias rotas, depois de ter “sonhado e ter sofrido, depois de desistir do prometido”, o jovem já descrente olha para o céu e pergunta sobre a existência da vida.

No mito da *busca*, o herói esvazia de sentido sua empreita e aniquila a crença na solução compensadora que ele traria “as pétalas de louro”. Na mitologia grega, Jasão, deve enfrentar e vencer o dragão, que guarda o velocino de ouro, mas o herói apenas adormece o monstro com a ajuda de um filtro mágico, preparado pela feiticeira Medéia. Jasão, submisso a Medéia, perde o sentido de sua missão. “Por ventura existe vida?” – indaga aos deuses o jovem herói dos versos de Ruy Guilherme Barata.

Perdido o sentido da *busca*, o herói não conseguiu compreender que certos fins não podem ser atingidos por quaisquer meios e se torna distanciado da esperança de que para vencer sempre bastaria “apenas” que compreendesse o “único ponto verdadeiro: a vida”. Abaixo, fragmentos do poema.

O velho lhe dizia sorridente  
nas manhãs de abril da sua infância.  
Menino, em breve serás homem,  
guarda contigo este conselho amigo  
para vences sempre, basta apenas  
que compreendas o único ponto verdadeiro.  
- A vida [...]

---

do Pará, em 1943. Exerceu o jornalismo profissional. Trabalhou no jornal *Folha do Norte*. E dirigiu nos anos 60, o Suplemento literário de *A Província do Pará*. Elegeu-se deputado estadual pelo Partido Social Progressista, em duas legislaturas, de 1947 a 1954. Lecionou Literatura Brasileira na Faculdade de Filosofia, Letras e Artes. Em 1964 foi preso e demitido do cartório em trabalhava e aposentado, compulsoriamente, do magistério superior. Com a anistia foi readmitido como professor da Universidade Federal do Pará. Morreu em São Paulo, no dia 23 de abril de 1990, onde foi fazer uma cirurgia. Foi sepultado em Belém. Livros: **Anjo dos Abismos** (poesia, 1943); **A Linha imaginária** (poesia, 1951); **Antilogia** (poesia, 2000).

E ansiando angariar o velocino de ouro,  
qual Jasão partiu sem olhar para traz...  
As sandálias já rotas  
curvado e encanecido,  
depois de ter sonhado e ter sofrido,  
depois de desistir do prometido  
descrente parou [...]  
Ó deuses das desditas e das desgraças,  
vós que regeis toda a humanidade,  
dizei-me:  
Por ventura existe vida?<sup>52</sup>  
(Ruy Guilherme Paranatinga Barata, *Eterno dilema*)

A poesia de Dulcinéa Paraense<sup>53</sup>, publicada em *Terra Imatura*, manteve-se ligada à temática amorosa, a um lirismo herdado da tradição portuguesa. Com uma linguagem coloquial e lírica, Dulcinéa Paraense compôs poemas em versos brancos, com muita cadência e melodia, marcados pela saudade, pelo desengano e pela angústia diante da vida. Vejamos um poema de sua autoria, transcrito de *Terra Imatura*.

No meu recolhimento  
quando a noite sensual me acarinha e beija,  
como parece infinda  
sobre a minha excitação!  
Sinto que, a cada sopro e a cada vibração  
mil e uma centelhas de minh'alma

---

<sup>52</sup> BARATA, Ruy Guilherme. Eterno dilema. **Terra Imatura**. Belém, p. 23, n. 2 mai. 1938.

<sup>53</sup> Dulcinéa Paraense nasceu em 1918. Seus poemas encontram-se publicados nas revistas paraenses: *Terra Imatura*, *Guajarina*, *A Semana* e na antologia organizada por Clóvis Meira, **Poetas da minha terra** (1993). Formada em Direito pela turma de 1938, de Recife. Em 1942 fixou residência no Rio de Janeiro.

sobem, e esgueiram pelo espaço  
e mergulham, afinal, exaustas de cansaço  
no oceano celestial, encarnando as estrelas.  
Como as vitórias-régias destas plagas  
ficam boiando nesse mar constelado,  
faíscas agrupadas – por amor de mim!  
Se eu pudesse embargar-lhes a descida!  
Alma incompreendida  
Se eu pudesse fazer de ti, como as múltiplas estrelas  
um precioso colar,  
te ostentaria, então, orgulhosa e altaneira  
sobre o meu peito arfante a humanidade inteira  
para fazer vibrar de inveja e de desejos  
aqueles que fecharam as bocas aos teus beijos,  
aqueles que te viram e não te compreenderam  
aqueles que te possuíram e não souberam te amar.<sup>54</sup>  
(Dulcinéa Paraense, *Incompreendido*)

Além da poesia, a revista *Terra Imatura* publicou a prosa paraense. Textos que descrevem a paisagem regional, numa linguagem clara e direta, marcada por vocabulário pitoresco. De Dalcídio Jurandir, um trecho de o *Ver-o-Peso*, romance ainda inédito até aquela data, podia ser lido na edição de setembro de 1939.

Tons de telhado colonial na luz nascente. Os sobrados abrem as suas janelas gastas e maravilhadas e com os seus azulejos reluzentes e os seus telhados de telhas vãs olham as velas que vão subindo devagar, com o seu ritmo que seria uma dança de velas em ascensão para a luz. Os canoieiros

---

<sup>54</sup> PARAENSE, Dulcinéa. *Incompreendido*. **Terra Imatura**. Belém, n. 2, p. s/n, mai. 1938.

lançam as velas que vão secar ao sol. É como se toda a Doca, suja e espetada de mastros e traçado de cordagens fosse uma prodigiosa flor desabrochando, todas as velas subiram para o sol, como se abrem as folhas dos tajazeiros grandes<sup>55</sup>.

De Ruy Guilherme Paranatinga Barata, *Terra Imatura* publicou trecho do romance inédito *Interior*. Numa narrativa mais introspectiva, o escritor volta-se para uma valorização ufanista da terra, ao mesmo tempo em se preocupa com o homem e o meio ambiente, característica do regionalismo modernista. Segue transcrição de fragmentos do texto publicado na revista.

A nuvem branca vai aos poucos toldando a face da lua [...] O recolhimento envolve todas as coisas. Em todas as coisas paira a selvagem melancolia da noite amazônica. Arredondado, todo branco e em face da suavidade do momento o Forte Velho é como um mausoléu gigantesco plantado à beira do barranco. Descansam os canhões negros estirados no chão [...] Da cadeia vem ainda a voz alta e desafinada de João Rufino. O violão acompanha docemente: “sempre o teu ciúme /vem me perseguindo.”<sup>56</sup>

## 2.8 Notáveis vultos da nova literatura

Em Belém, a crítica dos anos 30 aparece como uma atividade ocasional da literatura. Há um modesto valor histórico, no sentido de encaminhar-se para o desenvolvimento da crítica como gênero. O nome de Carlos Eduardo Rocha aparece em alguns textos publicados em *Terra Imatura*, dando uma orientação didática à crítica. Na coluna *Aspectos literários*, Carlos Eduardo destaca *Machado de Assis*<sup>57</sup> por ser o “introdutor do humorismo em nossas letras”. Tece comentários, por exemplo, do tipo: “Machado de Assis recebeu influência de escritores estrangeiros, principalmente franceses

---

<sup>55</sup> JURANDIR, Dalcídio. Ver-o-Peso. **Terra Imatura**, Belém, n. 10, p. s/n, set. 1939.

<sup>56</sup> BARATA, Ruy Guilherme Paranatinga. Quando a lua vela sobre Óbidos adormecida. **Terra Imatura**, Belém, p. s/n, n. 5, out 1938.

e alemães”. Ou ainda: “Machado de Assis, possuidor de importantes características, é, na sua personalidade total, o maior dos nossos escritores.”

Com um estilo didático, Carlos Eduardo explica as duas fases da obra de Machado de Assis: a romântica e a realista. Essa divisão é feita, de acordo com o pensamento de José Veríssimo, admirado por Carlos Eduardo. Ruy Barbosa também é citado devido às denominações dadas por ele a Machado de Assis: o “clássico da língua”, o “filósofo do romance”. Em outro número da revista, *Marques Rebelo*<sup>58</sup> dá título à crítica de Carlos Eduardo e nota-se uma certa visão estilística à crítica. O autor de *Oscarina* (1931) é comparado a Machado de Assis: “Estilista de raça, descendente da nobilíssima família espiritual de Machado de Assis, pela eficiência de forma e sobretudo pela sua humanidade.”

O ensaísta de *Terra Imatura* assinala o interesse de Marques Rebelo pelo romance urbano carioca, os bairros da Zona Norte do Rio de Janeiro e sua gente: funcionários públicos, malandros, sambistas. Uma narrativa de pequenos dramas envolvendo humor e diálogos de suas personagens.

Marques Rebelo, talvez como ninguém, compreendeu e sentiu tão bem o Rio de Janeiro mediano e burguês. Em *Oscarina*, fixou com perfeita exatidão o carioca despreocupado e o cotidiano da sua vida.

Carlos Eduardo enriquece sua crítica sobre o novelista Marques Rebelo, “um dos mais notáveis vultos da nova literatura,” com comentários de Andrade Muricy, Ribeiro Couto e Tristão de Athayde, autores importantes da época.

Romanguera de Oliveira em *O atual movimento literário no Rio Grande do Sul*, artigo especial para *Terra Imatura*, trata acerca da prosa e poesia atuais do Rio Grande do Sul. O ensaísta cita nomes dos atuais “cultivadores” da literatura moderna gaúcha: Érico Veríssimo, Mário Quintana e Darci Azambuja. O autor elogia a prosa de Érico Veríssimo, em especial *Clarissa* (1935), *Caminhos cruzados* (1935) e *Música ao longe* (1935).

---

<sup>57</sup> ROCHA, Carlos Eduardo. Machado de Assis. **Terra Imatura**, Belém, n. 2, p. s/n, mai 1938.

<sup>58</sup> ROCHA, Carlos Eduardo. Marques Rebelo. **Terra Imatura**, Belém, n. 5, p. s/n, out 1938.

Oliveira destaca o interesse de Érico Veríssimo em escolher como tema para suas novelas o cenário gaúcho e “parcialmente aspectos e costumes sulinos”. Essa posição do romancista é vista pelo autor do artigo, com uma tendência da literatura brasileira em valorizar o regional. *A rua dos cata-ventos* (1940), livro de poesia de Mário Quintana, e *No galpão*, livro de contos de autoria de Darci Azambuja, seriam outros, destaques da literatura sulista. Do Norte do país, o ensaísta cita como exemplo de escritores de tendência regionalista, o romancista baiano Jorge Amado, José Lins do Rego e Graciliano Ramos.

Ampliando os temas da literatura e da crítica local, a revista *Terra Imatura* desenvolveu-se em várias linhas indicando novos itinerários e apontando a presença da poesia moderna no Pará. *Terra Imatura* marcou definitivamente o movimento literário paraense, mostrando ao resto do país o que se pensava e se fazia num “Norte” tão esquecido. Depois do fechamento da revista, por motivos financeiros, pode-se dizer que houve um “desfalecimento” na vida literária local. Somente a partir de 1946 a literatura paraense teve um novo impulso, caminhando em direção a seu amadurecimento, sobretudo com a estréia de uma nova geração que se firmou como poetas, críticos e escritores, publicando no suplemento literário da *Folha do Norte*, uma produção literária e crítica preocupada com os problemas humanos e sociais contemporâneos.

O “Grupo dos Novos”, tal qual seus precursores, também editou revistas a fim de divulgar literatura, crítica, ensaio de filosofia, cinema, teatro. Duas revistas foram lançadas. A primeira foi *Encontro*, de 1948, teve apenas um número. A segunda, *Norte*, em 1952, quando o suplemento literário da *Folha do Norte* não circulava mais. A seguir, no terceiro capítulo, essas revistas serão analisadas como mais um documento importante da história literária de Belém dos anos 40.

### 3. OUTRAS PÁGINAS

Na flor sem nome  
do campo estéril  
meu pensamento se concentrou.  
Vidas secretas, jardins suspensos,  
arranha-céus, grandes pecados,  
lutas e glórias.  
Que importa o mundo?  
se a flor sem nome  
do campo estéril  
me dominou?  
(Jurandir Bezerra, *O sonho*)<sup>1</sup>

#### 3.1 *Encontro*

Antes de passarmos para a análise do suplemento literária da *Folha do Norte*, que tem pela sua extensão e periodicidade uma importância literária e histórica maior, gostaria de passar pela presença de dois periódicos locais que ajudaram na compreensão do nosso objeto de estudo. Trata-se de duas revistas: a *Encontro* e a *Norte*, dirigidas por integrantes do “Grupo dos Novos” do Pará. A primeira surgiu em 1948, correspondendo ao terceiro ano de circulação do suplemento literário, e a segunda aparece, posteriormente, ao final desse encarte dominical.

O poema de Jurandir Bezerra, acima citado, exprime bem o caráter da geração de *Encontro*: a garantia da liberdade das tendências de cada um dos autores colaboradores da nova revista que surgia em Belém, no final da década de 1940. O primeiro e único número da revista *Encontro* foi publicado no segundo trimestre de 1948, em formato de 21, 5 cm x 14 cm, com 60 páginas. Sem fotografias ou alguma ilustração, a revista divulgou textos literários e críticos de autores locais, além de poemas de autores

estrangeiros. A direção era de Benedito Nunes, Mário Faustino e Haroldo Maranhão, sendo Mário Faustino mais dedicado à poesia e ao conto e Benedito Nunes mais aplicado à filosofia, à poesia e à crítica literária. Esta revista visava à publicação de textos literários inéditos, entre poema, novela, conto e ensaio de autores locais.

**ENCONTRO**  
ACADÉMIA  
PARAENSE  
DE LETRAS

---

**BIBLIOTECA**

Diretores: *Cat. n.º 166*  
BENEDITO NUNES  
MÁRIO FAUSTINO  
HAROLDO MARANHÃO

Colaboradores:

ALONSO ROCHA — BENEDITO NUNES — BENEDITO VILFREDO — CAUBY CRUZ — CECIL MEIRA — CLÉO BERNARDO — DANIEL COELHO DE SOUZA — F. PAULO MENDES — HAROLDO MARANHÃO — JOÃO MENDES — JURANDIR BEZERRA — MÁRIO COUTO — MÁRIO FAUSTINO — MAX MARTINS — PAULO PLÍNIO ABREU — RUY COUTINHO — RUY GUILHERME BARATA

---

2.º TRIMESTRE 1948

N.º 1

BELÉM PARA'

*Encontro* dá-nos a marca da nova geração do Pará. Moços como Benedito Nunes, Mário Faustino, Haroldo Maranhão, Cauby Cruz, Max Martins, Rui Guilherme, ao lado de uma turma de gente mais madura, porém extraordinariamente perceptiva como Cléo Bernardo, Paulo Mendes, Mário Couto, Cécil Meira e outros, começam a realizar o seu “encontro” com moços de todo o Brasil nesta intensa fase de renovação literária e valorização do esforço intelectual que se verifica em todo o país. A geração do Pará tem um lugar proeminente a ocupar no cenário mental deste momento: a cultura literária da maioria dos seus componentes, a força expressional de seus poetas, o arrojo que lança exemplo, Mário Faustino a compor uma tragédia, credenciam o grupo de *Encontro* como um dos mais promissores na marcha afirmativa das províncias literárias.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> BEZERRA, Jurandir. O sonho. **Revista Encontro**, Belém, n. 1, p. 37, 1948.

<sup>2</sup> LOPES, José Stenio. O encontro da nova geração do Pará. **Folha do Norte**, Belém, 27 fev. 1949. *Suplemento Literatura – Arte*, n. 113, p. 3.

A revista *Encontro* foi ponto de convergência dos intelectuais paraenses, que expressavam em seus textos um “sentido de modernidade”. Na linha editorial explica-se o motivo da escolha do nome *Encontro* para esta revista literária: “a reunião dos intelectuais paraenses de maior significação do momento”. A finalidade era representar o “esforço comum” de “uma geração de espírito,” nascida sob o signo da modernidade, publicando, assim, textos marcados por uma linguagem de superação de certas experiências modernistas, voltando-se mais para temas universais, em vez da tão apregoada temática nacional/regional das gerações anteriores. O momento era de uma literatura que mantivesse a liberdade, a pesquisa na linguagem, entretanto, que expressasse mensagens de testemunho crítico sob os mais diferentes problemas humanos vivenciados, naqueles anos de pós-guerra.

A tentativa de apresentar o “novo,” que tomava conta da literatura e da crítica literária local, fizera com que o grupo de *Encontro* expressasse um aflorar de tendências e de realizações em comum à mocidade daquele momento, representando o sentido de grupo adotado como princípio por aquela geração. Essa finalidade é evidenciada no editorial da revista, no qual, logo no início, o leitor fica sabendo que:

*Encontro*, como exprime o próprio nome, é a reunião dos intelectuais paraenses de maior significação do momento.

Esta revista não pretende ser uma antologia. É por isso mesmo que não apresentamos colaborações isoladas, representando apenas valores individuais, reunidos como que por acaso, sem ligações recíprocas. Pelo contrário, *Encontro* fará sentir, através delas, um esforço comum, que caracteriza a existência de uma geração de espírito [...]

Esta revista, insistindo em precisar os traços comuns que se encontram no trabalho dos escritores paraenses atuais, afirma a existência de uma geração, - a geração daqueles que se encontram nesta revista.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Revista *Encontro*, Belém, n. 1, 2º trimestre de 1948, p. 3.

O grupo de *Encontro*, entre seus projetos, tinha o de conseguir uma editora para publicar o trabalho de autores paraenses. Nas páginas da revista, anunciam a publicação futura de tradução de *Psaumes*, de Patrice de La Tour Du Pin, por autoria de Benedito Nunes e Mário Faustino; livros de contos de Ruy Coutinho; poemas de Ruy Barata; a peça *A escada*, de Mário Faustino; *O poeta e o anjo*, de Benedito Nunes; estudo completo da obra de Rainer Maria Rilke, por Francisco Paulo Mendes; conferências sobre motivos filosóficos e literários, por diversos autores.

*Encontro* apresenta três seções. A primeira, com poemas, capítulo de novela, conto e artigos literários; a segunda, com a divulgação de poemas de autores estrangeiros e a terceira, sobre música, teatro. A revista traz, também, um noticiário sobre lançamento de livros e comentários a propósito das revistas literárias da época: *Orfeu*, *Joaquim* e *Revista Brasileira de Poesia*.

E contava com a colaboração de Alonso Rocha, Benedito Nunes, Benedito Vilfredo, Cauby Cruz, Cécil Meira, Cléo Bernardo, Daniel Coelho de Souza, Francisco Paulo Mendes, Haroldo Maranhão, João Mendes, Jurandir Bezerra, Mário Couto, Mário Faustino, Max Martins, Paulo Plínio Abreu, Ruy Coutinho, Ruy Guilherme Barata. Boa parte desses nomes pertencia à Academia dos Novos. Nessas colaborações literárias encontramos poema, conto, novela, ensaio, resenha.

Logo nas primeiras páginas, a direção agradece aos colaboradores e patrocinadores por possibilitarem a publicação de *Encontro*. Entre os nomes de pessoas e empresas, encontram-se: Frederico Barata, João Maranhão, Renato Franco, Victor C. Portela, Livraria Vitória, Importadora de Ferragens S/A, Albano H. Martins & Cia, Livraria Loyola, Facíola, J. Kislánov & Irmão e Edições Atlas Pará Ltda. Nas últimas páginas do exemplar, podem ser vistas propagandas de distribuidor de máquinas de escrever, agência bancária, livrarias, papelarias e anúncios de serviços de advogados.

A revista era composta nas Oficinas Gráficas da Empresa de Publicidade *Folha do Norte* e impressa nas Oficinas Gráficas de *A Província do Pará*, órgão dos Diários Associados. Na página de rosto temos o título, ENCONTRO, em caixa alta, na parte central, indicação dos diretores e logo abaixo os colaboradores. Na parte inferior temos data (trimestre e ano), número e local de publicação. O preço do exemplar era de Cr\$

6,00. A tiragem de exemplares não é informada no expediente. Graficamente, a revista foi considerada um “desastre” para os diretores, que nem se ocuparam em divulgá-la com era a intenção primeira. Mário Faustino tinha a tarefa de divulgar a revista paraense no Rio de Janeiro, no entanto, quando as recebeu pelos correios, telegrafou aos amigos, desistindo da tarefa<sup>4</sup>.

Apesar de ter sido editado apenas um número, havia planos de lançamento do próximo número. As condições precárias de impressão dificultaram a parte visual da revista. Nas páginas finais da revista, encontra-se um boxe avisando que “nos primeiros dias de agosto do ano corrente” sairia o segundo número. Logo abaixo, o editor enumera os ensaios, contos e poemas a serem publicados, assim como o lançamento da seção “Política e Idéias” sobre as diversas correntes do pensamento moderno. Mas infelizmente, o segundo número não saiu.

### **3.2 Ensaio sobre poesia**

Na revista *Encontro*, Francisco Paulo Mendes, com o artigo intitulado *Notas sobre poesia contemporânea*, também publicado no suplemento literário da *Folha do Norte*, número 28, de 01/06/1947, expõe sobre a função da poesia contemporânea. O ensaio discorre sobre a poesia contemporânea que alargou seus domínios temáticos, abandonando a função clássica de deleitar e educar. A poesia contemporânea passava, agora, a se preocupar com o “terreno das descobertas, das revelações”. Trata-se, sobretudo, de alcançar o absoluto, a verdade, a transcendência. Enfim, uma poesia capaz de desprender o leitor da realidade social a fim de oferecê-lo uma outra realidade, considerada superior a que nos encontramos. Assim o ensaísta se expressa:

O poeta “adivinha” nos fenômenos físicos e psicológicos, nas coisas e nos seres, um mundo outro, inapreensível para a maioria dos homens, mas tão real como esse em que nos movemos, e procura extrair de tudo um significado que é chave de todos os enigmas da nossa existência e do Universo [...] esse

---

<sup>4</sup> Informação de Benedito Nunes dada em entrevista à autora em abril de 1999.

mundo supra-real, que é o mundo do poeta contemporâneo, reabsorve, como já disseram, os fenômenos do mundo exterior e do mundo interior. E é no “eu” do poeta que essa operação vai realizar-se, criando-lhe um instinto especial – a intuição do absoluto. Daquela afirmação de Paul Valéry, de que o instinto poético deve conduzir-nos cegamente, à verdade.<sup>5</sup>

Diante disso, a poesia moderna permite ao poeta atingir um intenso esforço de superação de suas tensões e da própria natureza poética. O poeta moderno pratica a liberdade de espírito, fazendo, no entanto, desaparecer o dualismo entre o “eu poético” e o universo. Deste modo, o poeta conseguiria fundir em si os elementos do mundo exterior e do interior, a fim de transmutá-los em conhecimento poético.

Segundo Francisco Mendes, essa expansão do “eu”, atingida pela liberdade total do espírito, é uma espécie de atividade “mística”, pois essa estreita relação do físico com o espiritual, “facultando a passagem do relativo ao absoluto, do finito ao infinito”, conduz quase cegamente o ser humano à verdade, exalta a vida e ultrapassa o homem.

Deseja-se aí, como em toda verdade mística, superar limites da matéria e dos sentidos por uma expansão da alma humana. Procura-se conquistar um conhecimento que fica fora das vias normais do conhecimento racional e sensível para transmitir pela poesia uma verdade supra-sensível e supra-racional, dar o conceito de um mundo supra-real.<sup>6</sup>

Essa definição de poesia irá encontrar equivalente no pensamento de Haroldo Maranhão, que nesse mesmo número publicou o ensaio crítico *Poesia em pânico*. Esse artigo já havia aparecido no n. 65, do suplemento literário, de 1º de fevereiro de 1948. Haroldo Maranhão ressalta o fato de a poesia brasileira encontrar-se em face de um movimento renovador que se prenuncia de maneira autêntica no “seio da geração mais nova do Brasil”. Essa constatação para o crítico deu-se em decorrência do fato de que na história literária são moços os líderes das escolas que surgem, visto que, felizmente ou não, “é da

---

<sup>5</sup>MENDES, Francisco Paulo. Nota sobre poesia contemporânea. **Encontro**, Belém, n. 1, p. 7, 2º trimestre, 1948.

própria natureza dos novos abandonar os velhos dogmas à procura de sensações e sugestões originais.”<sup>7</sup>

A legenda *Poesia em pânico* era a melhor que havia para exprimir o “dilema e a pluralidade de caminhos”, pois mais do que em 1922 ou 1930, estava se esboçando na vida literária brasileira. Para Haroldo Maranhão, a renovação poética das gerações anteriores do movimento modernista se fez mais no sentido essencial (do espírito da poesia) que no sentido formal (expressional), tornando-se necessário, por conseguinte, fazer uma revisão do conceito “errado”, consagrado à poesia moderna, pois ao situá-la diante da poesia tradicional, considerou-se mais o abandono à ordem métrica, deixando de lado o fato muito mais significativo da poesia moderna: a experiência por caminhos substanciais.

O desencontro dessas preferências estéticas, embora não pareça, é bem mais expressivo do que por ocasião dos famosos sucessos liderados por Mário de Andrade e seus companheiros. Aí, abria-se, um abismo entre duas gerações: eram duas concepções de vida, duas fisionomias, dois comportamentos vigorosamente marcados. Era a ruptura de dois processos distintos em face da poesia: um, encarando-a dentro de uma atitude “raffinée”, estéril e bitolada, e o outro, contrariamente, sob uma visão ilógica, alógica, direi melhor, através de uma desordem, que seria fatal, porque descongestionante.<sup>8</sup>

Nessa perspectiva, Maranhão ressalta que a poesia brasileira, no final da década de 1940, expressava uma tendência para se preocupar, também, com a forma, não somente com a essência poética. Questão bastante debatida entre os teóricos literários daquela década. É justa, portanto, a repercussão do pensamento de Otto Maria Carpeaux, no ensaio de Haroldo Maranhão, a respeito da poesia brasileira daquela década:

[...] alguns lamentam o passadismo de uma nova geração sem mestres, enquanto outros saúdam a volta à ordem métrica como o primeiro sintoma de

---

<sup>6</sup> Idem, *ibidem*, p. 7.

<sup>7</sup> MARANHÃO, Haroldo. *A Poesia em pânico*. **Encontro**, Belém, n. 1, p. 34, 2º trimestre 1948.

<sup>8</sup> Idem, *ibidem*.

uma nova ordem social do mundo [...] A ordem restabelecida do futuro não poderá ser anarquista nem passadista, tampouco futurista, contudo será uma ordem. Então haverá uma poesia nova (nem modernista, nem antimodernista) ao lado da grande poesia do passado, que não será combatida nem imitada.<sup>9</sup>

Haroldo Maranhão admira como Otto Maria Carpeaux resume, nesse trecho, o caráter da poesia moderna, as transformações pelas quais passara nas décadas iniciais do século XX: a valorização da poesia de experimentação lingüística, a poesia como ofício, experimento da linguagem, uma poesia oposta à teoria da inspiração, a negação de uma poesia mística ou de fundo moral. Em vista disso, naquela década de 1940, a matéria da poesia atingia uma nova ordem métrica e a questão da essência poética era interpretada no ângulo da liberdade, tanto na recusa como na aceitação das interrogações humanas.

Para o ensaísta local, nos 26 anos de Modernismo, o regresso à ordem métrica estaria em plano secundário, seria mais um meio que um fim.

Não como apoio de toda uma arte poética, que seria voltar ao requinte parnasiano, mas talvez como freio à liberdade que a muitos parece dissolvente. Mas não se deve esquecer os perigos dos processos métricos na poesia, que cedo ou tarde, poderão reconduzir toda uma geração a um automatismo vicioso e contraproducente.<sup>10</sup>

Portanto, a diversidade de tendências em que se encontrava a poesia brasileira, da década de 1940, é considerada algo salutar, para um dos importantes nomes da nova geração de autores paraense, era “sintoma de vitalidade”. Haroldo Maranhão viu nesse acontecimento os dois lados de uma mesma moeda: a contribuição original dos novos poetas e a herança poética recebida dos poetas nacionais das gerações anteriores.

O interesse a respeito dos caminhos tomados pela poesia brasileira, partindo de um autor local, mostra-nos como a poesia modernista dos anos 20 foi ficando para trás, enquanto a dos anos 40 ia florescendo. Nesse ensaio, o autor exprime o caráter maduro e

---

<sup>9</sup> CARPEAUX apud MARANHÃO. Op. cit, p. 35.

equilibrado de sua geração ao valorizar construções poéticas tradicionais, mostra como a geração moderna do Pará se esquivou do radicalismo e do espírito extremado de destruição da década de 1920. Por causa dessa atitude, a geração de Haroldo Maranhão – em contexto nacional – levou a fama de conformista. O efeito do chamado “conformismo” dos novos escritores desta geração é assim expresso pelo crítico local:

E o chamado *conformismo* dos novos de hoje não é mais do que uma atitude não-destruidora, certos de que poderemos abrir novas perspectivas estéticas sem ridicularizar nem demolir<sup>11</sup>.

Manuel Bandeira seria o poeta da “não-destruição” para Haroldo Maranhão. Um poeta bem aceito tanto pela geração dos “novos” poetas quanto pela anterior. Manuel Bandeira é exemplo de “espírito crítico” diante de tanta inovação na linguagem. O poeta pernambucano seria, aos olhos de Haroldo Maranhão, um construtor de poemas, sem causar “desordem” na estética ao contrário do que fizeram os primeiros modernistas.

O respeito que devemos, por exemplo, à dignidade intelectual de um Manuel Bandeira não exprime ausência de capacidade criadora, antes é um indício do nosso espírito crítico, que permite situar, classificar e construir. Esse aspecto de desordem e desajustamento a que hoje presenciamos não traduz crise, mas saúde, frêmito, vocação, sem o que é impossível pisar caminhos diferentes e participar do entusiasmo por novas descobertas<sup>12</sup>.

Nessa perspectiva pode-se ler e compreender Haroldo Maranhão em sua atualidade. Ao tratar da poesia contemporânea conforme as exigências do momento, ou seja, do estilo desta nova geração de poetas, oferece a compreensão sobre uma geração que se mostrou distante de atitudes destruidoras e radicais. Afinal, sem alarde, essa geração de 1945 conseguiu apresentar novas descobertas com a palavra poética.

---

<sup>10</sup> MARANHÃO, Haroldo. Op. cit, p. 35-36.

<sup>11</sup> MARANHÃO, Haroldo. Op. cit, 36.

<sup>12</sup> Idem, ibidem, p.36

Nesse mesmo número, Francisco Paulo Mendes publica o artigo *Fernando Pessoa*. O poeta Fernando Pessoa é considerado “a mais estranha figura de escritor que apareceu neste século em Portugal”. O poeta do modernismo português confessava-se simulador da arte poética e os emaranhados da poesia são expressos por diferentes vozes criadas pelo próprio Fernando Pessoa. Em um estilo didático, Francisco Mendes apresenta o “poeta dramático” representado por seus quatro heterônimos portugueses.

Fingir é conhecer. Era porque reconhecia que simulava e mistificava. Do seu conhecimento próprio, nasceu-lhe a necessidade de “fingir” várias personalidades, a fim de traduzir melhor e discretamente o homem múltiplo que ele era. Foi a origem dos seus heterônimos: o Alberto Caieiro, o Álvaro de Campos, o Ricardo Reis e Bernardo Soares. [...] O homem Fernando Pessoa era um drama. Um drama que os seus diversos heterônimos procuravam representar. Fernando Pessoa deixava falar suas personagens, que eram muitas, que eram todos aqueles em que o poeta havia, dissimuladamente, se dividido. Eram a fragmentação aparente da sua personalidade fundamental, o intelectual e emotivo Álvaro de Campos, o espontâneo e simples Alberto Caieiro e o precioso e sibiliano Ricardo Reis. Mas, no fundo, entre eles todos, permanecia aquela unidade substancial que fez de Fernando Pessoa uma das mais pujantes forças criadoras da poesia portuguesa através de todos os tempos.<sup>13</sup>

De acordo com Francisco Mendes, a originalidade de Fernando Pessoa não estava somente na multiforme personalidade, mas, também, em ter se aventurado pelas raízes da própria criação poética. As condições intelectuais do poeta português criaram um estado permanente de consciência, o “demônio da lucidez”, dito por Edgar Poe, lembra o crítico. Fernando Pessoa em sua poesia conseguiu fazer uma transferência de suas emoções poéticas para um plano intelectual, “um poema seu é, antes de tudo, um ato de inteligência”. O excessivo intelectualismo de Fernando Pessoa provocou o próprio infortúnio do poeta, afastando-o dos seres e das coisas desse mundo. Em vista disso, o desejo romântico de evasão tornou-se latente na poesia do poeta português como meio de afastar-se da tristeza em que ele mesmo havia se condenado.

Uma inteligência vasta e luminosa, mas como um sol frio. Sentiu-se perdido nas paragens gélidas do pensamento abstrato, afastado da vida, longe o calor vivificante dos seres e das coisas deste mundo. Daí o seu desejo romântico de evasão [...] Ah! Se pudesse evadir-se dessa prisão da inteligência metafísica que o encerrava! Nunca o pôde. O seu destino foi outro. E ele o sabia.<sup>14</sup>

A fim de ilustrar o trágico na poesia de Fernando Pessoa, Francisco Mendes selecionou alguns poemas de Fernando Pessoa, editados nas páginas seguintes do artigo, entre os poemas: *Auto psicografia*, *Poema* (de Fernando Pessoa), *Dos poemas inconjuntos* (de Alberto Caeiro), *Ode XII*, *Outra Ode* (de Ricardo Reis), *Aniversário* (de Álvaro de Campos). O ensaio de Francisco Mendes demonstra o pensamento conflituoso de Fernando Pessoa, gerando uma multiplicidade de “eu poéticos”. O drama de “fingir é conhecer-se” desdobra-se numa insistência constante capaz de provocar transfigurações na personalidade individual do ser humano. O tom didático da palavra crítica de Francisco Mendes, associada a uma profunda capacidade reflexiva, desperta no leitor uma redescoberta do homem e de um mundo fragmentado.

### 3.3 Literatura e desencontro do homem moderno

*Encontro* publicou a poesia de Alonso Rocha, Benedito Nunes, Cauby Cruz, Jurandir Bezerra, Mário Faustino, Max Martins, Paulo Plínio Abreu. As preocupações existenciais e cotidianas desenvolvem-se na poesia e prosa editados nessa revista. O poema *O comedor de fogo*, publicado logo na primeira página, de Paulo Plínio Abreu<sup>15</sup>, traz uma poesia rica de símbolos, povoada de imagens do comedor de fogo e seus cães doentes à

---

<sup>13</sup> MENDES, Francisco Paulo. Fernando Pessoa. **Encontro**, Belém, n. 1, p. 36, 2º trimestre 1948.

<sup>14</sup> Idem, *ibidem*, p. 42.

<sup>15</sup> Paulo Plínio Abreu nasceu em Belém, no ano de 1921 e foi formado pela Faculdade de Direito do Estado do Pará. Os primeiros poemas foram publicados nas revistas **Novidade** e **Terra Imatura**. Trabalhou no Instituto Agrônomo do Norte. Colaborou no suplemento literário da **Folha do Norte**. Lecionou Literatura Brasileira na UFPA. Faleceu aos 38 anos de idade, em 1959, em Belém. Seus poemas esparsos foram publicados num livro póstumo com o título de **Poesia**, 1977, lançado pela UFPA.

porta da tenda, que se confundem com as lembranças da infância e com a reflexão sobre a vida e a morte.

Veio do comedor de fogo e de seus milagres a  
esperança impossível.  
Do comedor de fogo e de seus milagres à porta  
de sua tenda.  
Onde dormiam os cães numa nuvem de  
moscas.  
Veio do comedor de fogo a esperança dos mundos  
impossíveis.  
Veio dessa lembrança hoje apagada pelo tempo  
o sombrio desejo de evasão.  
Veio do comedor de fogo a visão da vida aberta  
como um grande circo.  
E o convite irreal para a distancia onde se  
esconde a morte.  
Até o amor se perdeu nessa lembrança de um  
estranho comedor de fogo.  
E toda a infância confundiu-se com os milagres  
desse saltimbanco.  
E de seus cães doentes à porta da tenda.<sup>16</sup>  
(Paulo Plínio Abreu, *O comedor de fogo*)

O poema *Auto-Retrato*, de Max Martins, pode ser indicado como uma publicação dos textos literários da produção do “Grupo dos Novos”, cuja intenção é tratar na literatura dos dramas do homem comum em seu absurdo cotidiano. O poeta volta-se para episódios da vida cotidiana, pertencente a qualquer indivíduo preso a sua classe social. A

---

<sup>16</sup> ABREU, Paulo Plínio. O comedor de fogo. **Encontro**, Belém, n. 1, p. 5, 1948.

poesia capta fragmentos do homem urbano: tomar cerveja com os amigos; calçar sapatos de couro; amar mulheres feias e bonitas. Numa linguagem coloquial, simples, com se tivesse relatando o que vê, Max Martins em verso livre manifesta a sutil diferença de ser poeta entre os homens.

Ando, jogo, pulo,  
posso um dia dançar também.  
Qualquer mortal usa gravatas idênticas às minhas.

Calço sapatos de couro,  
visto camisas brancas,  
como batatas, peixe, carne.  
Tomo cervejas com amigos,  
amo mulheres bonitas e feias.  
beijo-lhes os seios, o colo.

Vou ao cinema.  
Vendo Chaplin assusto os espectadores com minhas gargalhadas,  
chorei quando vi “O Sinal da Cruz”  
e emprestei meu lenço à moça do lado.

Abraço meus irmãos,  
cumprimento meus vizinhos  
Ando, jogo, pulo,  
posso um dia dançar também.  
Apenas é que tenho uma veia a mais.<sup>17</sup>  
(Max Martins, *Auto-Retrato*)

---

<sup>17</sup> MARTINS, Max. Auto-Retrato. **Encontro**, Belém, n. 1, p. 39, 1948.

O interesse na análise psicológica do personagem, penetrando no conflito dos problemas gerados pela tensão existente entre indivíduos e meio social, destaca-se nos textos em prosa publicado em *Encontro*. Desse modo, em linguagem clara e objetiva o conto *Nigel*, de Mário Faustino, e a novela *Mabel*, de Sultana Levy, conduzem o leitor ao cerne de questões criadas pela opressão do mundo atual, revelando situações trágicas da vida pela arte. Em *Nigel*, Mário Faustino aborda o narcisismo no ser humano. O personagem central deste conto é Nigel, que desde a infância até a idade adulta assinala uma afinidade entre a beleza eterna e a morte. Adorado pelas mulheres e atraído pela sua própria beleza, Nigel transita num mundo de desejos, espelhos e tragédia.

Às vezes admirava-se de seu coração. Quando lia nos livros uma referência a pessoas que se amavam, levantava os olhos para a parede em frente e perguntava-se: “Se alguém morresse, eu choraria?”. Figurava-se o pai morto, a mãe morta, imaginava-se único sobrevivente de um dilúvio. Mas não se comovia. Impassível, descia os olhos para o livro<sup>18</sup>.

Sultana Levy, no capítulo da novela *Mabel* descreve o cotidiano dos moradores de uma pensão, onde homens e mulheres estão marcados pelos sentimentos de frustração e de solidão. Em um estilo objetivo, a autora conduz os personagens a um emaranhado de situações banais que os levam ao desencontro consigo mesmos e com os outros. Sultana Levy consegue fazer uma abordagem sobre a convivência vazia das relações humanas. Vejamos fragmentos do texto.

\_ Que chuva, hein? Três dias! Nem me lembro mais da cor do céu. O homem fala para si mesmo, enquanto fecha o guarda-chuva; deixa-o encostado à porta a escorres, e fica a olhar pensativo para o lago que se vai formando no chão [...] Outro desabamento, souberam? – perguntou o homem aos demais refugiados. Uns sabiam já, outros queriam saber onde foi [...] Assou o nariz, e

---

<sup>18</sup> FAUSTINO, Mário. Nigel. *Encontro*, Belém, n. 1, p. 19, 1948.

perdeu o entusiasmo. Cruzou os braços e ficou, como os outros olhando a chuva, com o aspecto de forçada resignação dos oprimidos<sup>19</sup>.

Em vista disso, a “geração dos novos” mostrava-se novamente presente na vida literária local. A revista *Encontro* divulgou, em seu brevíssimo tempo de circulação, uma literatura paraense em afinidades com a profunda mudança de valores sociais e com a inquietação do homem diante da realidade. Depois da publicação do único número dessa revista, três anos depois apareceria a *Norte*. Matéria a ser tratada em seguida.

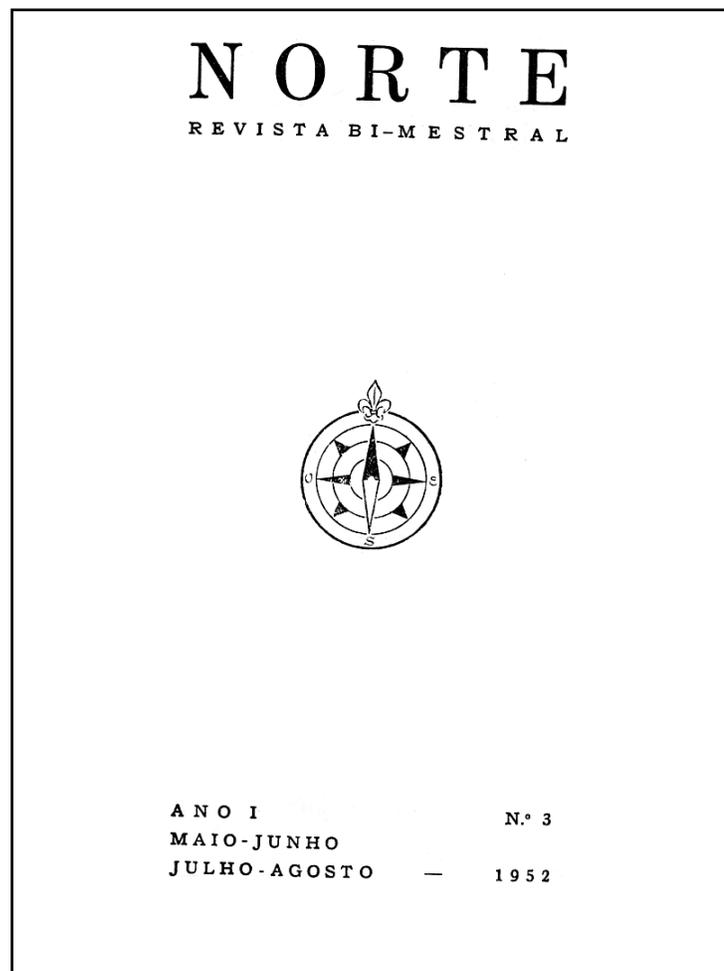
### 3.4 *Norte*

A revista literária *Norte* teve apenas três números que circularam no ano de 1952. O primeiro número, publicado em fevereiro, o segundo, em março/abril e o terceiro foi em bimestres maio/junho e julho/agosto. De vida curta, apenas por um espaço de seis meses, essa revista publicou textos de autores locais, entre os conhecidos de *Encontro* e do

*Figura 13: Capa da revista Norte*  
Acervo: Biblioteca Pública do Estado do Pará

suplemento literário, e outros

nomes de autores foram acrescentados. Poema, tradução, conto, ensaio literário e filosófico, resenha de livros, crítica, teatro, cinema e anúncio publicitário preenchem as páginas deste periódico.



<sup>19</sup> LEVY, Sultana. Mabel. *Encontro*, Belém, n. 1, p. 25, 1948.

A direção era de Benedito Nunes, Max Martins e Orlando Costa. Tinha como colaboradores: Angelita Silva, Ápio Campos, Amy Lowell, Benedito Nunes, Benedito Monteiro, Carlos Coimbra, Cauby Cruz, Carmem Pais, C. A Dias de Andrade, Cécil Meira, Francis Thompson, Gabriel Marcel, José Maria Amorim, J. G. Barreto Borges, L. J. Lebret, Machado Coelho, Maria Anunciada Chaves, Maurício Rodrigues, Max Martins, Paulo Plínio Abreu, Peter Paul Hilbert, R. de Sousa Moura, Robert Stock, Pe. Serra, Ruy Guilherme Barata, Ruy Coutinho, Simão Bitar, Orlando Costa.

Um grupo de jovens - esta é sem dúvida a época do país moço – estar lançando um empreendimento cultural de finalidades as mais encomiosas e beneficentes. Trata-se, senhores deputados, da publicação bimestral da revista literária Norte, sob a direção dos intelectuais, professor Benedito Nunes, poeta Max Martins e o sr. Orlando Costa. Trazendo farto e selecionado sumário, esta revista acaba de aparecer em seu segundo número, numa exemplificação da força de vontade e tenacidade dos seus diretores. Editar folhetos com modinhas carnavalescas ou folhetins românticos, dá lucro, senhores deputados. Mas publicar uma revista de cultura nesta terra, sem figurinhas ou retratos de estrelas de Hollywood em transparentes “biquínis”, é destemor e vontade de realizar. É idealismo<sup>20</sup>!

A redação da revista ficava localizada à Av. Gentil Bittencourt nº 25, em Belém, o mesmo local que, dez anos antes, fora a sede da Academia dos Novos. O preço avulso do exemplar custava Cr\$ 10,00. A revista não era ilustrada. Somente a capa trazia um desenho: a Rosa dos Ventos, feita por Peter Paul Hilbert, o instrumento de orientação com a direção Norte, destacada por uma ponta em forma de espada. Na página de rosto, temos o título NORTE, em caixa alta, no primeiro número tipo *times new roman*, nos dois seguintes, tipo *monotype corsiva*, **NORTE**.

---

<sup>20</sup> Trecho do requerimento do deputado estadual Carlos Victor Menezes, enviado a redação da revista **Norte**, pronunciado em sessão de 23 de abril de 1952, pedindo que fosse incluído, na ata dos trabalhos da Câmara dos Deputados da Assembléia Legislativa do Estado do Pará, voto de louvor aos diretores da revista *Norte*, por ser esta a única publicação “autenticamente cultural” que circulava no Pará. O requerimento foi publicado na revista do quadrimestre maio/junho/julho/agosto de 1952, à página 87.

### 3.5 Crítica

As colaborações são distribuídas pelas páginas da revista *Norte*, em seções de artigos, teatro, cinema, literatura, filosofia, política, livros, noticiário e comentário. O ensaio introdutório da revista é de Benedito Nunes, *Considerações sobre a peste*, artigo anteriormente publicado no suplemento literário da *Folha do Norte*, de 14 de janeiro de 1951, nº 165. Do mesmo autor, encontram-se mais dois artigos publicados nos números seguintes da revista: *O anjo e a linha*, *Atualidade de S. Tomaz* e *As idéias do existencialismo*, sendo os dois últimos ensaios filosóficos.

*O anjo e a linha*, publicado na revista nº 1, de fevereiro de 1952, trata de uma crítica sobre o segundo livro do poeta Ruy Guilherme Paranatinga Barata, *A linha imaginária*, lançado no final de 1951, pelas Edições Norte, Belém. Benedito Nunes aponta o conterrâneo Ruy Guilherme Barata como um “poeta autêntico” daquela geração, haja vista que, por essa data, se publicava o *Panorama da nova poesia brasileira*, sem ao menos citar o nome de algum dos integrantes do “Grupo dos Novos”.

*Panorama*, apesar da iniciativa “louvável”, serviu, segundo Benedito Nunes, para revelar a crise em que se encontrava a poesia nacional<sup>21</sup>. O conflito desses jovens poetas estaria no empenho no “culto da palavra pela palavra, realizando aproveitamentos artificiais, criando imagens desvirilizadas, meros jogos de termos que dificilmente conseguirão despertar reações emotivas e intelectuais”. No caso do poeta de *Linha imaginária*, este apresenta ao público uma “poesia adulta” e o crítico local vai mais longe em sua observação: o livro de Ruy Barata representava a abertura de um “ciclo da nova poesia brasileira”. Vejamos um trecho da crítica:

---

<sup>21</sup> Na seção de “Notícias e Comentários”, dessa mesma revista, anuncia-se sobre a organização, pelo Clube de Poesia de São Paulo, de uma antologia de poetas brasileiros, abrangendo o período de 1922 a 1947. O nome de Ruy Guilherme Barata constou entre os “riscados” sem se saber o motivo. Posteriormente, em outras obras de referência – como **Antologia poética da geração de 45** (1966), e Milton Godói Campos e **Apresentação da poesia brasileira**, de Manuel Bandeira, o nome do poeta paraense é citado como um dos principais membros da Geração de 45 do país. O crítico Álvaro Lins já havia comentado sobre Ruy Barata, por ocasião do primeiro livro de poesia **Anjo dos abismos**, lançado em 1942. como um dos principais membros da geração de 45 do país. O crítico Álvaro Lins já havia comentado sobre Ruy Barata, por ocasião do primeiro livro de poesia **Anjo dos abismos**, lançado em 1942.

Não só as faculdades criadoras do autor atingiram nesse livro todo o seu vigor expressivo, como a técnica, o manejo do verso, o poder verbal, a insinuação do tema, a construção do assunto. Essa conquista material, entretanto não o arrasta para o malfadado preciosismo, e nem faz dele um malabarista de apreciáveis qualidades, que saiba apenas combinar palavras, como o pelotiqueiro que sabe atirar as suas bolas e recebê-las de volta. Ruy Barata não é um virtuose do verso, porque, sobretudo é um criador. A poesia nele tem nascimento espontâneo, carregando em si, sem prodigalidade, essa riqueza de imagens que se plasma com a elaboração meditada das experiências do poeta [...].

O crítico segue o artigo sobre o livro de Ruy Barata com a análise de alguns poemas, mostrando ao leitor a maneira “personalíssima” de o autor construir seus versos. Eleito pelo crítico como um “poeta talentoso”, Ruy Barata é diferenciado de modo positivo de outros da mesma geração, como Ledo Ivo e Fernando Ferreira de Loanda, esses vistos como poetas “confusos” com a pesquisa da palavra e muitos preocupados com a “publicidade” de suas obras pelos suplementos literários espalhados no país. Entre os títulos publicados no novo livro do poeta paraense encontram-se *Les Evenements* e *Ode a Fanny Brawne*, poemas editados nas páginas do suplemento literário da *Folha do Norte*, do qual Ruy Barata foi um ativo colaborador.

Em *Considerações sobre a peste*, o crítico trata sobre o romance de Albert Camus, *A peste*, lançado em 1947, dois anos após o término da Segunda Guerra. É um reconhecimento de uma literatura em crise, assunto bastante recorrente naquela década, ressaltando a falta de palavra para melhor caracterizar o processo pelo qual a literatura encontrava-se naquele momento, que ultrapassava a fronteira das classificações ou dos esquemas. De modo geral, a palavra “crise”, na visão de Benedito Nunes, serve para “traduzir” a perplexidade - “sentimento vizinho da impotência” - e a incapacidade do crítico literário para controlar “as manifestações multiformes do fenômeno literário atual, dentro dos conceitos simples e fórmulas objetivas”. A obra de arte surgida no pós-guerra, portanto, trazia consigo “um mundo inteiramente novo”.

Concernente ao papel do crítico literário, como intérprete, Benedito Nunes assegura que diante da literatura cabe àquele “ordenar sem ter o direito de impor-lhe a sua visão particular”. Desta maneira, a relação entre sujeito e objeto – base de todo conhecimento humano – é alterada na relação intérprete e obra de arte. A este propósito, explica o crítico:

A relação simplista, entre sujeito e objeto, que está na base de todo conhecimento humano é aqui alterada, com a preponderância do objeto, no caso, a obra de arte, que é conhecida mais em função dela mesma do que em função do sujeito que conhece<sup>22</sup>.

Para Benedito Nunes, poder-se-ia dizer que a complexidade de interpretar o texto literário - a exemplo da obra de Kafka - pode até parecer inicialmente “desconcertante” à primeira vista para o crítico, não habituado a esse tipo de ficção. A dificuldade estaria no fato de esse tipo de obra traduzir uma realidade confusa e não se adaptar à “noção habitual” que se tem das coisas. O essencial para o intérprete seria, como servidor da obra de arte, procurar “descobrir” o verdadeiro sentido da arte, ou seja, da “vida íntima de que é dotada”, mesmo que “essa vida escape à compreensão que temos da vida.”<sup>23</sup> Desse modo, Benedito Nunes acreditava ser papel do crítico literário pesquisar sobre aquela nova situação da linguagem literária. Com esse intuito, a tão comentada “crise literária” seria menos na literatura e mais na impotência do intérprete para encontrar a saída de sua perplexidade diante das manifestações artísticas, nas quais se encontrava submerso.

Todas essas considerações a respeito da interpretação da obra de arte, segundo Benedito Nunes, surgiram a propósito do romance *A peste*, de Albert Camus, publicado na França, após o término da Segunda Guerra Mundial. Nesse romance, o crítico depara-se com situações recorrentes ao ser humano, ordenadas num mundo próprio da ficção e ambientadas na cidade de Oran, “num ano qualquer depois de 1940”. Não se trata, portanto, para Benedito Nunes, de um romance revelador de sentimentos passageiros e

---

<sup>22</sup> NUNES, Benedito. Considerações sobre a Peste. *Norte*, Belém, n. 1, p. 3, fev 1952.

<sup>23</sup> NUNES, Benedito. *Op. cit.*, p. 3-4.

peculiares às crises da vida moderna, trata-se de um romance que consegue fixar certas atitudes permanentes do espírito humano, acompanhantes da trajetória humana na terra.

A peste possui linhas de traçado clássico, que assinalam para sua vida a duração eterna das grandes criações do espírito. É um romance de nosso tempo, e a sua atualidade consiste em refletir certas atitudes do pensamento, que são peculiares à época em que vivemos; as idéias que encerra são, de certo modo, produto das contingências sob cujo domínio espiritual se processa a vida atual. A história que relata é, em parte, a aventura espiritual do homem contemporâneo, que necessita redescobrir o sentido de sua existência, que acontecimentos exteriores têm perturbado. É esse homem, para quem a cultura se tornou uma carga bastante pesada e que o escraviza, em vez de sair do caos. Na sua luta contra peste, a ciência é impotente para debelar o mal que invade as cidades onde habita, e os corações muito mais do que os corpos.<sup>24</sup>

A literatura, nesse romance de Camus, encontra-se representada por uma realidade extraordinária ao traduzir uma visão de realidade da vida submetida às ordens de uma outra realidade, que transcende à habitual, e sob a qual não conseguimos compreender muito o seu significado. Afirma Benedito Nunes que a literatura de Camus consegue “sem renunciar à objetividade própria do novelesco, transmitir artisticamente o seu pensamento e a sua visão das coisas.”<sup>25</sup>

A constatação de que o homem estava subjugado a um “poder estranho, incompatível com a segurança”, exige do escritor uma luta “face a face com as situações extremas de sua existência”. Assim, em *A peste* que, como narrativa, “é a própria história do homem que, de repente, se vê destituído da sua liberdade e adquire consciência do mistério de sua existência, por um acontecimento estranho à sua vontade,”<sup>26</sup> é a consciência da “ordem da vida” que se impõe diante do indivíduo, que o envolve, e da qual não pode libertar-se.

---

<sup>24</sup> NUNES, Benedito. Considerações sobre *A peste*. **Norte**, Belém, n. 1, p. 4 – 5, fev. 1952.

<sup>25</sup> *Ibid*, *ibidem*, p. 5-6.

<sup>26</sup> *Ibid*, *ibidem*, p. 6.

Para Benedito Nunes, Albert Camus apegar-se à imagem de uma realidade tangível, da qual fazemos parte, a fim de nos apresentar uma outra realidade, que não podemos compreender, e que brota na metáfora de uma cidade sitiada pela peste bubônica. O homem vê-se diante de um paradoxo inexorável: Tudo ou Nada.

Aponta o crítico da revista *Norte* que a obra-prima de Camus reflete a aventura do homem contemporâneo e, em parte, “a tradução das contingências existenciais de nosso tempo”. Um tempo marcado por sucessivas guerras, levando o homem à dor e ao desespero. A urgência de sair dessa situação nada agradável para a vida mobiliza o homem para o heroísmo que “advém da negação da Fé, como a única potência capaz de arrancar o homem do desespero, e que se fundamenta na cega necessidade de viver; é um heroísmo peculiar ao homem contemporâneo”. O heroísmo, aqui, surge como direta consequência de uma reflexão pessimista em torno da situação humana.

O pessimismo possui raízes no “sentimento específico de impotência”, adverte-nos Benedito Nunes. O homem não tem poder para afastar o perigo que o ameaça aniquilá-lo e, assim, a “realidade indomável” exerce a pressão, “surda ao apelo dos sentimentos mais puros, como amor e bondade, que ela desorienta, tal como a Peste com suas vítimas”. O homem abatido pela *peste* torna-se confuso e chega a perder a noção de “é uma criatura, com aspirações elevadas que o encaminham para Deus”.

Viver, simplesmente viver; os personagens procuram salvar-se adotando uma “solução de desespero” - que já representa um “ato de bravura” - e lutam sem esperança num esforço estéril contra a peste. Nos trechos finais do ensaio, Benedito Nunes desvenda Camus que, mesmo não conseguindo dar ao homem a esperança, chega pelo menos a apresentar-lhe o “poder ilimitado da ternura”. Sentimento que se pode desejar sempre e às vezes tê-lo, mesmo num clima desumano como o da peste, pois depende do homem exercer o princípio de liberdade e de consciência.

Na crítica de Benedito Nunes é latente a convergência da filosofia para a literatura, uma tendência inicial do autor, que se apresentaria em estudos literários posteriores à dispersão do “Grupo dos Novos”. Além de Benedito Nunes, outros nomes assinam artigos críticos sobre a literatura local, porém com uma produção menor. Max Martins apresenta breve comentário crítico sobre o romance *Uma grande mancha de sol*, da

escritora Sultana Levy Rosembat, lançado pela Casa do Estudante do Brasil, no Rio de Janeiro. O autor elogia a ação do romance, em torno da protagonista Maria Angélica, dona de um “coração insatisfeito”, e chama a atenção para o leitor ficar atento e não classificar tal romance como “regionalista”.

Apesar do drama da personagem se passar em Belém, as “cenas da província revestem-se de farto conteúdo humano”. Max Martins destaca que o “peso das emoções”, aumentado em cada página do livro, consegue mostrar com profundidade o “problema sem solução” da personagem central, portanto, o aspecto humano, universal, deve ser mais relevado na leitura do romance da autora paraense.

Em relação à poesia publicada nos três números da revista *Norte*, nomes conhecidos da literatura local aparecem novamente, como o de Cauby Cruz, Jurandir Bezerra, Max Martins, Paulo Plínio Abreu, Ruy Guilherme Barata, entre outros. Entre os “outros”, a figura do poeta norte-americano Robert Stock, o “Homem ou Santo Homem da Matinha” – como era conhecido pelos amigos do “Grupo dos Novos” - que viveu em Belém, por época da publicação da revista *Norte*.

### 3.6 Um hippie avant la lettre

Benedito Nunes recorda-se de Bob como um poeta, um *hippie avant la lettre*, que morou no bairro pobre de Belém, Matinha, em “barraco de chão batido, coberto de palha, na companhia da mulher, Heriette, uma ex-atriz, da filha Sharon, do macaco Persifal, de um trumpe preso à parede da pequena sala de entrada, de um Webster gigante, guardado na sala, que servia de mesa, e onde trabalhava.”<sup>27</sup>

Esse homem magro, alto, de óculos era o oposto da impressão dos norte-americanos, deixado nos anos de guerra “pelos bem postos soldados e oficiais dos Estados Unidos” que transitavam pela cidade. Esse homem simples, que nada tinha com a

---

<sup>27</sup> NUNES, Benedito. Op.cit, p. 23-24. Benedito recorda-se de Robert Stock e a lição poética da moral empenhada à poesia, como valor principal: “o exercício da arte feito prática de vida”. Livros de Robert Stock: **Convenants**, Trident Press, New York, 1967 – com poemas dedicados a Ruy Barata, a outros amigos paraenses e à memória de Mário Faustino. Um livro póstumo foi organizado pela mulher do poeta, Heriette, **Selected poems (1947-1980)**, Crane e Hopper Publishers, New York, 1998.

“aparência dos prósperos cidadãos de uma nação rica”, muito contribuiu para a experiência do “Grupo dos Novos” com a literatura inglesa e norte-americana. “Um anarquista, sem ser materialista [...], egresso da mesma comunidade de Bir Sur, na Califórnia, a que pertencera Henry Miller”, comenta Benedito Nunes. Abaixo fragmento do “Poema sobre o sábado de Aleluia”, de Robert Stock, tradução de Mário Faustino, publicado na revista *Norte*.

I

Esta noite, quando tudo que floresce  
No ar e no recuo imenso das marés menstruais  
Dilata além de seu limite os nossos fôlegos;  
Quando o órgão crescente contraponteia  
A grama ereta, a escuridão pesada  
De pólen, esta noite surge pleno  
O Gral do Espaço, o Gral Vegetativo.  
[...]

A Madalena, amadurecer o ar  
No ano eunuco; o inverno rebenta,  
Noivo e noiva de flor;  
Apertados, os céus são pródigos de estrelas  
Que brilham fora das dimensões: não são.  
Ah nem o tempo nem o espaço existe  
Espaço para nós; só podemos entrar um no outro,  
Na flor apenas, de noivo e noiva.<sup>28</sup>  
(Robert Stock, *Poema sobre o sábado da Aleluia*)

---

<sup>28</sup> STOCK, Robert. Poema sobre o sábado da Aleluia. *Norte*, Belém, n. 3, p. 32-33, 1952.

Por meio da amizade com Robert Stock, os participantes do “Grupo dos Novos” leriam Hopkins, Eliot, Pound, Richard Eberhardt, Robinson, Jeffers, H.D. Lawrence, Marianne Moore, Hart Crane, Auden, Dylan Thomas, Elisabet Bishop, William Carlos Williams, Cummings, Wallace Stevens e tantos outros.

Como podemos observar, os integrantes do “Grupo dos Novos” despertavam, com a amizade de Robert Stock, para o interesse por autores estrangeiros, em destaque à literatura norte-americana. O interesse por essa literatura, não era particular ao “Grupo dos Novos”, mas reflexo de um clima de final de guerra, no qual a descoberta da literatura norte-americana tornou-se um fenômeno editorial que se repercutia no mundo inteiro. Na França, por exemplo, o sistema de ensino de literatura para o curso médio, começava a incluir leitura de obra norte-americana no currículo. No Brasil, o crítico Wilson Martins, atento para tal fato, destaca o empenho de críticos brasileiros por essa nova fonte literária.<sup>29</sup>

Robert Stock traduziu poemas de Amy Lowell, de Francis Thompson e de H.D. Lawrence, que foram publicados na revista *Norte*. A imagem do “Homem da Matinha”, do antiamericano, do avesso do “vencer na vida”, do “poeta como o oposto do *self-made-man*”<sup>30</sup> ficaria guardada na memória dos rapazes da revista *Norte*. O crítico paraense Benedito Nunes, 20 anos depois, encontrou-se com Bob, em Nova Iorque. O “Homem da Matinha” estava trabalhando na área de publicidade e mantinha-se fiel à vida franciscana.<sup>31</sup>

Além desse poeta, nos números da revista *Norte* encontramos Cauby Cruz em *Poema quase noturno e Poetas que leio*; Max Martins em *No túmulo de Carmecita, Poema*. Maurício Rodrigues em *Primeiro poema da morte*. Jurandir Bezerra em *Canção de um morto*. Ruy Guilherme Barata em *Poema Didático*. Mário Faustino em *No trem, pelo deserto*. Paulo Plínio Abreu traduziu *Eyes That last I saw in tears (Olhos que pela última vez eu vi em lágrimas)*, de T.S. Elliot; na tradução de Machado Coelho – intelectual da terra

---

<sup>29</sup> Ver: MARTINS, Wilson. **A crítica literária do Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, vol. 2, p. 598-599.

<sup>30</sup> NUNES, Benedito. Op.cit, p. 23-24.

<sup>31</sup> Entrevista à autora em abril de 1999.

– o poema *Le foyer, la luer...* (*A lâmpada velada*), de Verlaine. Textos que poderão ser lidos no anexo.

Assim, a revista bimestral do “Grupo dos Novos” chegou ao fim, em seu terceiro número, no mesmo ano em que fora lançada. A partir daquela data, os integrantes do grupo se dispersaram, no que diz respeito ao projeto comum desses integrantes; o de divulgação do trabalho literário e crítico, através de um gênero híbrido como a revista.

Mário Faustino, Max Martins, Haroldo Maranhão, Benedito Nunes, Jurandir Bezerra, Alonso Rocha seguiram itinerários diferentes. Alguns autores continuaram em Belém, outros mudaram de cidade. A partir daquele início dos anos 50, a publicação das obras desses autores deu-se de modo individual. Naquele mesmo ano, com recursos próprios, Max Martins lançou *O estranho* (poesia, 1952). O livro traz alguns poemas publicados no suplemento literário da *Folha do Norte* ou nas revistas *Encontro e Norte*.

Podemos assegurar que as revistas dirigidas pelos participantes do “Grupo dos Novos” representam um esforço de continuidade do projeto literário dessa geração de autores paraenses. Com a modernidade assumida por seus integrantes, dentro do momento histórico em que viveram, o movimento local atingiu mudanças significativas no panorama cultural de Belém, acrescentando à época excelentes trabalhos literários e críticos. A seguir, o principal documento da geração de Haroldo Maranhão, o suplemento literário da *Folha do Norte*, que juntamente com outros periódicos surgidos no mesmo tempo, em várias regiões do país, desenvolveram uma concepção de literatura, de escritor, de leitor e de mundo.

## 4. NOVAS GERAÇÕES LITERÁRIAS NO BRASIL: A ERA DOS SUPLEMENTOS

A nova geração quer ser diferente daquela que está envelhecendo. Criou-se num ambiente pesado, de incertezas e de lutas, e surgiu mais sentimental, dentro do próprio materialismo com que se manifesta. No Pará já há um grupo bem formado e respeitável, e é dele que emana essa obrigação da nossa imprensa apoiar e incentivar a literatura. Cada dia o grupo cresce, as suas responsabilidades aumentam exigindo maior atividade, e daí surgem os proventos para a nossa literatura.

(Sultana Levy, *Posição e destino da literatura paraense*)<sup>1</sup>

### 4.1 Suplemento literário sai às ruas da cidade de Belém

A estátua de bronze do menino jornalista,<sup>2</sup> no centro comercial de Belém, nos transporta para aquela manhã de domingo, dia 5 de maio de 1946, quando um menino jornalista qualquer anunciava pelas ruas da cidade a edição do jornal *Folha do Norte*. A “*Fulha*”, na fala popular do paraense, como registrou Rachel de Queiroz, na crônica *Viagem à Amazônia*<sup>3</sup>. O jornal da família Maranhão<sup>4</sup> trazia a partir daquela data o *Suplemento Arte Literatura* sob a orientação de Haroldo Maranhão.

---

<sup>1</sup> LEVY, Sultana. Posição e destino da literatura paraense. **Folha do Norte**, Belém, 26 out. 1947. Suplemento Arte Literatura, n. 48, p. 3. Entrevista.

<sup>2</sup> A estátua a que me refiro fica localizada à Av. Portugal, Centro Comercial de Belém. Homenagem do intendente federal, Dr. José da Gama Malcher, e do prefeito municipal Leão Aberlardo Condurú, data de 9 de abril de 1938, ao jornal **O Paraense**, fundado por Felipe Patroni, em março de 1822.

<sup>3</sup> QUEIROZ, Rachel. **O caçador de tatu**. 1ªed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1967, p. 112-115.

<sup>4</sup> O jornal *Folha do Norte* foi fundado em 1896 e circulou em Belém até 1971, quando foi vendido. No ano de 1946, o jornal estava completando 50 anos e tinha como diretor e proprietário João Paulo de Albuquerque Maranhão, gerente João Maranhão. Redação, gerência e oficinas funcionavam à Rua Gaspar Viana, 91. Sucursal jornalística na capital federal e em São Paulo. Edição diária e uma circulação de 15 mil exemplares. Assinaturas para Belém, estados, município e exterior.



vizinhança em relação à doença causadora da morte de Pedro Cascudo, a tuberculose. O drama é entremeado de humor, aventura, solidão e descobertas da infância de Silverinho. A história é de Benedito Nunes, na época com 17 anos, que estreava nas páginas do n. 1 do suplemento literário.

O suplemento literário circulou até 14 de janeiro de 1951, num total de 165 números<sup>6</sup>. O formato do tablóide, de 4 páginas ou de 8 em edições comemorativas, tinha publicação semanal e saía aos domingos. O leque de colaboradores era extenso, tanto na poesia quanto na crítica literária. As últimas poesias de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Ledo Ivo, Augusto Schmidt, João Cabral de Melo Neto, Manuel Bandeira alternavam-se com a poesia de Alonso Rocha, Benedito Nunes, Cauby Cruz, Haroldo Maranhão, Jurandir Bezerra, Max Martins, Mário Faustino, Ruy Barata, Paulo Plínio Abreu, poetas locais que ficaram conhecidos como o “Grupo dos Novos”. Alguns desses nomes, anos mais tarde, seriam reconhecidos nacionalmente, jovens que começavam a se firmar como poetas, críticos e contistas, e cuja produção primeira indica um itinerário de contemporaneidade com o Brasil e o mundo. Simultâneo a esse movimento literário local, em outras cidades do país, “gente nova”, também, publicava textos literários em periódicos semelhantes<sup>7</sup>.

Assim, o suplemento literário da *Folha do Norte* divulgou da crítica literária nacional, trabalhos de Álvaro Lins, Aurélio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Guido Puccio, Lúcia Miguel Pereira, Suzana Labin, Sérgio Buarque de Holanda, Sérgio Millet, Otto Maria Carpeaux, Wilson Martins, Roger Batisde, Paulo Rónai e do movimento literário local, a crítica de Benedito Nunes.

Nas páginas do suplemento literário publicaram prosadores e poetas nacionais, entre eles: Alphonsus de Guimaraens Filho, Augusto Schimidt, Bueno Rivera, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Domingos Carvalho da Silva, Emílio

---

<sup>6</sup> No levantamento efetuado os números 31,32 e 68 repetem-se, provável erro de impressão gráfica. Logo, um total de 168 números.

<sup>7</sup>É o exemplo de revistas: Clã (Fortaleza), Edifício, Orfeu (Rio de Janeiro) Nordeste, Região, Colégio, Quixote, Fundamentos, revista Branca, Revista Brasileira de Poesia (São Paulo), Joaquim (Curitiba), Sul, Malazarte, Agora (Goiânia), Panorama. Suplementos: *A Manhã, Autores e Livros, Letras e Artes* (Rio de Janeiro).

Moura, Jorge de Lima, Jorge Medauar, João Cabral de Melo Neto, Joaquim Cardoso, Julieta Drummond, Lêdo Ivo, Manuel Bandeira, Mário Quintana, Marques Rebelo.

Paralelamente à produção literária e crítica divulgou-se a literatura de autores modernos da qualidade de Kafka, Rilke, T.S.Eliot, Rafael Alberti, Walt Whitman, Garcia Lorca, Maiakovski, traduzidos por Mário Faustino, Ruy Guilherme Barata, Paulo Plínio Abreu, entre os tradutores locais, e Carlos Drummond, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Aurélio Buarque de Holanda, entre os nacionais. Comentava o poeta Ruy Barata, nos finais dos anos 80, em entrevista ao amigo Alfredo Oliveira, a respeito da tradução poética feita pela “turma” do suplemento literário.

A tradução de poetas estrangeiros que considerávamos importantes ganhou uma função didática de relevo. Eu, por exemplo, traduzi Maiakovski, Neruda, Aragon, García Lorca, Essenine, Bloch, Whitman<sup>8</sup>.

Quanto à parte gráfica, o suplemento literário não teve a intenção de renovar. A ilustração chamava bastante a atenção do leitor, porque além do contato com a poesia e a crítica modernas, o leitor passava a conhecer, também, as novidades em matéria de artes plásticas. Em suas páginas, o suplemento literário dispunha de caricaturas, fotografias, pinturas, desenhos e esculturas. Entre os pintores e escultores estavam Marc Chagall, Picasso, Salvador Dalí,

Lasar Segall, Bruno Giorgi. Aldo Bonadei, Santa Rosa, Sigaud, entre os desenhistas. Yllen Kerr, na xilogravura. A diagramação deste tablóide era irregular. Um texto, por exemplo, iniciado na terceira página, tinha seu fecho na segunda. Para o leitor de hoje, esse tipo de diagramação tornar-se-ia um certo incômodo, devido ao ir e vir nas páginas para dar continuação à leitura de um mesmo texto.

---

<sup>8</sup> OLIVEIRA, Alfredo. **Paranatinga**. Belém: Cejup, 1990, p. 96.

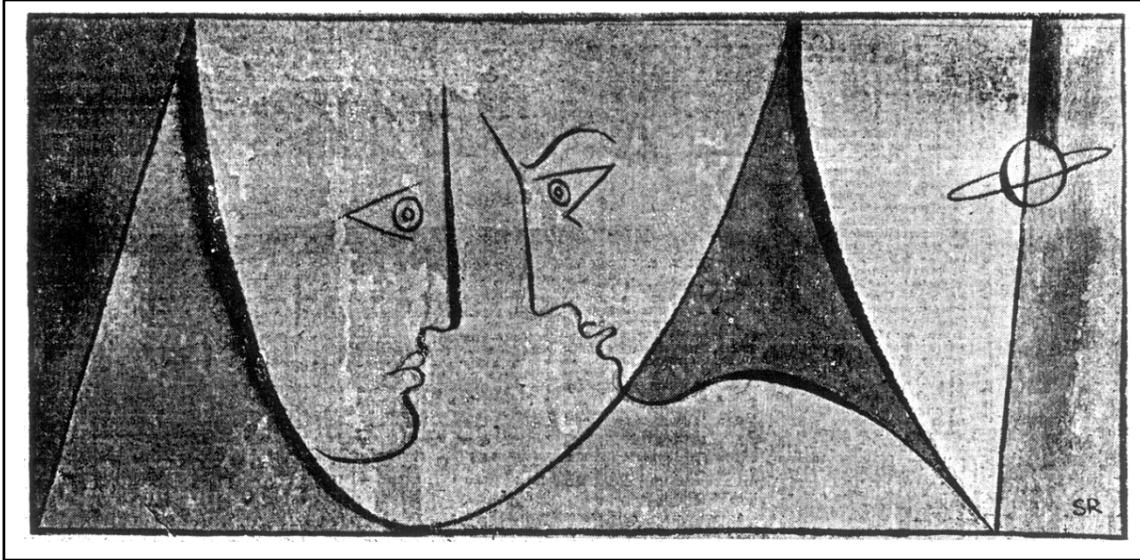


Figura 15: Ilustração de Santa Rosa

Acervo: Biblioteca Nacional

Ocorria de algumas ilustrações não estarem relacionadas às matérias que acompanhavam as legendas das ilustrações. Era escrito algo do tipo, “pormenor do painel *Nau Catrineta* de Almada Negreiro<sup>9</sup>” ou “Uma das esplêndidas ilustrações de Santa Rosa para *Crime e Castigo*, de Dostoievski<sup>10</sup>”.

Outras estavam associadas à matéria da página, como por exemplo, a fotografia do busto de Mário de Andrade, esculpido por Bruno Giorgi, que ilustra a edição da carta enviada por Mário a Manuel Bandeira, quando o autor de *Macunaima* esteve em Belém, em maio de 1927. A carta saiu no suplemento literário, nº 117, de 27/03/1949, quatro anos após a morte de Mário de Andrade, com a permissão de Manuel Bandeira - assíduo colaborador do suplemento literário.

<sup>9</sup> “Suplemento Arte – Literatura”. **Folha do Norte**. Belém, n. 121, p. 1, 01 mai. 1949.

<sup>10</sup> “Suplemento Arte – Literatura”. **Folha do Norte**. Belém, n. 126, p. 1, 12 jun. 1949.



Figura 16: Da esquerda para a direita: Haroldo Maranhão, Marques Rebelo e Francisco Paulo Mendes, na ocasião da passagem do autor de *Oscarina*, por Belém em 1949.

Acervo: Biblioteca Nacional

Entrevistas com escritores locais dividem espaço com autores nacionais e internacionais nas páginas do suplemento literário. Em capítulos publicados no período de 26 de outubro a 14 de dezembro de 1947, encontra-se uma série de entrevistas feitas pelo repórter Peri Augusto com escritores paraenses, a respeito da *Posição e destino da literatura paraense* – título dado às reportagens. Entrevistas com Cecília Meireles, Marques Rebelo, Sartre, Gide e Heidegger, além de outros, podem ser lidas nesse encarte literário da *Folha do Norte* dos anos 40.

Enfim, são diversos os temas para estudo no suplemento literário. Nesse tablóide dominical paraense, publicaram-se temas ligados a literatura, como o surgimento de norte a sul do Brasil de novos grupos literários; o lançamento de livros; a nova poesia; o pensamento filosófico do pós-guerra, o existencialismo, a literatura engajada. Esse jornal literário divulgou o clima cultural da época, registrando uma composição cultural, artística e, especialmente, literária que proporcionou mudanças no movimento literário local. Trataremos a seguir de alguns desses assuntos.

## 4.2 As novas gerações literárias das “províncias” do Brasil

A palavra “conformismo” circundou as novas gerações literárias do Brasil da década de 1940. Por um lado, lastimou-se a “falta de ação revolucionária” e se por outro, condenou a “admiração quase irrestrita” que os participantes dessas gerações reservaram para alguns autores “consagrados”, principalmente, do Movimento Modernista de 1920. O suplemento literário da *Folha do Norte* tratou do assunto, surgindo em suas páginas artigos de críticos de renome nacional que abordavam tal temática. Percebe-se nesses artigos que os críticos não mediram esforços para defender a autenticidade do movimento literário daquele momento, esclarecendo o processo histórico de um novo momento na literatura nacional. Outro ponto em comum é a admiração pelos periódicos literários lançados em diversos estados brasileiros.

Destaca-se, acerca disso, a opinião de Wilson Martins<sup>11</sup>, favorável às novas gerações literárias do país. O autor citado considera, no artigo *As novas gerações e as revoluções literárias* (1947), as duas impressões da crítica imediata sobre as gerações literárias: conformismo e admiração a autores do Modernismo de 1922. O impasse da crítica censurava a geração dos novos homens das letras, por suas tendências “mais construtivas que destrutivas, mais criadoras que críticas”, segundo Wilson Martins, porque:

[...] nenhuma outra geração na história literária do Brasil foi tão essencialmente crítica como a que ora se denomina nosso programa intelectual debaixo da catalogação simpática de “novos”.

Tornava-se evidente que as “novas gerações”, surgidas nas diversas regiões do país, inauguravam um novo momento da literatura nacional, não mais concebido por uma essência “destrutiva”, como o foi o Movimento Modernista de 1920, no qual seus integrantes foram ávidos lutadores na contingência de “limpar o terreno” antes de se construir o “edifício dos novos tempos”. As “novas gerações”, surgidas nos anos 40, conforme alude Wilson Martins, cumpriram-se, também, numa “revolução literária”.

---

<sup>11</sup> MARTINS, Wilson. *As novas gerações e as revoluções literárias*. **Folha do Norte**, Belém, 5 out. 1947.. Suplemento Arte Literatura, n. 45, p. 1-3.

Porém, numa revolução do tipo “difuso” e de “reflexos” mais “prolongados” e “duradouros”, mais “orgânicos”, diferente da revolução “concentrada” e “explosiva” da geração de 1920.

Nota-se, sobretudo nesse artigo de Wilson Martins, uma preocupação em diferenciar o movimento literário de 1940 em relação ao de 1920, no qual o crítico conclui que o primeiro representa a “vértice” de um processo que há muito vinha acontecendo e realizando não por um número reduzido de intelectuais de vanguarda – como foi o caso do movimento de 1920 - mas sim por “diversos” e “distintos” focos espalhados pelas “províncias” do país, “todas elas por uma milagrosa coincidência, realizando a mesma obra, a mesma renovação, despendendo os mesmos esforços criadores”.

Na relação histórica da nova geração com a literatura da geração de 1920, em décadas relativamente próximas, a renovação destes anos 40 corresponde a uma solidificação dos esforços de seus antecessores, ao contrário do Modernismo de 1922, que exibiu em suas obras e programas um tom agressivo e irônico em relação às estéticas anteriores.

Examinando as “novas gerações” literárias, Wilson Martins aponta “os mais lúcidos representantes” das duas gerações modernistas, Mário de Andrade e Tristão de Athayde, que teriam previsto uma fase de “estiagem construtiva” na história literária brasileira, depois dos anos de “delírios destrutivos” da primeira fase modernista. Parece acertado que, diante disso, duas sucessivas circunstâncias podem ser assinaladas: a do caráter “crítico” e “destrutivo” do Modernismo e a tendência “construtiva” das gerações “pós-modernistas.”<sup>12</sup>

Herdeiras, portanto, do Modernismo, através de um processo dialético, a “tendência construtiva” seria o “sinal” das novas gerações. Desse modo, a figura do “conformismo” é enfraquecida e a modificação literária advinda das novas gerações implica uma “revolução subterrânea”. Para Wilson Martins, uma vez que essa revolução possui seus documentos, ou seja, as revistas e os grupos literários das “províncias”, elas são

---

<sup>12</sup> Para Wilson Martins, as gerações “pós-modernistas” foram aquelas que surgiram mais próximas do Modernismo de 1922.

capazes de “lentamente” formar uma vida “independente” e “rica” das mais “inesperadas sugestões”.

Se por um lado, a geração de 1920 manteve-se estreitamente ligada à idéia de vanguarda literária e geograficamente localizada no eixo São Paulo – Rio de Janeiro, por outro lado, o processo de formação dessas novas gerações literárias de 1940 implica reconhecer a perda do “fascínio” dos intelectuais provincianos pela metrópole. Isso se evidenciou no fato de os participantes dessas novas gerações não se deslocarem para os grandes centros do país, permanecendo em suas cidades. Ao se referir aos centros culturais do país, Wilson Martins inclui o estado de Pernambuco, certamente pela presença dos grupos dirigidos por Gilberto Freyre e Joaquim Inojosa.

O fascínio da metrópole já vai desaparecendo do espírito dos intelectuais brasileiros, substituí-o pouco a pouco, uma valorização integrante e afetiva da província, uma valorização fecunda dos valores provincianos, uma consciência mais exata da verdadeira grandeza do Brasil e das fontes dessa grandeza.<sup>13</sup>

E se, do ponto de vista de Wilson Martins, a literatura brasileira, “exterminou” o tradicional eixo São Paulo, Rio de Janeiro e Pernambuco, na certeza de adquirir uma consistência mais “uniforme”, a metrópole, naquele instante, é que vai se curvar com “curiosidade” para o trabalho que se estava realizando nas províncias.

É nesse sentido que se refere aqui aos documentos dessa “difusa revolução” literária nacional. Wilson Martins enumera alguns títulos de periódicos existentes no Brasil da década de 1940 e alude, ainda, à possibilidade da existência de outros documentos, porém desconhecidos por ele. Entre os títulos, o crítico cita: o *Suplemento Arte Literatura da Folha do Norte*, em Belém; *José* e as edições de *Clã*, no Ceará; *Nordeste*, em Recife; *Agora*, em Goiás; *Edifício* e suas edições, em Minas Gerais; *Magog*, *Fonte*, *A Época*, *Futura*, *Orfeu* e os suplementos literários dos jornais do Distrito Federal, *Paralelos*; em São

---

<sup>13</sup> Idem, *ibidem*, p. 1.

Paulo e a *Clima*; *Joaquim*, no Paraná, *Uirapura*, em Santa Catarina; *Província de São Pedro*, no Rio Grande do Sul.

### 4.3 Mocidade em revistas

Como Wilson Martins, Lúcia Miguel Pereira<sup>14</sup> também destacou a descentralização literária no Brasil, no artigo *Mocidade e província* (1949). Seguindo o fato de que mais ou menos num mesmo momento moços de diversas zonas do país sentiram que se poderiam “realizar” como poetas, críticos e escritores sem “sair de sua terra”. A produção de moços estreantes, divulgada em periódicos locais, torna ricos e intensos, aqueles anos, dado que para Lúcia Miguel Pereira era bastante animador.

Nas bancas de jornal e revistas, nos balcões das livrarias, nas mesas de trabalho, por toda parte vamos agora encontrando novas revistas, revistas de gente Nova. *Clã*, *Edifício*, *Orfeu*, *Nordeste*, *Região*, *Colégio*, *Quixote*, *Fundamentos*, *Revista Branca*, *Revista Brasileira de Poesia*, *Joaquim*, *Sul*, *Malazarte*, *Encontro*, *Agora*, *Panorama* – peço desculpas se esqueci alguma – vão revelando nomes até há pouco ignorados pela única e suficiente razão de serem nomes de estreantes.<sup>15</sup>

De um modo ou de outro, na posição de Lúcia Miguel Pereira, com ou sem revistas, esses moços acabariam todos (ou quase todos) conhecidos pelo público leitor, por meio dos suplementos literários, ou conseguindo editar seus livros. O interesse da autora pelas novas gerações não se dava por serem de jovens as revistas literárias. Mas o “especial relevo” conferido ao aparecimento dos jovens escritores e suas revistas era o fato da sua “concomitância” e da sua “dispersão”.

---

<sup>14</sup> PEREIRA, Lúcia Miguel. *Mocidade e província*. **Folha do Norte**, Belém, 13 fev. 1949. Suplemento Arte Literatura, n. 111, p. 1.

<sup>15</sup> *Ibid*, *ibidem*, p. 1.

Pará, Ceará, Goiás, São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Maranhão, Paraná eram representados por suas revistas literárias, que eram lidas em diversos cantos do país. Pelo noticiário do suplemento literário da *Folha do Norte* sabe-se de que alguns dos títulos dessas revistas citadas chegavam à redação do jornal paraense. Apesar de as “províncias” não ultrapassarem a “capital” do país, em seus diversos setores, nem por isso se deixavam “absorver” por esta. Uma vez que Rio de Janeiro e São Paulo não agiam mais como “bomba de sucção”, aspirando a grande maioria de elementos de valor, adverte-nos Lúcia Miguel Pereira, as obras literárias passaram a ser vistas pouco importando o lugar de sua origem.

Tal destaque para a dispersão dos grupos literários por diversos estados brasileiros é acompanhado pelo tema da linguagem estética. Os estreates dessas novas gerações, comparados aos seus antecessores, para Lúcia Miguel Pereira, não assumiam uma posição “renovadora no sentido de defenderem conceitos e normas divergentes” dos moços de 1920. “Os estreates de agora não vêm de lança em punho combater por princípios estéticos revolucionários.” Podiam até atacar um ou outro “escritor antigo”, mas não de modo sistemático. Uma geração que parecia ouvir os conselhos do poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade.

Rapazes, sem que a literatura tenha algum préstimo no mundo de amanhã (o mundo melhor, que, como todas as utopias, avança inexoravelmente), reformem o conceito de literatura. Já não é possível viver no clima das obras-primas fulgurantes e podres, e legar o futuro apenas a esse saldo de séculos. Reformem a própria capacidade de olhar, para merecerem o espetáculo novo de que estão participando<sup>16</sup>.

Sem dúvida, a presença dos diversos grupos espalhada nas “províncias” fez uma importante alteração no quadro histórico da literatura brasileira. As principais contribuições dessa geração para a literatura nacional foram a garantia da liberdade de

---

<sup>16</sup> Carlos Drummond de Andrade publicou um fragmento do livro **Confissões de Minas**, publicado em 1944, no Suplemento Arte Literatura, n. 124, p. 3, em 22 de maio de 1949.

pensamento, a elaboração de uma poesia “mais restrita de expressão” e a busca de uma poesia “mais inquieta”. “O poema, com seus cavalos/Quer explodir.”<sup>17</sup>

A descentralização literária representou uma expansão cultural, de que nos fala Lúcia Miguel Pereira, embora não restrita ao sentido puramente de fronteira geográfica, mas aplicada efetivamente à conquista de idéias e preceitos.

#### 4.4 Hora e vez dos “novos”

Como Lúcia Miguel Pereira e Wilson Martins, o crítico e historiador Sérgio Buarque de Holanda<sup>18</sup> atentou para a descentralização literária no Brasil dos anos 40 no artigo *Província* (1949), de sua autoria.

O crítico escreveu sobre um dos aspectos mais significativos da situação da “poesia” brasileira: a dependência cada vez menor de um “núcleo de irradiação das tendências renovadoras”. Não é de admirar que Sérgio Buarque reconhecesse a mudança ocorrida no cenário literário nacional. O “clássico triângulo” Rio de Janeiro – São Paulo – Minas Gerais, entre os anos de 1920 e 1930, há muito havia perdido espaço para o Nordeste, que se tornou a “sede da novela de cunho social e regional”, no decênio de 1930. Estados “distantes”, portanto, revelam-se “libertos”, à medida do possível, das “influências do Modernismo”, sem necessitar de “dirigente” ou “estimulante”.

Mas, ao contrário do que pensa Lúcia Miguel Pereira sobre a “dispersão” presente na nova geração literária do país, a descentralização literária é vista por Sérgio Buarque como uma “aproximação” dos poetas através dos “grandes espaços geográficos” desse imenso território brasileiro.

Distante do “manancial modernista”, a nova geração literária do país achava-se marcada, muito mais do que antes, pela “afinidade” e “compreensão simultânea e mais espontânea” entre autores do “Ceará e do Paraná, do Pará e do Rio Grande do Sul”. Vozes

---

<sup>17</sup> NETO, João Cabral de Melo. Poema. **Folha do Norte**. Belém, 1 mai 1949. Suplemento Arte Literatura, n. 121, p.1.

<sup>18</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque. *Província*. **Folha do Norte**. Belém, 1 de jan 1949. Suplemento Arte Literatura, n. 108, p.3.

até então “tímidas” ou “quase apagadas”. Essas “vozes” poéticas, do Brasil “desconhecido”<sup>19</sup>, deixam o crítico Sérgio Buarque surpreso ao ter notícias da publicação de livros de poesia de estados como Goiás. Citando, por exemplo, a coletânea a ser publicada *Um instante da poesia de Goiânia* – com nomes de José Décio, Haroldo de Brito Guimarães, Bernardo Elis, Afonso Félix de Sousa e José Godoy García.

#### 4.5 Valorização da região

Em *Valorização da província* (1947), Álvaro Lins<sup>20</sup>, também trata do tema da descentralização literária. Mas focaliza o escritor em relação a sua origem natal e o ambiente universal. Álvaro Lins sabe da extensão territorial do Brasil e da atitude de respeito que se obriga a ter em face das diversidades e das particularidades regionais. Na relação literatura X província, o crítico destaca no quadro literário, o fato das províncias apresentarem, naquele momento, uma vida literária que estava contribuindo cada vez mais para a “variedade e complexidade” da literatura brasileira. Álvaro Lins apresenta como motivo, para tal particularidade, a permanência do escritor na província de origem.

Muitos escritores se tornaram “nomes nacionais” sem que fosse preciso abandonar as suas regiões. O crítico assinala o seguinte raciocínio: quanto mais o escritor permanecesse fiel a sua província, quanto mais estimulasse o espírito provinciano, mais atingiria o mais profundamente o caráter nacional da literatura. Reconhece-se, portanto, como característica peculiar desse período literário que poetas, ficcionistas e escritores permaneceram fiéis às cidades de origem, ou seja, nelas estabeleceram-se produzindo e estreando nos periódicos locais. Essa postura dos participantes da nova geração literária brasileira contribuía, na visão de Álvaro Lins, para a formação do caráter nacional nas letras.

---

<sup>19</sup> MARTINS, Wilson. Op.cit, p. 3. O crítico Wilson Martins refere-se a respeito da grandeza territorial do Brasil, e com isso à dificuldade dos intelectuais em manterem contatos “efetivos” entre si. Pois somente, através de contatos “constitutivos” e de “reconhecimento” uma literatura pode “sobreviver”. No caso do Brasil, o impasse da extensão territorial abarcaria o “desconhecimento em que vivemos de nós mesmos”. Uma situação “muito grave”, na opinião do crítico, para a vida intelectual do país.

<sup>20</sup> LINS, Álvaro. Valorização da Província. **Folha do Norte**, Belém, 16 nov. 1947. Suplemento Arte Literatura, n. 51, p.1-2.

Álvaro Lins, para divulgar tal certificação, elege Joaquim Nabuco como exemplo de escritor que nunca deixou de se voltar literariamente para sua infância em Massangana. O crítico emprega o termo “provincianismo”, assinalando o “espírito provinciano” que cada escritor traz consigo de sua província e tem “amplitude para o entendimento e a compreensão de todos os provincianos nacionais”, e não a um provincianismo particularista de tal ou tal região.

O que é claro no artigo de Álvaro Lins é que o “local precisa sempre de uma expressão universal para se revelar”, por isso o crítico insistiu na condenação de qualquer “estreito e limitado regionalismo”. O pendor de Álvaro Lins para que se veja o “espírito nacional como um conjunto dos espíritos provincianos e se considere que, mesmo em grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, os escritores voltam-se de preferência para aqueles aspectos “mais antigos, mais característicos, mais provincianos.” Nesse intuito, a crítica brasileira deveria admitir a consciência de estimular todo escritor que desejasse ficar fiel às condições que plasmaram a sua personalidade.

Assim, torna-se significativo o fato de escritores que se tornaram “nomes nacionais” sem abandonarem as suas regiões, pois quanto menos se “isolam as províncias tanto mais o espírito provinciano adquire consistência, vigor, autonomia”.

A história literária assinala o ano de 1945 como o ano do aparecimento da chamada “Geração de 45”, início de uma longa discussão, que não nos cabe no momento recapitulá-la. Considera-se, entretanto, o surgimento de uma nova geração de poetas e escritores, mais ou menos, a partir de 1945, servindo-nos como ponto de referência para nosso estudo, a fim de traçar o perfil do suplemento da *Folha do Norte*, lançado em 1946, portanto num ano em que os autores dessa nova geração estavam em plena atividade.

É nesse contexto literário após 1945, marcado pelas novas gerações de escritores, que Ledo Ivo tratou do problema da chamada “Geração de 45”. Em conferência pronunciada a convite do Clube da Poesia, no auditório do Museu de Arte de São Paulo, em sessão presidida pelo poeta Cassiano Ricardo, Ledo Ivo<sup>21</sup> expôs sobre o assunto. O texto foi publicado no suplemento literário com o título *A geração de 1945* (1949).

---

<sup>21</sup> IVO, Ledo. A geração de 45. **Folha do Norte**, Belém, 9 out. 1949. Suplemento Arte Literatura, n. 137, p. 1-2.

## 4.6 Geração de 45

O surgimento dessa nova geração literária no Brasil, em especial a dos poetas, coincide com fatos históricos importantes. Ledo Ivo adotou alguns marcadores dessa nova fase, entre as quais a “morte de Mário de Andrade”, a “queda do Estado Novo” e a publicação entre 1944 e 1945 de livros de poemas de autores até então desconhecidos e que suscitaram a “curiosidade” da crítica. Outro fato histórico, apesar de não ser citado por Ledo Ivo, é o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, uma vez que, no pós-guerra, a produção literária, tanto de autores nacionais quanto de estrangeiros, sem dúvida ocasionou numa enxurrada de livros, poesias, romances, contos, novelas em que se invoca uma reflexão sobre novas relações entre os homens, após a humanidade ter passado pela trágica experiência na “paisagem do *front*.”<sup>22</sup>

O artigo de Ledo Ivo, escritor participante dessa nova geração, procura esclarecer que a morte de Mário de Andrade - a “maior figura do Modernismo” - não significou o “marco” do surgimento de um novo movimento literário no país. Com a morte de Mário de Andrade desapareceu “talvez” o “único guia estético legado pelo Modernismo”. Para Ledo Ivo, foi como se uma geração tivesse perdido o “maior apoio moral, o seu porta-voz vigilante”.

De ponto de vista diferente ao de Wilson Martins, que se empenhou em caracterizar as novas gerações surgidas, momentaneamente, em diferentes regiões do país, Ledo Ivo ressalta que assim como aconteceu com o Movimento de 1922, da mesma forma a “Geração de 45” encaminhou-se no território brasileiro a partir das “três áreas geográficas literárias”, que novamente se “juntavam” para apresentar a “composição da mensagem” da nova geração. “Recife, Belo Horizonte e São Paulo. De Pernambuco viera o testemunho dos jovens poetas que em 1941 propuseram o Primeiro Congresso de Poesia do Recife”.

---

<sup>22</sup> BENJAMIN, Walter. Teorias do fascismo alemão – sobre a coletânea Guerra e guerreiros, editada por Ernest Jünger. In: B. Walter. **Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura**; 17ª ed. – São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas; v.1). p. 69. Referindo-se ao testemunho dos soldados que sobreviveram à primeira grande guerra, e que de fato tiveram na “paisagem do *front*, sua verdadeira pátria”. (p.66).

Ledo Ivo demonstra o rumo tomado por alguns grupos, a fim de testemunhar a “existência de um novo estágio de sensibilidade em presença de novos valores” no quadro literário. Em Minas Gerais, pelo movimento de *Edifício*, evidência para o poeta Bueno de Rivera (assíduo colaborador do suplemento da *Folha do Norte*); por São Paulo pelo grupo de Domingos Carvalho da Silva, autor de *Rosa extinta* (1945), destaque para a representação editorial do grupo paulista - principal responsável pela *Revista Brasileira de Poesia* e pelo Primeiro Congresso de Poesia<sup>23</sup> em São Paulo, em 1948.

Por outro lado, Ledo Ivo toca o favorecimento de revistas de novos no norte, no centro e no sul, não deixando dúvida, para o autor, da presença de uma nova geração, a “Geração de 45”. “[...] a organização de pequenas editoras, o avanço para os suplementos e outros fatores de ordem material” confirmam a existência de uma nova geração literária no país. Essa geração não aparece de “improviso”, adverte-nos Ledo Ivo, pois desde 1920 até 1945 duas gerações dominaram o panorama intelectual. “[...] duas gerações que se testemunharam nas estréias de *Paulicéia desvairada e menino do engenheiro*.”

A “Geração de 45” tomou consciência de si mesma sem a presença de um “guia” para dirigi-la e para orientá-la. Assim os participantes, ao descobrirem-se como poetas, revelaram-se em matéria de individualidade, desenvolvendo estilo próprio e desencadeando um movimento literário. A “Geração de 45” é a primeira geração literária que “surge sem um *ismo* para carregar às costas”. Entretanto, apresentou várias direções no campo poético. A primeira direção, o “predomínio do intelectualismo”, adverte-nos Ledo Ivo, provocou uma certa dose de prejuízo para a poesia, pois a preponderância mental “desumaniza tantos poetas sedentos de absoluto e de abstrato”.

A segunda, a “crise de expressão”, na qual a pesquisa da liberdade formal - herdada do Modernismo - sofre uma parada, pelo fato de os poetas de “45” preferirem “mergulhar” em certas constantes da poesia peninsular, tradicionalmente berço do lirismo poético da língua portuguesa, pela busca de “novos valores de originalidade” e de “afirmações pessoais”.

---

<sup>23</sup> No noticiário “Vida Literária” do Suplemento Arte Literatura da **Folha do Norte**, n. 74, de 21 de março de 1948, anuncia-se o Primeiro Congresso de Poesia Paulista, a ser promovido pela *Revista Brasileira de Poesia*, em 29 de abril a 3 de maio. Enumera-se uma lista de poetas e literatos participantes desse encontro. Do Pará, sabe-se que alguns poetas seriam convidados, entretanto nenhum nome foi citado.

Contudo, apesar de o Modernismo ter sido “ultrapassado” pelos próprios modernistas, ainda assim exerceu um profundo fascínio no pensamento estético da mocidade de 1945. O Modernismo acabado deixava na história cultural uma nova poesia, um novo tempo literário e, principalmente, uma “lição invencível”: a “reinvenção formal”. Para Ledo Ivo, o fato de os modernistas conseguirem “impor” o verso livre e tentarem redescobrir o Brasil, colhendo na fonte lexical do país uma sabedoria popular, muito serviu de admiração para os participantes da nova geração.

Se em 1930, o movimento literário nacional desenvolveu o romance social e psicológico, num predomínio do “fundo sobre a forma”, ou seja, nesse período houve um domínio de material e do assunto romanesco sobre as pesquisas do artesanato verbal, no Movimento de 1922, ocorreu o inverso: uma supremacia da forma sobre o fundo. Na visão de Ledo Ivo, isso representa a “conexão mais fascinante” entre os dois movimentos que antecedem à sua geração.

De certo modo, nota-se que em ambos os movimentos literários nacionais prevaleceu o empreendimento à investigação do signo literário. Ledo Ivo, em seu artigo, insiste em procurar nos movimentos literários modernistas de 1920, 1930, juntamente com a “Geração de 45”, elementos temáticos que os aproximem, no esforço de justificar a referida geração.

Outro ponto em que a “Geração de 45” se aproxima dos modernistas é a atitude de “provocação” e de “julgamento literário” que surgiu depois de “rompido o período fermentador” das “admirações e respeito”. Esse “surto” de provocação e julgamento é propagado pela revista *Orfeu*.

Para Ledo Ivo, é uma atitude “exibicionista” por parte de “jovens exaltados”, dos “novíssimos” diante do público. Ledo Ivo, mesmo pertencendo a essa geração de 45, condena a atitude de combate ao Modernismo, estimulada por alguns contemporâneos, pois certas lições modernistas são “inatacáveis”, mesmo “superadas”, pois representam uma atmosfera artística e social que assinalou um tempo.

A presença de um “novo espírito literário”, naqueles anos, é verificado por Ledo Ivo também, nas novas áreas conquistadas por esta “Geração de 45”. A inauguração de um momento rico em valores representativos em livros e revistas e, principalmente, a

capacidade de despertar, em quase todos os estados brasileiros, novos nomes e movimento, conduz Ledo Ivo a assegurar que “jamais houve no Brasil um conjunto de jovens tão numeroso e tão apaixonado pela coisa literária”, como o de “45”. Não era à toa, portanto, que a literatura nacional vivia uma fase de tantas revistas e tantos suplementos literários abertos aos autores estreantes no cenário brasileiro.

Os periódicos literários existentes no país cumpriam a função social e cultural ao facilitarem a comunicação dos jovens participantes dessa geração, por suprimirem o “sentido de solidão” dos autores estreantes, pois proporcionava a estes o processo comunicativo entre autor/obra/público. As revistas literárias, apesar da vida breve, são “testemunhas efêmeras” de certos momentos da história literária.

Côncio do caráter “passageiro” do momento literário, Ledo Ivo defende para sua geração um caráter “construtivo” – no sentido de criar novamente, para isso fazia-se necessário que a “Geração de 45” respeitasse as “revoltas anteriores” e procurasse “compreendê-las, ligá-las desde o Romantismo até os dias atuais formando com elas a nossa tradição literária, ou dentro de um âmbito mais restrito, poético.”

Continuadores de uma “tradição literária ainda frágil”, essa geração não devia negar o que já se havia feito, mas agir de modo mais construtivo, acrescentando a esta realidade da literatura brasileira uma “contribuição” pessoal. Com isso, atinge-se o ponto fundamental do drama dessa geração: saber que espécie de contribuição poderia ser oferecida à literatura brasileira naquele momento. Ledo Ivo recomenda que a “contribuição” deveria desencadear a certeza de que, após o surgimento de outras gerações literárias, a literatura brasileira estaria habilitada por um “aparelhamento crítico”, pois só assim os integrantes das futuras gerações saberiam o que a “geração de 45” realizou.

Para atingir tal empreendimento histórico, os “novos” deveriam conseguir o essencial da convivência em grupo: “a consciência do que querem”, ou seja, a visão dos próprios objetivos, num terreno mais exigente. Essa mocidade deveria ter uma “posição filosófica”. Agindo dessa maneira, a “Geração de 45” - a propósito da “contribuição” – teria mais segurança para “apreciar a permanência de valores” e compreender melhor o homem e o mundo. Contudo, Ledo Ivo adverte-nos de que “faltava” aos participantes daquela geração despertar a “consciência” de ser poeta.

O atributo de conhecer a realidade e poder julgá-la conduziria o jovem poeta a tomar pé das exigências que o longo e difícil caminho da criação literária pede na construção de uma linguagem capaz de exprimir uma “nova sensibilidade”.

Ledo Ivo esforça-se para demonstrar uma postura crítica diante do quadro histórico, social e artístico, mas, principalmente do papel dos “novos” autores e acrescentar algo mais a uma realidade previamente existente.

Julgo que estou sendo claro: quero uma revolta, um movimento, mas creio que a melhor maneira de realizar essa revolução é acrescentar à cultura brasileira mais um capítulo, mais um estágio criador, uma nova estética que nascesse da serena aceitação do que existe e continuará existindo, querendo ou não.<sup>24</sup>

No entanto, aquela “nova geração” era marcada pela “descrença no humano”, logo, não acreditava em possibilidades de mudança, como queria Ledo Ivo, e nem nas “próprias energias”. Uma geração que se colocou entre o conhecimento do mundo e das circunstâncias políticas de ideologias adversas, presentes no mundo, após a Segunda Guerra. O homem, nessa situação, para Ledo Ivo, se restringiu a contemplar o universo sem, entretanto, animar-se para empregar suas forças e com isso influir e transformar a realidade.

Aos olhos de Ledo Ivo, a “Geração de 45” encaminhou-se para a “anulação de morte, da morte intelectual dos refúgios particulares e das evasões herméticas”. Valores que não são abertos para a vida, porque operam de modo “desligado” do sofrimento coletivo, num momento em que o mundo vive dramas “romanescos” anunciados a todo instante nos jornais: um mundo com guerra, com filosofias “desagregadoras” e em crise. Tudo contribuindo para um complexo sistema de desencanto com a vida.

Desse modo, o jovem sentia-se com uma certa “incapacidade” de encontrar o fio condutor para dar sentido à vida, sem o qual uma geração de poetas e escritores

---

<sup>24</sup> Ibid, ibidem, p. 1.

resultaria em homens de ação desconexas, ou, como prefere Ledo Ivo, uma “geração de sonâmbulos”.

A “Geração de 45” esteve marcada, sobretudo, pela introspecção, que permite ao sujeito examinar os próprios pensamentos e sentimentos, esta geração voltou-se para a contemplação de seus “demônios personalíssimos” e de suas “paixões”. Sendo assim, foi uma geração que aderiu, quase totalmente, ao gênero poético. O romance, gênero social por excelência, não foi o forte dessa “nova” geração.

Uma poesia voltada “à disciplina e à ordem, à reflexão e ao rigorismo, às regras dos versos, à busca da forma e do equilíbrio, à compreensão, ao humano geral e ao universalismo, à poética e à retórica,”<sup>25</sup> em suma uma geração que teve uma atitude estética de reação contrária ao clima irreverente dos primeiros tempos modernistas.

Em relação à atitude estética de sua geração, Ledo Ivo deixa transparecer que, mesmo pertencendo a esta geração de poetas estreados, às vezes concorda, às vezes repulsa a sua geração, fazendo deste modo jus à liberdade individual do artista. Como podemos observar nos versos de um poema de sua autoria, publicados no suplemento literário da *Folha do Norte*, em 1949.

Meu irmão, deixa que a goteira molhe tuas últimas Poesias.

Pouco importa que amanhã te reconcilies

Com os grandes temas poéticos.

O amanhã é inconsumível. A chuva te ensina

A ser invariável sem se repetir.<sup>26</sup>

(Ledo Ivo, *A chuva sobre a cidade*)

---

<sup>25</sup>RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. Fase esteticista: a chamada geração de 45. In: COUTINHO, Afrânio (dir.). **A literatura no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro/Niterói: José Olympio/ Universidade Federal Fluminense, 1986, v. 5, p. 195.

<sup>26</sup> IVO, Ledo. A chuva sobre a cidade. **Folha do Norte**, Belém, 28 ago. 1949. Suplemento Arte Literatura, n. 133, p. 1

A “Geração de 45”, portanto, em todo o Brasil, deu continuidade com aprofundamento e com retificação à superação formal e substancial conquistadas pelos poetas modernistas de 1922<sup>27</sup>. Os poetas participantes da “geração de 45” construíram suas casas, mas não esqueceram que, nessa mesma rua, outras casas já existiam. Entretanto, para Ledo Ivo, muito deveria ser feito pelos jovens poetas, porquanto, a poesia dos “novos”, não havia descoberto ainda “o seu ritmo, a sua música, a sua sabedoria vocabular, a adequação entre forma e substância necessária à total realização”.

Até então, a produção desses jovens poetas publicada em revista, suplemento literário e mesmo em livro, não havia se individualizado. Estava claro o seguinte: existia naquele momento, uma nova geração brasileira, principalmente, no domínio poético, todavia, o que não existia configurado era a construção estética dessa geração. Desse modo, havia no panorama literário nacional uma geração com “vocação tribal para a poesia.”<sup>28</sup> Apesar dos jovens poetas de 1945<sup>29</sup> terem se distanciado da fase combativa do Modernismo, essa mocidade se encontravam ainda na procura de tão almejada liberdade artística. A seguir, a participa o do “Grupo dos Novos” no movimento cultural local e a produ o dos integrantes do grupo no suplemento literário da *Folha do Norte*.

---

<sup>27</sup> ANDRADE, Mário de. *A Poesia em 1930. Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d. Diante do aparecimento de quatro livros em 1930: **Alguma poesia**, de Carlos Drummond de Andrade; **Libertinagem**, de Manuel Bandeira; **Pássaro cego**, de Augusto Frederico Schmidt e **Poemas**, de Murilo Mendes; Mário de Andrade observa o encerramento das “inconvenien cias da aurora” da poesia brasileira contemporânea, pelas quais esta poesia vinha sofrendo, visto que a “licença de não metrificar botou muita gente imaginando que ninguém carece ter ritmo mais e basta ajuntar frases fantasiosas enfileiradas pra fazer verso-livre”. A poesia de 1930 apresentava poetas amadurecidos, ou seja, que sabiam aproveitar a liberdade estética conquistada em década passada, e exercer com eficácia suas tendências individuais. Desse modo, a chamada “Gera o de 45” ao clamar por um certo equilíbrio entre forma e essência poética, já tinha em mente uma “nitidez” das idéias estéticas mostradas por esses poetas de 1930.

<sup>28</sup> Ledo Ivo abre exce o para Clarice Lispector com o lançamento dos romances **Perto do cora o selvagem** (1943); **O lustre** (1946) e **A cidade sitiada** (1949), mesmo assim, alude o autor do artigo, é latente na romancista a insistência em seu modo “personalíssimo” de “parti das palavras” – como os poetas – e não dos assuntos como costumam os romancistas.

<sup>29</sup> Ledo Ivo lista os seguintes nomes de poetas da chamada “Gera o de 45”: João Cabral de Melo Neto, Bueno de Rivera, Marcos Kander Reis, Domingos Carvalho da Silva, Antônio Rangel Bandeira, Péricles Eug nio da Silva Ramos, Wilson de Figueiredo, Jacques de Prado Brandão, Dantas Motta, Jorge Madauar, Geraldo Vidigal, José Tavares de Miranda, José Paulo Moreira, Mauro Motta, Ciro Pimentel, Fernando Ferreira de Loanda. Poetas, quase todos, colaboradores do suplemento literário da *Folha do Norte*. Ledo Ivo, apesar de têm também colaborar com o suplemento belenense, não apontou nenhum poeta paraense daquele período.

## 5. GRUPO DOS NOVOS E VIDA LITERÁRIA PARAENSE

Trazia nos olhos a estranha fadiga  
de viagens não realizadas e a desolação  
do amor realizado  
Girassóis amarelos sobre o túmulo,  
estrelas que cairão de mãos violentas  
E palavras que surpreendem a paz cotidiana  
Para o filho trouxe a voz de um mundo solitário.  
Obscuros caminhos para a descoberta  
de uma linguagem pura e o desespero  
de estar ausente e incomunicável  
entre corações que morrem e vozes que caminham.  
(Paulo Plínio Abreu, *Autobiografia*)<sup>1</sup>

### 5.1 Suplemento literário: horizonte de uma geração moderna

O grupo dos “ex-acadêmicos” modernizou-se depois de 1945. Seguiu-se o ano de 1946, quando surgiu em Belém o suplemento literário do jornal *Folha do Norte*, do qual alguns dos ex-acadêmicos passaram a ser colaboradores, como foi o caso de Alonso Rocha, Benedito Nunes, Haroldo Maranhão, Max Martins, Jurandir Bezerra. A eles se juntaram: Francisco Paulo Mendes, Mário Faustino, Cauby Cruz, Paulo Plínio Abreu, Ruy Barata e Levy Hall de Moura.

O “Grupo dos Novos” na literatura paraense ativou o progresso de uma geração de intelectuais, com uma atividade literária propriamente dita. A “brincadeira” das sessões solenes da Academia dos Novos abriu caminho para a renovação na literatura paraense. Os primeiros poemas dos ex-confrades deixavam as folhas datilografadas da “edição caseira” e começavam a ser publicados nas páginas do suplemento literário.

---

<sup>1</sup> ABREU, Paulo Plínio. Autobiografia. *Folha do Norte*, Belém, 1º jan. 1949. Suplemento Arte Literatura, n. 108, p. 4.

Os primeiros poemas de *O Estranho* foram surgindo nas páginas do Suplemento, onde liamos as últimas poesias de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, alternando-se com os versos de Ruy Barata e Paulo Plínio Abreu, que nós, os então chamados “novos”, somados a Cauby Cruz e a um Mário Faustino, que não haviam pertencido à nossa Academia, tínhamos aprendido a admirar<sup>2</sup>.

O “Grupo dos Novos” era composto por homens nascidos nas décadas de 1920 e 1930 do século XX. Figuram-se Alonso Rocha (1926), Benedito Nunes (1929), Cauby Cruz (1926), Floriano Jaime (1924), Jurandir Bezerra (1928), Haroldo Maranhão (1927), Mário Faustino (1930), Maurício Rodrigues (1932), Max Martins (1926). Havia, também, participantes mais velhos na idade, experientes na literatura e que se integraram e compartilharam do movimento dos novos. Estamos nos referindo a nomes<sup>3</sup> como o de Francisco Paulo Mendes (1910), Paulo Plínio Abreu (1921), Ruy Guilherme Barata (1920), gerações diferentes que tiveram um ponto em comum: a participação no cenário cultural belenense por meio da criação literária, da crítica literária, de cinema e de teatro.

A intensa sociabilidade desses jovens era reconhecida por seus contemporâneos. Ruy Guilherme Barata, por exemplo, quando esteve em Fortaleza, no não de 1947, falou para a revista *Clã* a respeito do “Grupo dos Novos”.

Tudo leva a crer que o ‘movimento’ esteja melhorando cada vez mais, principalmente agora que começam a aparecer novos valores e novas vocações, podendo destacar entre eles Haroldo Maranhão, jovem e dinâmico idealizador e orientador do suplemento literário da Folha do Norte e que, estreando na crítica, vem sendo ultimamente solicitado pela poesia. Cauby Cruz, Max Martins, Benedito Nunes e Alonso Rocha são outros tantos jovens de quem todos nós do Pará muito esperamos<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> NUNES, Benedito. op.cit. p.18. O autor refere-se ao livro **O Estranho** de Max Martins, lançado em 1952.

<sup>3</sup> Francisco Paulo Mendes foi redator da revista *Terra Imatura*, 1938-1942; Paulo Plínio Abreu publicou seus primeiros poemas, na mesma revista *Terra Imatura* e em outras revistas locais; Ruy Guilherme Barata lançou o primeiro livro de poesia **Anjo dos abismos**, em 1943.

<sup>4</sup> BARATA, Ruy Guilherme Paranatinga. “A Geração Remediada do Pará dá boa tarde a Fortaleza por intermédio de Ruy Guilherme Barata”. **Folha do Norte**. Belém, n.33, p.3, 20 jul 1947. *Suplemento Arte – Literatura*. Entrevista.

O laço de amizade desses jovens estendeu-se para o campo profissional.<sup>5</sup> Eles trabalharam como jornalistas, servidores públicos, advogados, professores. Paralelo às atividades profissionais, o grupo colaborava nos periódicos por eles dirigidos e fundaram o cineclube “Os Espectadores”, executando um projeto literário de relevância para a cultura local.

## 5.2 Cinema e Teatro

O “Grupo dos Novos” estendeu o movimento cultural para outros espaços da cidade. Chegaram a fundar o clube de cinema “Os Espectadores”, inspirado nos chamados cineclubes, muito difundidos no mundo inteiro. Entretanto de início o grupo não pretendia promover a fundação e manutenção de uma cinemateca. A finalidade era educativa, “criando possibilidades de debates em suas reuniões sobre as películas momentosas ou em torno da estética cinematográfica”. O grupo contou com 11 sócios-fundadores, entretanto, o número de integrantes aumentou, entre eles: Angelita Silva, Armando Mendes, Benedito Nunes, Days Maués, Maria de Belém Marques, Maria Sylvia da Silva, Francisco Paulo Mendes, Maurício Sousa Filho, Mário Faustino, Max Martins, Manoel Pena, Ruy Guilhon Coutinho, Ruy Guilherme Barata, Orlando Costa e Wilson Pena.

“Os Espectadores” colaborou com o público no sentido de esclarecer sobre o bom e mau filme por meio da crônica de cinema publicada na revista *Norte*. O cinema, para o grupo, era um dos “poderosos veículos de sensibilidade e do pensamento” daquela época e como tal deveria proporcionar não somente uma “satisfação de ordem estética, mas também espiritual”. Desse modo, a “humanidade do cinema” deveria ser realçada e servir de critério para a crítica e a valorização do mesmo. O grupo, portanto, organizou-se para defender a arte cinematográfica, sendo uma excelente oportunidade para a “mentalidade mundana, cuja tolice” se inscrevia na “preferência pelo Frank Sinatra, rumbeiras do cinema mexicano e filmes nacionais, com Badú, Cole e Mesquitinha em primeiro plano”.<sup>6</sup> O

---

<sup>5</sup> Benedito Nunes em **Dois ensaios e duas lembranças**. Belém: Secult/Unama, 2000, narra passagens de sua convivência diária com Mário Faustino, quando servidores públicas da SPVEA (extinta SUDAM).

<sup>6</sup> Trecho do manifesto de *Os espectadores* publicado no dia 22 de julho 1951, no jornal **Folha do Norte**. Transcrito para a revista *Norte*. Belém, n. 1, fev. 1952, p. 69-70.

cinema não podia ser visto somente como entretenimento; a satisfação estética proporcionada pelo cinema deveria juntar-se à “consciência do público esclarecido”. Entre as obras primas do cinema, o grupo cita algumas produções como *Monsieur Verdoux*, *Em qualquer parte da Europa*, *Condenado*, *Roma, cidade aberta*, *Adúltera* e *Ladrões de bicicleta*.

Além do cinema, “Os Espectadores” escreveram em manifesto que se encontravam dispostos a “repelir os graves atentados à arte dramática” que vinha sendo “vítima predileta dos que falsos teatrólogos e companhias vindas do Sul a imolam, impunemente, no palco do Teatro da Paz”. O Teatro da Paz encontrava-se bastante mal aproveitado.<sup>7</sup> Por essa época, dinamizou-se, então, o Teatro do Estudante, embrião da Escola de Teatro da Universidade Federal do Pará.

Benedito Nunes, Maria Sylvia – esposa de Benedito - e Francisco Paulo Mendes foram grandes motivadores do teatro local nos fins dos anos 50. *Morte e vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, é apresentado pela primeira vez no palco do Teatro do Estudante<sup>8</sup>, sob a direção de Maria Sylvia Nunes, muito “antes do Tuca e do Chico Buarque”, assinala Haroldo Maranhão ao falar sobre sua geração, “numa terra de fraca memória e de errados reconhecimentos”, lembra-se do “estimulante movimento do Norte Teatro-Escola e de sua atuação pedagógica”<sup>9</sup> em Belém daqueles anos.

A influência cultural exercida pelo suplemento literário da *Folha do Norte* ajudou a divulgar a literatura e a crítica local em diversos momentos. Nas páginas dos periódicos dirigidos por participantes do grupo dos novos, encontravam-se textos de autores

---

<sup>7</sup> LAUS, Harry. O teatro na província. Encontro. Belém, n. 1, p. 54, 2º trimestre 1948. A propósito do teatro em Belém, o autor do artigo comenta o seguinte: “Mais ou menos uma vez por ano, aparecem por Belém ‘trupes’ de artistas cariocas; geralmente subordinados ao título geral: ‘Companhia Nacional de Comédias’. Iracema de Alencar, Barreto Junior, há tempos Jaime Costa, e outras. O nosso ‘Teatro da Paz’, nessas temporadas, só dá casa cheia. Em Belém não temos ‘dancing’, ‘boates’, grandes confeitarias, não temos praias na cidade, não temos bons cinemas, não temos circos, nem parques de diversões. E o povo acorre às companhias de comédias. Então, começa a tragédia da destruição do bom gosto popular. Em cartaz as comediazinhas, os dramas burgueses que formam, sem exceção, todo o teatro nacional de antes de Nelson Rodrigues. E ainda se não vão buscar os piores abacaxis do teatro argentino e raríssimos do francês. O nosso pobre público, quando ainda não visitou outras plagas, não conhece as peças de O’Neill, não conhece Giraudoux, Cocteau, Crommelinck, Camus, Shaw, Ibsen, Strindberg, Eliot, Pirandello. A não ser pelos esforços do nosso ‘Teatro do estudante’, alguns jovens esforçados que, de quando em quando, levam uma boa peça do teatro universal ou, mesmo, qualquer coisa boa de autor local, os paraenses teriam do teatro uma concepção errônea e falsa.”

<sup>8</sup> NUNES, Benedito (org.). **O amigo Chico, fazedor de poetas**. Belém: Secult, 2001, p. 18.

jovens e velhos que, apesar da diferença de idade e das suas respectivas trajetórias individuais, mantinham uma especialização temática, uma afinidade de pensamento, uma linha editorial pródiga. A convivência amistosa entre a mocidade do “Grupo dos Novos” e homens mais velhos, experientes na vida e na literatura, muito enriqueceu literariamente o grupo de Benedito Nunes, autor, entre outros, do suplemento literário.

[...] participávamos, embora num ritmo mais largo e menos exclusivista, em razão de nosso distanciamento e das circunstâncias de nossa formação intelectual, do mesmo quadro geracional. Mas entre nós, a vivência de geração, ainda que comportando o arrebatado empenho da juventude, absorvido em sua momentânea verdade, não se transformou num mito de identidade histórica, acima das contingências de uma estação de idade, dentro do movimento giratório do tempo, que amanhã põe os jovens de hoje na posição de seus maduros (ou velhos) antecessores de ontem. Tivemos por vivência um sentimento compartilhado de convivência. Uma geração de seus antecessores imediatos – no caso, a segunda leva dos poetas modernistas. Para eles estávamos voltados, como voltados estávamos para os coevos, nossos vizinhos de idade, nascidos nas imediações dos anos 20 e ingressos na vida literária entre os vinte e trinta anos. A exceção era Mário Faustino: aos 19 publicou os primeiros poemas, interrompendo desenvolta carreira de cronistas iniciada aos 16.<sup>10</sup>

Os novos autores paraenses afirmaram-se na solidariedade e na boa convivência com integrantes de outras gerações. A geração de Benedito Nunes estava mais próxima do movimento de *Terra Imatura* (1938-1942), uma vez que na segunda fase modernista, os autores estavam mais abertos para a realidade do país e para os problemas que afligiam a humanidade. Esse modo de olhar o mundo ia ao encontro dos ideais do “Grupo dos Novos”, pois foi uma geração que aprofundou o interesse pelo ser humano e refletiu sobre a tensão existente entre indivíduo e contexto social.

O jornalismo literário foi o principal objeto/fonte de atividade literária dos “novos” a fim de indicar os novos caminhos da literatura e da crítica daquele momento. Nos seis anos de circulação, o suplemento literário da *Folha do Norte* divulgou as

---

<sup>9</sup> MARANHÃO, Haroldo. Op.cit., p. 8.

<sup>10</sup> NUNES, Benedito. Op. cit., p. 19-20.

tendências contemporâneas e os autores em plena atividade literária, promovendo um intercâmbio cultural entre os principais centros culturais do país e do mundo. O ex-membro do “Grupo dos Novos”, o crítico Benedito Nunes, comenta a respeito do que representou o aparecimento do suplemento literário da *Folha do Norte* para a produção literária local.

Mais moderno do que modernista, esse antiprovinciano tablóide dominical instrumentou, difundindo tudo o que de melhor e mais novo se fazia na literatura e na arte do país e do estrangeiro, o esforço de atualização que cada qual começara a empreender por conta própria. E golpeou o isolamento que ilhava a produção local.<sup>11</sup>

O “Grupo dos Novos” coincide com outros movimentos literários ocorridos no país como, por exemplo, o do grupo “Clima” em São Paulo, formado desde 1939 por jovens unidos pela amizade e por uma intensa sociabilidade<sup>12</sup>. Fizeram parte deste grupo paulista, Décio de Almeida Prado, Paulo Emílio Salles Gomes, Lourival Gomes, Antonio Candido, Gilda Melo e outros. Tanto em “Clima”, como em “Clã”, de Fortaleza ou no “Grupo dos Novos”, o processo cultural e social desses movimentos perpassou também pelos itinerários individuais dos participantes. Fortalecidos pela amizade, os integrantes do grupo de autores paraenses ao fundarem o suplemento literário da *Folha do Norte* provocaram um “corte” naquele isolamento cultural em que se encontrava a cidade de Belém. A partir dali se iniciou um novo momento nas letras paraenses, caracterizada pelo diálogo com autores da literatura nacional e da estrangeira. Esse tempo foi de rica construção cultural, no qual os principais autores souberam aproveitar a liberdade estética conquistada pelos modernistas e ampliar os temas da literatura, indicando enfim uma nova trajetória no pensamento local.

### 5.3 Diálogo entre “gerações” da literatura paraense

Desde 1946, com o lançamento do suplemento literário da *Folha do Norte*, observa-se a literatura e a crítica de novos autores locais. Na série de entrevistas “Posição e

---

<sup>11</sup> MARTINS, Max. Op. cit. , p. 18.

<sup>12</sup> Sobre o assunto ver PONTES, Heloísa. **Destinos mistos: os críticos do grupo Clima em São Paulo (1940-1968)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

destino da literatura paraense”, dirigida pelo jornalista Peri Augusto, destacam-se depoimentos de intelectuais e poetas sobre o tema do aparecimento de “gente nova” na literatura paraense. As entrevistas foram publicadas de 5 de outubro de 1947 a 1 de janeiro de 1948, e colocam o leitor frente a frente com algumas inquietações polêmicas do momento, em especial com o que pensava a “geração moderna” do Pará.

Dessa série de entrevistas, 17 autores foram entrevistados, representando as gerações de 1920, 1930 e 1940. Seguem os nomes destes, obedecendo à dinâmica da reportagem de autores em dupla, com exceção da última entrevista, onde somente um autor aparece. Entre os autores da “velha” e da “nova” geração, surgem: Cléo Bernardo/Remigio Fernandes; Levi Hall de Moura/Sultana Levy; Cécil Meira/Geogernor Franco; Bruno de Menezes/Romeu Mariz; Stélio Maroja/ Edgar Proença; Otavio Mendonça/ R. de Sousa Moura; Geraldo Palmeira/ Max Martins, Paulo Plínio Abreu/ Ruy Coutinho; e Benedito Nunes<sup>13</sup>.

Alguns números do suplemento da *Folha do Norte*, no período da série de entrevistas, não publicaram nem mesmo um depoimento. Peri Augusto justifica ao leitor, o motivo da “quebra” das entrevistas: “Por falta de espaço em nosso suplemento literário, deixamos de prosseguir domingo com a enquete que estamos fazendo”. Seja qual tenha sido a causa, a verdade é que a enquete encerrou com a entrevista de Benedito Nunes, apesar de ainda nesse mesmo número ser anunciada a continuação do “movimentado inquérito”, promovida entre os intelectuais paraenses. Desse modo, o leitor ficou a “ver navios” e com vontade de ler esperadas entrevistas de: Daniel Coelho de Sousa, Francisco Paulo Mendes, Júlio Colares, Óseas Antunes, Ernesto Cruz, Ruy Guilherme Paranatinga Barata, Mário Couto, Cauby Cruz e Mário Faustino, que com certeza em muito contribuiriam para se conhecer a “geração moderna” do Pará.

Os entrevistados responderam às seguintes perguntas: “1) Que pensa da chamada “geração moderna” do nosso Estado? 2) Existe, na atual geração literária paraense, alguma ligação e respeito às tradições da nossa cultura? Ou, ao contrário, houve

---

<sup>13</sup> As entrevistas foram publicadas, respectivamente: Cléo Bernardo e Remígio Ferreira (n. 45, 05/10/47); Cécil Meira e Geogernor Franco (n. 46, 12/10/47); Levy Hall de Moura e Sultana Levy (n. 48, 26/10/47); Bruno de Menezes e Romeu Mariz (n. 49, 02/11/47); Stélio Maroja e Edgar Proença (n. 51, 16/11/47); Otavio Mendonça e R. de Souza Moura (n. 52, 23/11/47); Max Martins e Geraldo Palmeira (n. 55, 07/12/47); Paulo Plínio Abreu e Ruy Coutinho (n. 56, 14/12/47); Benedito Nunes (n. 60, 1/01/48).

uma solução de continuidade em nossa vida cultural? 3) Como vê o futuro das letras no Pará e no mundo<sup>14</sup>?”

Levy Hall de Moura<sup>15</sup> - autor da série *Esquema da evolução da sociedade paraense*, um tratado histórico sobre o Pará, publicado no suplemento literário da *Folha do Norte*, por seis anos consecutivos - cita duas gerações de autores paraenses. A primeira inclui os seguintes nomes: Aldo Morais, Cécil Meira, Cléo Bernardo, Eidorfe Moreira, Eima Tavares, Francisco Paulo Mendes, Dalcídio Jurandir, Dalcinda Ritacínio Pereira, Daniel Coelho de Sousa, Dulcinéa Paraense, Machado Coelho, Miriam Moraes, Mario Platilha, Ritacínio Pereira, R. de Sousa Moura, Sultana Levi, Soleno Moreira Filho, Stélio Maroja e Pedro Borge, que pertenceram à geração de Levy Moura.

A segunda geração, chamada de “moderna”, é composta por Alonso Rocha, Aquiles Lima, Carlos Eduardo, Carlos Lima, Cléo Bernardo, Geraldo Palmeira, Georgenor Franco, Haroldo Maranhão, Jaime Barcesat, J. Serrão, João Mendes, José Maria Platilho, Max Martins, Mário Faustino, Paulo Plínio Abreu, Peri Augusto, Rui Barata, Regina Pesce, Raimundo Serrão, Sílvio Braga, Sylva Andrade e Vinícius Lima.

Levy Moura, por outro lado, conceitua arte como “realidade esteticamente sentida e interpretada”. Realidade, nesse caso, vista não como mera e passiva “refletora” da verdade objetiva, mas sim como “criadora fecunda das formas”. Diante dessa realidade, cabe às gerações a tarefa de receber a herança das “interpretações artísticas da realidade” e enriquecer essa herança com a experiência histórica. A finalidade, portanto, das diversas gerações seria criar “múltiplas, variadas e complexas formas”, em que a verdade objetiva fosse manifestada.

Por outro lado, a preocupação com a formação ideológica da chamada “geração moderna” da literatura paraense foi uma constante na fala de Levy Hall de Moura. Fica claro que uma geração literária, para o ensaísta, precisava ser fundamentada no “engajamento” político e social, entretanto, a “geração moderna” parece “titubear” nesse

---

<sup>14</sup>PERI, Augusto. Posição e destino da literatura paraense. **Folha do Norte**, Belém, 5 out. 1947. Suplemento Arte Literatura, n. 45, p. 3. Entrevista.

<sup>15</sup>MOURA, Levi Hall. Posição e destino da literatura paraense. **Folha do Norte**, Belém, 26 out. 1947. Suplemento Arte Literatura, n. 48, p. 3. Entrevista.

ponto. Com isso, a característica “apolítica” da “geração moderna” local, em muito se diferencia da geração do entrevistado.

Assim, Levy Hall de Moura confessava-se muito preocupado com a geração de Haroldo Maranhão e outros, que nasceram com a ascensão do fascismo no mundo, o fim da República Espanhola e o Estado Novo, e se mostravam uma “geração atordoada, vacilante, geração angustiada e indecisa e, portanto, levada a reboque”. Conseqüentemente, a “geração moderna” tendia de modo inconsciente para um “revolucionarismo apenas formal” da literatura com a possibilidade de o grupo deixar se dominar pelo espírito conservador e pela preservação do “statu quo”, devido ao “pavor da mudança e da inovação”. Essa postura de certa maneira decepcionava Levy Moura, pois ele pertenceu a uma geração “filha da guerra burguesa de 1918 e da Revolução Russa”, como ele mesmo dizia, e como participante tinha aprendido desde cedo a ter consciência da situação econômica do Brasil.

Tínhamos que enriquecer o precioso legado da arte, com o fecundo patrimônio de nossa experiência. Como sofremos e como fomos felizes! Como estudamos e como aprendemos! Como tivéssemos consciência, trágica e ardente consciência, da nossa semi-servidão econômica, e entramos a lutar contra ela, em arte, ainda que de maneira nem sempre conseqüente!<sup>16</sup>

Para Levy Moura, somente após o Modernismo, a poesia brasileira adquiriu “consciência e conteúdo” e o romance, por sua vez, “conseqüência e essência, finalidade e significação”. Na opinião do entrevistado, antes de 1922 a literatura do Pará e a do Brasil, em geral, era “semifeudal”, pois “imitava” a literatura portuguesa, e, através desta, a francesa. Com o Modernismo, sobretudo, com a “mensagem de libertação”, a condição de “colonizada” da literatura local e da nacional havia mudado. Desse modo, a “geração moderna” (a de 1945) dava continuidade na “conclamação” do autor brasileiro a ter “consciência literária” em sua criação.

---

<sup>16</sup> Idem, ibidem, p. 3.

Sultana Levy<sup>17</sup>, em entrevista no mesmo número do suplemento literário concebia o momento da “geração moderna” como o “renascimento da literatura no Pará, senão em todo Brasil”, pois, para a autora de *Mancha do Sol*, o tempo da literatura estrangeira no Brasil se reduzia a leitores ou a tradutores, que não tinham nem tempo, nem gosto para as criações nacionais, já passadas. De modo que essa “nova geração” era bem diferente daquela que estava “envelhecendo”, apesar de ter surgido num ambiente “mais pesado”. Assim, essa nova literatura mostrava-se mais “sentimental, dentro do próprio materialismo”. No Pará, o grupo “bem formado e respeitável” da “nova geração” conseguia o interesse da imprensa em apoiar e incentivar a literatura local.

Conforme veremos no suplemento literário seguinte, Bruno de Menezes<sup>18</sup> opõe-se frontalmente à idéia de uma “geração moderna” na literatura paraense, pois para o autor de *O batuque*, “geração moderna” é uma “frase vazia de sentido” pelo fato de que “pouco ou nada” realizou para assinalar a participação de autores paraenses na chamada “renovação estética nacional”.

Esporadicamente, se “moderno” quer dizer da hora presente, a não ser um Rui Barata, um Paulo Plínio Abreu, um Benedito Nunes e outros, ainda presos aos complexos liricamente emotivos, como Haroldo Maranhão, Jurandir Bezerra, Max Martins, não vemos outras vozes, como registro de poesia, que se possa incluir naquela designativa. Como escritores, teatrólogo, ensaísta, que diremos “pensadores de hoje”, anotam-se valores distintos como um Francisco Paulo Mendes, um Cécil Meira, um Cléo Bernardo, um Levil Hall de Moura, um Mário Couto<sup>19</sup>.

Os grupos de intelectuais do Modernismo brasileiro, como por exemplo, “Anta”, “Antropofagia”, “Verde-amarelo”, “Seiva” mostravam-se “ávidos por participar do *modismo* da hora oportuna”, formando assim “verdadeiros *clãs*” na literatura, deixando

---

<sup>17</sup> Sultana Levi Rosenblat nasceu em Belém a 30 de julho de 1910. Colaborou desde cedo nos jornais e revistas da capital paraense. No Suplemento Arte Literatura da **Folha do Norte** publicou contos de abordagem social e psicológica, entre os títulos *Freirinha* (n. 164, de 31 dez. 1950). Livros: **Mancha de sol** (romance, 1951); **Chavito Prieto** (romance, 1957); **Barracão** (romance, 1965).

<sup>18</sup> MENEZES, Bruno de. Posição e destino da literatura paraense. **Folha do Norte**, Belém, 2 nov 1947, n. 49, p. 3. Suplemento Arte Literatura. Entrevista.

<sup>19</sup> Idem, *ibidem*, p. 3.

para trás outras manifestações modernistas ocorridas no restante do país. Diante disso, Bruno de Menezes, participante do Modernismo no Pará e colaborador do suplemento literário, prefere partilhar do pensamento do crítico Álvaro Lins a respeito de tal movimento, considerado-o somente como mais uma experiência que deixou “apenas possibilidades de elementos para estudos da futura história literária brasileira”.

Mais adiante Bruno de Menezes fala sobre o surgimento no Brasil de muitas obras literárias - tanto poesia quanto prosa – rotuladas de “revolucionárias”, ou seja, de “espírito de renovação”, publicadas, em maior parte, em São Paulo e outras obras, nas metrópoles da Bahia, Pernambuco, Paraíba, Ceará. Além dos livros publicados nesses estados que se firmaram como “pioneiros e arquitetos da arte moderna”, a imprensa muito colaborou na divulgação das produções de todos os modelos literários.

No caso do estado do Pará, Bruno de Menezes rejeitava a idéia de uma literatura modernista, uma vez que, para ele, não houve uma “geração modernista”, mas sim a presença de “grupos” ou de “aglomerados amistosos” que discutiram e acolheram o “credo libertário” do Modernismo, advindo dos “centros de maior cultura”. O autor de *O batuque* esquecia ou negava o movimento da *Belém Nova*, por ele mesmo dirigido, que deu ampla divulgação à renovação estética literária instalada no país, publicando (como já foi visto) manifesto, artigo, prosa e poesia modernista.

Do mesmo modo que isso ocorreu na década de 1920, novamente, para Bruno de Menezes, essa mesma situação ocorria no Pará dos anos 40: “O nosso estado, falando-se em convocação de “geração moderna”, não está apto a apresentar valores em grupos arregimentados como tal.” Nessa passagem, Bruno de Menezes coloca o movimento literário local nas condições de inferioridade, contrapondo-se aos outros movimentos ocorridos em diversos estados brasileiros, no mesmo período.

Segundo Bruno de Menezes, habituamo-nos a distinguir a “antiga” da “moderna” geração pela idade dos integrantes. Os “antigos”, portanto, são os escritores mais velhos e os “modernos” - os moços. A aparente conciliação entre velhos e jovens com a finalidade de “elevação e clareza” das idéias, conseqüentemente assegura a “solidariedade”, que Bruno de Menezes acredita existir. Entretanto, essa concepção ideal da convivência entre velho e moço, de certa forma, neutralizou o choque das idéias e das

ações, pois o próprio Bruno de Menezes solta “farpa” na mocidade, afirmando que “muitos principiantes jamais encontraram a oportunidade de vencer, dada a sua impertinente e chata convicção de que são gênios”. A vigência desse pensamento dificulta o entrevistado do suplemento literário a aproximar-se da realidade de uma “geração moderna”. Se houvesse uma “verdadeira geração literária” paraense, a qual se pudesse “buscar os alicerces de alguma tradição de nossa cultura”, o depoimento dele seria outro, afirma o próprio Bruno de Menezes.

Max Martins,<sup>20</sup> por seu turno, trata da “geração moderna” do Pará, em entrevista ao suplemento literário de novembro de 1947, elevando-a de forma bem expressiva e mostrando como a “nova geração” literária lidava com os fatos políticos e literários daquele tempo. De maneira grave, Max Martins replica as acusações sobre sua geração, pois, para ele, a “nova geração” paraense e brasileira é uma das mais “esclarecidas e em nada indecisa como afirmam alguns”. Uma geração:

Iludida com a mentira política de 1930, atônita diante do morticínio de 39-45 e do babelismo que dele adveio, desconfiada com as conferências da paz, a nova geração, antes de tudo, não crê em ninguém, senão em si mesma. Cansados das velhas lições moralistas, revoltados com o cinismo demagógico dos politiquieiros anacrônicos, esses jovens poetas-deputados, escritores-congressistas, artistas líderes populares, traçaram suas próprias diretrizes.

Não era à toa a desconfiança da “geração” de Max Martins com o momento político, afinal o mundo havia passado pela Segunda Grande Guerra. Descrentes, aos “moços” do Pará faltava entusiasmo para lutar por suas reivindicações, conseqüentemente, a vida literária paraense necessitava de um “barulho” para que a mocidade da “poesia moderna”, não fosse vista como algo pejorativo, como um “soldado da borracha”. Nesse clima, o suplemento literário representava a oportunidade de a “Geração dos Novos” autores aparecer e brilhar.

---

<sup>20</sup> MARTINS, Max. Posição e destino da literatura paraense. **Folha do Norte**. Belém, 7 nov de 1947. Suplemento Arte Literatura, n. 55, p. 3. Entrevista.

Outro crítico estreante, Benedito Nunes<sup>21</sup> falou a respeito da “extraordinária maneira” de a “nova geração” paraense enfrentar o tema da liberdade humana. Uma geração que se caracteriza e se defini pela “descoberta” do valor dado à liberdade humana. Não bastava, entretanto, a essa geração constatar que o “homem é livre”. O que lhe cabia era, digamos assim, suportar as conseqüências desse achado. O mais grave, para o futuro autor de *O dorso do tigre*, era reafirmar as “raízes heróicas da dignidade humana” e a necessidade de lutar de maneira “heróica” a fim assegurar a descoberta da liberdade.

O artista moderno, particularmente o escritor, abandonou qualquer artifício, como o da “arte pela arte”, e pôs-se “resolutamente ao lado do homem”, deixando para trás o exagero da preocupação formal. Não obstante, a atividade estética da “nova geração” passou a estar ligada ao anseio e à esperança de “um maior equilíbrio social e humano”. Nesse sentido, a arte conservou essa ligação, entretanto, cometeu “certos exageros”. É o caso do romance social, uma vez que o autor estendeu a proporções maiores que as necessárias, o compromisso da arte com o social.

Por sua vez, a “geração moderna” começou a ter uma visão segura de seu destino, mas, principalmente, no que realizava orientada pelas próprias conquistas. Resultado: temos uma geração que não se prendeu aos “esforços de uma geração anterior”. No caso, da “nova geração” paraense, essa atitude de oposição em relação à geração anterior, ocorreu porque esta última, desde logo, esteve “à margem da vida humana profunda” e se desinteressou pela realidade humana a fim de preservar um “falso conceito de vida artística” – acrescenta-nos Benedito Nunes.

Dessa maneira, essa atitude teve por conseqüência para a poesia uma “debilidade imperdoável”, visto que ao artista desinteressado pela realidade da vida humana proclamava a necessidade de beber na “taça da quimera”. Os “transnoitados” da literatura paraense, sem dúvida, fizeram arte, porém, arte no sentido restrito do ofício. O lado mais pulsante e verdadeiro, ou a “vigorosa integração na vida” - segundo o entrevistado do suplemento literário, ficou desconhecido por esta geração.

---

<sup>21</sup> NUNES, Benedito. Posição e destino da literatura paraense. **Folha do Norte**, 1 jan 1948. Suplemento literário, n. 60, p. 7,

A direção apontada por Benedito Nunes sobre as diferentes atitudes tomadas pelas gerações literárias paraenses, do período em estudo, pode servir de fonte para a “incompreensão” dos intelectuais do passado diante do que seja arte moderna. A “velha geração” paraense não conseguiu alcançar a significação do fenômeno artístico e colocou em jogo o “sentido comum numa coisa que, por sua própria natureza, repelia esse mesmo sentido comum”.

Fadada ao fracasso, essa geração da literatura paraense desconheceu o momento histórico em que vivia, em especial, a exigência cultural e humana da época, sentenciava Benedito Nunes, visto que se deleitava ainda em Coelho Neto e nas versões portuguesas de Halckel, enquanto os “novos” integrantes da geração de Benedito Nunes, movidos pelo “sentimento poético e de fé na vida”, estavam convencidos de “uma verdade super-humana da qual cada homem livre constituía o mais profundo testemunho”.

Desse ponto de vista, o diálogo entre a “velha geração” e a “nova geração” literária paraense esbarrou na diferente concepção de arte e literatura admitida por ambas. O sentimento de rejeição, sem dúvida, esteve presente, pois “muitas coisas” a serem ensinadas pelos jovens aos velhos foram por estes abandonadas.

5.4 Poesia da “nova geração” paraense nas páginas do suplemento literário

-SUPLEMENTO-

Artes

Folha do Norte

Letras

---

PARA-BELEM
Domingo, 24 de Dezembro de 1950
NUM. 163

---

# DEZ POETAS PARAENSES

—Seleção E Notas De RUY GUILHERME BARATA—

Alonso Rocha
Benedito Nunes
Cauby Cruz

Alonso Pinheiro Rocha, 24 anos. Casado, tem um filho, Sérgio Alonso. Católico apostólico romano. Cloro dos Anjos e José Lima do Rego entre os romancistas nacionais. Beethoven, Chopin e Debussy são seus compositores prediletos. Bancário, graças a Deus. Manuel Bandeira, entre os mais velhos, e Ruy Guilherme Barata, Paulo Pírrilo Abreu e Lido Ivo, entre os mais novos. Fernando Pessoa bom amigo e câmarada. Não tem livro publicado. Sendo casado não deseja opinar sobre os brotinhos e as balzaqueanas. É contra as Academias apesar de ter fundado uma delas. Gostaria de ver no Pará uma revista de cultura. Gosta de futebol e é fã do cinema francês. Não frequenta rodas literárias por mera preguiça. É partidário da Paz, sendo politicamente um democrata.



SONETO

Entre o rochedo e o mar és flor perdida,  
—elhos tristes cansados do infinito.

Benedito José Viana da Costa Nunes, 21 anos. Nasceu em Belém. Provavelmente solteiro. O grande benefício que lhe trouxe a maioridade foi poder sacar livremente contra o Banco do Brasil. Não acredita que acabe tão cedo uma herança que recebeu. Procura esquecer aos domingos e feriados que trabalha num escritório de advocacia. Escreveu poesias até 1949, quando reconheceu a tempo que tinha batido em porta errada. A voz dos amigos e a de seu próprio coração diz que tem pendor para os estudos de filosefia. Deve essa inclinação ao excessivo medo de morrer e de ir para o inferno que o acompanhou durante toda a sua infância e ainda taludinho. Saiu-se de ficar a vida inteira agnóstico, lendo Pascal. Unamunido. Para faltar a verdade não sabe em que se converteu... Deseja ser um bom católico; mas ainda não conseguiu devido à sua fé, que é intermitente. Sua mais recente paixão literária: “A Peste”, de Camus. Leitor assíduo de Kafka. Poetas de sua predileção: Rilke e Valéry. Se usasse chapéu, ao passar pela literatura brasileira atual, só o tiraria da cabeça uma vez para saudar a poesia de Carlos Drummond de Andrade. Lembra-se que gostou de um romance



Cauby Ernesto de Sousa Cruz, 24 anos. Nasceu em Belém em 1926. Casado, tem três filhas. Católico apostólico romano. Machado de Assis e Marques Rebelo são, entre nós, os seus romancistas preferidos. Gosta de musica e os seus compositores mais intimos são: Bach, Beethoven e Debussy. Adora Cole Porter na musica popular. Funcionário publico e academico de Direito. Já preferiu Murilo Mendes, hoje prefere Bandeira. Rimbaud, Camus e Kafka entre os estrangeiros. Não tem livro publicado e nem pretende publicar tão cedo. Não deseja maiores proximidades com Gide e Sartre.



SONETO DA PALAVRA ESQUECIDA

Figura 17: Primeira página do Suplemento Arte Literatura de 24 de dezembro de 1950  
Acervo: Coleção particular de Benedito Nunes

O suplemento literário da *Folha do Norte* teve a excelente idéia de publicar a poesia da “nova geração” paraense, juntamente com a nova poesia de outros estados brasileiros. Como uma espécie de antologia, o suplemento literário da *Folha do Norte*, em quase seus seis anos de duração, não deixou de publicar a poesia de autoria de Alonso Rocha, Benedito Nunes, Cauby Cruz, Ruy Guilherme Paranatinga Barata, Floriano Jaime, Jurandir Bezerra, Haroldo Maranhão, Mário Faustino, Maurício Rodrigues, Max Martins e

Paulo Plínio Abreu. A maioria era poeta estreante do suplemento literário, com exceção de Ruy Barata e de Paulo Plínio Abreu, com idade para isso, que já haviam publicado seus poemas na revista *Terra Imatura* (1938-1942) e Ruy Guilherme já tinha lançado o primeiro livro de poemas.

Dos poetas brasileiros militando na geração de 1945, o suplemento literário dirigido por Haroldo Maranhão publicou a poesia de Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Augusto Frederico Schmidt, Murilo Mendes, Vinícius de Moraes, Mário Quintana, Henriqueta Lisboa, João Alphonsus de Guimaraens, Augusto Meyer, Jorge de Lima, Ledo Ivo, Bueno de Rivera, Maria da Saudade Cortesão, entre outros poetas, cujos primeiros livros foram publicados nas décadas de 1920, 1930 e 1940. Não há dúvida de que a poesia produzida pelo “Grupo dos Novos” atualizou a literatura paraense, pois essa poesia publicada seguia o caminho da contemporaneidade.

Líamos no Pará, em cima da hora, quase simultaneamente, o que se lia no Rio de Janeiro e em São Paulo [...]. Editamos os que começavam e começavam com o pé direito, Mário Faustino, Ledo Ivo, José Paulo Paes, Dalton Trevisan, Ruy Guilherme Paranatinga Barata, Max Martins, Alphonsus de Guimaraens Filho, Cyro dos Anjos, Murilo Rubião, Jurandir Bezerra, Ruy Coutinho.<sup>22</sup>

Através da abertura concedida pela leitura/edição do suplemento literário, os poetas locais tiveram contato com que havia de mais novo em termos de literatura e de crítica. Num momento em que já se havia adquirido a consciência nacional no Modernismo,<sup>23</sup> a poesia da década de 1940 exprime a preocupação com o homem em sua existência e como ser social – dando assim prosseguimento à tendência já apresentada na poesia nacional desde os anos 30. Diante disso, estabeleceu-se uma sintonia entre o movimento literário local e o movimento literário nacional e internacional, desenvolvendo-

---

<sup>22</sup> MARANHÃO, Haroldo. O Pará não morreu. Viva o Acará! **A Província do Pará**, Belém, 23 set. 1990. Segundo Caderno, p. 8-9.

<sup>23</sup> RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. O Modernismo na Poesia. In: COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio/Universidade Federal Fluminense, 1986. v. 5. p.172.

se em Belém uma geração receptiva às idéias literárias do pós-guerra e capaz de ampliar esse ideário.

Assim, com a poesia paraense atualizada pelo suplemento literário da *Folha do Norte* seguia-se o caminho da contemporaneidade. Uma poesia mais moderna que modernista, se acompanharmos que, no panorama literário nacional, por poesia “modernista” denomina-se a poesia da primeira fase e, de “moderna”, a da segunda fase em diante. No entanto, não limitamos a nova poesia do Pará somente pelo critério cronológico, mas pelos aspectos intrínsecos apresentados pelos poetas do “Grupo dos Novos”. Uma poesia que ainda estava afirmando sua renovação literária. Desse modo, encontramos uma oscilação na poesia dos “novos” do Pará. Nela, encontramos traços característicos de concepção simbolista de evocação dos sentimentos e emoções, e a freqüente imagem de rituais religiosos (anjos, salmos, cânticos).

Eu nada era Senhor senão o que surpreendeste no pecado!  
Como castigo fizeste-me conhecer o bem e o mal.  
Deste-me o sofrimento e a morte.  
Onde me percebi fraco - mas eterno.  
Deste-me a liberdade de descrever até mesmo de ti!  
Fronteiras além do pensamento  
O Mistério de profecias inesperadas.  
Hoje uma longa solidão me aproxima do teu anjo  
Quantas vezes reconheço nos meus cabelos rebeldes.  
O divino retorno de tuas mãos.  
Tuas palavras de fogo outra vez me orientam  
E imensas portas de nuvens abres aos meus olhos.  
-Ah! a maravilha do teu reino!  
Mas eu temo senhor a infinita paz do teu reinado  
Agora  
Como resistirei a essa eternidade sem angústia  
E sem o milagre da poesia?<sup>24</sup>

(Alonso Rocha, *Salmo quase elegia*)

---

<sup>24</sup> ROCHA, Alonso. Salmo quase elegia. **Folha do Norte**, Belém, 4 ago. 1948. Suplemento Arte Literatura, n. 86, p. 2.

Publicou Alonso Rocha<sup>25</sup> este poema em 1948. Os resquícios de uma estética ultrapassada organizam a crise religiosa do poeta, constituindo forte estímulo para a imaginação lírica, expressa em acentuado gosto pelo vocabulário litúrgico e religioso. Alonso Rocha numa montagem neo-simbolista, como conferiu Alfredo Bosi<sup>26</sup> ao tratar da poesia de Domingos Carvalho da Silva, revela em sua busca de palavras de expressivo valor conotativo as inquietantes imagens reveladas pela sondagem psíquica, na qual Alonso Rocha entrelaçou-se.

Entre o anjo e a rosa pura  
Está meu corpo transcendental!  
Tenho raízes no espaço  
E caminham os séculos futuros pelas portas dos meus dedos.

Só os mares guardam o segredo de minha origem no mundo:  
Meus cabelos eram algas  
as conchas os meus ouvidos  
e minha voz notada cantando na tempestade.

Vi o princípio da Terra.  
e quando da espada do Arcanjo  
a Estrela Nova nasceu!

---

<sup>25</sup> Raimundo Alonso Pinheiro Rocha nasceu em 15 de dezembro de 1926. Estudou o científico no Colégio Estadual “Paes de Carvalho”; quando jovem trabalhou como auxiliar de intérprete em língua inglesa no Grande Hotel, em Belém, durante os anos de 1943 e 1946. Aposentado como bancário, chegou a atuar no sindicato desta categoria por quase 20 anos (1954-1976) Foi eleito para a Academia Paraense de Letras, em 1963, em sucessão a Olavo Nunes e Bruno de Menezes, tendo como patrono o poeta Natividade Lima. Desde 1964 participa da diretoria da APL. Recebeu o título de Príncipes dos Poetas do Pará, em outubro de 1987, resultado de uma consulta de um colégio eleitoral constituído por diversas personalidades paraenses. Publicou o livro **Pelas mãos do vento**, de poesia, em Belém, pela editora Falângola, 1955. Este livro mereceu dois prêmios o “Vespasiano Ramos” pela Academia Paraense de Letras, no ano de 1954, quando este livro de poesia ainda era inédito - e o “Santa Helena Magno” pelo governo do estado do Pará, em 1955. No suplemento literário da **Folha do Norte** publicou *Última Elegia* (n. 38, 10/08/1947); *Canto para hora indecisa* (n. 42, 07/09/1947); *Retorno* (n. 48, 26/10/1947); *Canção* (n. 60, 01/01/1948); *Salmo para quase Elegia* (n. 86, 04/07/1948); *Soneto, Soneto na Madrugada, Soneto*, (n. 163, 24/12/1950), *Trecho da Carta, Poema* (n. 164, 14/01/51).

<sup>26</sup> BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Cultrix, 1993. p. 522.

Agora me encarceraram na carne fadada ao pó!

Mas na gaze do crepúsculo,  
No incenso branco das missas,  
No vento que apaga os astros  
no riso das criancinhas,  
retorno transfigurado  
a minha origem primária – ao Corpo Transcendental!<sup>27</sup>  
(Alonso Rocha, *Canção*).

*Confissão* de Benedito Nunes<sup>28</sup> apresenta-nos de modo claro à temática religiosa, também apresentada na poesia de Alonso Rocha, numa poesia angustiada na qual o poeta revela sua consciência do “pecado”, entretanto, não há uma explosão emocional, pois o poeta usa a razão para demonstrar o que o deixa aflito naquele instante: ter se tornado um homem impuro.

Enfim, Senhor, começou o pecado,  
cortastes as quatro cordas do anjo  
que vibravam em mim.

---

<sup>27</sup> ROCHA, Alonso. *Canção*. **Folha do Norte**, Belém, 1 jan. 1948. Suplemento Arte Literatura, n. 60, p. 2.

<sup>28</sup> Benedito Nunes nasceu em Belém a 21 de novembro de 1929. Fez o curso primário no Colégio “Sagrado Coração de Jesus” e o ginásio no Colégio “Moderno”, em Belém. Presidente do Grêmio Cívico e Literário deste instituto. Formou-se pela Faculdade de Direito do Pará em 1952. Seguiu a carreira de crítico, ensaísta e professor de filosofia da Universidade Federal do Pará. Colaborou no suplemento literário da **Folha do Norte** (1946-1951) Dirigiu as revistas *Encontro* (1948) e *Norte* (1952). Mora em Belém. Livros: **O mundo de Clarice** (ensaio, 1966); **Trovas escolhidas** (antologia org., 1967); **O dorso do tigre** (ensaio, 1969); **João Cabral de Melo Neto** (antologia, biografia e crítica, 1971); **Leitura de Clarice Lispector**, (crítica, 1973); **Oswaldo Canibal** (ensaio crítico, 1978); **O livro do seminário** (ensaio e introdução crítica, 1983); **O tempo e a narrativa** (ensaio, 1988); **Passagem para o poético** (ensaio, 1992); **Crivo de Papel** (ensaio, 1998); **Hermenêutica e Poesia** (ensaio, 1999), **Dois ensaios e duas lembranças** (ensaio, 2000); entre outros títulos. Publicou no suplemento literário da *Folha do Norte*: *João Silvério*, capítulo de um romance (n.1, 05/05/46). Poesia: *Poema do solitário* (n. 3, 26/05/46); *Trecho da Conselheiro Furtado* (n. 6, 30/06/46); *Balada do inverno* (n. 18, 5/01/47); *Elegia, Fragmentos, Hino do caminhante* n. 21, 23/02/47); *Ligação, Fragmento n. 2* (n. 22, 16/03/47); *Cantiga, Fragmento n.3, Elegia para mim mesmo* (n. 25, 13/04/47); *Mar, Triste 1, Triste 2* (n. 27, 25/05/47); *Poema* (n. 40, 24/08/47); *Confissão* (n. 57, 21/12/47); *Fuga* (n. 60, 01/01/48); *Salmo* (n. 83, 13/06/48); *Poema* (n. 88, 18/07/48); *Retrato* (n. 112, 20/02/49); *Estrela do mar* (n. 163, 24/12/50). Coluna: *Confissões de um solitário* (n. 11, 07/09/46; n.15, 10/11/46; n.19, 26/01/47; n.26, 18/05/47; n.31, 06/07/47; n. 32, 12/06/47). Crítica: *Ação e poesia I e II* (n. 28, 01/06/47 e n. 29, 08/06/47); *O cotidiano e a morte de Ivan Ilitch* (n. 144, 22/01/50); *Considerações sobre a Peste* (n. 165, n.14/01/51).

Enfim, Senhor, sou um homem impuro.  
Chegou o tempo de esquecer os gestos de amor:  
Lembrarei o ódio e a obscenidade,  
abandonarei as lágrimas noturnas  
e a espera da afeição completa.  
Aqui, do lado da impureza  
(quem me empurrou para ela, Senhor?)  
revista à minha angustia  
e ao problema da tua existência  
Enfim, já sou um homem impuro.  
Lamento apenas não saber cantar  
ou dançar.<sup>29</sup>  
(Benedito Nunes, *Confissão*).

Os poemas da geração de Benedito Nunes foram publicados sem interrupção no suplemento literário da *Folha do Norte*, entre os anos de 1946 e 1951, lembrando que os poetas encontravam-se na faixa etária de 17-21 anos, e seus poemas representam posições do drama espiritual de adolescentes e aspectos de ligação com a situação mundial da época. A propósito dessa poesia feita por adolescentes, Francisco Paulo Mendes em ensaio crítico, publicado em abril de 1948 no suplemento literário, sobre as primeiras poesias de Mário Faustino, na época com 17 anos, comenta o seguinte a cerca do estado de crise expressa no poema:

Antes de tudo sua poesia é o espelho de uma dolorosa consciência de um estado de crise. De crise natural em todo adolescente e provocada pelo desaparecimento do mundo puro da infância e pelos primeiros contatos diretos com a vida áspera e má que os homens arrostam. É o drama espiritual dos adolescentes demasiadamente

---

<sup>29</sup> NUNES, Benedito. Confissão. **Folha do Norte**, Belém, 21 dez. 1947. Suplemento Arte Literatura, n. 57, p. 2.

delicados e sensíveis e, por certo, nada mais do que o drama que no seu paroxismo pode gerar, como no caso, de Rimbaud, segundo Daniel Rops, o desespero e a revolta<sup>30</sup>.

O *1º motivo da rosa* e *2º motivo da rosa* foram os primeiros poemas de Mário Faustino<sup>31</sup> publicados no suplemento literário da *Folha do Norte*, em abril de 1948. Nesse mesmo ano, o autor havia publicado o conto *As moscas*, onde mostra o drama íntimo do homem comum, ao mesmo tempo destaca a violência de um absurdo cotidiano. A primeira notícia da poesia de Mário Faustino, como já foi dito, foi dada pelo mentor do “Grupo dos novos”, Francisco Paulo Mendes, no ensaio *O poeta e a rosa*, em abril daquele mesmo ano.

O drama da beleza encontrou na alma de Mário Faustino uma ressonância sem limites e fez brotar uma poesia de incomparável poder evocativo e expressional. É o poeta da rosa. O poeta que canta a passagem efêmera e eterna dessa rosa mística que é a Beleza.

---

<sup>30</sup> MENDES, Francisco Paulo. O poeta e a rosa. **Folha do Norte**. Belém, 25 abril 1948. Suplemento Arte Literatura, n. 76, p. 1-3.

<sup>31</sup> Mário Faustino dos Santos e Silva nasceu em Teresina – Piauí, no ano de 1930. Veio para Belém aos 10 anos de idade, em 1940. Era um dos últimos dos 20 filhos do casal Francisco e Veras Silva. Criado pelo irmão mais velho e pela cunhada - José Veras e Silva e Eurídice Mascarenhas. Mário considerava-os como os pais. Estudou os três primeiros anos do ginásio no Colégio Nazaré e concluiu os estudos no Colégio “Moderno”. Em seguida, fez os estudos clássicos no Colégio Estadual “Paes de Carvalho”. Iniciou-se no jornalismo aos 16 anos de idade. Interrompeu o curso de Direito por falta de interesse, não chegando a concluir. Dedicou-se como bolsista aos estudos de literatura inglesa, em Pomona College, em Covina, na Califórnia, no período de 1951 a 1952. Viajou pela Europa, em 1953, por 11 meses, ingressando numa embaixada de acadêmicos de Direito. Trabalhou no Setor de Coordenação e Divulgação da Superintendência de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA). Morou em Belém até 1956. Mudou-se para o Rio de Janeiro ao ser contratado como professor da Fundação Getúlio Vargas. No Rio, trabalhou de modo intenso nas atividades jornalísticas e literárias. Dirigiu a página *Poesia-Experiência*, do Suplemento literário do *Jornal do Brasil*. Em 1960, trabalhou no Departamento de Informações Públicas da ONU, em Nova York, escrevia os *Press releases*. Morreu em novembro de 1962, num acidente de avião, aos 32 anos de idade, nos Andes, a 32 quilômetros do sul de Lima. Publicou apenas um livro de poesia **O homem e sua hora**. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1955. Publicou no suplemento literário da *Folha do Norte*: *As moscas*, conto (n. 60, 01/01/48); *1º motivo da rosa* e *2º motivo da rosa* (n. 76, 25/04/48); *Poemas do anjo I e II* (n. 82, 06/06/48) *Prelúdio* (n. 117, 27/03/49); *Solilóquio* (n. 138, 20/11/49); *Elegia, Poemas do Anjo* (n. 163, 24/12/50) – poesias; tradução: *Minha corça* e *Se eu fosse embora, amada* - poemas de Rafael Alberti (n. 69, 07/03/48); *Desnudos e Coisas impossíveis*, poemas de Juan Ramón Jimenez (n.70, 14/03/48); *A Grande noite*, poema de Rilke (n. 108, 01/01/49).

Assinalaria o ensaísta paraense a respeito das primeiras poesias de Mário Faustino. Abaixo a transcrição dos poemas a partir do suplemento literário local.

Da rosa somente a pétala inconsútil  
Inamissível lembrança  
Onde o perfume e a cor incompassiva?  
A beleza é apenas a passagem divina  
Impiedosa e fugaz.<sup>32</sup>  
(Mário Faustino, *1º motivo da rosa*)

Se por um lado o “drama espiritual” dos adolescentes é latente na poesia do “Grupo dos Novos”, por outro a poesia dos “novos” tem um efeito de diálogo com aspectos da poesia modernista e, mais ainda, com a contribuição da geração de 40/45: “A atitude racional do poeta como artista da palavra, ciente da forma de elaboração de seu poema sob o controle da inteligência [...], adverte Benedito Nunes”<sup>33</sup>. O mesmo crítico mostra, no prefácio do livro comemorativo dos 40 anos da poesia de Max Martins, que a geração dos novos desconfiou da “espontaneidade dos sentimentos”, e assim, os novos poetas paraenses “também não caíram no pecado do formalismo; combinaram o ‘trabalho de arte’ com o embalo da inspiração”.

Esta dimensão poética já presente no poema de Mário Faustino, circunscrita a uma acentuada inquietação, iria se acentuar nos poemas posteriores deste autor, em grande parte, à medida de sua modernidade e tradição<sup>34</sup>. No ano seguinte, em 1949, Mário Faustino publicaria *Elegia*, um exemplo, dessa inquietação reflexiva do poeta.

O olhar recebe a forma e esquece a essência

---

<sup>32</sup> FAUSTINO, Mário. 1º motivo da rosa. **Folha do Norte**, Belém, 25 abr. 1948. Suplemento Arte Literatura, n. 76, p. 4.

<sup>33</sup> NUNES, Benedito. Max Martins, Mestre-Aprendiz. In: MARTINS, Max. **Não para consolar**. Belém: Cejup, 1992. p. 20

o ouvido perde a música. A mão  
já não retém o eterno - nem o efêmero  
O louvor e o lamento a boca abandonaram  
os pés não guiam mais: estranhos fios  
o corpo levam pela estrada curta  
o circular, deserta, seca e nua.

Dança fácil, não vida: horror ao chão  
Falso vôo precoce, fuga para o sonho.  
O destino e a paisagem rejeitamos:  
a rosa e o riso o pranto o medo do amor  
- o inefável – que brota só da terra  
e que os vivos acumulam para a morte  
- Mas nós que flor e fruto destruímos  
que nos aliviará a fome e a sede quando  
morto sentirmos o coração vazio?<sup>35</sup>

(Mário Faustino, *Elegia*)

Mário Faustino teve a repercussão de sua poesia no país, a partir da década de 50, ficando reconhecido pelo aperfeiçoamento dado às formas poéticas herdadas da tradição, numa simbiose com as mais novas, contribuindo para a renovação não só da poesia paraense, que se encontrava quase estagnada, como da brasileira. Publicou em vida *O homem e sua hora*, em 1955, pela editora Livros de Portugal, Rio de Janeiro.

O autor colocou-se entre os melhores poetas da nossa literatura. Nos estudos posteriores ao suplemento literário sobre a obra poética de Mário Faustino, encontramos

---

<sup>34</sup> A respeito da obra poética de Mário Faustino ver CHAVES, Albeniza de Carvalho. **Tradição e Modernidade em Mário Faustino**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1986. A autora analisa a tradição e a modernidade na obra de Mário Faustino.

<sup>35</sup> FAUSTINO, Mário. *Elegia*. **Folha do Norte**, Belém, 24 dez. 1950. Suplemento Arte Literatura, n. 163, p. 3.

títulos como o do amigo pessoal, o crítico Benedito Nunes (*Poesia de Mário Faustino*, 1966. *A obra poética e a crítica de Mário Faustino*, 1986), que reflete sobre a visão trágica do poeta diante da vida, do destino e da morte; como o de Albeniza de Carvalho e Chaves (*Tradição e Modernidade em Mário Faustino*, 1986), que analisa a obra poética deste autor; ou estudo mais recente por Maria Eugênia Boaventura (*O homem e sua hora e outros poemas, de Mário Faustino*, 2002.), que organiza poemas deste autor.

A poesia como linguagem clara, sem o rebuscamento típico dos parnasianos, seguindo a linha de “tratar diretamente a *coisa* seja ela subjetiva ou objetiva”, como lembra Ezra Pound<sup>36</sup>, foi adotada de modo geral pelos “novos” da literatura paraense. No poema *Soneto da palavra esquecida* de Cauby Cruz<sup>37</sup>, publicado no suplemento literário, vemos uma preocupação com o fazer poético: o cuidado com a palavra, a disciplina, o poema encarado como um trabalho paciente, de equilíbrio e de espera do poeta.

Busco a palavra que serve neste verso  
Não é amar, nem noite, nem esperança.  
Nem o que lembre mar ou rio perdido  
Lago, luar ou solitária dor.  
É uma outra que me foge ainda  
E que sentado aqui neste momento  
Procuro em vão na noite adormecida  
Enquanto no céu corre a lua cheia.

---

<sup>36</sup> POUND, Ezra. **A arte da poesia: ensaios escolhidos**. São Paulo, Cultrix,/Editora da USP, 1976. p. 9.

<sup>37</sup> Cauby Cruz nasceu em Belém a 18 de maio de 1926. Formado pela Faculdade de Direito do Pará, dedicou-se ao jornalismo e à literatura, filho do historiador Ernesto Cruz. Conquistou Menção Honrosa da Academia Paraense de Letras, em 1954, com o livro **Palavra esquecida**, no concurso “Vespasiano Ramos”. Teve o livro **Os elementos do verbo** – poesia - lançado no Rio de Janeiro pela Editora Livros de Portugal, em 1955. Morreu em Belém, em 1966. Publicou no suplemento literário da **Folha do Norte** os poemas: *Hino* (n. 15, 10/11/46); *Balada a Omar Khayyam* (n. 16, 01/12/46); *Poema a Augusto Frederico Schmidt* (n. 19, 26/01/47); *Transformação* (n. 23, 30/03/47); *Poema* (n. 26, 18/05/47); *Hino a Helena* (n. 31, 22/06/47); *De um irmão no paraíso* (n.43, n.14/09/47); *Espera de Ivone* (n. 60, 01/01/48); *Poema* (n. 84, 29/06/48); *Poema* (n.104, 07/11/48); *Poema* (n. 108, 01/01/49); *Canto final* (n. 109, 09/01/49); *Soneto da palavra esquecida* (n. 163, 24/12/50)).

É uma palavra que encerra gestos  
Interjeições de espanto e de surpresa  
Mas que esqueci talvez há muito tempo

Significa desespero vão.  
Arrependimento de amar cousas partidas  
De ser poeta nesta noite plena.<sup>38</sup>

(Cauby Cruz, *Soneto da palavra esquecida*)

A poesia inicial de Haroldo Maranhão<sup>39</sup> publicada nas páginas do suplemento literário, por ele fundado e dirigido, capta a beleza de resquícios de imagens surrealistas. A sua obra é exemplo de liberação dos restos do sentimentalismo romântico, visto que, com uma linguagem ao mesmo tempo coloquial e lírica, Haroldo Maranhão constrói uma poesia nítida, clara, expressiva diante da vida. Com uma expressão bem pessoal, sua poesia é marcada pela alegria, tristeza, desencanto e ironia.

---

<sup>38</sup> CRUZ, Cauby. Soneto da palavra esquecida. **Folha do Norte**, Belém, 24 dez. 1950. Suplemento Arte Literatura, n. 163, p. 1.

<sup>39</sup> Haroldo Maranhão nasceu em Belém em 1927. Formado pela Faculdade de Direito do Pará, exerceu o jornalismo desde os 13 anos de idade, quando trabalhou como repórter de polícia no jornal *Folha do Norte*, de propriedade de seu avô Paulo Maranhão. Na redação do jornal, chegou a ser redator-chefe. Criou e dirigiu o Suplemento Arte Literatura deste jornal. Nos anos 50 fundou a Livraria Dom Quixote, ponto de encontro de intelectuais paraenses. Haroldo seguiu o caminho da prosa, publicando livros de contos, estórias curtas, novelas. Mora atualmente em Petrópolis, RJ. Livros: **A estranha xícara** (estórias curtas, 1968); **Chapéu de três bicos** (contos, 1975); **Vôo de galinha** (contos, 1978); **A morte de Haroldo Maranhão** (novela, 1981); **O tetraneto del-rei** (romance, 1982); **As peles frias** (contos, 1982); **Os anões** (romance, 1983); **A porta mágica** (romance; 1983); **Flauta de bambu** (crônicas e histórias curtas, 1983); **Dicionário maluco** (infanto-juvenil, 1984). **O começo da cuca** (novela juvenil; 1985). **Quem roubou o Bisão?** (infantil, 1986); **Jogos infantis** (contos, 1986); **A árvore é uma vaca** (infantil, 1986); **Rio de raiva** (romance, 1987); **Senhoras e senhores** (páginas de um diário, 1989); **Cabelos no coração** (romance, 1990); **Memorial do fim: a morte de Machado de Assis** – romance, 1991. **Miguel Miguel** – romance, 1992. **Querido Ivan** (cartas, 1998). **Dicionário de futebol**. 1998. **Pará, capital: Belém – memórias & pessoas & coisas & loisas da cidade** – antologia, 2000. Publicou no suplemento literário da **Folha do Norte**: *Momento lírico, mas doloroso* (n. 24, 06/04/47); *Poema cruel* (n. 25, 13/04/47); *Canção do desejo puro* (n. 32, 29/06/47); *Poema simples para mocinha do navio* (n. 33, 20/07/47); *Poema* (n. 36, 27/07/47); *O Ritmo está cansado* (n. 37, 03/08/47); *Canção impossível* (n. 39, 17/08/47); *Retorno* (n. 40, 24/08/47); *Viagem* (n. 42, 07/09/47); *Derradeira endeixa para Edelwis caindo* (n. 60, 01/01/48); *Enlevo* (n. 61, 04/01/48); *M.L.C.* (n. 64, 25/01/48); *Cantiga de amor* (n. 70, 14/03/48); *Áspera canção* (n. 163, 24/12/50); *Breve apelo* (n. 163, 24/12/50).

As papoulas estão cantando no jardim  
os últimos sons da lua  
ficaram parados na madrugada.  
O mar cobriu a praia de búzios  
e as estrelas úmidas  
caminharam sozinhas  
para o regaço das virgens  
os céus se abriram em rosas  
As gaivotas claras  
pousaram para beijar os regatos  
o sol da manhã inundou de esperanças  
as campinas distantes e os igarapés calados...  
O Amor chegara, enfim, ao coração do poeta.  
E um entusiasmo universal  
se levantava  
para saudar a presença da amada.<sup>40</sup>  
(Haroldo Maranhão, *Poema*)

Na busca de realizar uma poesia que expressasse a posição do autor diante dos problemas imediatos e da vida, Haroldo Maranhão em *O ritmo está cansado*, por meio de uma linguagem discursiva simples e direta, representa na poesia o cotidiano sofrido do homem comum em meio ao ritmo turbulento da sociedade.

O ritmo está cansado,  
sujo, torto, inexpugnável

---

<sup>40</sup> MARANHÃO, Haroldo. Poema. **Folha do Norte**, Belém, 24 abr. 1947. Suplemento Arte Literatura, n. 36, p. 1.

Sempre e sempre um  
quando poderia ser outro  
- puro e dinâmico.  
Mudemos a paciência  
Andemos também pro lado  
Por que sempre pra frente, pra frente,  
E estás um atrás do outro?  
[...]  
Médicos, padeiros, eletricitas,  
cristãos, escritores, financistas,  
presbiterianos, burgueses, comunistas.  
Um apelo, um apelo só, mas dramático.  
Mudemos o ritmo  
Mudemos o ritmo, senhores.  
O ritmo está cansado.<sup>41</sup>  
(Haroldo Maranhão, *O ritmo está cansado*)

Como Haroldo Maranhão, Max Martins<sup>42</sup> mostra a renovação da linguagem que vinha desencadeado-se na literatura paraense. O uso preferencial do verso livre, o jogo

---

<sup>41</sup> MARANHÃO, Haroldo. O ritmo está cansado. *Folha do Norte*, Belém, 3 ago. 1947. Suplemento Arte Literatura, n. 37, p. 1.

<sup>42</sup> Max da Rocha Martins nasceu em Belém em 20 de junho de 1926. Estudou o ginasial no Colégio Estadual “Paes de Carvalho”. Trabalhou em várias instituições, entre elas Sucam, órgão do Ministério da Saúde, Banco do Estado do Pará, Instituto de Medicamentos Fontoura. Em 1991 assumiu a direção da Casa da Linguagem, da Fundação Curro Velho, em Belém. Primo de Alonso Rocha, Max Martins participou em setembro de 1988, nos Estados Unidos, do Projeto *Brazilian Poetry Reading*, do Programa Cultural dos Companheiros das Américas. No encontro houve a leitura da poesia de Max Martins em português e inglês, e palestras sobre a poesia brasileira e a cultura amazônica. O evento cobriu um circuito de escolas, universidades, centros de espetáculos e bibliotecas. Max teve alguns de seus poemas traduzidos para o inglês, espanhol e francês. Livros: **O estranho** (poesia, 1952); **Anti-retrato** (poesia, 1960); **O risco subscrito** (poesia, 1980); **A fala entre parênteses** (poesia, livro de parceria com o poeta paraense Age de Carvalho, 1982); **Caminhos de Marahu** (poesia, 1983); **60/35** (poesia, edição comemorativa dos 60 anos de idade e 35 de poesia, 1983); **Não para consolar - poesia completa** (poesia, 1992). No suplemento literário da *Folha do Norte* publicou *Nesta noite eu sou Deus* (n. 21, 23/02/47); *Segunda elegia para Sônia* (n. 23, 30/03/47); *Poema* (n.25, 13/04/47); *Canto para a guerrilha...* (n. 26, 18/05/47); *Dois poemas sem título* (n. 31, 22/06/47); *Duas elegias para*

com as palavras e o corte com a sintaxe tradicional são características tomadas pela poesia inicial de Max Martins, colocando na poesia elementos precursores do Concretismo, que surgiria brevemente na década de 1950.

Ocorreu-me o poema.  
Contudo há a religião  
A pátria, o calor.  
Procuro ver na noite profunda.  
Quero esquecer no momento  
Que sou homem de vários documentos.  
Forço.  
Dói-me o calor desta “vida meu Deus!...”  
Lavo as mãos.  
Mas tenho de pôr a gravata  
E salvo a moral. Abandono-me.  
Rola o poema e o mundo  
E eu mudo.<sup>43</sup>  
(Max Martins, III).

Em 1950, Max Martins publicou no suplemento literário o poema *Muaná da beira do rio*, a simplicidade da morada na experiência do poeta paraense.

A velha matriz branca  
De pontas largas

---

*Sônia* (n. 47, 22/06/47); *Narciso* (n. 72, 28/03/48); *Para Maria Lais* (n. 91, 06/08/48); *Elegia dos que ficaram* (n. 105, 14/11/48); *Epigrama do ano santo* e *Soneto* (n. 160, 19/11/1950); *Por que?*, *A varanda*, *Poema*, *O filho*, *Poema sem norte* (n.163, 24/12/50); *Poema*, *Pedreira*, *Muaná da beira do rio* (n. 164, 31/12/50).

<sup>43</sup> MARTINS, Max. III. **Folha do Norte**, Belém, 22 jun. 1947. Suplemento Arte Literatura, n. 31, p. 1.

Sozinha na praça  
Olhando o rio sujo  
Montaria dançando. Tarde preguiçosa  
Rua quieta. Jornal do prefeito  
Com santo na primeira página.  
E usina bufando, bufando,  
Engolindo lenha.  
Na janela do posto do Correio  
Um cacho de bananas balançando.<sup>44</sup>  
(Max Martins, *Muaná da beira do rio*)

Os versos desse poema celebram a tranquilidade da cidade de Muaná, na ilha de Marajó, lembrando-nos a *Cidadezinha qualquer* de Carlos Drummond de Andrade, “Casas entre bananeiras/ mulheres entre laranjeiras/ pomar amor cantar. / Um homem vai devagar. /Um cachorro vai devagar. / um burro vai devagar. / Devagar... as janelas olham. / Eta vida besta, meu Deus”, ou ainda a “rua do poeta, quieta, discreta/ com pregões matinais de jornais, aventais nos portais, animais e varais nos quintais”, de Guilherme de Almeida, em *A rua das rimas*. O coloquial, o prosaico e o popular - tão rejeitado pela “Geração de 45” - foram elementos que permearam a poesia do “Grupo dos Novos” de Belém.

Pelo prosaico, Benedito Nunes construiu uma poesia simples, moderna de descobertas, do ver a vida e registrá-la com sua plasticidade e humor. *Trecho da Conselheiro Furtado e Balada do inverno* são poemas em que o poeta se volta para o passado em torna da infância vivida em Belém, cidade onde nasceu.

Parece uma ruazinha qualquer da vila do interior  
a Conselheiro silenciosa que a linha do bonde  
não alcançou.

Passa ao lado do velho cemitério,  
onde os mortos de mil oitocentos  
fazem pouco do século vinte...  
Passa ao lado da Soledade  
que fica tão só dentro da noite  
com o sino cansado batendo, batendo.  
Os moradores já viram o Conselheiro  
puxando a carta do sino.  
Ele quer missa quer reza  
quer que capinem a ruazinha calada.  
De dia a rua é das crianças  
de toda molecada  
que vem da Pratinha  
sobem papagaios curicas cangulas  
que ficam dançando no céu  
brincando com as nuvens  
distraindo “seu” Furtado.<sup>45</sup>  
(Benedito Nunes, *Trecho da Conselheiro Furtado*)

Embora o “Grupo dos Novos” poetas paraenses participasse da “Geração de 45”, não se chegou a estabelecer polêmicas ou confrontos dos autores locais com seus antecessores, como ocorreu, em especial nas cidades de Rio de Janeiro e São Paulo. O distanciamento geográfico dessas metrópoles e a formação intelectual dos “novos” poetas paraenses implicaram a convivência com a geração de seus antecessores imediatos, tanto no quadro local quanto no nacional. “Essa juvenil turbulência dos grupos de maior prestígio,

---

<sup>44</sup> MARTINS, Max. Muaná da beira do rio. **Folha do Norte**, Belém, 31 dez. 1950. Suplemento Arte Literatura, n. 163, p. 3.

<sup>45</sup> NUNES, Benedito. Trecho da Conselheiro Furtado. **Folha do Norte**, Belém, 30 jun. 1946. Suplemento Arte Literatura, n. 6, p. 3.

que se rotularam de *geração de 45*, usando o termo como bandeira de uma poética autônoma e definitiva, não nos atingiu”<sup>46</sup>, ressalta Benedito Nunes.

Ruy Guilherme Paranatinga Barata<sup>47</sup> foi um dos poetas que participou do “Grupo dos Novos”, já com a experiência de *Terra Imatura* e com a publicação de seu primeiro livro em 1943. Manuel Bandeira, em *Apresentação da poesia brasileira*<sup>48</sup>, relacionou o nome de Ruy Barata como um dos “bons poetas” aparecidos a partir de 1942, entre os novos da literatura brasileira. Na poesia de Ruy Barata publicada no suplemento literário pode-se ver o aperfeiçoamento de formas da tradição poética, alternado-se com outras modernas. No poema intitulado *Ode*, abaixo trecho transcrito, o poeta paraense conserva o estilo sóbrio e o conteúdo denso desse gênero lírico para tratar da temática da angústia humana diante do tempo.

Os dedos contam as ondas,  
os minutos talvez,  
jamais o anelo.  
Podes tocar de leve a minha calva,  
a barba,  
os bens,  
todos os sonhos,  
[...]  
Ó tempo.

---

<sup>46</sup> NUNES, Benedito. Max Martins, Mestre-Aprendiz. In: MARTINS, Max. **Não para consolar**. Belém: Cejup, 1992. p. 19.

<sup>47</sup> Rui Guilherme Paranatinga Barata publicou no suplemento literário da **Folha do Norte**: Poesia: *Jeremias* (n.3, 26/05/46); *Manifesto de amor ainda que tarde* (n. 5, 16/06/46); *La plus que lente* (n. 7, 14/07/46); *Auto-retrato* (n. 8, 28/07/46); *Tocata e fuga em ré menor* (n. 10, 25/08/46); *Salmo* (n. 16,01/12/46); *Music hall* (n. 41, 31/08/47); *Valsa para Thaisinha* (n. 51, 16/11/47); *Fragmento* (n. 60, 01/01/48); *27 anos quase 28* (n. 68, 15/02/48); *Arte poética, convalescença e Ode a Fanny Brawne* ( n. 87, 11/07/48); *Homenagem a Leon Bloy* (n.00, 10/10/48); *A portrait of the artist as a young man* (n. 144, 22/01/50); *Eis o tempo, Linha imaginária* (n. 155, 03/09/50); *Breves considerações sobre o amanhecer, Canto para Maria Diva, Ode, Arte poética* (n. 163, 24/12/50). Tradução de poema: *Noturno*, de Xavier Villaurrotia (n. 8, 28/07/46); Poema sem título, de Maiakovski (n. 13, 06/10/46); *O filho pródigo*, de James Weldon - Johnson (n. 8, 05/01/47); Poema sem título, de Walt Whitman e do Tenente Zajarchenko (n. 21, 23/03/47); *Do poeta ao seu partido*, de Louis Aragon (n. 57, 21/12/47).

<sup>48</sup> BANDEIRA, Manuel. **Apresentação da poesia brasileira**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d., p. 157.

Ó dimensão de exílio e de orfandade,  
se não digo eterno, quase eterno,  
deixai toda esperança “voic’h entratte”.<sup>49</sup>  
(Ruy Guilherme Paranatinga Barata, *Ode*)

Sendo assim, o suplemento literário da *Folha do Norte* abriu “espaços para a literatura e não para a subliteratura, para o sério e o permanente, e não para o frívolo”<sup>50</sup>. Isso ocorreu, sobretudo, porque a geração de Max Martins estava ligada não somente aos movimentos nacionais, mas também aos movimentos que estavam acontecendo naquele mesmo momento nos grandes centros culturais do mundo, como Paris, Roma, Londres, Nova York. Como Max Martins afirmou em entrevista ao suplemento literário, a poesia do pós-guerra deixava de ser a poesia francesa, inglesa, russa, americana, para se tornar uma poesia universal<sup>51</sup>.

Nessa noção de poesia, o público leitor do suplemento literário conheceu Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Proust, Eliot, Valéry, Fernando Pessoa, Rilke, Lorca e o “Grupo dos Novos, enfim, conheceram poetas que partilharam as páginas deste tablóide dominical, por quase seis anos consecutivos”, e renovaram a poesia com a abordagem de problemas que afligem a humanidade em geral.

### 5.5 Crítica da nova geração

A crítica literária aparece no “Grupo dos Novos” com Francisco Paulo Mendes, Benedito Nunes e Haroldo Maranhão. Autores das gerações de 1920 e 1930 surgem com artigos críticos, como por exemplo, Bruno de Menezes, Cléo Bernardo, Cécil Meira, Rainero Maroja, porém de forma menos freqüente.

---

<sup>49</sup> BARATA, Ruy Guilherme. *Ode*. **Folha do Norte**, Belém, 24 dez. 1950. Suplemento Arte Literatura, n. 163, p. 4.

<sup>50</sup> MENDES, Francisco Paulo. *Op. cit.*, p. 8.

<sup>51</sup> MARTINS, Max. *Op. cit.*, p. 3.

No ano de 1946, quando foi editado o primeiro número do Suplemento Arte Literatura, da *Folha do Norte*, Haroldo Maranhão publicou *O último dos modernistas* (n.1,05/ mai./ 1946) . Começando por si mesmo, analisa as circunstâncias pessoais e históricas que o levaram a compreender tardiamente o Modernismo. Ele se demora a esclarecer tal acontecimento, para em seguida passar a defender a poesia de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, revelando esses poetas como decisivos para se definir o fenômeno de clareza e precisão da poesia brasileira modernista. Com isso, o diretor do suplemento literário amenizava o julgamento negativo atribuído a esse movimento, por ocasião da alienação literária em que vivia quando adolescente.

O mesmo autor, a partir do n. 3, de 26 de maio de 1946, assina uma coluna, *Apontamentos literários*, no qual comentava sobre livros e autores nacionais, sugeria a elaboração de estudos críticos sobre determinados autores, em particular da obra de José Veríssimo. Haroldo Maranhão, em *O Haikai no Brasil* (suplemento literário, n. 4, 02/jun/46), desperta o interesse pela poesia japonesa, “uma forma rudimentar de poesia, que não se encontra em nenhuma outra poesia”, uma nova fonte literária era o poeta Maisuo Bashô, que viveu no século XVI, visto pelo crítico como o “maior construtor” de haikais da literatura japonesa. Anos mais tarde, a influência de Bashô se manifestava na poesia de Max Martins. Sem prejuízos, poderíamos considerar que tal interesse pelo poeta japonês esteja ligado por eventuais diálogos sobre o tema entre os participantes do “Grupo dos Novos”. Entre outros artigos de Haroldo Maranhão publicados no suplemento literário, encontram-se *Alguns bissextos* (n. 26, 18/mai./1947) e *Volta ao preciso* (suplemento literário, n. 85, 27/jun./1948).

Por sua vez, Bruno de Menezes em *Catulo cearense – a modinha e a poesia da brasilidade* (n. 2, 19/mai./1946) assinava crítica sobre Catulo da Paixão Cearense. Mais preocupado no estilo literário do poeta, o crítico aproveitava para afirmar que o cancionero popular havia dado um corte na modinha nacional, libertando-a da “tristeza congênita”, ou seja, do “saudosismo melancólico” herdado do lirismo lusitano. Catulo da Paixão Cearense tornou a poesia nacional mais plástica, colorida de paisagens nativas e “insuflando-lhe ardências tropicais”. Nesse mesmo número, outros ensaios foram publicados em homenagem ao poeta do agreste, que havia falecido naquele ano.

Francisco Paulo Mendes exerce a crítica voltada, principalmente, para a poesia. Nos primeiros números do suplemento literário as obras da literatura portuguesa contemporânea merecem o comentário do crítico, que justifica o texto do poeta analisado, no sentido de causar no leitor uma certa empatia pelo poeta em questão. Desse modo, a crítica é um espaço de apreciação da linguagem poética examinada. O primeiro poeta apresentado é Fernando Pessoa, pelo qual Francisco Mendes confessa sua admiração, em particular, pela criação dos heterônimos e toda a problemática que advém do tema. Em nota de rodapé, o crítico indica ao leitor títulos de livros dos poetas portugueses comentados. A crítica de Francisco Paulo Mendes aos poetas portugueses se estende para Florbela Espanca (suplemento literário, n. 7, 14/jul. /1946); Alberto De Serpa (suplemento literário, n. 8, 28/jul. /1946); Antônio Feijó (n. 11, 07/set. /1946).

Além da crítica aos poetas portugueses, Francisco Paulo Mendes também dedica-se aos autores locais. Em *Ressurreição e vida* (suplemento literário n. 23, 30/mar./1947), comenta o livro de Cécil Meira – com o mesmo título. *O poeta e a rosa: primeira notícia sobre a poesia de Mário Faustino* (suplemento literário, n. 76, 25 /abr./1948), Francisco Mendes, de modo afinado, apresenta-nos o fenômeno poético na história dos movimentos literários a partir do Romantismo até o pós-guerra, a fim de chegar ao “drama da beleza” da poesia de Mário Faustino.

É profundo o aspecto que o crítico enfoca, pois se trata de um poeta ainda na adolescência, que apresentava uma linguagem poética amadurecida. “Esse jovem poeta aparece, pela perfeição e realização dos seus poemas, com certas qualidades de expressão e de forma que somente possuem os poetas já de todo completo.” Diante de tal singularidade, Francisco Paulo Mendes deixa transparecer uma certa preocupação com o destino do poeta, mas reconhece que este “sabe sua missão”. Para o crítico, Mário Faustino tinha sabedoria e a paz que poderia fazer do seu coração uma “daquelas moradas de que se referem os místicos espanhóis do século XVII”.

Francisco Paulo Mendes publicou ainda *Notas para uma conferência sobre a poesia contemporânea* (suplemento literário, n. 31, 22/jun. /1947), o mesmo artigo seria publicado na revista *Encontro*, posteriormente, em *Leconte de Lisle e poesia francesa do século XIX*. (suplemento literário, n. 108, 01/jan. /1949), onde recua no tempo e analisa a

poesia francesa do século XIX, em particular o poeta parnasiano Leconte de Lisle. Francisco Paulo Mendes acentua o pensamento viril e a fidelidade à arte e à beleza deste poeta. Segundo o crítico, o poeta francês atinge o ideal através do belo, desse modo a poesia, como toda a arte era serena e “não refletia os sentimentos pessoais” do poeta. A orientação interpretativa dada à crítica sobre a poética de Leconte de Lisle por Francisco Paulo Mendes é também apresentada nos ensaios do estreante Benedito Nunes.

Benedito Nunes enriquece a crítica literária local com a publicação no suplemento literário da *Folha do Norte* dos primeiros ensaios de sua autoria, a partir de 1947. O jovem crítico do “Grupo dos Novos” converge literatura, filosofia e estudos literários para seus ensaios. O número de artigos publicados por Benedito Nunes é reduzido, a produção deste autor destacava-se mais na poesia. No entanto, nos artigos críticos publicados predomina a tendência de uma crítica mais interpretativa, como em *Ação e Poesia I* (suplemento literário, n.28, de 01/jun/1947); *Ação e Poesia II* (suplemento literário, n.29, 08/jun/1947); *A morte de Ivan Ilitch* (suplemento literário, n.144, 22 jan/1950) e *Considerações sobre A Peste* (suplemento literário, n.165, 14/jan/1951).

No que se refere ao seu primeiro artigo de crítica, *Ação e Poesia*, Benedito Nunes chegou a tratar sobre a ação do homem na sociedade moderna. Temos aí um modelo de crítica de atribuição reflexiva da função da poesia para a vida do homem “burguês” que adotou o “dinamismo como salvação”. Segundo o crítico, o valor da ação é “exagerado” na vida dos países industriais. “De vez em quando os Estados Unidos fazem circular pela América toda um livro que nos indica a maneira de enriquecer facilmente ou de alcançar a felicidade”. Nesse contexto, duas figuras opostas surgem no texto do autor para ilustrar dois estágios do homem no mundo contemplação/ação. Lin Yutang – um chinês que não gostou de residir em Nova Iorque “porque os americanos almoçam em pé durante os intervalos de trabalho, apressados, simplesmente por causa do dever”.

O crítico narra que enquanto Lin Yutang, na China, tomava descansadamente o seu fumo, lia delicados poemas e engolia calmamente a vida em chávenas de chá, enfim um homem contemplativo, em sentido contrário mostra o dia-a-dia de Mister Hemingway, que lia “pacientemente o último número do *Reader's Digest*, aos solavancos, no ônibus da fábrica”. Cumpria pontualmente o “dever”, bebia o ‘lunch’ que

faz acompanhar de duas ou três pílulas vitaminadas, de máxima eficiência nutritiva.” A partir desses exemplos adversos do comportamento humano, manifestado em diferentes contextos culturais, Benedito Nunes aponta ao leitor o seguinte problema: a oposição entre a rigidez da sociedade industrial e o estado poético. Essa elevação espiritual do homem estaria ligado estritamente à vida, ou melhor ao tipo de vida que ele possui. Benedito Nunes, apesar de mostrar duas culturas diferentes, a oriental e a ocidental, não privilegia uma cultura em relação à outra. A intenção do crítico é despertar no leitor uma reflexão sobre o perigo da absorção da pessoa humana pelo industrialismo.

Esses críticos assumiram um novo conceito de literatura baseado na revalorização da palavra, na criação de novas imagens e na revisão do ritmo poético. Com o suplemento literário da *Folha do Norte*, a crítica local buscou uma nova essência literária encontrada na universalidade da poesia de Mário Faustino, revelada por Francisco Paulo Mendes; de Manuel Bandeira e de Carlos Drummond de Andrade, confessada por Haroldo Maranhão e na ficção de Albert Camus, interpretada por Benedito Nunes. A partir da publicação desses artigos, iniciou-se um processo de fortalecimento da posição teórica de tais críticos em relação à obra literária.

Com isso, a nova fase da crítica paraense, propagada pelo suplemento literário da *Folha do Norte* e exercida de modo sistemático por autores locais, colocou em diferentes perspectivas o texto literário de autores locais, nacionais e estrangeiros. Francisco Paulo Mendes, Haroldo Maranhão e Benedito Nunes, apesar de formarem o que se pode chamar de “família espiritual” preservaram a individualidade de pensamento, não se prendendo a doutrinas. A presença da geração dos “novos” apontou para a conscientização dos problemas literários característicos daquele período.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tese apresentada visou contribuir para melhor conhecimento do movimento literário de Belém (PA), em especial, no período de 1942 a 1952. Para tanto se procurou reconstituir a vivência de um grupo de escritores e poetas paraenses, contando para isso com a especial atenção de alguns ex-participantes desse grupo, que permitiram ser entrevistados pela autora a fim de rememorar o passado. Foram também analisados textos literários e críticos desses autores locais, em particular, os publicados nas páginas do *Suplemento Arte Literatura* do jornal *Folha do Norte* (1946-1951) e nas revistas *Encontro* (1948) e *Norte* (1952).

A edição desse suplemento literário e das revistas em Belém, depois da Segunda Guerra Mundial, foi significativa no processo de rompimento com o isolamento cultural em que se encontrava a cidade, em particular no plano literário.

A condição social, política e econômica pela qual passava a cidade, em seu processo de urbanização se refletindo na precariedade do sistema de transporte, na demolição de prédios construídos em séculos passados, na indústria incipiente, na construção dos primeiros espigões, nas reformas de praças e ruas, assim como a fundação de uma base área norte-americana, foram elementos de mudança que proporcionaram características particulares à sociedade em questão.

Por outro lado, a presença de movimentos literários na capital paraense, representados, nesse estudo, pelo da revista *Belém Nova* (1923-1929) e pelo da *Terra Imatura* (1938-1942) e até mesmo pelo movimento da *Mina Literária* (1895-1899) repercutiu na história da organização coletiva dos autores estudados, uma vez que a “Geração dos Novos” também constitui-se como movimento em torno de periódicos literários e estabeleceu diálogo com escritores de outras regiões do país e do estrangeiro.

Ainda que alguns autores pertencentes, cronologicamente, à geração antecessora à sua continuassem de algum modo a participar da nova geração, eles não

chegaram a criar atritos entre si. Nesse sentido, observou-se a presença de uma convivência cordial entre autores de gerações e movimentos diferentes. É o caso, por exemplo, de Eustachio de Azevedo, da *Mina Literária*, que publicou textos na *Belém Nova*; ou o de Bruno de Menezes que colaborou no suplemento literário dirigido por Haroldo Maranhão; ou ainda de Francisco Paulo Mendes, Cléo Bernardo, Ruy Guilherme Paranatinga Barata, iniciados na *Terra Imatura*, que participaram ativamente do “Grupo dos Novos”.

Verificou-se, então, que, embora esses participantes de gerações anteriores fizessem parte do que de mais novo surgia em Belém, no campo literário, de uma certa forma recebiam e ampliavam, em certos casos, o movimento organizado naquele momento. Podem-se somar a isso a experiência e o estilo literário de cada autor, aspectos que de certo modo são fundamentais para a compreensão da particularidade histórica do movimento literário paraense.

Com efeito, em relação ao “Grupo dos Novos”, observou-se que, apesar de a trajetória inicial seguir escolas literárias pertencentes ao passado literário, o grupo de Alonso Rocha, Benedito Nunes, Francisco Paulo Mendes, Jurandir Bezerra, Haroldo Maranhão, Mário Faustino, Max Martins e Ruy Guilherme Paranatinga Barata, muito acrescentou à produção literária local, que desde a *Terra Imatura* encontrava-se submersa pelas dificuldades editoriais. A poesia dos “novos” teve uma maior preocupação estética, uma amplitude mais universal e mais humana, deixando de lado o regionalismo como fora apresentado na geração de Abguar Bastos. Uma característica não só do movimento local, mas de um “projeto” maior, apresentado em todo o país pelas “gerações de 45”.

Se, por um lado, quando adolescentes esses autores fundaram uma *Academia dos Novos*, moldada pela tradição literária européia e nacional, por outro lado não imaginavam que estariam dando os primeiros passos de uma geração que iria modernizar a literatura paraense.

Nos cadernos escolares *Avante* e nas folhas de papel almaço, os aprendizes de poetas editaram os primeiros poemas do grupo, cuidadosamente metrificados. Afinal os garotos haviam aprendido na escola “a contar sílabas pelos dedos da mão direita”<sup>1</sup> e a metrificar com o *Tratado de Versificação* de Guimarães Passos. Apesar dos quase 20 anos de Modernismo no país a poesia romântica e a parnasiana ainda eram ensinadas nas escolas do país e, no caso particular em estudo, serviu de modelo para os jovens confrades da Academia dos Novos de Belém do Pará, que, mobilizados por um ideário estético ultrapassado, acirraram os ânimos contra o Modernismo de 22, mesmo só tendo “ouvido falar” de tal acontecimento.

No que diz respeito ao Modernismo no Pará, o movimento literário local, da década de 1920, liderado por Bruno de Menezes, já tinha ouvido o “sapopema”<sup>2</sup> do manifesto de Abguar Bastos, lançado em 1927, um símbolo da voz da mocidade paraense que teve, juntamente com outras regiões do país, “um sonho extraordinário de liberdade literária”<sup>3</sup>. A revista *Belém Nova* abriu as possibilidades ao movimento modernista na sociedade local.

Do ponto de vista do conhecimento, ou até mesmo do reconhecimento deste movimento modernista local, pela “Geração dos Novos”, só foi ocorrer de fato depois de 1945, com a fundação do suplemento literário da *Folha do Norte*. Desse modo, esse encarte dominical serviu não só para atualizar a geração de Haroldo Maranhão à luz do Modernismo local, mas também do nacional. A formação do escritor moderno paraense compreendia um processo de amplo descobrimento do modernismo.

O rito de passagem dos jovens confrades ao Modernismo deu-se tardiamente, mas a partir daquele instante o grupo conseguiu acompanhar as novas gerações surgidas no país, depois de 42/45. O clamor de Abguar Bastos, quase 20 anos

---

<sup>1</sup> NUNES, Benedito. Max Martins, mestre-aprendiz. In: MARTINS, Max. **Não para consolar: poemas reunidos 1952 –1992**. Belém: Cejup, 1992, p. 17.

<sup>2</sup> Sapopema – do tupi *sau'pema*, “raiz chata”. Grande raiz tabular que cerca a base do tronco de muitas árvores da floresta pluvial. Exemplo típico é a samaúma, árvore comum na mata de terra firme, da Amazônia.

antes, ainda ecoava aos ouvidos dos integrantes da nova geração literária: “Rasgaram, pois, as redes do passadismo e deixaram passar a piracema da mais alta expressão da independência emocional.”<sup>4</sup>

Bruno de Menezes, diretor da revista *Belém Nova*, faleceu em 1963, e ainda colaborou com o suplemento literário da *Folha do Norte*. Evidentemente, o suplemento literário local e as revistas *Encontro* (1948) e *Norte* (1952) propagaram um novo movimento literário, o da Geração de 45. Uma geração de espírito crítico, que, sem perder a liberdade poética conquistada na primeira fase modernista, voltou-se para o uso do verso medido, da forma regular, do tema universal, deixando um pouco de lado temas nacionais.

O *Suplemento Arte Literatura* rompeu o isolamento cultural no qual encontrava-se Belém, na década de 1940, pois o dinamismo e a juventude de Haroldo Maranhão, na direção deste suplemento; a poesia de Alonso Rocha, Cauby Cruz, Jurandir Bezerra, Max Martins, Mário Faustino; a crítica de Benedito Nunes e a presença de “velhos” talentos literários compuseram novos valores e nova sensibilidade na literatura paraense. O aparecimento deste suplemento literário preencheu uma lacuna na história da literatura paraense.

Os suplementos literários dos jornais brasileiros foram de grande importância, não somente para a divulgação da nova literatura e crítica, mas também como canais de contacto direto e imediato com o público. Através dos suplementos literários, os autores editaram textos originais, publicaram poemas traduzidos, entrevistas com autores nacionais e estrangeiros, noticiaram lançamento de livros, datas de congressos de escritores.

O “Grupo dos Novos” dispersou-se em 1952, com a última edição da revista *Norte*. Alguns participantes saíram de Belém, por motivo pessoal ou de trabalho, como foi o caso de Mário Faustino, Jurandir Bezerra, Haroldo Maranhão. Outros

---

<sup>3</sup> BASTOS, Abguar. Flami-n’-assu: manifesto aos intelectuais paraenses. *Belém Nova*, Belém, n.74, 15 set. 1927.

residem até hoje em Belém. Alonso Rocha entrou definitivamente para a Academia Paraense de Letras, Max Martins continua compondo poesia, com livros publicados Brasil e no exterior, e Benedito Nunes se mantém, filosofando e escrevendo ensaios críticos. Outros são lembrados carinhosamente pelos amigos e leitores: Ruy Barata, Francisco Paulo Mendes, Paulo Plínio Abreu, Robert Stock, Maurício Rodrigues, Jaime Floriano, Sultana Levy e Cauby Cruz.

Finalizando, pode-se afirmar que o movimento literário de 1945, em Belém, ou melhor, o movimento moderno do “antiprovinciano tablóide” de 1946 (e das revistas literárias) não se encontra acima ou abaixo de outras produções culturais ocorridas nessa mesma época, no país. A poesia, a ficção e a crítica produzidas por essa geração paraense mostram a importância do movimento local por indicarem testemunhos do caráter diversificado e heterogêneo dos movimentos literários nacionais, que se fazem e refazem não só nas redes de intercâmbio com literaturas estrangeiras de maior poder de projeção, como também nas trocas localizadas com a imensa teia das produções regionais.

---

<sup>4</sup> BASTOS, Abguar. Op. cit, p.s/n.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### PERIÓDICOS

**AMAZÔNICA.** Belém, 1883.

**AMAZÔNICA.** Belém, 1955.

**BELÉM NOVA.** Belém, 1923 – 1929.

**CLÃ.** Fortaleza, 1948.

**EDIFÍCIO.** Belo Horizonte, 1947.

**ENCONTRO.** Belém, 1948.

**JOAQUIM.** Curitiba, 1946.

**KLAXON.** São Paulo, 1922.

**NORTE.** Belém, 1952.

**REVISTA BRASILEIRA DE POESIA.** São Paulo, 1947-1949.

**REVISTA DA ACADEMIA PARAENSE DE LETRAS.** Belém, v. XL, 1999.

\_\_\_\_\_. Belém, v. XXXIII, 1990.

**REVISTA DO LIVRO.** Rio de Janeiro, 1968.

**PARÁ ILUSTRADO.** Belém, 1943.

**PANORAMA.** Belo Horizonte, 1947.

**ORFEU.** Rio de Janeiro, 1947.

**A SEMANA.** Belém, 1919.

**TERRA IMATURA.** Belém, 1938.

**VERDE.** Cataguazes, 1929.

**CORREIO DO PARÁ.** Belém, 20 e 24. mai. 1927.

**O ESTADO DO PARÁ.** Belém, 1941.

**O ESTADO DO PARÁ.** Belém, 22 mai. 1927.

**A PROVÍNCIA DO PARÁ.** Belém, 25 e 26 mar. 1990.

**A PROVÍNCIA DO PARÁ.** Belém, 23 e 24 set. 1990.

**FOLHA DO NORTE.** Belém, 1944 – 1951.

**O LIBERAL.** Belém, 15 nov. 1988 e 11 mai. 1999.

Suplemento Arte Literatura. **FOLHA DO NORTE**. Belém, 1946–1951.

Suplemento Literário. **A MANHÃ**. Rio de Janeiro, 1941.

Suplemento Literário. **MINAS GERAIS**. Belém, 4 mai. 1974.

## LITERATURA

ABREU, Paulo Plínio. **Poesia**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1977.

ANDRADE, Mário. **O turista aprendiz**. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

AZEVEDO, José Eustachio. **Antologia amazônica: poetas paraenses**. 2ª ed. aumentada. Belém: Livraria Carioca Editora, 1918.

BARATA, Ruy Guilherme Paranatinga. **A linha imaginária**. Belém: Edições Norte, 1951.

\_\_\_\_\_. **Anjo dos abismos**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1943.

BANDEIRA, Manuel. **Libertinagem e Estrela da manhã**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

BASTOS, Abguar. **Amazônia que ninguém sabe**. Casa impressora Instituto D. Macedo Costa. Belém, 1932.

\_\_\_\_\_. **Terra de Icamiba – romance da Amazônia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Adersen Editores, 1934.

BOPP, Raul. **Cobra Norato**. 17ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

BRAGA, Rubem. **Aventuras**. 2ª. Rio de Janeiro: Record, 2002.

CAMUS, Albert. **A peste**; tradução de Valerie Rumjanek. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

CAMPOS, Milton de Godoy. **Antologia poética da geração de 45**. São Paulo: Clube de Poesia, 1966.

DE CAMPOS, Ribeiro. **Gostosa Belém de outrora**. Belém: UFPA, 1966.

\_\_\_\_\_. **Aleluia**. Belém: Oficina gráfica da Guajarina, 1930.

FAUSTINO, Mário. **O homem e sua hora**. Livros de Portugal: Rio de Janeiro, 1955.

FLORES, Jacques. **Obras escolhidas**. Belém: Cejup, 1993.

\_\_\_\_\_. **Panela de barro**. Belém: Fundação Cultural Tancredo Neves: Secretaria de Estado de Cultura, 1990 (Lendo o Pará, 6)

HATOUM, Milton. **Dois irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de Cachoeira**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Vecchi Editor, 1941.

- LADISLAU, Alfredo. **Terra imatura**. Belém: J.B. dos Santos e Cia. de Editores, 1923.
- LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida (pulsção)**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.
- MARANHÃO, Haroldo. **A morte de Haroldo Maranhão**. São Paulo: GPM, Belém/ Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1981.
- \_\_\_\_\_. **Cabelos no coração**. Belém: Cejup, 1990.
- \_\_\_\_\_. **Miguel Miguel**. Belém: Cejup, 1992.
- MARTINS, Max. **Não para consolar: poesia completa**. Belém: Cejup, 1992.
- \_\_\_\_\_. **Caminhos de Marahu**. Belém: Secult, 1983.
- MENEZES, Bruno de. **Obras completas**. Belém: Secretaria Estadual de Cultura/ Conselho Estadual de Cultura, 1993.
- MORAES, Eneida. **Aruanda/ Banho de cheiro**. Belém: Fundação Cultural Tancredo Neves/ Secretaria de Estado da Cultura, 1989 (Lendo o Pará, 3)
- MOTTA, Acrísio. **Coisas profanas**. Belém: Livraria Paraense Editora, 1895.(Biblioteca da Mina Literária)
- QUEIROZ, Rachel. **O caçador de tatu**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967.
- ROSENBLATT, Sultana Levy. **Uma grande mancha de sol**. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1951.
- SOUZA, Márcio. **Galvez, imperador do Acre**. São Paulo: Marco Zero, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Folias do látex – tem piranha no pirarucu**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1978.
- \_\_\_\_\_. **Mad Maria**. São Paulo: Marco Zero, 1986.
- SÁVARY, Olga. **Poesia do Grão-Pará: antologia poética** (org.). Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 2001.
- STOCK, Robert. **Selected poems (1947-1980)**. New York: Crane e Hopper Publishers, 1998.

## TEORIA, CRÍTICA E HISTÓRIA LITERÁRIA

- ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.
- ANDRADE, Mário de. **O empalhador de passarinhos**. 3ª ed, São Paulo: Livraria Martins Editora /INL, 1972.
- \_\_\_\_\_. **Aspectos da literatura brasileira**. São Paulo: Livraria Martins Editora, s/d.

- \_\_\_\_\_. O movimento modernista no sul do país. **Jornal Correio do Pará**, Belém, 24 mai. 1972, n. 431, p. 1-2, Entrevista.
- ATHAYDE, Tristão de. Gente de amanhã. In: **Série Estudos**. Rio de Janeiro: Edição de A Ordem, s/d.
- AZEVEDO, Neorald Pontes. **Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco**. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.
- BANDEIRA, Manuel. **Apresentação da poesia brasileira**. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- BASTIDE, Roger. **Poetas do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Duas Cidades, 1995. (Coleção Poética, 5)
- BARRETO, Vicente. **Camus: vida e obra**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, s/d.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**; tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláudia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**; tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**; tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. 1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- \_\_\_\_\_. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**; tradução de Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BERNARDINI, Aurora Fornoni. **O futurismo italiano**. São Paulo. Perspectiva, 1980.
- BOAVENTURA, Maria Eugênia. **A vanguarda antropofágica**. São Paulo: Ática, 1985.
- \_\_\_\_\_. (org.) **22 por 22: a semana de arte moderna vista por seus contemporâneos**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Cultura brasileira: temas e situações**. São Paulo: Ática, 1992.
- BOTELHO, André. **Aprendizado do Brasil: a nação em busca dos seus portadores sociais**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- BRITO, Mário da Silva. **História do modernismo brasileiro: antecedentes da semana de arte moderna**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- BRITO, José Broca. **A vida literária no Brasil: 1900**. Rio de Janeiro: Mec, 1956.
- BURK, Peter. **A Escola de Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia**; tradução

- de Nilo Odalia. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.
- CACCESE, Neusa Pinsard. **Festa: contribuição para o estudo do Modernismo**. IEB/USP, 1971.
- CANDIDO, Antonio e CASTELO, José Alderaldo. **Presença da literatura brasileira: modernismo**. v. 3, 5ª ed. São Paulo: Difel, 1975.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: **Literatura e sociedade**. 8ª ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- \_\_\_\_\_. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989.
- CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaios sobre a antropologia da comunicação urbana**. São Paulo: Nobel, 1992.
- CARPEAUX, Otto Maria. **Pequena bibliografia crítica da literatura brasileira**. 2ª ed. Ministério da Educação e Saúde, 1952.
- \_\_\_\_\_. **Ensaio reunidos (1942-1978)**. v.1. CARVALHO, Olavo (org.). Rio de Janeiro. UniverCidade/Topbooks, 1999.
- CASANOVA, Pascale. **A república mundial das letras**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- CAVALHEIRO, Edgar. **Testamento de uma geração**. Porto Alegre: Livraria Globo, 1944.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque**. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- CHARTIER, Roger. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, Márcia (org.) **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil/ Fapesp, 1999 (Coleção História da Leitura)
- \_\_\_\_\_. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa, Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1990.
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 1976.
- \_\_\_\_\_. et. al. **A literatura no Brasil**. v. 5, 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio/UFF, 1986.
- \_\_\_\_\_. GALANTE, J. de Sousa. (dir.). **Enciclopédia de literatura brasileira**. v.2. Rio de Janeiro: FAE, 1989,
- CURY, Maria Zilda Ferreira. **Horizontes modernistas: o jovem Drummond e seu grupo em papel jornal**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- CYTRYNOWICZ, Roney. **Guerra sem guerra: mobilização e cotidiano em São Paulo durante a segunda guerra mundial**. São Paulo: Geração Editorial/ USP, 2000.

- DECCA, Edgar Salvadori de. Questões Metodológicas da História. In: SAVIANI, Dermeval et al. **História e história da educação: o debate teórico metodológico atual**. Campinas: Autores Associados, 1998.
- DIMAS, Antônio. **Tempos eufóricos: análise da revista Kosmos (1904-1909)**. São Paulo: Ática, 1983. (Ensaio, 88)
- DOYLE, Plínio. História de revistas e jornais literários. In: **Revista do Livro**, nº. 32, ano XI, 1º trimestre de 1968.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1983.
- Enciclopédia Delta Larousse. 2ª ed. revista e ampliada. v. 6. Rio de Janeiro: Editora Delta S. A, s/d.
- FABRIS, Annateresa. **O futurismo paulista: hipóteses para o estudo da chegada da vanguarda no Brasil**. São Paulo: Perspectiva: Editora da USP, 1994. (Estudos, 138)
- FIGUEIREDO, Fidelino. **Antero : guia de uma geração**. São Paulo: Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, 1942.
- FRITZEN, Celdon. **Mito e luzes em representações da Amazônia**. Campinas, Unicamp, 2001. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem.
- FRUNGILLO, Mario Luiz. **O espelho partido: história e memória na ficção de Marques Rebelo**. Campinas, Unicamp, 2001. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. São Paulo: Imago, 1997.
- \_\_\_\_\_. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva/ Fapesp, 1994.
- GAMA, Lúcia Helena. **Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo, 1940/1950**. São Paulo: Editora do Senac, 1998.
- GIANNACCINI, Rosa Veloso Dias. **Mário de Andrade na Amazônia: a escrita poética de uma viagem**. Belo Horizonte, UFMG, 2000. Dissertação de mestrado em Letras apresentada à Faculdade de Letras.
- GOMES, Ângela Maria de Castro. **Essa gente do Rio... : modernismo nacionalismo**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- GOTLIB, Nádya Battella. **Clarice, uma vida que se conta**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1995.
- GODOY, Milton Campos. **Antologia poética da geração de 45**. São Paulo: Clube de Poesia, 1966.
- GRAMISC, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**; tradução de Carlos Nelson

- Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- UMBRECHT, Hans Ulrich. **Em 1926: vivendo no limite do tempo**; tradução de Luciano Trigo. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- HARDMAN, Francisco Foot. **Trem fantasma: a modernidade na selva**. Companhia das Letras, 1988.
- \_\_\_\_\_. Antigos modernistas. In: NOVAES, Adauto (org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- \_\_\_\_\_. Algumas fantasias de Brasil: o modernismo paulista e a nova naturalidade da nação. In: DECCA, Edgar Salvadori e LEMAIRE, Ria (org.). **Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura**. Campinas, Porto Alegre: Ed. da Unicamp/Ed. da UFRGS, 2000.
- HOBBSBAWN, Eric. J. **Era dos extremos: o breve século XX (1914–1991)**; tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LAFETÁ, João Luiz Machado. **1930: a crítica e o modernismo**. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- LARA, Cecília de. **Klaxon & Terra Roxa e outras terras: dois periódicos modernistas de São Paulo**. São Paulo, IEB, 1972.
- LIMA, Alceu Amoroso. **Quadro sintético da literatura brasileira**. Agir, 1956.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**; tradução de Bernardo Leitão[et. al.]. 14ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1990 (Coleção Repertório)
- LISPECTOR, Clarice. **De corpo inteiro**. São Paulo: Siciliana, 1992.
- LOPES, Hélio. **A divisão das águas: contribuição ao estudo das revistas românticas Minerva Brasiliense (1843-1845) e Guanabara (1849-1856)**. São Paulo: Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1976. (Coleção Ensaio, 88)
- MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revistas. Práticas culturais em tempos de República (1890-1920)**. São Paulo: Edusp, 2001.
- MARTINS, Wilson. **A literatura brasileira – o modernismo (1916-1945)**. São Paulo: Cultrix, 1965.
- \_\_\_\_\_. **História da inteligência brasileira**. v. 6 (1915-1933). São Paulo: Cultrix/Editora da USP, 1978.
- \_\_\_\_\_. **História da inteligência brasileira**. v. 7 (1933-1960). São Paulo: Cultrix/ Ed. da USP, 1978.
- \_\_\_\_\_. **A crítica literária no Brasil**. v. 2 (1940 –1981). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

- MELLO E SOUZA, Antonio Candido. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: **Literatura e sociedade**. 8<sup>a</sup> ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- MENEZES, Raimundo. **Dicionário literário brasileiro**. Rio de Janeiro. Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920 -1945)**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1979.
- MILLIET, Sérgio. **Panorama da moderna poesia brasileira**. Rio de Janeiro: MEC, 1952.
- MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira. Modernismo: 1922-atualidade**. v. 5 São Paulo: Cultrix, 1985.
- \_\_\_\_\_. PAES, José Paulo (org.). **Pequeno dicionário de literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1980.
- MORAES, Marcos Antônio (org.). **Correspondências Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. São Paulo: Editora da USP, 2000.
- NAPOLI, Oliveira Roselis de. **Lanterna Verde e o modernismo**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/ USP, 1970.
- NUNES, Benedito. Um conceito de cultura. In: XIMENES, Tereza (org.). **Perspectiva do desenvolvimento sustentável: uma contribuição para a Amazônia 21**. Belém: UFPA/ Núcleo de Altos Estudos Amazônicos/ Associação de Universidades Amazônicas, 1997.
- \_\_\_\_\_. Amazônia reinventada. In: **Amazônia: o olhar sem fronteira**. Rio de Janeiro: Funarte, 1998.
- \_\_\_\_\_. Crítica literária no Brasil: ontem e hoje. In: MARTINS, Maria Helena (org.) **Rumos da crítica**. São Paulo: Editora do Senac/Itaú Cultural, 2000.
- \_\_\_\_\_. **No tempo do nihilismo e outro ensaios**. São Paulo: Ática, 1993.
- OLIVEIRA, Vera Lúcia de. **Poesia, mito e história no modernismo brasileiro**. São Paulo: Editora Unesp/Blumenau: Furb, 2002.
- PAZ, Octavio. **O labirinto da solidão e post scriptum**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Signos em rotação**. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- PINTO, Elias Ribeiro. Livraria e leitores de Belém. **Diário do Pará**, Belém, 3 out. 1999. Caderno D.
- PONTES, Heloisa. **Destinos mistos: os críticos do grupo clima em São Paulo (1940-1968)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

- PONTES, Neoraldo. **Modernismo e regionalismo: os anos 20 em Pernambuco**. João Pessoa, Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.
- POUND, Ezra. **ABC da literatura**; tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix s/d.
- \_\_\_\_\_. **A arte da poesia: ensaios escolhidos**; tradução de Heloisa de Lima Dantas e José Paulo Paes. São Paulo. Cultrix, Editora da USP, 1976.
- QUEIROZ, Teresina. **Os literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo**. 2ª ed. Teresina: Editora da UFPI/ UFPB, 1998.
- ROSENFELD, Anatol. **Texto/contexto**. v. 2. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- SHAPOCHNIK, Nelson. Cartões-postais, álbuns de família e ícones da intimidade. In: NOVAIS, Fernando (org.). **História da vida privada no Brasil**. v.3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SCHWARZ, Roberto. A carroça, o bonde e o poeta modernista. In: SCHWARZ, Roberto. **Que horas são?** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**. 2ª ed. Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1993.
- SENNA, Homero. **República das Letras: entrevistas com vinte grandes escritores brasileiros**. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica, 1968.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da literatura brasileira**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- \_\_\_\_\_. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo. Martins Fontes, 1983.
- TELES, Gilberto Mendonça. 12ª ed. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- TOLSTÓI, Leon. **A morte de Ivan Ilitch**; tradução de Vera Karam. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- VALÉRY, Paul. **Variedades**; tradução de Maiza de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**. São Paulo. Editora Letras e Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Que é literatura? e outros escriptos**. Belém: Secretaria de Estado da Cultura, 1994.  
(Lendo o Pará, 18)
- VEYNE, Paul Marie. 4ª ed. **Como se escreve história; Foucault revoluciona a história**, tradução de Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília: Editora da UNB, 1998.
- WARREN, Austin e WELLEK, René. **Teoria da literatura**. Lisboa: Publicação Europa América, s/d.

## LIVROS E ARTIGOS SOBRE A LITERATURA DO PARÁ

- AZEVEDO, José Eustachio de. **Literatura paraense**. Belém: Fundação Cultural Tancredo Neves/ Secretaria de Estado da Cultura, 1990. (Lendo o Pará, 7).
- BASSALO, Célia Coelho e COELHO, Joaquim Francisco. Mário de Andrade no Pará: os sucessos e documentos da viagem e algumas considerações sobre o Modernismo. In: **Jornal Minas Gerais**, Belo Horizonte, 4 mai. 1974. Suplemento literário. v. 9, p. 3-5.
- BEZERRA, Jurandir. Max Martins. **Revista Amazônia**, Belém, n. 5, ano I, 31 mai.1955. Entrevista.
- CASTRO, Arcyr et . al . **Introdução à literatura no Pará**. Belém: Cejup, 1990.
- CHAVES, Albeniza de Carvalho. **Tradição e modernidade em Mário Faustino**. Belém: UFPA, 1986.
- FAUSTINO, Mário. **Poesia – experiência**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. **Eternos modernos: uma história social da arte e da literatura na Amazônia, 1908-1929**. Campinas, Unicamp, 2001. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
- MARANHÃO, Haroldo. **Pará, capital: Belém – memória & pessoas & coisas & loisas da cidade**. Belém: Funbel, 2000.
- \_\_\_\_\_. O Pará não morreu. Viva o Acará! In: **A Província do Pará**, Belém, 23 mai. 1999, Segundo Caderno, p. 8-9. Entrevista.
- \_\_\_\_\_. As antenas do poeta. **A Província do Pará**, Belém, 23 mar. 1990, Segundo Caderno, p. 8-9. Entrevista.
- MAUÉS, Júlia Antônia Corrêa. **A modernidade literária no estado do Pará: O Suplemento literário da “Folha do Norte”**. Belém, UFPA, 1997. Dissertação de Mestrado apresentada ao Centro de Letras e Artes.
- MENEZES, Bruno de. **Obras completas**. Belém: Secretaria de Cultura/ Conselho Estadual de Cultura, 1993. (Lendo o Pará)
- MEIRA, Clóvis et. al. **Introdução à literatura no Pará**. Belém: Cejup, 1990.
- MENDES, Francisco Paulo. **Raízes do romantismo: ensaio sobre as origens espirituais e**

**intelectuais do movimento romântico.** Belém: UFPA, 1999.

NUNES, Benedito. **Dois ensaios e duas lembranças.** Belém: Secult/ Unama, 2000.

\_\_\_\_\_. (org.) **Poesia de Mário Faustino:** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

\_\_\_\_\_. Paris n' América. In: **Revista Asa da Palavra,** Belém, v. 6, n.12, jul 2001.

\_\_\_\_\_. Crônica de uma Academia. In: **Revista da Academia de Letras,** Belém, v. XL, s/n, p.186,1999.

\_\_\_\_\_. Max Martins, mestre-aprendiz. In: MARTINS, Max. **Não para consolar: obras completas.** Belém: Cejup, 1992.

\_\_\_\_\_. **A obra poética e a crítica de Mário Faustino: com um adendo rememorativo sobre o poeta.** Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1986.

\_\_\_\_\_. NUNES, Benedito (org.). **Poesia de Mário Faustino.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

\_\_\_\_\_. (org.). **O amigo Chico, fazedor de poetas.** Belém: Secult, 2001.

OLIVEIRA, Alfredo. **Ruy Guilherme Paranatinga Barata.** Belém: Cejup, 1990.

REGO, Clóvis Moraes. **A Mina na “Literatura nortista” de Eustachio de Azevedo e n’ “O Pará literário” de Theodoro Rodrigues.** Belém: UFPA, 1997.

ROCHA, Alonso. Dois amigos na Academia. In: **Revista da Academia Paraense de Letras,** Belém, v. XXXIII, p. 117-129, 1990.

RIBEIRO, De Campos. **Graça Aranha e o Modernismo no Pará.** 2 ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará, 1973.

SANTOS, Ana Catarina. **Deslumbrada aparição: a passagem de Clarice por Belém.** Belém, UFPA, 1998. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Comunicação Social.

## **LIVROS E ARTIGOS SOBRE HISTÓRIA DA AMAZÔNIA, DO PARÁ E DO BRASIL**

BARATA, Manoel. **Formação histórica do Pará.** Belém: UFPA, 1973.

BARROS, Edgar Luiz de. **O Brasil de 1945 a 1964.** São Paulo: Contexto, 1997.

**BELÉM DA SAUDADE: a memória da Belém do início do século em cartões-postais.** Belém: Secretaria Estadual de Cultura, 1996.

CHAPMAN, Jonh F. A. Guerra chega a Belém. **O Estado do Pará.** Belém, 24 jan. 1943.

- CHAVES, Ernani e ACEVEDO, Rosa. *Imagens de Belém: Paradoxo da Modernidade*.  
In: XIMENES, Tereza (org.). **Perspectiva do desenvolvimento sustentável: uma contribuição para a Amazônia**. Belém: UFPA/ Núcleo dos Altos Estudos Amazônicos/ Associação de Universidades Amazônicas, 1997.
- COELHO, Geraldo Mártires. **No coração do povo: monumento à República em Belém (1891-1897)**. Belém: Paka-Tatu, 2002.
- CRUZ, Ernesto. **História do Pará**. Belém: Governo do Estado do Pará, 1973.
- CUNHA, Euclides da. **À margem da história**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- HARDMAN, Francisco Foot. **Nem pátria, nem patrão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. 4ª ed. São Paulo: Pioneira, 1983.
- LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.
- MÁRTIRES, Geraldo Coelho. **No coração do povo: o monumento à República em Belém (1891-1812)**. Belém: Paka-Tatu, 2002.
- MOREIRA, Eidorfe. **Obras reunidas**. v. VI. Belém: Cejup, 1979.
- PENTEADO, Antônio. **Belém: estudo da geografia urbana**. Belém: UFPA, 1974.
- ROQUE, Carlos. **Antologia da cultura amazônica: história, ensaios históricos e memória**. Belém: Edições Culturais, s/d.
- RODRIGUES, Hildebrando. **Álbum do Pará**. Belém: Typ. Novidades, 1939.
- SALLES, Vicente. **Memorial da Cabanagem: esboço do pensamento político revolucionário no Grão-Pará**. Belém: Cejup, 1992 (Série Amazônia)
- SANTA ROSA, Henrique. **Álbum do Pará em 1899 na administração do Governo de Sua Excelência o Sr. Dr. José de Paes de Carvalho**. Belém: s/d.
- SARGES, Maria Nazaré. **Riquezas produzidas na belle époque: Belém do Pará (1870- 1912)**. Belém: Paka – Tatu, 2000.
- SOUZA, Márcio. **Breve história da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1984.
- \_\_\_\_\_. **A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo**. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.
- WEISTEN, Bárbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**; tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec/ USP, 1993. (Estudos históricos, 20)

TOCANTINS, Leandro. **Santa Maria de Belém do Grão Pará**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/MEC, s/d.

VERIANO, Pedro. **Cinema no Tucupi**. Belém: Secult, 1999.

## **FONTES ORAIS**

BEZERRA, Jurandir. **Entrevista concedida por telefone a Marinilce Oliveira Coelho**, doutoranda do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Campinas, out. 2000.

MARTINS, MAX. **Entrevista concedida a Marinilce Oliveira Coelho**, doutoranda do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Belém, 30 mar. 2000.

NUNES, Benedito. **Entrevista concedida a Marinilce Oliveira Coelho**, doutoranda do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Belém, 2 abr. 1999.

ROCHA, Alonso. **Entrevista concedida a Marinilce Oliveira Coelho**, doutoranda do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Belém, set. 2000.